



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes
Da Rocha Madahil

V I D A
D E
D IOAM DE CASTRO,

Quarto Viso - Rey da India.

ESCRITA POR
IACINTO FREYRE
DE ANDRADE.

Offerecida ao Illustrissimo, & Reuer^{mo} Sor
D. FRANCISCO BARRETO.
DO CONSELHO GERAL DO S. OFFICIO, E DE
Sua Alteza, Bispo do Algarue, &c.



E M LISBOA.

Na Officina de IOAM DA COSTA.
A custade Antonio Leite Mercador de Livros na Rua Nova

M. DC. LXXI.

Com todas as licenças necessarias.

V. D. A.

22

REPUBLICAN PARTY

STATE OF TEXAS

COUNTY OF DALLAS

IN SENATE

DECEMBER 18, 1890

REPORT

OF THE

COMMISSIONERS OF THE LAND OFFICE



PRINTED BY

THE TEXAS PRINTING COMPANY

DAVIDSON BUILDING

DALLAS, TEXAS



AOS QUE LEREM



A M os Prologos hum anticipa-
do remedio aos achaques dos li-
uros, porque andaõ sempre de
companhia os erros, & as des-
culpas. Eu por hora me desuio
do caminho trilhado, não quero
pedir perdão de nada, quẽ achãr que dizer não
me perdoe (nẽ ferã necessario encomendalo.)
Se me notarem o liuro de roim, não negarãõ que
he breue, & escrito em lingua Portuguesa, que
tantos engenhos modernos, ou temem, ou des-
prezaõ, como filhos ingratos ao primeiro leite,
feruindose de vozes estrangeiras, por onde pas-
sarãõ como hospedes, sem respeito a aquellas
veneraueis cãs, & ancianidade madura de nossa
linguagem antiga. Escreui esta Historia com
verdade de memorias fieis, sem que a penna,
ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes
que este papel fuisse dos borroẽs, sei que muitos
o taxãrãõ de escasso, dizendo, que houuera de
de dilatar a Historia com allusoẽs, & passos da

Es scriptura , que fizessem mais crecido volume; estes comprão os liuros pelo pezo , & não .pelo feyto: de mais que não permitem tão licenciosa penna as leys da Historia. Outros querião que me valesse do estrepito de vozes nouas, a que chamaõ Cultura , deixando a estrada limpa, por caminhos fragosos, & trocando com estimaçam pueril, o que he melhor , polo que mais se vfa: mas como não determinei lisongear a gostos estragados , quiz antes com a singeleza da verdade, seruir ao applauso dos melhores, que à fama popular, & errada.





Ao Illustriss^{mo}, & Reuerendis^{mo} Senhor

D. FRANCISCO BARRETO

DO CONSELHO GERAL DO S. OFFICIO, E
de Sua Alteza, Bispo Eleito do Algarue &c.



FOI a fama do grande Dom João de Castro entre a dos Heroes da nossa nação à medida de sua grandeza, & a sua fortuna muito igual à sua fama, porque se quando viuo obrou na Europa, & mais na Asia aquellas proezas, que encherão ao nosso Reyno de gloria, & a todo mundo de admiração, depois de morto teue apenna de Iacinto Freyre de Andrada (segundo Liuius, ou Curcio do nosso seculo) que escreuendo a sua vida eternizou a sua fortuna, para que este illustre varão não só se gloriaffe de triumphar dos inimigos, senão tambem de vencer os tempos durando a noticia de suas façanhas na memoria da nossa posteridade. Entre as felicidades grandes deste Heroe insigne não aualio eu pela sua menor felicidade a de gastar-se com tanta pressa a primeira impressão do liuro da sua Vida, que me obrigou a fazer segunda, para tertambem este liuro a gloria de sabir a publico de baixo do grande patrocínio, & do illustre nome de V. Senhoria, de cujas raras virtudes (nam falando no esclarecido do sangue) & eminentes

letras fizera eu aqui hũa fiel copia, se em taõ piquena carta, coubera hũa tam grande materia; & se tambẽ nam receara, que a grande modestia de V. Senhoria se offendesse de por os oihos naquellas singulares, & illustres prendas, que o fazem tam conhecido, como venerado dos naturais, & dos estranhos: mas se estas por este receo, se calam neste papel, o aplauso geral de todos hẽ hum liuro aberto donde se vem escritas, & admiradas: & tambem o hẽ muito mais verdadeiro, & qualificado, a eleiçam tam acertada, que o Serenissimo Principe nosso Senhor, que Deos guarde, fez da pessoa de V. Senhoria para o nomear por Pastor do grande Bispaço, de todo hum Reyno, em cujo gouerno quererã Deos dar a V. Senhoria hũa vida muito larga, como lhe desejamos os seus criados, para lhe fazer aquelles seruiços, que nos prometem com tanta certeza, tantas esperanças. Guarde Deos a Illustissima pessoa de V. Senhoria por muitos, & felices annos.

Antonio Leite.

APPROVACOENS, E LICENÇAS.

CENSURA DO P. M. FREY IOAM DE
Vasconcellos, de Conselho de S. Magestade, & do Geral do
Sancto Officio.

Com particular gosto li, & (por ordem do Conselho Gèral do Sancto Officio) attentamente reui a Vida do grande Dom Ioão de Castro, quarto Viso Rey da India, escrita por Iacinto Freyre de Andrada. Liuro verdadeiramente pequeno para cõprender homẽ tamanho: grande para mostrar o luzido talẽto de seu Autor, na verdade; na disposiçãõ, no juizo, precisas leys da Historia, pontualmente obseruadas. Pintar em pequeno quadro hũ grande gigante, mais mostra a arte do pintor, que a grandeza do gigante se não foi necessidade, que homẽs de tal grandeza, nem em maiores volumes cabem, & nunca a penna chegaõ que o entendiẽto concebe; de virtudes tão heroicas: *Desinamus prosequi, quod assequi non possumus*, deu S. Ioão Chrystomo por razãõ, de abreuiar o Panegyrico de hum varão illustre de seu tempo. O juizo do mundo todo he a Chronica de Dom Ioão de Castro: o que não cabe nos liuros, fica na opiniãõ dos homẽs: *Majorem se n: minus gloriam in animis humanum condidit*, disse o grande Nazianzeno de S. Athanasio. Ventura grande de quem escreue, poder largar o pano todo à eloquencia, seguro de derrotar, & sem temor de linguas enuejõsas, que à excellencia tanta, não ha enueja que se atreua.

Quis enim liuescere possit?

Quod nunquam pereant stella? Quod Iupiter olim

Possideat Cælum? Quod rouerit omnia Phabus?

Enuejou Alexandre à Achilles o Chronista: cõ mais razãõ podera este enuejar ao de Dom Ioão de Castro a empresa. Dignissimo me parece o liuro de se estampar nos b. õzes, nos corações, para mais eternizar a memoria de hum varão, que Deos deu à terra por molde, & exemplar de grandes honẽs, para desmentir a opiniãõ do mundo, que julga por impossuel; *Eodem tempore, & bonum virum, & venum ducem agere* (como disse Seneca) com o exemplo de hum, em quem a Christandade, & o valor correraõ sempre parellas. Lisboa no Mosteiro do S. Sacramento. 4. de Dezembro 1650.

F. Ioão de Vasconcellos.

CENSURA DO CONDE
Camareiro Mór,

Li a Vida de Dom Ioão de Castro, & me parece digna de se imprimir, para que conheça o mundo tiuemos varecs, que tão bem souberãõ obrar, & nos não faltãõ rãõ sogeitos para eternizar seus nomes, diminuindo a soberba dos Romanos, não sò dos Heroes, mas com os Escritores; & mostrando com euidencia, não he inferior a nenhũa a lingua Portuguesa, na elegancia, gravidade, & energia: em persuadir, narrar, ou descreuer: de que se achãõ tão viuos, & repetidos exemplos neste liuro: que pòde ficar em duuida (como a origem de seus primeiros fundadores) se os segui-

mos

mos, ou se os ensinamos. A não conhecer quanto V. Magestade estima os escritos de Jacinto Freyre de Andrada, & a inclinação que V. Magestade tem de honrar as letras, me fi.àra sò lugar de lembrara V. Magestade fauorecesse esta obra, para que à vista do premio se alentem outros ingenhos a escreuer, em credito da patria, Lisboa 13. de Dezembro 1650.

O Conde Camereiro Mór.

PODESE tornar a imprimir o liuro de que se faz mençõ, & despois de impresso tornarà ao Conselho para se conferir com o original. & se dar licença para correr, & sem ella não correrá Lisboa 4. de Março de 1670.

*F. Pedro de Magalhaens. Manoel de Magalhaens de Menezes D. Verissimo de
Lançastro. Alexandre da Sylva. Francisco Barreto.*

PODESE tornar a imprimir o liuro de que se faz mençõ vistas as licenças do Sancto Officio, & ordinario & despois de impresso tornarà a esta Mesa para se conferir, & taxar com o original, & sem isso não correrá. Lisboa 10. de Março de 1670

Monteird. Magalhaens de Menezes. Lemos. Miranda. Carneiro.

VISTO estar conforme o original pode correr este liuro da vida de D. Ioã de Castro escrita por Jacinto Freyre de Andrada. Lisboa 23. de Janeiro de 1671.

*Diogo de Sousa. F. Pedro de Magalhães Manoel de Magalhães de
Menezes. Alexandre da Sylva.*

TAXAõ este liuro em dous crusados em papel. Lisboa 5. de Feureiro. de 1671.

Magalhães de Menezes. Miranda. Carneiro.





V I D A
D E
D. IOAM DE CASTRO

IV. Vifo-Rey da India.

LIVRO PRIMEIRO.



ESCREVEREI a vida de D. Ioão de Castro, Varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; cujas noticias são hoje no Oriente, de pays a filhos, hum liuro successiuo, cõseruandose a fama de suas obras sempre viua; & nós ajudarémos o pregão vniuersal de sua gloria com este pequeno bràdo: porque durão as memorias menos nas tradiçoens, que nos escritos.

Foi Dom Ioão de Castro, entre os de tão grande appellidõ, illustre descendente; mas primeiro relatarémos as virtudes, & despois a origem, por serem as obras proprias, pays melho- res, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultiuados nas letras, & vir- tudes, que sofre aquella idade, sêdo taõ facil o na- tural

*Primei-
ros estu-
dos de D.
Ioão de
Castro.*

A

tural

tural à disciplina, que não hauia mister torcido, se não encaminhado. Como não era D. Ioão herdeiro da casa de seus pays, dispunhão elles inclinalo a estudos maiores: porque nas casas grandes foraõ sempre neste Reyno as letras o segundo morgado. Obedeceo D. Ioão em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tornar outro exercicio

2

*Applicase
às Ma-
themati-
cas.*

*Em com-
panhia do
Infante
D. Luis.*

Aprendeo as Mathematicas cõ Pedro Nunez, o maior homem, que desta profissaõ conheceo Portugal; fazendo se tão singular nesta sciencia, como se a houuera de ensinar. Nesta escola acõpanhou o Infante D. Luis, a quem se fez familiar, ou pela qualidade, ou pelo engenho; porém como D. Ioão amaua as letras por obediencia, & as armas por destino, desprezou, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus auôs exemplo.

3

Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, Governador de Tanger; cujo nome os Africanos ouuião com temor, & nõs cõ reuerencia. Consideraua D. Ioão melhor suas victorias, que as figuras, & circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião seruir ao valor.

4

*Passa a
Tanger.*

Chegado aos dezoito annos, vendose mais crecido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde contra o estylo d'aquellas praças, assistio noue annos, como quem queria fazer vida do que era sô caminho. Em todas as occasioens d'aquella guerra se portou cõ esforço
igual

igual ao fangue, & maior que os annos, merecêdo congratulações dos parentes, enuejas dos soldados.

Dom Duarte de Menezes o respeitaua, como se houuera lido nesta Historia as victorias da Asia, que estamos escreuendo. Por suas mãos lhe quiz dar, & receber a honra de o armar Caualleiro, gloriandose tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos mereciaõ ser ajudados dos faoures Reaes, desejan- do que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rey, & do vassallo, escreueo a el Rey Dom Ioão o Terceiro, que Dom Ioão de Castro hauia seruido de maneira, que nenhum posto, ou mercê já lhe seria grãde: que Sua Alteza o deuia honrar, porque as lembranças dos Reys faziaõ soldados, & era justo, que aos olhos de tão grande Principe não ficassem sem premio as virtudes.

D. Duarte de Menezes o armar Caualleiro.

E informa a el Rey de seu merecimento.

El Rey mandou logo chamar a Dom Ioão por hũa carta, tão honrada, como se lhe não quize- ra fazer outra mercê; com a qual Dom Ioão se veo à Corte, onde foi tão enuejado pelas feridas, como pelos faoures. El Rey lhe fez mercê da comenda de Saluaterra, acordando aos homẽs de nouo seu merecimento a estimação com que o trataua.

El Rey o chama, honra, & premia.

Curfou Dom Ioão algum tempo a Corte, sê que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos, ou os exemplos, parecendo verdadei-

*7
Seu procedimento na Corte.*

ramête varaõ em toda a idade ; porem cõ tal medida, que nẽ a madureza o fazia pefado, nẽ a vrbalidade facil. Soube philosophar entre as diuersões da Corte, euitãdo naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas naõ a de discreta.

8

*Casou cõ
Dona
Lconor
Couti-
nho.*

Mudou de estado , casando com Dona Leonor Coutinho , sua prima segunda ; filha de Leonel Coutinho, fidalgo da illustrissima casa de Marialua , nobreza taõ conhecida , & taõ antiga ; que d'ella, & do Reyno temos igual noticia Naõ lhe derãõ outro dôte que as qualidades , & virtudes da esposa ; porẽm sã os arrĩmos da fazẽda, cõferuou o respeito de maneira , que era tratado de todos cõ veneraçãõ de rico, & lastima de pobre.

9

*Jornada
de Tuncex*

*Occasiãõ
que para
ella hou-
ue.*

Offereceose neste tẽpo a jornada de Tuncex , facçaõ mais celebre pola victoria , que pola vtilidade ; de que naõ coube a Dom Ioaõ de Castro pequena parte na honra , & no perigo. Daremos do successo relaçaõ menos abreuiada , por hauer elRey Dom Ioaõ empenhado na facçaõ o poder, o Infante D. Luis a pessoa. Hauia aquelle famoso Cossario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo cõ poder, & atreuimẽto maior que de Pirata, achando a fortuna taõ prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escãdalo de suas victorias. Vẽdose cada dia mais crecido em opinaõ , & forças , se passou ao seruiço do Turco , com quem já a fama de nossas injurias o tinha acreditado, & cõprãdolhe a graça cõ o mais precioso de seus roubos, alcãçou

ser

ser General do mar; & baixando diuerſas vezes com groſſo numero de galés, fez grandes danos nos portos de Napoles, & Sicilia, ſem que baſtaſſe a defendelos o valor de ſeus naturaes, nem a tutela do Imperio, a que ſeruião. Catiuou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pola liberdade; aſſolou pouos, & abraſou nauios, dandolhe as miſerias dos Chriſtãos entre os Barbaros, huma glorioſa fama, até que eſquecido de ſeus principios, lhe fizeraõ as prosperidades lugar à ambição de reynar, vſurpando o Reyno de Tunez com varios artificios, cuja relação ſerue à noſſa Historia. Vendo pois Carlos eſte tyrano ja com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; & que pola vizinhança de ſeu Reyno não conuinha que criasſe raizes às portas de ſua meſma caſa; & que os Mouros, a quẽ não faltaua valor, mas disciplina, induſtriados de ſoldado tão pratico, viriaõ a conhecer ſuas forças, em dano de ſeus Reynos. Reſolueo buscalo com hũa poderoſa armada, & tirarlhe o abrigo de Tunez, para que quando melhor liurafſe, ſe tornafſe ao mar, donde como Pirata, ſô poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderiaõ acabar os tempos, & os ſucceſſos. Tirou os ſoldados velhos dos preſidios de Italia, que ſuprio com bilonhos; fez grandes leuas na Alemanha alta, & paizes de Flandes; aliſtou Italianos, & Heſpanhoes, alem dos ſenhores, & nobreza, que ſeruia ſem ſoldo; & como empreſa tão vtil,

& justificada; & onde o Emperador empenhaua a pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar taõ pias, & valerosas armas. Em Sardenha tomou o Emperador mostra da gente que leuaua; & achou vinte & cinco mil infantes de lista, que recebêraõ soldo, fóra outra muita gente que seruia sem elle, que era hũa grande parte do exercito, & cada dia recebia diferentes soccorros, que engrossauão o campo.

IO
Acompa-
nha nella
o Infan-
te Dom
Luis.

O Infante Dom Luis, Principe digno de empresas iguaes a seu valor, se resolueo achar nesta jornada com o Emperador seu cunhado; & ainda que d'elRey Dom Ioão foi mui dissuadido com razoens diferentes; hũas que topáuaõ no amor do sangue, & outras no respeito da pessoa; com tudo o Infante interpretando a vontade d'elRey, mais em fauor do brio, que da obediencia, partio secretamẽte cõ alguns fidalgos; o que entẽdido por elRey, lhe mandou a Barcellona, onde o Emperador estaua, largos creditos, & aprestar vinte & cinco carauellas, & alguns nauios redõdos; entre elles hum galeam, que jugaua duzentas peças de bronze, o maior que atè aquelles tempos surcáraõ nossos mares, à ordem de Antonio de Saldanha, para que seruissem na jornada; & por reuerencia do Infante se encomendãraõ as vasilhas da armada a fidalgos de grande cõta, sendo hum delles Dom Ioão de Castro, que nesta occasião igualmente despresou o perigo, & a cobiça, como logo mostrarà a Historia.

Os fidalgos que se embarcáraõ nesta armada, de que alcancei noticia, forão, de mais de Dom João de Castro, Dom Affonso de Portugal filho herdeiro do Conde de Vimioso, Dom Affonso de Vasconcellos filho do Conde de Penella, Luis Alvarez de Tauora senhor do Mogadouro, cõ Ruy Lourenço de Tauora seu irmão, que depois foi Viso-Rey da India, Dõ Ioão de Almeida filho do Conde de Abrantes, D. Pedro Mascarenhas, que tambem foi Viso-Rey da India, Dom Diogo de Castro Alcaide mór de Euora, Dom Fernando de Noronha, Dom Francisco de Faro, Dom Francisco Pereira Embaixador que foi d'elRey Dom Sebastião em Castella, Dõ Affonso de Castelbranco Meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, Ioão Gomez da Sylva Pagem da lança, & Dom Luis de Attayde, que depois foi Conde d'Attouguia, & morreo na India, sendo segunda vez Viso-Rey d'aquelle Estado. Todos estes fidalgos foraõ servir à sua custa, leuando criados, & soldados, sem receberem soldo, com galas, & librés, demonstradoras do gosto com que seguiaõ a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, & saluando a Capitaina Imperial, deu de si hũa mostra bellicosa, & alegre. O Emperador se veo ás casas do Embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, eraõ mais aptas para honrar, & festejar a entrada.

Os Duques de Álua, & Cardona, com outros muitos Senhores, vierão à praia buscar o General, & fidalgos de sua companhia, que forão beijar a mão ao Emperador, o qual os recebeo com todas as honras, & agasalhos, que a authoridade sofre, alegrandose de se acompanhar de nossa milicia pratica, & valerosa, a quem não pareceriaõ estranhas as Luas, & lanças Africanas. Todas as resoluçoens grandes communicaua o Emperador ao Infante Dom Luis, não só pola grandesa da pessoa, mas pola do juizo, tão pratico na Corte, como no Estado, de quem referirei hum lanço de vrbanidade, pola estimação que d'elle fizerão os Castelhanos. Recolhiãse húa noite o Emperador, & o Infante, & ao entrar de húa porta, sobre qual hauia de passar diante, pleiteãraõ ambos a cortesia, querendo hum, que precedesse o Hospede, outro a Magestade. O Emperador, trauandolhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o Infante aceitar esta honra, nem podendo engeitala, lançou mão a húa tocha, que hum pagem leuaua. Assim soube o Infante fazerse tão senhor da vontade do Emperador, que teue resolutto darlhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, & para o defender, valor; mas as pretençoens de França fizeraõ o dominio d'este Estado tão contingente, que ficou o senhorio d'elle muitos annos debaixo do juizo das armas.

*Cortesia
entre o
Emperador,
&
Infante.*

Não relatarei os successos d'esta guerra, por ser historia alhea, bem que nella Dom Ioão de Castro se portou de maneira, que o Emperador o quiz armar Caualheiro, honra de que elle se escusou com a verdade, de o hauer já sido por outras mãos, que o que lhe faltauaõ de Reaes, tinhaõ de valerosas. Mandou o Emperador dar dous mil cruzados a cada hum dos Capitaens da armada, que D. Ioão singularmente não quiz aceitar, porque seruia com maior ambição do nome, que do premio.

13
O Emperador quer armar Caualheiro a D. Ioão, que não accisa.

Nã amer-
cê do di-
nheiro.

Triunfante Carlos, como outro Scipião da guerra de Africa, se veo descansar entre applausos, & acclamações de Europa, podendo se chamar antes fundador, que herdeiro de seu Imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde Dom Ioão achou nos braços do Rey, & saudações do pouo maior premio, do que engeitára do Cesar: & como varaõ que tão bem sabia desprezar sua mesma fama, se retirou à sua quinta de Sintra, desejando viuer para si mesmo, hauendose no seruiço da pátria de maneira, que nem o desemparaua como inutil, nem o buscaua como ambicioso. Aqui se recreaua com hũa estranha, & noua agricultura, cortando as aruores, que produzião fruto, & plantando em seu lugar aruores syluestres, & estereis; quiçã mostrando, que seruia taõ desinteressado, que nem da terra que agricultaua, esperaua paga do beneficio: mas que muito, fizesse pouco caso do que podião

14
Cõcluida esta jornada, se recolhe à Sintra.

podião produzir os penedos de Sintra , quem soube pisar com desprezo os rubis , & diamantes do Oriente !

15

*Passa a pri.
meira vez
à India.*

Achauase Dom Ioão no melhor de seus annos, estimulado a servir cõ os exemplos de sua mesma casa; & como a guerra de Africa com a noua conquista do Oriente, ou se dissimulaua, ou se esquecia, hauendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolueo Dom Ioão passar à India, cuja conquista enchia o Reyno de fama, & de victorias, embarcandose sem pedir posto, ou mercè algũa, hauendo por mais sua, a honra que sé vai a ganhar, que a que se leua.

16

*Faz lhe el-
Rey mercè,
& como a
accetta.*

Passou naquella occasião a gouernar a India Dom Garcia de Noronha seu cunhado, que estimou leuar a Dom Ioão de Castro com meritos de successor, & praça de soldado. El Rey, logo que entendeo a resolução de Dom Ioão, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que feruisse na India, & portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sei se com maior ambição, ou com maior temperança) não aceitou, por ser mais rara a memoria das mercés, que se engeitão, que das que se recebem: acção mais facil de louuar, que de imitar.

17

*Leu seu
filho Dom
Iuão.*

Embarcouse Dom Ioão de Castro, com seu filho Dom Alvaro de treze annos, dandolhe por entretenimentos d' aquella idade os perigos, & tormentas de taõ prolixos mares. Chegou a armada

mada de Dom Garcia à India com prospera viagem, onde achou ao Governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, & pelejar cõ as galés do Turco, que o tinhaõ sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylueira. Tomou Dom Garcia, com a posse do gouerno, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se lhe offereceo Dom Ioão de Castro, que como soldado da fortuna aluorocado se embarcou no primeiro nauio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamaua Dio. Porém a retirada dos Turcos priuou a Dom Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

*Embar-
case no
socorro
de Dio.*

Falleceo breuemente Dom Garcia, a quem succedeo Dom Esteuão da Gama, que na India teue os brios dos de seu appellido, & parece que tiuera a fortuna, se não fora tão breue o seu gouerno. Empredeio hũa facção, no perigo, & na gloria, grande; qual foi embocar o Estreito do mar roxo, & queimar as galès dos Turcos, que no porto de Suez se fabricauão com voz de lançar os Portugueses da India: empresa que o Turco reputaua por digna de seu poder.

18

Pósta de verga d' alto toda a armada, não houue soldado de valor a quem não aluorocasse o risco de tão noua jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atreuimento. Partio Dom Esteuão da Gama com doze nauios de alto bordo, & sessenta embarçaõens de remo o primeiro

19

*Vai ao
mar roxo
com Dom
Esteuão
da Gama.*

meiro de Janeiro de mil & quinhentos & quarêta & hũ Aqui foi D. Ioaõ de Castro Capitaõ de hum galeão, & seguindo sua viagẽ cõ Leuãtes, auistaraõ a costa de Arábia, posto que derramados. O Governador D. Esteuão da Gama a vio em môte Felix, & furto na boca do Estreito esperou os nauios de sua conserua. Aqui foi certificado que as galès inimigas estauaõ varadas em terra, porèm tão vigiadas, que se não po diaõ queimar senaõ com força descuberta; o que seria impossivel aos nauios redondos, em razão dos baixos, & restingas d' aquelle porto; com tudo Dom Esteuão da Gama, desprezando o auiso, & o perigo, passou auante com algũas fustas, hũa das quaes leuou Dom Ioaõ de Castro, deixando o seu nauio. Passaraõ pelas primeiras Ilhas, situadas em doze graos, & meio, & pella enseada velha em treze escassos, tomãraõ a da Fortuna, que està na mesma altura. Em todas estas angras, & enseadas da boca do Estreito até Suez, foi Dom Ioaõ de Castro, tomando o Sol, & fazendo roteiro, formando juizo, já de Philosopho natural, & já de marinheiro, mostrando como caminha cêga a experiencia rude dos Pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judiciõso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao mar roxo foi imposto este nome; & tambem dos impulsos, & mouimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monçoens do Estio; matéria que desuelou muitos engenhos, a quem a natureza tan-

*Nesta
viagem
faz hum
roteiro.*

tos annos escondeo estes secretos. Assim contaremos deste varaõ como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos cõ tão soberba eloquência, escreuem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, & outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar, & o açoute dos ventos, dedicou ao Infante Dom Luis, offerecendolhe o fruto o das letras, que juntos aprendéraõ.

Nesta paragem víraõ o monte Sinai, onde cõ 20
fabrica de Anjos foraõ as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista D.

Esteuão da Gama armou Caualleiro a D. Alvaro Dom Esteuão armou a
de Castro, o qual em memoria de tão celebre sã- ma Caualleiro a
ctuario tomou por timbre de suas armas a ródade Dom Alvaro.
de navalhas, com que religiosamente as illustraõ
ainda hoje seus descendentes. Do effeito d'esta
jornada não daremos particular noticia; porque a
vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito. 21

Tornando D. Ioão ao Reyno, como querendo Torna D. Ioão ao Reyno.
deixar crescer as palmas do Oriẽte, que haviãõ
de coroar suas victorias, não desembarcou outras
riquezas, mais que a fama de suas obras; & estan-
do com os vestidos do mar, ainda mal enxutos, o
nomeou elRey por General das armadas da co-
sta, dandolhe nouas occasioẽs de seruir em pre-
mio do que tinha seruido. Sahio logo Dom Ioão He General da armada da costa.
no anno de 543. a comboyar as naos, que de via-
gẽ se esperauaõ da India, & pairando na altura de

seu regimêto, houue vista de hũ Cossario Frâces, que cõ sete nauios infestaua todos aquelles mares, & hauia feito algũas prezas em nauios de nossas cõquistas, que o tinhaõ arreuido, & rico. Logo que D. Ioão o auistou, se fez naquella volta cõ os nauios arrasados em pópa, & atracando a Capitaina do inimigo, a abordou, & rêdeo depois de porfiada resistêcia; mereo dous nauios no fundo, & outros se saluãrãõ cõ o fauor da noite. Os casos particulares d'ella briga não pude achar escritos, assi ficará n'osso silêcio disculpado cõ o descuido alheo.

Desbarata sete nauios de Cossarios.

22

Recolhe as de India.

Houue D. Ioão vista das naos dentro em poucos dias, que cõ reciprocas saluas lhe ajudãrãõ a festejar a rota do Cossario; entrou com ellas pela barra de Lisboa, sendo tão gèral o appaluso com que foi recebido, que parecia hauer passado já os perigos do odio, & da enueja: felicidade, ou miseria, que sãõ na sepultura alcanção, ou euitãõ os varoẽs excellentes. Porém d'estes successos conseguiu D. Ioão sõmente o premio na victoria: porque quando as diuidas sãõ grandes, os Reys por não ficarem escassos, arriscaõse antes a parecer ingratos; mais faceis a confessar os vicios na pessoa, que na Magestade.

23

Pouco tempo deixãrãõ a Dom Ioão de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado, tornou a vestir as armas, como referirei mais largamente, ainda que contra meu costume; por não troncar a Historia, buscarei principios afastados Viose aquelle famoso

Cossa-

Coffario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado cõ a perda de Tunez, & Goleta, & muito mais cõ a das galès, perdêdo na terra authoridade de Tyrãno, & no mar as forças de Pirata. Porê não ficou este inimigo de todo tão quebrãtado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seua çoute. Tinha depositado em differêtes partes o melhor de seus roubos, como segũda taboa em que salvarse; fez d'elles hũ presête a Solimão senhor dos Turcos de tãta estimação que pode fazer esquecer, ou disculpar a desgraça da armada, & fugida de Tunez, de que Solimão ainda tinha a dor, & a memoria fresca. Representoulhe o muito que podia obrar em dano dos Christãos, pois começãdo a têtar o mar cõ duas galeotas mal armadas, o valor, & os successos o fizeraõ temido, & poderoso, & fazêdolhe cruel guerra cõ seus proprios despojos; que não cabiaõ jã os catiuos nas masmorras de Africa: que no Reyno de Napoles, em toda a Apulha, & terra de Lauor, fizera estragos, que ainda agora, nẽ osãgue, nẽ as lagrimas estauaõ enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas, apodreciaõ ancoradas no porto; que aquelle Andre Doria taõ buscado dos Principes da Europa, diria quãtas vezes por se desuiar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunha de suas obras seus proprios inimigos; o Emperador Carlos, irritado de tãtos danos, vêdo que sò Barba-Roxa fazia a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, jũtãra para o destruir todas as for-

ças de Alemanha, Italia, Espanha, & Fládes, expôdo temerario o melhor de seus Reynos, ao caso de hũa ruína, ou de hũa victoria, & ainda que o não defacópanhou sua antiga fortuna, sò tirou da jornada fama sê fruto, restituindo a Tunez hũ inimigo por desapossar outro; que se não recolhêra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria nauios, & soldados; & que cõ as despesas de tão numerofo poder, esgotára os thesouros de Espanha; que agora era o tẽpo opportuno para arruinar a Christãdade, enfracuecida cõ hũa larga guerra, descuidada cõ hũa apparête victoria; que no Estreito de Gibraltar estaua a celebre Cidade de Ceita, porta por onde já os Africanos entrãraõ cõ victoriosas armas a dominar Espanha; que os Portugueses a tinhaõ cõ fracos muros, & hũ dèbil presidio, mais attêtos a inquietar os vizinhos, que a cautelarse d'elles, porque altiuos cõ as prosperidades do Oriente, despresauã sua propria morada, a maneira de rios, que quanto mais distãõ do berço em que nacêraõ, sãõ maiores; que se a Magestade do graõ senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal da Europa, elle se offerencia com hũ justo numero de galès, a entregarlhe Ceita, para que as naçoẽs do vltimo Occidente viuesse na reuerencia de seu Imperio. Assi discorreo o Cofsario, tentando restaurar com forças alheas o credito, & estado de que hauia caído. E como nas Cortes dos Principes, as cousas grandes sãõ melhor ouuidas que as possiueis; & em Barba-

Roxa

Roxa a experiência, & o valor tinham tantos abonos, Solimão altiuo, & bellicofo, começou a dar ouvidos a empresa de tantas conſeſquencias, que parecia opportuna pola paz, & proſperidade, que gozava ſeu Imperio. Ouviu diuerſas vezes a Barba-Roxa, que lhe perſuadio ferem os vteis d' eſta facção maiores que as difficuldades. Inflammavaõ mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixofos de que não podiaõ respirar, ſenão debaixo da paz de noſſas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de ſeu Propheta nas poſtradas Meſquitas. No remedio d' eſtes danos empenhavaõ o Turco por zelo, & por grandeza, porque hũs tocauão à Religião, outros à Mageſtade; motiuos que cobriaõ a ambição, & justificavaõ a jornada.

O Emperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Conſtantinopla andava cuida-

24

*Aviſos
do Empe-
rador a
el Rey.*

doſo, entendendo que aquelle tronco, de quem cortara as ramas, não ficara tão ſecco, que com calor alheo, não pudette brotar nouo veneno: teue industria para ſaber a reſolução do Turco acerca da inuaſão de Eſpanha; & ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria, pâra onde começa, não querendo cair tambem ſobre noſſas ruínas, mandou armar nauios, alistar gente, & dobrar os preſidios nos portos do Eſtreito, eſcreuendo a el Rey D. Ioão ſeu cunhado os aviſos que tinha para que jũtos diſpuſeſſe a reſiſtência do cõmum inimigo.

25

Chegada a Portugal esta noua , tratou logo elRey de fortificar Ceita , que não tinha outra defenſa , que a que ensinaua a disciplina d' aquelles tempos ; & como nós em Africa eramos conquistadores , defendiamos noſſas praças com o temor alheo . Governaua naquelle tempo Ceita Dom Affonso de Noronha , a quem elRey en-cômendou a fortificação , & a defenſa , mãdan-dolhe gente , materiaes , & engenheiros . Pe-dia o Emperador a elRey , que mandasse ſair a ar-mada , para que vnida com a que tinha em Ca-diz , á ordem de Dom Aluaro Baçaõ , eſperassem o inimigo na boca do Estreito , onde em qual-quer ſucceſſo teriaõ no abrigo de ſeus portos ſe-gura a retirada . Poſto o negocio em conſelho , pareceo que as armadas ſe juntaſſem , porque não ficasse ſobre noſſas forças todo o peſo da guerra .

*E lhe pe-
de ajuda
para reſi-
ſtir aos
Turcos.*

26

Entrou elRey em conſideração de buscar quem governasse a armada , & dado que no Rey-no hauia muitos homens , a quem as experiencias , & perigos de noſſas Conquiſtas tinhaõ feito ſol-dados , o nome de Dom Ioaõ de Caſtro ſe fazia lugar entre os maiores : fez brio de não pedir , nem engeitar o ſeruiço da patria . Sabemos que elRey Dom Ioaõ , ainda que o amaua por valeroſo , lhe era pouco affecto por altiuo ; de ſorte que o que grangeua por hũa virtude , vinha a perder por outra ; aſſi não vimos que na caſa Realiueſſe officio , ou valimento , porque va-
raõ

raõ taõ liure podiaõno sofrer como vassallo , mas não como criado Estaua já cõ velas metidas toda a armada , & embarcada , muita parte da nobreza do Reyno , & os soldados na expectaçãõ de quem hauia de gouernar facçaõ tão importante; quando de repente se diulgou a nomeaçãõ em Dom Ioão de Castro, feita com gèral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

*Nomea
el Rey a
Dom Ioão
por Gene-
ral.*

Mandou elRey chamar a Dom Ioão a quem communicou os auisos do Emperador , & designios do Turco , significandolhe a enueja com que o mãdaua a tão honrada empresa , mas que pois era hũa prisaõ Real das Magestades , poder dar honras sem poder merecelas , lhe entregaua aquella armada , esperando que hauia de ajuntar às Ruêlas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse , para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregãõ. Dom Ioão beijou a mão a elRey , agradecido ; entendendo que dos Principes era melhor ser bem aualiado , que bem visto.

27

*Confian-
ça que
mostrates
de Dom
Ioão.*

Aos doze dias de Agosto de 1543. se fez à vela toda a armada , & em poucos dias com ventos de feruir , surgio à vista de Gibraltar , onde achou sobre ferro a armada Imperial , que recebeu a nossa com toda a cortesia naval , alegrando , ou affombrando o lugar com repetidas saluas. Veio logo Dom Alvaro Baçãõ com os principaes Cabos da armada visitar a Dom Ioão de Castro ao mar , onde depois de saudaçoens corteses, lhe

28

*Ajunta-
se com o
General
do Empe-
rador.*

*Discorre
sobre a
jornada*

deu conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira inuazão feria sobre Ceita. Alli se discorre, como unidas as armadas de dous tão grandes Principes, conuinha à reputação de hũas, & outras armas peleijar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, peleijauamos nos nossos mares à vista de nossos portos; que no conflito nos podião soccorrer com gente descansada; & os nauios destrozados terião o abrigo vesinho; & que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não podessem intentar facção nas praças do Estreito, as quaes sempre remiriaõ peleijando em ambos os successos; maiormente, que as ordens, que trazião cerradas de buscar o inimigo, não sofriaõ outra interpretação com que se saluasse a honra, & a obediencia. Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficãrão os soldados aluroçados, & os Cabos sollicitos nas ordens, & disposição de tão grande negocio; quando de repente chegãrão apressados auisos, que Barba-Roxa com toda a armada jũta demandaua o Estreito. Mandou logo Dom Ioão de Castro recolher algũa gente que andaua em terra, dar ordens aos Capitaens, empauerar nauios, & auisar a Dom Alvaro de como se leuaua.

*Resoluem
peleijar.*

*Muda o
General
castelha-
no pare-
cer.*

O qual com a imaginada vista do inimigo, refriado d'aquelle ardor primeiro, escreueo a Dom Ioão de Castro, que novos casos necessitauão de novos conselhos; & que pelas noticias das espias, que

que Barba-Roxa trazia dobrado numero de ba-
xeis do que as armadas tinham; que não era in-
tenção, nem serviço de seus Principes perderem-
se com risco tão sabido; que estando aquellas ar-
madadas inteiras não podia o inimigo intentar cou-
sa grande; & se a caso na peleija ficassem destro-
çadas, ficariaõ as praças do Estreito por premio
da victoria; que elle em deixar de peleijar se vio-
lentaõ muito, mas que primeiro estaua o serviço
do Cesar que o brio dos particulares; que lhe pe-
dia recolhesse naquelle porto a armada, & que
da resolução dos Turcos tomarião mais seguro
conselho Dom Ioão de Castro respondeo ao Ge-
neral Castelhana, que elle não mudaua de opi-
nião à vista do inimigo; que bastaua para animar
os Turcos o veremse temidos; que pois elles pre-
tendiaõ pisar terra de Espanha, as armadas se de-
uiaõ arriscar pola reputação, quanto mais pola
injuria; que juizo hauia de fazer o mundo das
forças de dous tão grandes Principes, quando se
colligauaõ para fazer a Barba-Roxa a guerra de-
fensiua! deixando senhorear a bandeira do Tur-
co nossos mares à vista das Aguias do Imperio,
& Quinas de Portugal; que elle se resoluiu em
esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem cul-
pa em hum, & outro acontecimento, porque no
mao successo, os perdidos não dauaõ conta de
nada, & aos victoriosos de nada se pedia.

Mas nem esta resolução bastou para o Gene-
ral Castelhana Dom Aluaro Bagaõ mudar de con-
selho;

*Trata de
reduzir a
Dom Ioão*

*o qual
permane-
ce em pe-
leijar com
os Turcos.*

29

*E o espe-
ra no Es-
treito tres
dias.*

felho ; não sabemos se o tomou por melhor , se por mais seguro. Dom Ioão de Castro se pos na boca do Estreito , aonde esteve furto tres dias ; aqui teue auiso , que se fizera em outra volta a armada do inimigo , por diffençoens que houuera entre os Cabos maiores , ou como em outras memorias achamos , por hauer recebido Barba-Roxa nouas ordens do Turco , que recolhesse a armada ; porèm a gentileza com que Dom Ioão de Castro a esperou no Estreito , mereceo dos presentes, enueja ; & dos futuros , gloria ; pois para cõseguir hũa illustre victoria , não faltou o valor , faltou o conflicto ; bem que d' esta taõ generosa resoluçaõ , se fizeraõ em Hespanha juizos differentes , pondolhe nota aquelles , que a todas acçoës não vulgares , chamaõ temeridades ; porèm eu creio , que ainda os que mais condenaraõ esta acçaõ , tomaraõ ser os autores d'ella.

30 Vendo pois Dom Ioão , que com a retirada do inimigo ficara assegurado o receo d' aquellas praças , se foi a Ceita a communicar algũas cousas de sua instrucçaõ com Dom Affonso de Noronha ; o qual recebeo a Dom Ioão com tantas faluas de artelharia , que os Castelhanos em Gibraltar se persuadiraõ , que peleijaua a armada ; mas nem assi quizeraõ desaferrar do porto , faceis em alterar o primeiro conselho , tenazes no segundo. Aquiteue Dom Ioão de Castro auiso , que os Mouros tinhaõ Alcacere Ceguer em apertado cerco , praça , que os nossos sustentauaõ em Africa

frica com despesa , & perigo inutil , de que era Capitão hum fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho Dom Alvaro com hum troço da armada , & ordem , que metesse o socorro na villa , & que até se levantar o inimigo estiuesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo , & municionando a praça ; & como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria , faltandolhes o calor da primeira inuazão , levantou o sitio, & Dom Alvaro se tornou a aggregar à armada, que depois de assegurar Ceita, & liurala do receo dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa , aonde já havia chegado a fama de hum, & outro successo , que como cairão sobre valor tão bẽ reputado , parecêraõ maiores; mas D. Ioaõ, que nenhũa cousa tinha por grande, querendo tratar com desprezo suas mesmas obras fugio das honras populares ao retiro de Sintra, ou tão modesto , ou tão altiuo , que não aualiaua suas acçoẽs por dignas de si mesmo.

*M andou
seu filho
com soc-
corro a
Alcacer
Ceguer.*

*Volta a
Lisboa, &
se recolhe
a Sintra.*

Entrou elRey Dom Ioaõ em consideração de buscar quem gouernasse o Estado da India , porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo , & pedia successor com repetidas instancias , porque as cousas do Oriente estauão por varios accidentes hum pouco declinadas , & não queria que a guerra com algum desfar lhe defluzisse a gloria de seus feitos , como quem sabia , que dà a ignorancia do pouo poder a hũa desgraça , para desauthorisar muitas victorias.

31

Para

Para negocio tão grãde se representãrão a elRey sujeitos diferentes ; hũs que pela antiguidade do sangue costumauã a ser, senã benemeritos, herdeiros dos lugares maiores (segunda tyrannia de reynar, que inuentou a nobreza;) outros humildes por nacimẽto , & illustres por si mesmos, que o que se lhes deuia por seus mērecimentos, perdiaõ por falta dos alheos ; assi que para posto de tanta authoridade , nem bastaua valor plebéo , nem qualidade inutil.

32

He proposto pelo Infante para o gouerno da India.

Com estas cõsiderações elRey irresoluto na escolha de varão , de quem pudesse fiar o peso de tão grande gouerno , perguntou ao Infante Dom Luis , quem no estado presente fizera Governador da India ? O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de Dom Ioão de Castro ; porque ainda que na occasiã do Estreito a muitos hauia parecido que se houuera com animo sobejo, he certo, que não haueria soldado que não estimasse ser reo de tão honrada culpa ; & que dado que seus emulos o arguiã de altiũo , & retirado , por não pedir mercês , nem cortejar ministros , eraõ estes defeitos de tão boa qualidade , que vinhaõ a ser melhores os vicios de D. Ioão , que as virtudes de outros ; que não via quem pudesse conseruar a disciplina da primitiua India senã Dom Ioão de Castro , o qual seruia tão alheo de todos os interesses , que parecia desprezar os premios da terra , como se S. Alteza não fora Rey dos homẽs , senã Deos dos vassallos ; que
era

era afeiçoado a D. Ioaõ de Castro por suas qualidades, porém taõ liurementemente, que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amàra em qualquer outro.

ElRey com quem a opiniaõ do Infante tinha credito grande, vendo que aualiaua as cousas de Dom Ioaõ com zelo de Principe, & noticias de amigo, approuou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, & mandou chamar a Dom Ioaõ de Castro a Euora, onde tinha sua Corte, lhe disse em sala publica: Andei estes dias cuidadoso em buscar varaõ que governasse o Estado da India, & naõ duuidaua podelo achar na familia dos Castros, de cujo tronco os senhores Reys meus antecessores tiràraõ sempre Generaes para os exercitos, Regentes para os pòuos; assi me prometto, que de taõ valerosa raiz naõ pôde degenerar o fruto; mórmente se medir as futuras acçoões pelas passadas, as quaes vos tem dado justo nome na opiniaõ do Reyno, & estimação na minha; polo que confiadamente vos encommendo o gouerno da India, aonde espero procedais de maneira, que possa dar vòssas acçoens por Regimento aos que vos succederem. Dom Ioaõ beijou a mão a elRey, mais agradecido à honra, que ao officio, estimãdo só de taõ grãde cargo o naõ o hauer buscado. Na Corte houue sobré esta eleiçaõ diuersos sentimétos; algũs a notàraõ por enueja, & outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe

33

*ElRey o elegio, & lhe falla.**Approuaõ todos esta eleiçaõ.*

naõ podiaõ achar faltas, lhe arguiaõ excessos; foi porèm taõ bẽ aualiado dos mais, & dos melhores, que elRey se alegrava de hauer achado hũ homẽ feito à vontade de todos.

34

*Corre cõ
o apresto
das naos.*

ElRey lhe mãdou logo despachos para aprestar a armada sã correr o meneo d'ella por outras maõs, como erradamẽte andou escrito, affirmãdo hũ Auctor que D. Ioaõ passãra à India descõrente, por ser malrespõdido em seus particulares; coufa taõ encõtrada cõ as noticias que temos, & cõ a pouca ambiçaõ d'este fidalgo, que mais se desuelava no que hauiã de engeitar, que no que hauiã de pedir, como senaõ tiuera Rey a quẽ rogar, senaõ a quẽ feruir.

35

*Riproua
as galas
de seu fi-
lho.*

Determinou levar consigo a seus filhos D. Fernãdo, & D. Alvaro, que era mais velho; o qual mãdou cortar algũas galas, das que pediaõ a profissaõ, & os annos; & passando D. Ioaõ a caso pela Iubiteria, vẽdo estar penduradas hũas calças de obra, parãdo o cauallo, pergũtou de quẽ eraõ? & tornãdolhe o official, que as mandãra fazer D. Alvaro filho do Governador da India, pedio D. Ioaõ de Castro hũa tisoura, cõ que as cortou todas, dizẽdo para o mestre: Dizei a esse rapas, que cõpre armas. Naõ lemos que fosse mais exemplar, ou austerã a disciplina dos antigos Romanos.

36

*Naos, &
Capitaõs
dellas.*

Aprestou D. Ioaõ a armada breuemẽte, sã violẽcia; nẽ queixa dos pequenos, porque ainda entãõ as extorçoẽs cõ que os ministros maiores armaõ à graça dos Principes, se naõ viãuaõ, ou se naõ conheciaõ. Era o corpo da armada de

feis

feis naos grâdes em que se embarcãraõ dous mil homens de foldo. A Capitaina S. Thomé, em que o Gourenador hia, que lhe deu este nome, que depois appellidou nas batalhas, inuocando já como de justiça ao Apostolo da India por patraõ de hũa, & outra conquista. Os outros Capitaes de sua conferua eraõ Dom Ieronymo de Menezes filho, & herdeiro de D. Henrique irmão do Marquez de Villa Real, Iorge Cabral, D. Manoel da Sylueira, Simaõ de Andrade, & Diogo Rebello.

Aos dezafete de Março de 1545, desafferrou do porto toda a armada, & a poucos dias de viagem foi auisado o Gouernador, que na sua nao hiaõ quasi duzentas pessoas que recebiaõ raçaõ sem assentarem praça; hús que por inúteis não foã recebidos, & outros que por delictos se embarcãraõ escondidos. Instauãõ os ministros da nao com o Gouernador que os embarcassem na carauella de refresco para desempachar a nao, & leuarem mantimentos sobrados para os casos de taõ larga viagem; porẽm o Gouernador mais compassiuo que acutelado, fazendo huma mesma a causa dos miseraueis, & a sua, seguiu sua derrõta. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros, & soldados esforçãraõ a queixa contra o Gouernador, que taõ arriscada piedade queria pôr em cõtigencia polo remedio de poucos a saluação de todos. Os mais eraõ de parecer, que se lâçasse esta gente nas ilhas de Caboverde,

37

*Partem,
& em que
tempo.*

Compaixão do Governador.

onde os criminosos, & os pobres ficauão assegura-
 rados, estes da fome, aquelles da justiça. Porém
 o Governador considerando, que os ares, & o
 terreno das ilhas, buscados fóra de monção, e-
 rão conhecidamenté nociuos, resolveo amparar
 os miseraueis no seu mesmo nauio, crendo se sal-
 uaria cõ elles, & por elles, dizendo, que era
 deshumanidade lançar do mar a quem fugia da
 terra. Assim forão nauegando cõ tempos escaissos,

Perigo da sua nao.

até que lhe entrãraõ os géraes na costa de Guinè,
 onde a nao do Governador tocando, esteue so-
 çobrada, sendo, na opinião dos mareantes, a-
 quèlles mares limpos, & aonde a carta não fina-
 lau baixos. Foi a confusão como de quem se via
 beber a morté inopinadamente; as horas, & o
 temor fazião maior o perigo, até que a nao estan-
 do atraueçada, & sê gouerno, começou a sordir so-
 bre a vaga; sería caso, mas pareceo milagre. O Go-
 uernador mãdou tirar tres peças, para que as naos
 que vinhão por sua esteira desê resguardo ao bai-
 xo; as quaes não entendêdo o final, arribãraõ so-
 bre elle, & cõ melhor fortuna que cõselho, sendo
 do mesmo porte que a Capitaina, saluãraõ o baixo,
 achãdo sobre as mesmas aguas differente succes-
 so, cuja causa não souberão ajuizar os mareantes.

38

Chega a Moçambique.

Seguindo o Governador sua viagem cõ toda a
 armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu
 primeiró cuidado foia desembarcação, & cõmo-
 didade dos enfermos, ajudado de seus filhos
 Dom Alvaro, & Dom Fernando, parecendo

então

então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tẽ o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos prouimentos, & focorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminências que a senho-reauaõ, impedindolhe jũtamẽte a pureza dos ares em dano da faude. Cõmunicou este negocio cõ as pessoas que d'esta arte tinhaõ algũa luz por v-fo, ou disciplina, & a todos parecẽraõ os erros da fortificaçaõ norados cõ juizo. Succedeo logo a execuçaõ ao cõselho, & escolhido sitio cõueniẽte, determinou materiaes, & mestres para a noua defẽsa; & como isto se obraua aos olhos do Governador, os fidalgos à volta dos pioẽs acarretauãõ as pedras: hũas que seruiãõ à lisõja, outras ao edificio.

Muda a fortaleza para melhor sitio.

Posta já em defenſa a fortaleza, & reparada a faude dos enfermos com os ares, & refrescos da terra, deu o Governador à vela, & nauegãdo sẽpre com ventos de feruir, ferrou a dez de Setembro a barra de Goa, onde por hum nauio que se adiantou, soube Martim Affonso de Sousa que tinha o successor vezinho, dispondoſe a recebe-lo cõ festas que mostrassem o gosto com que agasalhaua o hospede, & deixaua o goueno. Foi logo buscalo ao mar em hum bargantim esquipado, donde o trouxe à quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteu ao Governador,

39

Partepara Goa.

& aos fidalgos, & Capitaes da frota, com tanto primor no seruiço, & abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as vltimas honras do cargo que espiraua. Houue aquella noite bailes, & folias; festins que a singeleza do Portugal antigo leuou ao Oriete. Aqui esteue o Governador dous dias, assistido de todos os fidalgos, desemparrando a Martim Affonso de Sousa, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratitude Oriental dos Indios, que apedrejaõ o Sol quando se poem, & o adoraõ quando nasce.

4^o
Chega, &
como he
recebido.

Chegado o termo da entrada, se meteraõ os dous Governadores em hũa falúa com remos dourados, & o toldo de sedas diferentes. Astorres, & os nauios os festejaraõ com horror de repetidas saluas; & os viuas, & expectações da plebe lisonjeauaõ sem artificio ao nouo governo. Assim chegaraõ a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardaua a Camera da Cidade em corpo de Cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inuentou em semelhantes actos, fez hum dos Vreadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o nouo ministro. Depois de ouir o Governador as lisonjas publicas, ouiu tambem as secretas de muitos, que com ellas abriaõ a porta a seus particulares interesses.

4^l
Esta incem
que achou
o governo.

Acabada a solemnidade d' aquelle acto, & entregue Dom Ioão do Governo da India, se par-
tio

tio Martim Affonso para Cochim a tratar de seu apresto para o Reyno. Entrou logo o nouo Governador em cuidados molestos de aquietar o pouo alterado pola mudança de moeda, que os ministros Reaes hauiaõ sobido com dano dos vassallos, escandalo do Gentio vezinho. Direi de seus principios o caso.

Corre na India hũa moeda de baixa ley, que chamaõ Bazarucos, a qual entre Christãos, Mouros, & Gentios conferuou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se laura de cobre, material que naquelle tempo passaua de Portugal por drôga, pareceo aos ministros que se lhe deuia sobir o preço em beneficio da fazêda Real. Publicouse solemnemente a alteraçã da moeda, começando a correr com noua estimação, porèm como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha sô o que recebia da ley, & não do peso, o Gentio, que não estaua sojeito a leys alheas, faltaua com a ordinaria prouisaõ de mantimentos, & os pôuos padeciaõ, como por decreto de seu mesmo gouerno. Os ministros maiores defendiaõ, como Real, a causa, zelando a utilidade do Rey na perdiçaõ do pouo; o corpo da Cidade clamaua, que os Reys de Portugal nunca fizeraõ de suas miserias thesouro, nem costumauaõ beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os Gentios, & Mouros se gloriauaõ de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabauaõ com suas mes-

42

Com a alteraçã dos Bazarucos.

*Ouve a
Cidade, &
Povo.*

mas leys, armando cõtra elles a ambição de seus Governadores. Crecia a fome, & a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, & a conformidade do agrauo cõmum. Com estas queixas forão os Vreadores da Cidade, entre pobres, mulheres, & mininos, hũs com razoens, & outros com lastimas demandar ao Governador; o qual mandando quietar a plebe, ouuio a hũs como juiz, a outros como pay; & porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusãõ para o segũinte dia; assi os despedio confiados, crendo algũs, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os ministros da fazenda Real, & ouuidos os fundamentos, que tiuerão, deu parte da materia aos homens mais scientes nas leys, & na politica d'aquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resoluẽrão ser cruel o decreto, & repugnante à piedosa intecção de nossos Principes. E este parecer se corroborou com os fóros, & priuilegios populares, & outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa Historia. Reuogada esta ley pelo Governador, começãrão a correr os mantimentos do Sertão, & os pouos lhe vierão offerecer as vidas que lhes hãuia remido com a noua indulgencia do tributo.

*Resolução
que toma.*

43

*Primeira
embaixada
da do Hidal-
dalcão.*

Concluído este negocio com tanto credito da clemencia Real, vierão Embaixadores do Hidal-
cãõ,

caõ , que depois de lhe darem as faudações ordinarias , & congratulações do cargo , lhe pedião éntregassê certõ prisioneiro na forma que com feu antecessor estaua concertado. E porque este negócio chegou a alterar o Estado com guerra descuberta , não deixaremos em silencio a origẽ que teue.

Morto Bazarb Principe do Balagate , no tempo que foi Governador Nuno da Cunha , ficou Meale ainda nõ berço de sua infancia, hauido por indubitauel successor da Coroa. Era o Hidalcao neste tẽpo a segunda pessoa do Reyno em authoridade , a primeira em valor , porque nas guerras dos Principes vezinhos , tinha dado de suas obras hum testemunho grande. E como estes barbaros mais reynão por occasiã , que por justiça , o Hidalcao vendo que suas forças , & a impossibilidade do herdeiro lhe abriaõ larga porta á ambição da Coroa , começou a solicitar os corações dos grandes , com os quaes artificiosamente se lastimaua da miseria do Reyno com successor minino , com quem huiãõ de seruir , ou sofrer como a Keys, todos os seus validos ; que os Principes com quem trazião guerra , não perderiãõ a occasiã de os acabar vendo no berço quem os hauia de defender ; que buscassẽ hũ varão , onde hauia tantos , para salvar a patria , que elle seria o primeiro que lhe obedecesse , porque o gouerno do Reyno não podia esperar os tardos mouimentos com que a natureza hauia de dar a hum minino

44

*Sobre a
causa do
Meale.*

pri-

primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia, abraçado aos peitos das amas adorassem Meàle, não duuidaua que por conseruarem o Rey, perderiaõ o Reyno. Mostrouse logo affabel com os pòuos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para si, senão para elles, valendose ambiciosamēte de todas as virtudes, não como necessarias para viuer, senão para reynar. Chegáraõ enfim os principaes a offerecerlhe a Coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de taõ grande beneficio.

45

Era o Hidalcaõ liberal, & valeroso, & sem duuida fora hum grande Principe, se conseruàra o Reyno com as mesmas virtudes com que soube adquirilo; porém logo que se vio obedecido, cessàraõ aquellas artes fingidas, como não tinhaõ mouimento natural, & rebentàraõ a ambiçaõ, & soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meàle, ou por clemencia fingida, ou por crueldade noua, querendo quiça, que o pobre Principe com obediencia seruil lhe authorizasse o cetro que lhe tyrannizaua. Os Sapatras do Reyno vendose fôra de tempo arrependidos, & que já não podiaõ ser traidores, nem leaes sem perigo, andauaõ consultádo meios de assegurar Meàle da tyrannia do Hidalcaõ, como se tiuera o desgraciado Principe mais justiça para viuer, do que para reynar. Nestes discursos
passa-

passàraõ algũs annos , nos quaes Meàle chegou a idade que podia conhecer seu perigo , & considerando que sua presença arguía a consciencia culpada do tyranno , o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da intruzão da Coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tiràraõ o Reyno , se passou a Cambaya , onde foi bem recebido, mostrando o Rey , & o pouo que se compadeciaõ de miserias Reaes ; porém como aquelles fauores tinhaõ mais de ambição que de piedade, chegàraõ a durar pouco , porque sô os primeiros dias lhe fizeraõ tratamento como a Rey , os outros como a perseguido. Com tudo Meàle se deixou ficar em Cambaya , hauendo por mais toleraveis os desfaures do hospede , que as jniurias do tyranno.

Entre tanto o maior cuidado do Hidalcão era 46
destruir aquelles que lhe deraõ a Coroa , que ainda que como complices da traição , lhe pudèraõ ser gratos , os aborrecia , ou porque lhe acordavaõ a obrigação , ou o delicto. E como já viuia temeroso de suas mesmas obras , entendeu que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia ; aõzi o faziaõ duas vezes cruel , o vicio , & a necessidade. Aos maiores foi vsurpando as fazendas para os igualar com a plebe , com pretexto de castigar debitos impostos , ou esquecidos, cubrindo a tyrannia com sombras de justiça , crêdo que cõ abaixar os poderosos se faria aceitos os pequenos, aos quaes sempre he grata a ruína dos grãdes
por

por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo que não bastava o sofrimento, consultarão meios de restituir Meále, hūs por vingança, outros por remedio, Fizeraõ suas juntas secretas, onde tomãraõ diferentes acordos, os quaes lhes fazia variar cada dia o temor, & a difficuldade do negocio, mais arduo na execuçaõ que no conselho. Acabãraõ enfim de apurar a obediencia forçada com os aggraũos nõuos; tentãraõ pois cõ a morte do Hidalcaõ rimir a culpa, & cobrir a infamia da traizaõ passada; não sendo d'este voto os atreuidos, senãõ os desesperados, porque já o Hidalcaõ neste tempo viuia com forças de Rey, & cautelas de tyrannõ. Era assistido do pouo, que aborrecendo o Rey, amava as crueldades executadas contra a nobreza, infesta pola desigualdade de hũa, & outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, & que com a dilacãõ se faziaõ os odios mais remissos, & a paciencia seruil, se fazia costume, vendo que para taõ grande empresa não tinhaõ forças, buscãraõ as alheas. Acordãraõ communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, Governador que entãõ era do Estado da India, pedindolhe mãdasse vir Meále de Cambaya, & o tiuesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcaõ temeroso, & propicio para todas as occurrencias do Estado.

47

Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcaõ,

caõ, & os seus, conuinha mais soprado que extinguilo, & que feria vtil ao Estado enfraquecer hum vezinho soldado, & poderoso; cobrindo estas conueniencias com causas mais honestas, quaes eraõ, pòr à sombra de nossas armas hũ Principe desapossado, & perseguido, facção para os de fôra, gloriosa, & para os nossos, vtil, resolveo mandar buscar Meäle a Cambaya, significandolhe a disposição de seus vassallos a cerca da restitução do Reyno, cujos animos se esforçariaõ vendo que lhe amparaua o Estado, a causa, & a pessoa. Recebida do Mouro taõ inopinada mensagem, hauendo por defacostumada a piedade de homens, por religião naõ sò differentes, mas contrarios, se encomendou à fé, & clemencia do Estado; & embarcandose com sua pobre familia, aportou a Goa, onde foi recebido do Gôuernador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna; se bem foraõ de algũs interpretadas, antes em injuria do vezinho, que em fauor do Hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meäle, que já começaua a reynar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já a sombra de nossas armas amparaua sua causa, & que começaua a soar bem seu nome nos ouvidos do pouo.

Considerando o Hidalcaõ, que o Estado naõ chamàra Meäle sò para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, &

vezinhas lhe eraõ mais formidaueis, mãdou a Martim Affonso de Sousa huma embaixada, significandolhe como tinha sabido, que estaua em seu poder Meàle, a quem parecia, que a fortuna andaua guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obedecer, queriaõ crear senhores nõuos a quem poder mandar; que elle Hidalcaõ naõ referia as razoens que tiuera para tomar a Coroa, porque se os Principes houuessem de dar razãõ de seu direito, naõ haueria differença entre os Reys, & plebéos; que a justiça dos Principes hauia de ser julgada de Deos, & naõ dos homẽs; que o mundo tinha jã recebido, que em materia de reynar naõ hauia differença de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que naõ negaua que Meále apoucado, & cobarde era de geraçaõ Real, mas que o erõ que fizera a natureza, emmendàra a fortuna, dandolhe o Reyno a elle ousado, & valeroso; quanto mais que a natureza sô aos leoẽs dera cõ o nacimẽto a coroa, aos homẽs deixàra que a ganhassem; que muitas cousas pareciaõ ao mûdo, por menos costumadas, injustas; que tomar para si o Reyno quẽ era digno d'elle, os primeiros o recebiaõ como escãdalo, os outros como ley; que Meále fora o homem mais vil, que nascèra em seu Reyno, & elle o mais felice; & que naturalmẽte os homẽs aborreciaõ os móstros da natureza, & amauaõ os da fortuna; que nos perguntassemos a nós, cõ que acçoẽs senhoreauamos a Asia;

a Asia? que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? em que grao estauamos cõ Soltaõ Badur para lhe herdarmos Dio? se o Aché nos deixàra Malaca em testamento? & tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagauaõ tributo? que nos rogaua não infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mûndo absolutos senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de gouernar o mundo, pois nascendo no vltimo Occidente, queriamos emmen- dar as desordens da Asia; que nos fazia a saber, que nos seus Reynos hauia minas de metaes diferentes; que de hũas tiraua para os amigos ouro, & de outras para os inimigos ferro; que vltimamente pedia a elle Governador lhe entregasse Meale, porque na clemencia que com elle vsasse, se visse que era digno de reynar quem assi trataua seu maior inimigo; que seus Embaixadores leuauaõ ordem para assentar todas as conueniencias do Estado.

Recebida por Martim Affonso a carta, & ouvidos os Embaixadores do Hidalcaõ, enten- deo d'elles, que pola pessoa de Meale offerenciaõ cento & cincoenta mil pardaos, & as terras firmes de Bardez, & Salfete, importantes ao Estado polos rendimentos, & vezinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, & que de ambas as faces mostraua vtilidades grandes, porque restituir a hum Principe, & abaixar a hum tyranno, era em-

49

prefa digna de armas Christaãs, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passaraõ nossas bandeiras a Asia a vsurpar Reynos, nem adquirir riquezas, pois só tratavaõ de que os Pagãos, & Mouros do Oriente guardassem a Deos fideidade, & justiça entre si: por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reynar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcaõ sem ella offerecia; & que como estes Mouros por odio, & por Religiaõ eraõ sempre inimigos, rir-se-hia o mundo se visse que com nosso sangue destruíamos hum infiel, & criavamos outro, quando da ruína de ambos pendia nossa prosperidade; mòrmente, que não passaraõ à India nossas armas a defender os inimigos da fé, senaõ a destruílos. Que se Meale não achàra amparo em elRey de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portugueses, de quem era inimigo? que quando se visse restituído, & poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vezinhança de homês tão valerosos, que o fizeraõ Rey; & que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grãde beneficio.

50 Resolueo enfim Matim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os Embaixadores, & com elles a Galuaõ Viegas hum caualleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato

na forma referida , mandando logo tomar posse das terras firmes , em virtude da offerta do Hidalcaõ, com beneplacito de seus Embaixadores.

Neste estado achou Dom Ioaõ de Castro as couiãs de Meale , pedido agora pelo Hidalcaõ com noua embaixada , em fé do capitulado com seu antecessor ; porèm Dom Ioaõ com diferente acordo reipondeo ao Hidalcaõ , que os Portugueses eraõ fieis aos inimigos , quanto mais aos hóspedes ; que as propõstas de seu antecessor mais foraõ para conhecer a causa que para resolveu ; que as terras firmes pertenciaõ ao Estado por doaçõens mais antigas , & que dos rendimẽtos era justo alimentar Meale por gratidaõ dos Reys seus antecessores , que as vinculãraõ ao Estado ; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito , & que o amparar o Estado sua pessoa atègora não era protecçaõ , senão piedade ; que não alterasse a paz com impacientes armas , porque entãõ viria a fazer certo o que temia , irritando o Estado para que se fizesse autor de hũa , & outra vingança. E porque seus Embaixadores apontauaõ , que com a negaçãõ de Meale feria forçoso o rompimento , lhe lembrava , que as mais das fortalezas , que fizemos na India , tinhaõ os alicesses sobre cinzas de Reynos abraçados ; que os Portugueses tinhaõ a condiçaõ do mar , que com as tormentas se leuanta , & crece ; que elle assi como não buscaua a guerra , taõ pouco a sabia engeitar.

51

*Resposta
do Governador.*

52

*Aperce-
bimento
que faz.*

Com esta resposta despedio o Governador os Embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entenderaõ, que o naõ dobraria a entregar Meale, temor, ou beneficio. Apercebeose logo para fazer, & esperar a guerra, que como era de Principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cauallo, que seriaõ duzentos homens, & seruiaõ debaixo de hũa só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da Cidade à gente da ordenança, & os soldados pagos teue promptos para qualquer inuazaõ subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada polas viagens, & guerras de seu antecessor, & pobreza do Estado, & como as forças nauaes saõ as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcaçoens que estauaõ no rio, fez tres galés, & seis nauios redondos com estranha breuidade, naõ faltando aos officiaes com a paga, & o agrado, com que a obra medraua, vencendo a diligência o tempo. D'estas galés, & nauios nomeou Capitaes, que assistiaõ ás obras, como a cousa propria; expediente que foi assaz importante para a breuidade do apresto, bondade, & abundância das muniçoens, & mantimentos, com que a armada se pos de verga d'alto em tempo opportuno, & breue, & com elia pos freo aos Principes vizinhos para se naõ colligarem com o Hidalcaõ, que já os solicitaua a sacudir o ju-

go como em beneficio da commum liberdade.

Entendida pelo Hida'caõ a resolução do Governador, recorreo à justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem os vassallos, a quem fariaõ fieis os pôstos, & os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigurosas leys aos viuandeiros trazer a Goa a ordinaria prouisaõ de mantimentos, que como os recebia do Serraõ, naõ estaua bastecida para aturar taõ repentina guerra. Tras isto mandou a Acedecaõ hum valeroso Turco com dez mil homens a senhoriar as terras firmes, que estauaõ à nossa obediencia.

53

*Primeiros
monimen-
tos do Hi-
dalcaõ.*

Mas Dom Ioã de Castro entendendo que a guerra recebe opiniaõ dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, & a caualleria da terra a fazer rosto ao inimigo, & sendo de muitos fidalgos persuadido que naõ empenhasse sua pessoa com partido taõ desigual, que naõ era auctoridade do Governador da India, cingir espada contra hum Capitaõ do Hidalcaõ, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra; mórmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra, & do perigo d'esta empresa, naõ foi possiuel dissuadilo da primeira resolução, dizendo com maior confiança do que permittiaõ as forças de seu campo, que sahia a castigar, & naõ a vencer. E marchando duas legoas de Goa, auistou ao inimigo, que alojado ao pé de hũa ser-

54

*Acode o
Gouverna-
dor pes-
soalmête.*

ra, tendo na frente hum rio, que lhe seruia de caua, & de trincheira, com as ventagens do numero, & do sitio, esperou aos nossos, que ainda que cansados da marcha, cobrando nouo alento, ou com a presença do Governador, ou com a vista do inimigo, começáraõ a passar o rio cõ mais resolução que disciplina. Não foi possiuel aos Cabos detelos, ou ordenalos, porque os mais temerarios se lançáraõ ao rio, & nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

55

*Peleija,
& desbaratado inimigo.*

O Governador com singular acordo, mandou aos que ficauaõ que passassem o rio, entendendo que o que no principio fora erro, agora era remedio; & porque este dia não teue lugar de dispor como Capitão, peleijou como soldado. Enuestíraõ logo os nossos aos Mouros taõ impetuosamente, que assombrados d'aquella primeira inuazaõ, foraõ largando o campo, turbadas as fileiras, & por si mesmas rotas, foraõ desordenadas, & vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, & mais desbaratado. Recebéraõ os Mouros grãde dano na fugida, nenhum na resistencia. Foraõ os nossos duas legoas executando as licenças, & crueldades da victoria, recolhêdo as armas que os miseraueis largauaõ como carga, & não como defenõsa. Durou enfim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio

con-

contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheos de sangue, de glória, & de despojos, se deixou o Governador ficar no campo ao seguinte dia sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condição dos juizes humanos, que nunca deu louvor às desgraças, nem às victorias culpa.

Entrando o Governador em Goa, foi recebido com singular applauso daquelle pouo tão costumado a ver, & desprezar victorias. E porque nesta, & nas mais batalhas que Dom Ioaõ venceu, appellidou o nome de S. Thomé Apóstolo da India, cremos que forão hauidas com o auspicio de hum Patraõ tão grande; o qual, por gratificar a piedade, & honrar a memoria de Dom Ioaõ de Castro, se feruio de descobrir nos dias de seu gouerno, aquella marauilhosa Cruz, achada em Meliapòr na costa de Choromandel, quasi cubertos de hũa mesma terra a milagrosa Cruz, & o corpo Sancto. E como Dom Ioaõ de Castro veneraua este sinal de nossa redempção com deuído, mas peregrino obsequio, pois sempre que topaua Cruz, se apeaua do palanquim, ou cavallo, pondose de joelhos; não parecerà casual a marauilha d'este descobrimento, pois as misericordias do Ceo não vem por accidente. Daremos a relação d'este mysterio, por inuoluer hum milagre successiuo, testemunho da fé Oriental, cultiuada naquellas Regioens com o sangue, & doutrina de nossos Portugueses.

56

*Recolhe-se
a Goa.**Veneração que
fazia à
Cruz.*

Depois da marauilhosa invenção do corpo deste sagrado Apostolo, na Cidade, ou ruínas de Meliapór, que então se chamaua Calamina, os Reys D. Manoel, & Dom Ioão ardiaõ em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira Christandade do Apostolo alli ficãraõ, ainda que corruptas já com a doutrina de sacerdotes Armenios, & Caldeos, que separados da Igreja Catholica Romana, dauaõ a beber áquelles innocentes Christãos, perniciosos dogmas: os quaes purgados em parte com o trabalho de nossos Missionarios, tratãraõ de levantar hũa Igreja no lugar aonde fora achado o precioso corpo do Apostolo; & abrindo os alicesses para a fabrica, achãraõ hũa Cruz laurada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, & tres de largo, borrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta Cruz a forma das que vsaõ os Caualleiros de Auis; nos baixos da pedra estauaõ algũas Cruzes pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodas de sangue. Estaua a Cruz grande assombreada pelo alto de hũa pomba pendente; tinha em torno hũas letrãs antigas, cujo significado ignorauaõ os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Foraõ buscados velhos, & antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escriptura, até qu'd'ahi a algũs tempos foi trazido hum

Bramene de Narzinga , que nos deu a exposiçao d'ella em sentido corrente , dizia assi.

Depois que appareceo a ley dos Christaõs no mundo, d'alli a trinta annos, a vinte hum de Dezembro, morreo o Apostolo S. Thomé em Meliapôr, onde houue conbecimento de Deos, e mudança de ley, e destruiçam do Demonio. Este Deos ensinou a doze Apostolos, e hum d'elles veo a Meliapôr com hum bordam na mão, onde fez hum Templo, e elRey do Malabar, Choromandel, e Pandi, e ouros de diuersas naçoens, e feitas, se sujeitaram voluntariamente à ley de S. Thomé. Veo tempo em que o sancto foi morto por mãos de hum Bramene, e com seu sangue fez esta Cruz.

E como esta traducção era de interprete assalariado, não lhe deraõ os nossos inteira fé em negocio taõ graue; assi chamàraõ outro Gentio douto no conbecimento de todas as linguas Orientaes, o qual sem ter noticia da exposiçãõ primeira, declarou as letras na mesma forma, sem discrepancia alguma. A elRey Dom Sebastiaõ foi trazida a copia da estampa o anno de mil quinhentos sessenta & dous, como aqui parece.

Conti-

Continuàraõ os nossos a fabrica da Igreja com maiores despesas pola veneraçã do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, & concurrencia do pouo Malabar à vista de taõ illustre testemunho da fé que cõseruauaõ. Acabouse a fabrica do Templo breuemẽte, feruindo no altar maior de retabolo a Cruz, grauada no marmore que temos referido. Começaraõ a celebrar os officios diuinos com a decencia, que permittia hum lugar taõ remoto; quando aos dezoito de Dezembro, dia da Expectaçã da Senhora, estandose officiando a Missa à vista de muito pouo, começando o Sacerdote o Euangelho, começou tambem a Cruz sagrada a cobrirse de hum suor copioso, destillando sobre o altar naõ meudas gottas; & porque ficassem maiores sinaes d'aquella marauilha, parou no sacrificio o Sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a Cruz euaporaua, os quaes subitamẽte se banhàraõ em sangue à vista do numerozo pouo que assistia. Foi logo a sagrada Cruz mudando a cor alabastrina em pallida, & d'esta passou a hum negro escuro, que tornou a mudar em azul, cõ hũ resplendor marauilhozo, que durou em quãto o sacrificio da Missa; & depois de acabada, tomou a cor natural em que foi descuberta.

*Milagre
notauel
da mesma
Cruz.*

Succeffiuaente se vio o mesmo milagre muitos annos naquelle mesmo dia, & ainda agora sabemos por Autores, & relaçoens fieis succedde algũas vezes; com que aquella Christandade

58

recebe os preceitos de nossa ley com fé já mais robusta. Este milagre se calificou ante o Bispo de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos vierão a este Reyno em tempo do Cardeal Rey D. Henrique, que com authoridade do Papa Gregorio XIII. authenticou o milagre, já diulgado em nossas Choronicas, & Autores estranhos.

*Affecto
com que o
Gouerna-
dor recebe
esta noua.*

As nouas d'este milagre recebeo Dom Ioão de Castro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella Christandade de S. Thomé, opprimida da seruidaõ dos Principes Gentios, que lhe hauiaõ reuogado certos donatiuos, & graças, que por interuençaõ do Sancto Apostolo lhe foraõ concedidas dos Reys antecessores, das quaes hoje polo odio dos infieis, & corrupçaõ dos tempos, sô guardauaõ as memorias.

59

Naõ cessaua o Hidalcaõ de inquietar os nossos cõ ordinarias correrias nas terras firmes, que bastauaõ a nos ter em continua vigia, & impedir a cultura aos lauradores, a cuja causa se resolueo o Gouernador a darlhe o golpe onde mais o sentisse.

*Manda
contra o
Hidalcaõ
seu filho
Dom Al-
uaro.*

Mãdou logo embarcar a seu filho D. Aluaro na armada que aprestàra, com ordem que nos portos do Hidalcaõ fizesse todo o dano possiuel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do sacco, os fazer dissimular algús soldos vencidos, que lhes deuia o Estado, & desuiar a outros dos tratos mercantis, corrupçaõ que hia laurando em muitos, & já com feo exemplo dos maiores.

mento. Hauia duas fortalezas na entrada da barra com artilharia grossa, & pola estreiteza do canal não podiaõ nossas naos passar, nem surgir sem perigo euidente. Consultou o General D. Alvaro com os Capitaens da armada as difficuldades, que se representauaõ, & a todos parecêraõ dignas de reparar, dizendo que empresas voluntarias não se acomettiaõ com risco tão sabido; que maior guerra faziaõ ao Hidalção senhoreandolhe seus mares, fazendo presas, & tolhendo o commercio à vista de seus olhos; que nas facçoês de terra era maior o risco que o proueito; que o canal viaõ estaua tão cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos nauios hauiaõ de passar quasi roçando sua artilharia; que o primeiro nauio que desaparelhasssem impediria a passagem dos outros. E como D. Alvaro instasse, que era preciso executar as ordês que leuaua, que eraõ saltar em terra, & abrasar os portos do inimigo, lhe replicãraõ no Cõselho, propõdo que se ficasse elle General no mar mãdando, & que os Capitaês dos mais nauios cometteriaõ a barra, porque se ao General d'aquella armada, filho herdeiro do Governador da India, lhe acontecesse algũ desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficaua na necessidade de tão justa vingança; do que D. Alvaro indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle não queria victoria, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediência era seu General,

*Resolue
enuestila.*

& para o risco era seu companheiro; que a instrução que trazia do Governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos que lhe representavaõ, ainda lhe pareciaõ mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava sem perigo; que de Portugal viera a buscar este dia, que esperava fosse muito fermoso para todos; & que nesta resolução não queria conselho, só na forma de acometter lhes pedira consultassem o modo. A temeridade do General desculparaõ entãõ o brio, & a mocidade, & depois o successo. Aí sentouse que a gente passasse aos bateis, & que no quarto d'Alua pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebêraõ todos, vendo já no semblante do General hũs longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos nauios, saltou o General em terra com oitocentos homens escolhidos, & com taõ declarada fortuna, que dando nos bateis muitas ba-las, não houue algũa que mataffe, ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposição, ou principio.

Salta em terra.

Era a Cidade de cinco mil vezinhos, derramada por hũa estendida planicie. As casas entre si desunidas, & independentes hũas de outras, sem mais policia, vniaõ, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com

62

*Grande-sa, & for-
ças da
praça.*

tudo os pateos, & eirados de cada casa representauão juntos hũa magestade barbara; como de homens que edificauão com maior ambição, que architectura. Tinhaõ ao Norte hũa pequena ferra, donde desciaõ algũs rios sem nõme, que assi feruiaõ ao deleite, como à fertilidade da campanha. Fora a Cidade antigamente habitada de Bramenes, & agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, entãõ pola superstição, hoje pola riqueza. Naõ tinha o lugar defença de muros, ou trincheiras, assegurãdos seus habitadores, ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos Principes vezinhos; porẽm ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcaõ, começou por victorias, viraõ os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assi trouxeraõ para defender a Cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizeraõ numero bastante a defendelos, conforme a seu discurso.

63

Resistencia do inimigo.

Estes vieraõ debaixo de suas bandeiras, impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçaraõ espaço grãde, peleijando a pé firme, & taõ trauados, que naõ podiaõ os nossos soldados ajudar-se da espingardaria, da qual só recebèraõ a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu Dom Alvaro mostras de seu valor, & acôrdo, inflammando os seus na peleija, jã com palauras, jã com o exemplo de suas obras. Viraõ-se enfim apertados os nossos, que

que mais pelejauaõ pola vida, do que pola victo-
ria; por espaço de hũa hora esteue duuidoso o suc-
cesso, até que hũ grande troço dos moradores,
cortados do temor, & do ferro, desemparãõ o
campo, mostrando no primeiro conflicto valor
mais que de homens; no segundo menos que de
mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos,
succeder o maior temor à maior ousadia. Com o
exemplo d'estes se foraõ os outros retirando tí-
midos, & desordenados. Nesta volta recebê-
raõ os Mouros grande dano, porque quasi sem
resistencia pereciaõ, sendo os que cahiaõ tantos,
que estoruauaõ a fogida aos outros.

Entrãõ os nossos de enuolta com os Mou-
ros a Cidade, onde os miseraueis se detinhaõ
presos do amor, & lagrimas das mulheres; & fi-
lhos que acompanhauaõ já com piedade inutil,
mais como testemunhas de seu sangue, que defen-
sores d'elle; taes houue, que abraçadas cõ os mari-
dos se deixauaõ trespassar de nossas lanças, inuê-
tando os miseraueis noua dor, como remedio no-
uo; dos nossos soldados, hũs as roubauaõ, outros
as defendiaõ; quaes seguiaõ os affectos do tẽpo,
quaes os da natureza. Algũas d'estas mulheres
com desesperado amor se metiaõ por entre as es-
quadras armadas a buscar os seus mortos, mostrã-
do animo para perder as vidas; lastimosas nas fe-
ridas alheas, tem lastima nas suas. Ganhamos en-
fim a Cidade com menos dano que perigo, por-

64

*Entrãõ os
nossos.**E ganhaõ
a Cidade*

lheria do inimigo, mais arrastou a Dom Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a maior parte, hũs no conflicto, os mais na retirada. Maior animo mostráráõ as mulheres que os maridos; elles perderáõ as vidas, que não souberáõ defender; ellas podendoas salvar, as desprezaráõ. Dos nossos morreráõ vinte dous; foraõ mais os feridos, em que entrou o General de hũa fetta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou Dom Alvaro dar a Cidade a sacõ; onde o despojo igualou a victoria, porque não tinhaõ os Mouros posto em salvo cousa algũa; ou fosse confiança, ou descuido; & até a gente inutil para a defenõa guardaráõ na Cidade, ou por desprezo de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor aos defensores; foraõ enfim as fazendas tantas, que se não pudéráõ recolher aos nauios; os soldados recolhiaõ as mais preciosas, & deixauaõ as outras, como para alimento do fogo, com que se hauia de abraçar a Cidade, a qual Dom Alvaro deixou entregue a hũ lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas pouoaçoens vezinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, & deffenõavel, que quasi seruia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

65

Volta D.
Alvaro
a Goa.

Leuouse o General com toda a armada, & se fez na volta de Goa a descarregar os nauios, que com o muito peso hiaõ empachados, determinádo

do deixar ahi os feridos, & algũs enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavaõ os soldados, contentes da liberalidade, & fortuna do nouo General. Chegou primeiro a noua, que os nauios, a Goa, & o Governador fez grande estimação da victoria, a plèbe dos despojos. Logo se teue auiso, que os que escaparaõ da rota forraõ representar ao Hidalcaõ o miserauel destroço da Cidade, & entre a primeira dor dos filhos, & parentes, contauaõ o segundo estrago das fazendas, & edificios, onde a voracidade do fogo deixara raõ confusas hũas, & outras cinzas, que não podiaõ chorar os seus mortos com lagrimas distintas. Diziaõ ao Hidalcaõ, que se com tal gente determinaua continuar a guerra, iriaõ habitar os desertos, onde não veriaõ estas féras do Occidente, nascidas para escandalo, & ruína da Asia. Assi contauaõ, & maldiziaõ nossas victorias hũa a hũa, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

O Hidalcaõ vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, & o estrago dos vezinhos, & muitas vontades alheas de seu seruiço, que a guerra, & os successos faziaõ mais atreuidas, inclinou o animo à paz para remediar as discordias, & sedições de casa, que podiaõ tomar maiores forças com as liberdades de gente armada, & pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que deuiaõ cobrir seus aggrauos com hũa paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse

66

*Comette
o Hidal-
caõ paz.*

mon-

mõçaõ mais opportuna, para cõ as forças de algũs Reys offendidos cometter o Estado juntamente; & como estes Mouros mais guerraõ pola conueniẽcia que pola injuria, mãdou o Hidalcaõ Embaixadores ao Governador, disculpando a guerra que fizera cõ friuolas escusas, & acordando os beneficios que de sua amizade recebêra o Estado.

67 - O Governador ouiu os Embaixadores em sal-
O Governador a la publica com grande authoridade, responden-
accusa. dolhe que assi como naõ buscava a guerra, taõ pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos, porque cõ despojos, & victorias se engrandecêra sempre; mas que tambem nunca negara a paz a quem com obras, & amizade fiel a merecia; que elle queria priuar a seus soldados das commodidades que d'esta guerra se promettiaõ; mas que soubesse, que o primero dia que tinha de Rey, era este em que capitulava paz com os Portuguezes. Assi despedio os Embaixadores assombrados de animo taõ aitiuõ; & com este mesmo desprezo tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual a sua fortuna.

68 Voltou logo o animo ao expediente dos ne-
Trata das gocios particulares; premiando aos soldados que
confus do hauiaõ seruido, aos quaes deixava taõ satisfeitos
Estado. do despacho, como do agrado. Deu Capitaens ás fortalezas vagas, em quanto os prouidos por el Rey naõ entravaõ; fazendo do merecimento dos homens estimaçaõ taõ justa, que nem à conuenien-

ueniencia, nem o Estado ficaua deuedor: virtude nos Principes difficultosa, & nos ministros rara.

Naõ ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusaõ da guerra, & estrondo das armas, acodia aos negocios da Religiaõ, como se sô para os zelar, fora enuiado; & porque el Rey Dom Ioaõ assi conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encommendaua a dilataçaõ da fé, & culto diuino; & de hũa carta que sobre esta materia lhe escreueo, se colhe bem, quam inflammados andauaõ na causa de Deos o Rey, & o Ministro; de que daremos a copia, para que veja o Mundo, que nossas armas no Oriente trouxeraõ mais filhos à Igreja, que vassallos ao Estado.

69

E das da
Religiaõ.

Carta d'el Rey a Dom Ioaõ de Castro.

Guernador amigo. O muito que importa olharem os Principes Christaõs polas cousas da fé, & na conseruaçam d'ella empregar suas forças, me obriga auizaruos do grande sentimento que tenho, de nam só por muitas partes da India a Nõs sujeitas, mas ainda dentro da nossa Cidade de Goa, sejam os Idolos venerados; lugares em que mais fora raçam que a fé florecéra; & porque tambem somos informados da muita liberdade cõ que celebram festas gẽtilicas, vos mãdamos, que descubrindo todos os Idolos por ministros diligentes, os extinguais, & façais em pedaços em qualquer lugar onde forẽ achados, publicando rigorosas penas contra quaesquer pessoas que se atreuerem a laurar, fundir, esculpir, debuxar, pintar, ou tirar a luz, qualquer figura de Idolo em metal, bronze, madeira, barro, ou outra qualquer mate-

*materia, ou trazelos de outras partes; E contra os que celebrarem publica, ou priuadamente alguns jogos, que tenham qualquer cheiro gentilico, ou ajudarem, E occultarem os Bramenes, pestilenciaes inimigos do nome Christam. A qualquer de todos os sobreditos, que encorrer em semelhantes crimes, he nossa vontade, que os castigueis com a seueridade que dispuser a prematica, ou bando, sem admitir appellaçam, nem dispensar em cousa alguma; E porque os Gentios se sujeitem ao jugo Euangelico, nam só conuenidos com a pureza da fé, E alentados com a esperança da vida eterna, senam tambem ajudados com alguns fauores temporaes, que amansam muito os coraçoes dos subditos; procurareis cõ muitas veras, que os nõuos Christaõs d'aqui adiante consigam, E gozem todas as exempçoens, E liberdades dos tributos, gozando dos priuilegios, E officios honrados, que até aqui costumauão gozar os Gentios. Hauemos tambem sido informados, que em nossas armadas vãõ muitos Indios forçados, fazendo para isso despesas inuoluntarias; E desejando Nõs o remedio de tam grande excessõ, vos mandamos, que d'esta violencia sejam os Christaõs isentos; E sendo a necessidade mui urgente, prouereis, como, em caso que vam, se lhes dè satisfaçam cada dia de seu trabalho, com a fidelidade que de vosso cuidado, E diligencia esperamos. Hauenão tambem sabido de pessoas graues, E si ledignas (com particular sentimento nosso) que alguns Portugueses compram escrauos por pouco preço para os vender aos Mouros, E outros mercadores barbaros por interessar alguma cousa nelles, com notauel detrimento de suas almas, pois poderiam facilmente ser conuertidos à fé, vos mandamos empregueis todas vossas forças em atalhar tamanho mal, impedindo semelhantes vendas, polo grande seruiço que nisso se faz a Deos, E nos fareis, se com o rigor que o caso pede, remediats huma cousa que tam mal nos parece. Procurareis, que se refree a excessiua licença de muitos usurarios, que hauemos sabido andam, sem em-
bargo*

bargo de huma ley das antigas de Goa, a qual desde logo reuogamos, & vós reuogareis, tirandoa do corpo das de mais, como contraria à Religiam Christam. Em Baçaim dareis ordem, como se leuante logo hum Templo com a inuocacãm de São Ioseph, sinalandolhe por nossa contarenda para hum Reitor, & alguns Beneficiados, & Capellaens, que nelle siruam. E porque os Prégadores, & ministros da fé padecem algumas necessidades por tratarem da conuersam dos Gentios, quereamos, & he nossa vontade; que se lhes dem algumas ajudas de custo, & sô para isto lançareis de tributo cada anno tres mil pardaos às Mesquitas, que tem os Mouros em nossos senhorios. Tambem por conta de nossas alfandegas, & dereitos, dareis trezentas fanégas de arroz perpetuas, para alimenios d'aquelles, que nas terras de Chaul hà conuertido, & conueter o Vigairo Miguel Vaz; a qual quantidade mandamos entregar ao Bispo, para que elle areparta, conforme vir a necessidade. Hauemos tambem sabido, que nas terras de Còchim sam defraudados os pesos, & medidas dos Christãos de S. Thomé pelos nossos mercadores, que alli vendem pimenta, & que lhes tiram as crescenças, que com justo peso, & medida se dauam de sobejo, conforme o antigo costume, aos quaes por muitos respeitoes fora melhor fauorecer, que agrauar; polo que dareis ordem, que se lhes guardem seus antigos costumes. Assi mesmo tratareis com el Rey de Còchim, que faça tirar certos ritos, & supersticoens Gentilicas, que na venda da pimenta costumam fazer seus agoureiros, pois nisso lhe vai pouco a elle, & he de grande escandalo para os Christãos, que alli contratam. E porque hà chegado à nossa noticia a violencia, que este Rey faz aos Indios, que recebem a fé, tomandolhes as fazendas; procurareis, com muitas veras, apartar ao ditto Rey (a quem sobre o caso escreuemos) de tam barbara crueldade, pois d'ella resulta tanto mal para almas, & corpos de seus vassallos, o que fará por ser nosso amigo, pondo vós da vossa parte o cui-

dado que vos encommendamos. E no que por vossas car-
 tas, & informaçoens nos auisastes, acerca de liurar os
 pouos de Socotorá da miseravel seruidam em que viuem,
 nos pareceo remedialo de maneira, que o Turco, cujos vas-
 sallos sam, nam infeste eßes mares com suas armadas, o
 que prouereis, como mais conuier, com conselho do Vigai-
 ro Miguel Vaz, cuja experiencia vos ajudará muito, as-
 si neste, como em todos os negocios arduos que se offere-
 cerem. Os da pescaria das Perolas, alem de outros males, &
 aggrauos que padecem, sabemos que recebem dano em suas
 fazendas, constrangendoos nossos Capitaens com pouco te-
 mor de Deos, a que sò para elles façam a pescaria com con-
 diçoens intoleraveis. Polo que desejando Nós, que nenhũ
 de nossos vasallos padeça aggrauo, ou violencia, vos
 mandamos que aos taes pòuos se lhes nam faça semelhan-
 te aggrauo, nem nossos Capitaens pretendam adquirir taõ
 injusta posse. E assi para euitar taes vexaçoens, & for-
 ças, vereis se aquellas costas estam sufficientemente guar-
 dadas, & se he possiuel cobraremse nossos dereitos, sem
 que alli haja armada; & achando isto pòde ser, tiràreis
 nossos Capitaens, mandando que nam se nauegue por aquel-
 las costas, por que d'esta maneira possam os naturaes gozar
 suas fazendas, & escusim aggrauos, & extorçoens. Sobre
 tudo vos encommendamos, que em tudo o que se offerecer
 consulteis ao Padre Francisco Xavier, & principalmente
 sobre se conuem ao augmento da Christandade da costa da
 Pescaria, que os nouamente conuertidos se nam occupem
 nella; ou quando se lhes permitta, que seja de maneira, que
 se conheçaõ nelles, com a noua Religiam, nõuos costumes, li-
 mitandofelhes a grande soltura com que se ham nella. Hane-
 mos tidotambem informaçam, que os que de nouo se conuer-
 tem da Gentilidade à nossa sancta fé, sam mal tratados, &
 desprezados de seus parentes, & amigos, desterrandoos de
 suas casas, & despojandoos de suas fazēdas cõ tanta injuria;
 & violēcia, que lhes he forçoso viuer miseravelmente, cõ grãde

*neceſſidade, e trabalho; para que couſa ſemelhante ſe reme-
 dee, fareis com conſelho do Vigairo Miguel Vaz, ſejam ſoc-
 corridos à noſſa cuſta, entregando o que ſe lhes houuer de dar
 ao Reitor que d'elles tuer cuidado, para que cada anno lho
 reparta da maneira que mais conuier. Iuntamente hauemos
 ſabido, que de Ceilaõ ſe veio para Goa hũ mancebo fugido à fu-
 ria, e indignaçam de ſeus parentes, e que ſendo (como he)
 da caſa Real, lhe pertence a ſucceſſam do Reyno; ſobre o que
 nos pareceo, que para exemplo dos mais conuertidos, e por
 conuerter, o accommodeis, já que he Chriſtam, no Collegio de
 S. Paulo d'eſſa Cidade, onde à noſſa cuſta ſeja prouido de tu-
 do o que lhe for neceſſario para ſua ſuſtentaçãõ, e regalo, e
 caſas onde eſteja, em maneira, que bẽ ſe veja noſſa grandeza
 com ſemelhantes peſſoas; alem do que tratareis de aueriguar
 o direito que pretende ter ao Reyno, e o que acerca d'eſte pon-
 to vos conſtar, nos mandareis authentico, para prouermos o
 que mais conuier; e entre tanto he noſſa vontade, que com
 todo o rigor tomeis conta ao Tyranno das crueldades que
 executou nos que à noſſa ſançta fé ſe conuerteraõ, obrigãdo
 que dé ſatisfaçam a tam grande insolencia, para que todos
 os Principes da India vejam quanto nõs apraz a juſtiça, e
 como tomamos à noſſa conta o fauorecer os que pouco po-
 dem. E porque nam he conueniente, que os officiaes Gen-
 tios fundam, pintem, ou laurem (como atégora ſe lhes per-
 mettio) imagens, e figuras de Chriſto ſenhor noſſo, nem de
 ſeus Sanctos, para venderem; mandamos que ponhais toda
 diligencia em o impedir, pondo penas, que o que ſe prouar
 que fez alguma imagem das ſobreditas, perca ſua fa-
 zenda, e lhe dem duzentos açoutes, porque ſem du-
 uida parecerã muito mal imagens, que representam
 myſterios tam ſançtos, andarem por mãos de idolatras
 Gentios. Da meſma maneira ſabemos, que as Igrejas de
 Cochim, e Coulam, que de nouo ſe começaram, eſtam
 por acabar, deſcubertas, e expõſtas a todas as inclemen-
 cias do tempo, o que nam ſõ parece mal, mas ainda he em*

perjuizo do edificio; polo que mandareis que se continuem até se acabar, sem reparar no custo; e isto por mãos, e traça dos melhores architectos, e officiaes. Em Naram mandareis tambem edificar huma Igreja em honra, e com a inuocaçam do Apostolo S. Thomè; e acabar em Calapor a que está começada com o nome de Sancta Cruz; e na Ilha vezinha de Coram levantareis outra, da traça, e magestade que vos parecer conueniente, pois he cousa, que nada mais despertará nos Gentios a deuaçam às cousas de nossa sancta fé, que a affeição que de nossa parte virem. Alem do que vos encommendo mui apertadamente, que em lugares accommodados fundeis estudos, e casas de deuaçam, às quaes em certos dias acudam aos Sermoens, e praticas espirituaes, nam só os Christãos, mas tambem os Gentios, para que por esta via se affeioem a nossa sancta fé, e ao conhecimento dos erros em que viuem, aluminandolhes as almas com a luz do Euangolho; para o que escolhereis ministros em que haja as partes, que semelhante ministerio requiere. E porque sobre tudo grandemente deseamos, que neste Estado seja o nome do Senhor Deos conhecido, e reuerenciado, e sua sancta fé recebida, queremos, e he nossa vontade, que em todas as terras de Salfete, e Bardèz, sejam de raiz arrancados todos os Idolos, e o culto infernal, que nelles ainda se lhes faz; e para que isto se execute com menos difficuldade, e sem ser para isso necessaria força, ou violencia alguma, ordenamos que os Prégadores em seus Sermoens, e disputas laurem com tanta prudencia, e zelo, os coraçoes dos Gentios, que como o fauor de Deos, conheçam o bem que se lhes procura, em os trazer ao conhecimento de seus erros, e tirar da miseravel seruidam do Diabo em que estão, da qual só se podem liurar, abraçandose com a sancta fé, que he o caminho unico de conhecer a cegueira em que os traz Sathanàs, para nam verem quanto lhes importa a saluaçam de suas almas; e polo muito que importa a este negocio, que os ministros d' elle sejam

de

de boa vida , & costumes , & letras sufficientes , os elegereis taes , que se possa esperar d'elles o effeito que desejamos ; encommendarheseis o cuidado , & diligencia , que importa ponham de sua parte , & da vossa procurai attrahir , & favorecer a todos , em particular aos nobres , & principaes , (a cujo exemplo os de mais se mouem) de maneira , que reduzidos estes a nossa sancta fé , pouca difficuldade haueirà em conuverter a gente commum , que logo fara o que vir fazer aos seus maiores. Os que se conuverterem sejam bem tratados , para que os mais se affeiçoem , favorecendoos nam só em géral , mas ainda em particular , por pobres , & miseraveis que scjam. De tudo isto nos pareceo daruos conta , para que segundo a confiança que de vossa diligencia , & cuidado temos , deis a tudo o remedio , de que resultará a Deos nosso Senhor muita gloria , & Nós volo teremos em particular seruiço. Dada em Almeirim a oito de Março anno do Nascimento de nosso Senhor Iesu Christo de mil quinhentos quarenta & seis.

R E Y.

D'esta carta deu Dom Ioaõ à execuçaõ aquillo que com as armas na maõ podia obrar , porque foi o tempo de seu gouerno hũa continuada batalha , & os soldados com as licenças da guerra estauaõ mais promptos a estragar leys , que a emendar costumes ; porém a historia nos mostrará naõ leues argumentos de seu zelo , gratificado do Ceo com sinaes , & marauilhas , de que referirei hũa , que aconteceu nas Malucas , que por ter a

70

direcção de feu gouerno , substanciarei o caso breuemente , como he meu costume.

71

*Milagro-
so successo
nas Ma-
lucas.*

Hauia naquellas Ilhas resplandecido a luz do Euangelho , porque S. Francisco Xavier , como fiel obreiro da vinha do Senhor , alimpou em grande parte a quella terra das espinhas, & cardos da infidelidade; se bẽ deuemos a primeira cultura, ao grande Portuges Antonio Galuão, valeroso Governador, & Apostolo zeloso d'aquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruto com marauilhosa conuersão de almas, que recebẽrão com o Bautismo o suaue jugo de Christo, assi da plebe, como dos Regulos, & Magnâtes, todos dõceis à obediencia do Euangelho. Sentia o Demonio, que naquellas treuas da Gentilidade apparecesse a luz do Ceo, a descubririlhe os caminhos da vida, & armou contra a innocente Christandade hum Genticio d'aquellas partes, que hauia tyrannizado a Ilha de Moro, & se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os nouos conuertidos, obrigandoos cõ inuentadas crueldades a ser apostatas da fé, que tinhaõ professado, pola qual muitos chegarão a derramar o sangue com felice martyrio; porem outros com fé menos robusta cedẽrão aos tormentos. Crescia o desaforo do Tyranno cõ injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo deste idòlâtra em obsequio da fé, & seruiço do Estado. Os perseguidos, & os temerosos acodiaõ com queixas aos Portugueses, que estauaõ em Ternate, os quaes resolutos a

do-

domar este Barbaro se dispuserão, com mais zelo que forças, a buscalo em sua mesma casa. Não pode fer este mouimento tão occulto, que o não entendesse o Tyranno, que se apercebeo para a defenfa, fortificando a entrada da Ilha com trincheiras, & estacadas fortes, & quando os nossos ganhasssem estes reparos, tinha cuberto os passos que guiauão á Cidade com estrêpes, & púas de ferro, tocados de erua, onde passando os nossos furiosos da colera, & victoria, se perderiaõ sem remedio. Assi foi, vencida a primeira estacada, que os Barbaros largaraõ com facil resistencia, quiçã fiados no segúdo engano, querendo a nossa gente passar incauta, ceuada mais no alcance com a fugida do inimigo (caso marauilhofo !) caio do Ceo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguiraõ a victoria por cima dos estrêpes, onde a cinza abrio caminho sólido, & seguro; assi o referiaõ depois os mesmos Barbaros admirados, seruindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da ley que perseguaõ.

Assi se dauaõ as mãos na Asia a fé, & o imperio nos dias de Dom Ioão de Castro, trazendo em huma mão a ley, & n'outra a espada, dando que discorrer ao Oriête, sobre húa acção tão grãde, como fora foster huma guerra voluntaria pela tutèla Meale, hum Mouro perseguido, a quem os vassallos negaraõ a fé, & os Principes de seu sangue hum piedoso amparo.

72

73

Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triumphos de suas victorias, porque logo o comecçou a despertar Cambaya com os rumores de outra noua guerra, de que já as intelligencias do Estado ouuiaõ os eccos, a qual referiremos em liuro separado, por ser de.nossa Historia a porção mais illustre.





V I D A

D E

DIOAM DE CASTRO

IV. Vifo-Rey da India.

LIVRO SEGVNDO.



O M a mortte de Soltaõ Badur Rey de Cambaya, ficou o nome Portugues mais temido, que amado; dos Principes da Asia; porque como suas culpas eraõ occultas, & o castigo publico, tinha Badur em fauor de seu sãgue os juizos dos homẽs, ou pola commiseraçãõ natural dos que padecem; ou por veneraçãõ da Regalia, & odio de nosso imperio, taõ aborrecido por estranho, como por poderoso.

Mahamud Rey de Cambaya, herdeiro da Co-roa, & da injuria de Badur, cuja morte succedida no gouerno do grande Nuno da Cunha, referem nossas Chronicas, inflammado igualmente da gloria, & da vingança, emprendeo tomar aos Portugueses Dio, & com liga de outros Princes,

1

2

Trata el-Rey de Cambaya de tomar Dio.

pes, lançalos da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorriaõ, que o Estado era hum corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, & terras interpostas, & que era taõ grande o poder de Cambaya, que tanto com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido entaõ por varios accidentes. Os Grandes, & Sãtrapas do Reyno se partiaõ em pareceres differentes; hũs ajuizauaõ jã por fataes as armas Portuguezas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhaõ as feridas, & a memoria fresca; & ainda que os estimulaua a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpauaõ a sua. Reprendiaõ os primeiros, que assentãraõ pazes com o Estado, & aos que agora intentauaõ quebralas; estes porque não sabiaõ guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como foè succeder nas cousas incertas) discorriaõ ao contrario, & achauaõ tantas razoens para a guerra, como para a victoria.

³
Persuadi-
do de Co-
ge Çofar.
 Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso, & aborrecido de Cambaya, & que da priuança d'el-Rey lograua a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessariaõ as enuejas de sua fortuna, & as emulações dos Grandes, como vicios da paz, & que com os pôstos, & meneos da guerra, faria homẽs de
 nouo,

nouo, que como creaturas suas lhe seriaõ fieis. Darei huma breue noticia d'este homem, porque diuerſas vezes nestes eſcritos ſe ha de ouuir ſeu nome.

Foi Coge Çofar de nação Albanez, filho de pays Catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Seruio alguns annos nas guerras de Italia, mais conhecido por insolête, que soldado; nos motins, & rebellioês era buscado, como peor que todos; assi passou algûs annos aquella vida liure, ſem premio, nem castigo, como homem inquieto; querendo antes buscar a fortuna, que eſperala, mudou de profiſſão de soldado a mercador, porque era intelligente, & cobiçoso, para ſeus intentos era eſte caminho mais breue, & mais ſeguro. Começou em pouco tempo a crescer nos tratos, como quem ſabia as oppor-tunidades, & monçoês do commercio, ſendo em hum meſmo tempo, liberal, & auaro, ſeruindoſe o artificio dos vicios, & virtudes. Veo enfim a medrar cõ cabedal, & credito, de ſorte que nauegando o Eſtreito com tres ſétias ſuas, carregadas de differentes drôgas, encontrou a Rax Solimaõ General do Soldaõ do Cairo, que o inueſtio, rendeo, & despojou. Foi a preſa maior que a victoria, & Solimaõ por credito de ſua meſma fama, lhe fez honrado tratamento, aprezentandoo ao Soldaõ, como prifio-neiro de maior porte, fazendo maior eſtimação da peſſoa que da preſa. Começou Coge Çofar a contentarſe de ſua deſgraça, como ſe a buscará;

4

*Quem e-
ra Coge
Çofar.*

tinha

tinha sufficiente pratica da guerra , aprendida nos exercitos de Italia , & Flandes ; fallaua no poder dos Christaõs com odio , & desprezo , como ensinando ao Soldaõ a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veo o Soldaõ a pòr os olhos no escravo para cousas maiores ; começou a ouuilo , ao principio por curiosidade , logo por afeição. Approuualhe Coge Çofar os erros , & os acertos , com huma lisonja taõ encuberta , que parecia liberdade , porque naõ mostrava que queria agradar , senaõ seruir. Encubria a graça do Soldaõ , & euitaua fauores publicos , mais cauto , que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo , officio de grande confiança , que administrou com juizo , & verdade ; louuadas pelo Soldaõ , como virtudes , entre barbaros nouas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra , já pola pratica , já pola valia. Nas facções contra Christaõs , votaua com grande bizarria , particularmente nas que se hauiaõ de executar por outros ; & assi cresceo de maneira , que já naõ podia com sua mesma fortuna ; & naõ querendo conseruar-se com as mesmas artes , com que haui medrado , veo descubrir a ambição , & soberba ; fez-se senhor dos lugares , buscando com maior attenção os póstos que os amigos ; os quaes já naõ queria para arrímo , nem para companhia ; só do Soldaõ queria parecer escravo , & dos outros senhor. Empenhaua , & destruía os maiores com pretextos publicos , como querendo in-

troduzir Monarchia de dous; até que cansados os Mouros de taõ feruil paciencia, começãraõ a publicar queixas com que perturbar o animo do Soldaõ na graça de Cofar; assi lhe representãraõ com grande sentimento seus aggrauos, dizendo, que já era escusado armar galès contra Christaõs, se depois hauiaõ de fazer senhores a seus mesmos escrauos, quando os Turcos mais nobres recebiaõ dos Christaõs taõ cruel tratamento, que andauã por Italia, & Hespanha arrastando cadeas, chegando a escreuerlhes no rosto com infames letras os sinaes de catiuos; que naõ era tolerauel, que tantos Baxàs illustres estivessem recebendo leys de hum vil escrauo; que ainda que viaõ com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já naõ podiaõ sofrer as do Propheta; naõ entrando em suas Mesquitas hum vil Christaõ, soberbo, & irreuerente, que naõ faltaua já mais, que nas praças do Cairo, mandar leuantar Cruzes, & adoralas.

Forã estas cousas dittas com tanta liberdade, que mais pareciaõ cõjuraçaõ que queixa; & como entre os aggrauos particulares enuoluiaõ a causa da Religiaõ, que costuma leuar tras si a justificaçaõ, & amor publico, forã bem ouuidas do Soldaõ, priuando a Cofar dos cargos, & mandandolhe que mudasse de crença: taõ caduca he a graça dos Principes, ainda com suas creaturas mesmas.

Vendose Cofar caído, tornou a vistir a primeira humildade, & as artes, que a necessidade

*Como veio
a Camba-
ja.*

do tempo lhe ensinava; & como de Christão fô conferuava o nome, & a memoria, foilhe facil trocar polo veneno do Alcoraõ a faude Euangelica, mudando o nome imposto no Bautifmo, por este de Coge Cofar, que lhe dèmos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que reue. Feito Cofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, saneando o odio dos émulos com dadiuas, & o da plèbe com a noua apostasia, com que purgou as fofpeitas na fidelidade, obrando com ambiçaõ mais cauta, com que se fazia mais affabel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do Soldaõ, temeroso de segunda queda, naõ tendo por segura hũa vontade já reconciliada, matando hũa noite à traçaõ a Rax Solimaõ seu mortal inimigo com hum filho que tinha, juntou as joyas, & dinheiro que pode, & se passou secretamente ao seruiço d'el Rey de Cambaya, de cuja grandeza, & liberalidade tinha inteiras noticias, & da estimaçaõ que fazia de homens estrãgeiros, principalmente d'aquelles que tinhaõ algũa pratica das guerras, & policia de Europa. Respondeolhe o successo ao pensamento, porque em breue tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria, sendo companheiro de suas victorias, & de suas desgraças, achandose na vltima de sua morte, como nossas historias referem; porém já taõ engrandecido nos faoures Reaes, que em poder,

poder, & authoridade era o maior vassallo; conseruando com Mahamud successor da Coroa a mesma estimaçãõ, ao qual inflammaua na vingança da morte de Badur, polos fins que temos referido, & por merecer a graça do nouo Principe, com o amor, & fidelidade que mostraua às cinzas do defunto; he fama, que ante o Rey, & Sàtrapas de Cambaya, fallou nesta substancia.

As mercês que por espaço de dez annos recebi de Soltam Badur, sam manifestas a todos; aos de fóra com espãto de sua grandeza, aos de casa com enueja de minha fortuna; posme os olhos, & leuantoume como vapor da terra; antepondome estranho, & peregrino, aos que lhe nascéram em casa; sendo vassallo me tratou como amigo, & me amou como filho. A este clementissimo Principe (cujas cinzas venéro como de senhor, choro como de pay) debaixo do sagrado da paz, tiràram os Portugueses a viãa com escandalo de todos os Reys, & nam menor injuria de seus vassallos, indignos de o hauermos sido de Principe tam grande, pois insensueis, & ingratos estamos, alimentando os homicidas de nosso Monarcha em nossa mesma casa, gozando como herança a praça, que asseguràram com tam atroz delicto; hontem hospedes, & agora senhores. Vós, ó Principe herdeiro, & senhor d'este Imperio, vedes vossos vassallos cada dia receber leys d'estes insultuosos; a vòs toca determinar a quem hauemos de obedecer primeiro, se a nosso Rey, se a nossos inimigos. Crescerà com a nossa paciencia o seu atreuimento. Depois de comettido o maior delicto, qual nam teram por leue? Quem duuidarà ser offensor onde se nam vingam injurias? Acabamos pois de despertar d'este mortal leihargo; metamos até os cotouelos os braços no sangue d'estes crueis tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges, porque percam cõas vidas, a gloria de tam grandes in-

sultos. Com o sangue de Badur recebêram as armas Portuguezas a maior fama do mais atroz delicto, e deixamosihes na mão a espada, com que nos degolaram o Rey, para que com ella mesma nos usurpem o Reyno; tiremos pois d'entre nós estas biboras nascidas no ultimo Occidente, para inficionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamam victorias. E começando naquelle primeiro Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, deram fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o primeiro a quem cortou seu ferro. As naos de Meca, que no amparo do Propheia, e paz das ondas, nauegauam seguras, foram assaltadas, e rendidas d'este cofario, que tantos annos, como monstro do mar, teue por casa as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois aquelle Dom Francisco de Almeida, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto, e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, parece que queria beber o sangue do Oriente todo, se hum Alb.querque successor de sua crueldade, e seu governo, lhe nam viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de todas as Monarchias, porque com senhorear Malaca, pos a todo o Sul freo; rendeo Ormuz, emporio das riquezas do Mundo; tomou Goa ao Sabayo para cabeça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer os exercitos de Xerxes, ou Dario, fez tributarios mais Reynos do que trazia soldados; leuando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do Propbeta; pos em conselho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; emprendendo seu espirito fazer duas tam famosas injurias, huma ao Ceo, outra à natureza. Nam poderei referir a ambiçam de tantos, que com nossas injurias se fizeram illustres, porque temo me nam caiba no tempo, ou na memoria; porém lançai pelas mais remôtas partes do Oriete a vista, ou o juizo, vereis a maior parte do Mundo receber leys de poder tam pequeno. Elles nauegauam d'aquella parte de Africa, que corre do Cabo de

de Boa Esperança até as portas do Estreito do mar Roxo, dominando por aquella parte Moçambique, Çofála, Quilòã, & Mombaça; & discorrendo o Cabo de Guardafu, olhando para as gargantas do mar Roxo, Adem, Xael, Herit, Caxem. Temem suas armadas as Cidades de Dofar, & Norbete no Cabo de Fartaque, & logo Curia, Muria, Rozalgate. Aqui fica a Cidade de Ormuz; alli a Ilha de Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfacam, & Lima; o Cabo Mocandam, & Iazque, que formão a boca do Estreito, que se estende até o rio Indo; logo o Cabo Guzarate, & Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o Cabo de Comori passeam suas armadas a India por espaço de trezentas legoas, & começando d'esta nossa Cidade de Cambaya discorrem por Madigam, Gandur, Barroche, Çurrate, Reyner, Moscarin, Damam, Taraper, Baçaim, Chaul, Bador, Cifardam, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatam, Tamega, Banda, Chaporã. Senhoreaõ Goa, aßento de seus Governadores, & logo o maritimo do Canarã, com Onor, Baticalã, Braçalor, Bracador, & Mangalor; & logo aquella parte principal do Malabar, que aquentam suas froças, onde o Reyno de Cananor, & nelle Catecoulam, Marabia, Tramapatam, Maim, Parepatam. Com nam menos soberba assombram o Imperio de Calecut com seus pórtos de Pandarane, Coulate, Charè, Capocate, Parangale, Tanor, Panane, Balcançor, & Chaturua. Nos Reynos de Cananor, & de Cochim quasi dominam com absoluto imperio em Porcã, Coulam, Calecoulaõ, Dotorã, Birinjam, Trauancor. Alcança o respeito de suas armas até o famoso Cabo Comori, de frente do qual està a illustre Ilha de Ceilam, onde carregam as naos de diferentes dióças. Nam perdoam à enseada de Bengala, ou seo do Gãnge, auistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, Chercapale, Tutucuri, Calecarè, Beàdala, Canhamorra. Correm Negapatam, Nabor, Triminipatam, Tragumbar Coloram, Calapate Sadra-

patam. Amedrentam com a multidad , & grandesa de seus baixeis Biznagà , & a costa brava de Orixá , & toda aquella distancia , que ha de Segopora até Oristam , & as bocas do Ganges. Atraveßam o cabo de Negraes , Arracaõ , & Pegu com tantas , & tam marauilhosas Ilhas. Passam por Vagaiu , & Martauam , Tagala , & Fauay , Tanaçari , Lungur , Tairam , Quedã , Solungor , navegando até sua Malaca , cabeça de todo aquelle Archipelago. E logo dobrando o cabo de Sincapura , ancóram nos portos dos Reynos de Syam , Camboya , Champã , & Cochinchina. E passando aos Reynos da China , se atreuêram a olhar àquelle tam recatado Imperio , que nunca soffreo a communicaçam de gentes estrangeiras ; alli fundãram a celebre Cidade de Macao , por onde persuadem aos Chins os Mystérios de sua crença , fazendo juntamente do commercio à Religam escada. D'aqui se diuertem para as innumeraveis Ilhas de Iapam ; visitando Tava , Timor , Borneo , Banda , Maluco , Lequios ; de sorte , que as velas Portuguesas cõ incansavel navegaçam , rodeam a môr parte do Mundo em distancia de mais de nove mil legoas , que a tam ardua navegaçam os estimou sua ambiçam , guiou sua fortuna. Repei prolixamente todo o maritimo da Asia , onde as armas Portuguesas , por imperio , ou commercio , se ham feito conhecidas , porque de tam derramadas Conquistas , faz o Mundo erradamente o maior argumento de seu poder , & eu de sua fraqueza ; porque sendo Portugal hum abreviado Reyno no ultimo Occidente , & com perpetuas guerras na Africa vezinha , onde se consumem com os successos prosperos , & aduersos , comendolhes sempre gente a guerra nas facçoens , & nas praças , que guarnecem , & agora nam podendo caber aonde nascêram , como aborrecendo o Ceo , & o clima , que os hà produzido , andam vagando o Mundo , como se lhes fora usurpado o senhorio dos homens , das terras , & dos ventos. Agora deixo ao mais rasteiro entendimento , que julgue o pouco que se podem temer forças tam diuididas ;

as quaes na maior prosperidade vam acabando suas mesmas victorias. Que temos que recear d'este imperio de loucos, que com hum braço na Asia, outro no Occidente, querem abarcar o Mundo. Na India tem muitos Principes sujeitos, porém nenhum amigo; todos aos dominantes adoram, e aborrecem, porque com nenhum assentaram os Portugueses paz, senam depois de victorias, e estragos; desor-te que nam o amor, senam a injuria os tem feito conformes; e todos estes seruem em quanto nam podem offender. Mas que será se virem a Soltam Mahamud armado na campanha? Quem duuida, que todos os offendidos serem nossos soldados? Fizeram muitos Reys tributarios à força de armas, e dado, que d'ellas mesmas hoje recebem amparo, mais facilmente esquece hum beneficio, que hũa injuria. Selim senhor dos Turcos ainda vê abertas as feridas dos seus Ianizaros recebidas em Dio; e quem está tam pouco costumado a receber injurias, nam perderà a occasiam de vingar a primeira; ou sendo autor da guerra, ou companheiro nella, ambicioso tambem de que a melhor parte do Mundo conheça seu imperio. O çamorim depois que entraram os Portugueses no Oriente, nam tem porto que nam fosse theatro de victorias suas; e apenas tem vassallo que nam fosse cortado de seu ferro. O Hidalcam cada dia vê regadas de sangue as terras de Bardéz, e Salsete; e depois de o Governador lhe fazer injusta guerra, trouxe Meale a Goa, querendo honestarlhe sua ruína com a justiça alhea. Todos os outros Principes se ham de armar contra o commum inimigo, para podcrem respirar na antiga liberdade em que viuiam. Polo que a mim toca, os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço a esta guerra, se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fidelidade; e em ambos os successos nam terei por menos honrada a morte, que a victoria.

8 *O Soldado apro-
ua, & lhe en-
carrega a em-
presa.* As razões de Coge Çofar foram bem ouvidas, polo odio da causa, & authoridade da pessoa. El-Rey, depois de lhe engrandecer a fidelidade lhe commetteo a empresa, como a maior que todos no zelo, & disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos Reys vezinhos, acordandolhes suas mesmas injurias, & offerecêdolhes as armas de seu Principe, como em beneficio dos aggrauos de todos. Despachou Embaixadores a Cõstãtinopla conuidãdo o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsaõ dos Portugueses da India, negocio taõ importante à Religiaõ, como ao Estado. Facilitaua o soccorro, que lhe pedia, com hum donatiuo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendesse.

9 *Dom Ioão Mascarenhas Capitão de Dio.* Era neste tempo Dom Ioão Mascarenhas Capitão mór de Dio, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varaõ taõ benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, & que todos seus apercebimentos ameaçauaõ aquella fortaleza, escreveu ao Governador Dom Ioão de Castro os auisos que tinha, & como estaua falto de gente, munições, & petrechos; descuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiça assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Acrescentaua, que os aprestos do Soldaõ estauaõ mui auante, o inimigo

migo vezinho, & que os temporaes do inuerno não tardariaõ muito, com que ficariaõ cerradas as portas ao soccoro.

Quando Dom Ioaõ de Castro recebeo este auiso, tinha já mandado duzentos soldados à quella fortaleza, debaixo das Capitánias de Dom Ioaõ, & Dom Pedro de Almeyda, filhos de D. Lopo de Almeyda, eraõ os ourros Capitaens Gil Coutinho, & Luis de Sousa, filho do Cháceler mór do Reyno. E para conhecer o estado em que se achaua o inimigo, despachou dous enuiados praticos no maritimo, & fertaõ de Cambaya com cartas a Soltaõ Mahamud, em que lhe significaua as noticias que tinha das conduçoens, & aprestos que fazia, de que lhe deuia dar conta, pois como amigo o queria acõpanhar na empresa; que na occasiaõ presente lhe seria mui facil, por ter prõpta no mar hũa poderosa armada; & que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com muniçoens sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado de huma paz ociosa. E logo encommendou aos enuiados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo; os soccoros que tinha; & o rumor do pouo, para por elle penetrar os desenhos da empresa. Mas em quanto os nossos enuiados daõ à véla, poremos hũ pequeno silencio nas coufas de Cábaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiueram a direcção d'este mesmo gouerno.

10

*Que es-
criue ao
Soldaõ.*

II
*Dereito
 dos Reys
 de Portu-
 gal sobre
 as Malu-
 cas.*

Estiueraõ as Malucas muitos annos à obediência de nossas leys, descubertas, & cõquistadas cõ as armas d'esta Coroa, que foraõ as primeiras da Europa, que viraõ aquellas Ilhasas, ques entrauaõ na nossa demarcação, conforme à repartição que os Papas fizeraõ entre os Reys de Portugal, & Castella, tendo elRey Dom Manoel em seu fauor o direito das armas, & o das leys, naõ sendo estas Ilhas de Portugal sómente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo d'elRey Dom Manoel, o vltimo, & primeiro d'este nome, corriaõ naquellas Ilhas com igual prosperidade o diuino, & humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Euangelho nas treuas d'aquelle Paganismo, recebendo muitos Reynos de taõ ditoso Principe Religiaõ, & Imperio. Foi, entre outros, elRey Dom Manoel (que em Goa recebeu o Bautismo) Rey, & senhor das principais Ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruído nos mysterios de nossa crença, voltando a gouernar, & doutrinar seus pòuos, faleceo em Malaca sem descendencia alguma; & por gratidaõ dos beneficios, que d'esta Coroa hauia recebido, deixou a elRey Dom Ioão o Terceiro d'este nome por herdeiro dos Reynos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades ciuis, para que andasse vinculado successiuamente na Coroa Portuguesa. Estas Ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas

com

com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opiniaõ dos melhores Juristas, & Geographos.

Achou o Governador Dom Ioão de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no seruiço do Estado, & da linha Real do vltimo Principe Dom Manoel, o mais conjunto em sangue, porém taõ pobre por varios accidentes, que passou á India, encommendandose à clemencia dos nossos. O Governador, parecendolhe suas misérias indignas de seu sangue (crendo que ficaua a memoria de nossos Reys mais honrada com dar hum Keyno, do que recebelo) lhe deu a enuestidura da Coroa de Maluco, com que ficasse o vso da Regalia dependente do cetro Portugues, nelle, & seus descendentes; attribuindo os Reys da India taõ grande donatiuo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantandose, que fizessimos tanto por adquirir, o que sabiamos largar tam facilmente.

Entretanto as cousas de Maluco estauaõ alteradas com a vinda de tres nauios Castelhanos, que derrotados auistaraõ aquellas Ilhas, desembarcando na de Tidõre para repararse das fortunas do mar, & levar a seu Principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposiçaõ que os nossos lhes fizeraõ, por caírem estes successos debaixo de outro gouerno, & andarem já com melhor penna escritos; tratarei só precisamente do succedido nos dias de

12

*O Governador as
dã a Cachil Aeyro.*

13

*vão Castelhanos
a ellas.*

Dom

Dom Ioaõ de Castro, o qual mandou a Maluco a Fernão de Sousa de Tauora para desfalojar os Castelhanos, que conuidados da abundancia, & riqueza da terra, queriaõ gozar o fruto dos trabalhos alheos, perturbandonos a paz, & commercio d'aquellas Ilhas, de que a conquista, & herança nos fizeraõ duas vezes senhores. Governaua os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este hauia feito ostentaçaõ soberba das grandes forças do Emperador Carlos V. seu senhor, & dos grandes vteis, que podiaõ receber de sua amizade aquelles Reys Gentios, na guerra, & no commercio, tratando a fama de nossas couças com grande abatimento; & como na opiniaõ dos homens he maior o esperado que o presente, algũas d'aquellas Ilhas tomãraõ a voz do Castelhanao, buscando para isso motiuos, ou aggrauos, huns leues, & outros esquecidos.

Quem era Capitão dos Castelhanos.

14

Fernão de Sousa chega a Maluco.

Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Sousa mãdado pelo Governador, que informado de Iurdaõ de Freitas Capitaõ mór da fortaleza, do estado das couças, entendeu, que o partido dos Castelhanos se engrossaua na esperança do soccorro, & riquezas, que promettiaõ de Espanha; porèm logo que Ruy Lopez teue auiso da vinda de Fernão de Sousa, & do negocio a que era mandado, querendo com arte escusar, ou entreter o rompimento com nosco até chegar o soccorro de Espanha, que esperaua; o mandou visitar,

târ, escreuendolhe fadaçoens corteses, lembrâ-
 dolhe que estauão entre Gêntios, desejosos de
 nossas discordias, para ficarem senhores de si
 meismos; que affaz de guerras, & inimigos ti-
 nhamos na India; que para pouoarmos sós hum
 Mundo taõ grande, eramos muito poucos; que
 nos offerencia suas armas para com ellas termos o
 Gêntio mais obediente, porque como Espanhoes
 eraõ bons para soldados, & como Catholicos mui
 fieis para amigos; que considerasse, que era mais
 importante a Portugal a paz do Emperador que o
 crauo de Maluco, porque estas dissençaõs entre
 vassallos podiaõ vir a ter os effeitos das minas,
 que rebêtaõ muito distâtes donde se pega o fogo.

A esta carta composta de féros, & lisonjas, 15
 respondeo Fernão de Sousa, que elle era peque-
 no de corpo, mas taõ abreuiado na resoluçaõ,
 como na estatura; que aquellas Ilhas eraõ d'el Rey
 de Portugal seu senhor, que com a mesma espa-
 da com que as ganhàra podia defendelas; que
 bê sabia que era Espanhol, & Catholico, porém
 que isso naõ lhe daua justiça para tomarlhe a ca-
 pa; que o Emperador naõ faria guerra a Portugal,
 sem ler primeiro nas Chronicas de Castella os suc-
 cessos de seus antecessores; que ou se hauia de
 embarcar para a India, ou meterse com os seus
 naquella fortaleza, onde lhe daria embarcaçaõ
 segura para Espanha.

D'esta carta taõ dura entendeo o Caste-
 lhano, que Fernão de Sousa naõ queria curar o

H

nego-

*o Caste-
lhano tra-
ta entre-
telo.*

*Reposta
de Fernão
de Sousa.*

16

*Continua-
nao Caste-
lhano no
primeiro
intento.*

negocio com remedios largos , porèm vendo que não podia resistir , nem lhe conuinha desobedecer , escreueo segunda vez a Fernão de Sousa , que suspendessem as armas , auisando a seus Principes do estado das cousas , para que elles com pacifico acordo determinassem a causa , porque se antes d'esta diligencia se derramasse sangue , ficaria por conta dos Reys vingar a injuria dos vassallos ; que entre Portugal , & Castella hauia dereitos , & aggrauos , que a paz cobria , que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas de hum largo esquecimento ; que se os Castelhanos se retirassem queixosos , facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa ; que ainda que desbaratados do mar , & das doenças , se os obrigassem a condiçoens injustas , maior força lhes faria o brio , que a necessidade em que estauaõ.

17 Fernão de Sousa , entendendo dos rodeos d'esta carta , & de outras noticias , que os Castelhanos se queraõ remir com dilacoens , respondeo , que deixados argumentos , tratasse de defender com a espada seu direito.

18 Ruy Lopez de Villalobos , vendo d'esta resposta que o entendiaõ , ou que o desprezauaõ , escolheo deixar-se vencer da razão primeiro que da força , & logo respondeo a Fernão de Sousa , que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros , para assentarem as condiçoens da passagem , & embarcaçoã que lhe offerencia;

*Vemse es
dous Ca-
pitaens.*

cia; o que assi se fez, faindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma embarcação lustrosamente toldada, & emproando com a dos Castelhanos, que já o aguardauão, sobre qual dos Capitaens hauia de passarse à outra, em ceremonias prolixas gastáraõ largo tempo. Entrou o Castelhana de Fernão de Sousa, onde entre saudaçoens, & vrbanidades, abriu a conuersação porta ao negocio.

Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razoens de sua causa, reduzidas a escrituras outorgadas entre os Reys de Portugal, & Castella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito hauia de formar sua desculpa. Assi ficáraõ acordados, que dentro de tres dias viriaõ os Castelhanos meterse dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes dariaõ embarcação para a India, leuando liuremente a roupa, drógas, & armas que tiuessem; & que elRey de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça; As solemnidades com que rematáraõ esta concordia, foraõ hum largo banquete, brindando alegremente às saudes dos Reys: beneficio, que lhes repetáraõ muitas vezes. Ao conuite acrescentou Fernão de Sousa o seu çaguate, a vso da India, dando algumas joyas ao Capitam, & companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que leuauaõ, porque com o sainete do crauo saboreauam os desabrimentos da terra.

19

*Acordo
que to-
maõ.*

20

*Falta o
Castelha-
no à pro-
meſa.*

*E o que
niſto fez
Fernam
de Souſa.*

Despedidos os Capitaens ſe tornou Fernão de Souſa à fortaleza, contente de alhanar hum negocio taõ eſcabroſo, por meios taõ commodos à ſua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos ſe virem á noſſa fortaleza, ſe pos Fernão de Souſa mui galante para demonſtração do goſto com que eſperaua os hoſpedes, que foi buscar ao mar. O que ſabendo Ruy Lopez despedio huma embarcação da terra, pedindolhe ſuspendeſſe o negocio para o ſeguinte dia, porque andaua vencendo alguns inconuenientes, de que lhe daria conta. Fernão de Souſa entendendo, que a dilação era cautela, & que o Castelhano faltaua no concertado; como lhe deraõ o recado no mar, mandou forçar a vóga, & cõ mais paixãõ, que acordo, ſe foi meter defacompanhado entre os Castelhanos. O que viſto por Ruy Lopez o veio eſperar à praia cõ oitenta arcabuzeiros que trazia de guarda, & leuando a ſeus apoſentos, lhe deu conta da alteração, que entre os ſeus hauia; porque D. Alonſo Henriquez Capitaõ de hũ nauio, cobrindo ſeu particular intereſſe cõ o zelo de ſeruir a ſeu Principe, naõ queria eſtar polo capitulado, & tinha cõuocados amigos, & homẽs inquietos, que ſuſtẽtauaõ ſeu partido, perſuadindo couſas fantaſticas a elRey de Tidõre, & a outros, por engroſſar ſeu bãdo, chamãdo à ſua ſedição zelo, & à moderação do General fraqueza, pois entregaua as armas, & as bandeiras de Eſpanha, que jurara defender com

a vida,

da , como Mahamud tinha com o Estado , mais seguro lhe seria derribar paredes , que intentar leuantalas ; que o muro nem a nós seria de perigo , nem a ellès de amparo ; que entre a fortaleza , & a Cidade estaua outro reparo maior que a defendia , que era a fidelidade Portugueza ; que do nouo Senhorio lhe daua o parabem , & que dos Portugueses que alli estauaõ , fizesse a mesma conta que dos outros vassallos ; que o negocio , que propunha , tocava ao Governador da India , o qual estaua aprestando a armada para vir visitar aqualla fortaleza , que chegado elle lhe communicaria a sua proposta. E logo auisou ao Governador do estado das cousas , que já pelos enuiados , que mandara a Cambaya , tinha do cerco noticia mais inteira , recebendo do Soltaõ hũa resposta incerta , sem declarar , nem encobrir a jornada , fazendo relação intempestiua de passadas offensas , como quem (sem alterar a paz) queria comecar a guerra.

E auisa o Governador.

Porèm o Governador , dandose todo a este só negocio , pesando a importancia d'aquella praça , resolueo sobre sua defenfa empenhar as forças todas do Estado , sem perdoar a despesa , perigo , ou diligencia. As Cidades de Baçaim , & Chául , que eraõ as mais vezinhas , encomendou affectuosamente os soccorros de Dio , lembrando-lhes a honra , o premio , a obrigação ; & logo em Goa mandou aperceber hum carauelaõ com muniçoens , & bastimentos , & duzentos & cin-

23
Que soccorre Dio com gente, & muniçoens.

coenta soldados, que por acharem jà os mares grossos, chegáraõ a Baçaim com trabalho, & tẽtando atrauessar a Dio, foraõ os ventos taõ ponteiros, & furiosos, que tornaraõ a arribar destrocados.

24

*Traiçãõ
intenta-
da por
çofar.*

Coge Çofar em quanto não tinha as forças juntas; nos accommettia com ardís diferentes. Com largas dadiuas, & promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite dèsse fogo à poluora, ou lançasse peçonha na cisterna, & que não podendo conseguir nenhum d'estes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que viuia, commodas a esta maldade, por estar vezinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco seu familiar amigo; & como nas traiçoens mais seguro he o premio de as descobrir, que de as executar, delatou ao Capitãõ mór o caso, o qual tendo noticia d'elle por duas vias mais, & considerando que este delicto era feo para exemplo; para castigo, pôuco aueriguado, & que merecia perdaõ, nem o tempo permittia castigo, enuiuou este soldado a Goa com cartas ao Governador, significando-lhe os indicios da traiçãõ imaginada.

25

*Prucen-
çens de
Dom I. aõ
Mascarenhas.*

E como Dom Ioaõ Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na Cidade hauia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia, que entreteue, ou remediou a fome muitos dias;

a vida, & priuava ao Emperador do Senhorio de tão abundantes Ilhas, & aos pobres soldados do fruto, & premio de nauegação tão perigosa; & que os Portuguezes como nação soberba, & sempre oppósta à sua, fariaõ riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porèm que elle sabia, que todas estas bizarras armauão sobre falso, porque os não estimulaua o seruiço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do crauo, de que tinhaõ recolhido quãtidades grãdes, & não fiauão de nòs, que lhes deixariamos levar a Espanha as nouas d'esta dròga, cuja valia lhes hauia de compenfar os perigos, & trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, & os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receos, & como o brio dos Castelhanos seruia de cuberta ao interesse, se vieraõ ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreauão.

Mas já o estrondo das armas de Cambaya não sofre esta pequena digressão de negocios menores. Governaua Coge Cofar esta guerra com absoluto imperio, liurandõ, o bom successo d'ella, parte na força, & parte nos enganos. Em quanto pois juntaua bagagês, & soccorros, que pola grãdeza d'elles necessitauão de espaços diferentes; escreueo a Dom Ioaõ Mascarenhas, que desejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o Soltão, & o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os fruitos de tão justa concordia; que no ajustamento passado ti-

21

*Proposta
de Cofar
ao Capi-
tão de
Dio.*

nhamos dado consentimento a que se fizesse hũ muro entre a fortaleza, & a Cidade, o que se não executàra por não mostrar desconfianças em tão tenra amizade; porèm agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, cõuinha satisfazer ao pouo, que pedia esta separação, como final da liberdade em que viuia; que quando por aquella parte desmantelamos a Cidade, fora com a ira, ou licença da victoria, & que não queriaõ os moradores acordarse cada dia de sua injuria com tão fea memoria; que os sinaes do odio, como não estauaõ no animo, não era bem que se conseruassẽ nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não conuinha dar leys como Senhores; & que leuariaõ asperamente os moradores o que lhes ordenauaõ seus Reys, tolherlho seus vezinhos; que de vassallos alheos deuiamos querer amizade, & não obediencia; que o Soltaõ lhe dera aquella Cidade, a qual determinaua engrandecer com novos moradores, aos quaes queria mostrar, que aquella fortaleza não estaua como freo, senaõ como emparo de seus habitadores; que aos Portugueses conuinha dar grandes satisfaçoens ao pouo, para assegurar hũa paz fundada sobre aggrauos.

22

*Resposta
do Capitaõ.*

Por esta carta entendeo Dom Ioã Mascarenhas, que Cozar buscaua causas ao rompimento, hauendo, que se lhe concedia o muro, facilitaua a empresa; se lho negaua, justificaua a guerra; & assi lhe respondeo, que em hũa paz tão assenta-

da

dias; porèm logo se alterou a segurança do tracto, entrando na Cidade hum Capitão com quinhentos Turcos, mais a dispor que a fazer guerra. Este trazia nouas cartas de Coge Cofar para o Capitão mór, nas quaes cauteloso, & importuno, instaua em levantar o muro; a que D. Ioão Mascarenhas já não quiz dar resposta, dizendo ao Turco, que os Portugueses não deferiaõ a petições escritas com o arcabuz no rosto. Não foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Cofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendonos os soccorros da terra, porque os do mar começauã já a impedir os temporaes do inuerno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portugueses obrãraõ marauilhas taõ grandes, daremos de seu sitio huma breue noticia.

*Chega
Cofar cõ
gente de
guerra.*

A Ilha de Dio, celebre pola riqueza de seu tracto, lastimosa pola ruína de seus habitadores, illustre pola fama de nossas victorias, està situada em hũa enseada, & ponta, que limita o Reyno de Cãbaya, em altura de vintedous graos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulaõ os naturaes, dandolhe principios mais illustres, que aueriguados, cuja memoria conseruaõ suas tradiçoens na falta dos escritos. Foi sempre o porto da enseada a principal escala, frequentada das naos, que nauegaõ a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a Religiaõ, & o commercio. He
a Ci-

26

*Descri-
pção de
Dio.*

a Cidade apartada da terra firme por hum estreito, que em torno a vai cingindo; pola qualidade do terreno he forte, & ajudandose da arte a natureza, a faz mais defensauel. O estreito, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelada, & baixa, he ao seruiço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pola aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da Ilha, aonde podem ancorar nauios, & d'este recebe a Cidade mais commoda passagem. Não segui a fôrma, em que a descreue Ioaõ de Barros, por se hauer alterado cõ a differença dos Mouros que a senhorearaõ, fortificandoa cada huns d'elles com varia disciplina, conforme o juizo; ou variedade dos tempos lhes ensinava.

27

Entrado Coge Cofar na Cidade com oito mil soldados, muitos d'elles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entrauaõ dezoito basiliscos; com muniçoens, & bastimẽtos de homem que anteuia a duraçaõ do sitio. Trazia mil Ianizaros no campo com auantajado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezauaõ a empresa, accusando o temor de Cofar, em conuocar soccorros, & inquietar as armas do Graõ Senhor cõtra quatro miseraveis Christaõs, defendidos de huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhaua honra, nem na victorio despojo. Coge Cofar nem louuaua, nem reprehendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia

zia mais incerto juizo, enfinado do temor, ou da experiencia, & no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadroes, mostrou que era soldado; & logo que teue posto sitio à fortaleza, fez aos Turcos huma breue practica, dizendo.

Cõpanheiros, & amigos nam vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos Portugueses, que dentro d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque nam chegam a fazer mais que homens, inda que sam soldados. Em todo o Oriente atêgora os acompanhou, ou seruiu a fortuna, & a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Cõ hum limitado poder fazem guerra ao Mundo, nam podendo naturalmente durar hum Imperio sem forças, sustentado na opiniam, ou fraqueza dos que lhes sam sujeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumam ser os pobres, ou os inuteis; por terra nam podem ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inuerno. Estam faltos de muniçoës, & mantimentos, assegurados na paiz, ou na soberba, com que desprezam tudo. Como sam poucos, sempre naquelle muro ham de assistir os mesmos defensores, sem hauer soldado reseruado para o lugar de outro; faltalhes peonagem para reparar as ruínas da nossa bataria, & por força os ha de render o trabalho repartido em tam poucos. Estam insolentes com o destroço que fizeram nas galés do Gram Senhor no cerco d'esta mesma fortaleza. A tam honrados Turcos, & valentes Ianizaros, como estais presentes, toca acudir pola honra de vossa gente, & de vosso Imperio, como cousa mais justa da guerra, que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos, & soldados, nam conuem à reputaçam do Gram Senhor vingar suas injurias cõ as armas alheas. Com este fim vos trouxe a esta empresa, porque vos nam furtassem outros a gloria de tam justa vingança.

28

Pratica
de Coge
sotar aos
seus.

gança. Esta mejina terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes, & amigos, que a cada hum de nós (me parece) estam chamando por seu nome, contandonos as mortes, & as feridas, que d'estes homicidas recebêram, esperando por vosso esforço poderem descansar vingados. Estes mesmos sam os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atreuidos à Magestade de Principe tam grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamam Reys, precisa a todos os que somos vassallos.

29

*Insta de
novo ao
Capitão
de Dio.*

Acabada esta pratica, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de Dom Ioaõ Mascarenhas, com condiçoens mais graues, instando na porfia de levantar o muro, & pedindo, que as naos do Soltaõ, seu senhor, podessem navegar liures sem cartazes de nossos Generaes; injuria, que o Soltaõ toleraua como amigo, & não podia sofrer como Monarcha. Pedio mais, que as naos de mercadores não fossen obrigadas tomar aquelle porto; liberdade, que deuia outorgar em beneficio do comercio. Dom Ioaõ Mascarenhas lhe respõdeo, que entre tambores, & bombardas não se faziaõ acordos de amizade; que aquella fortaleza, estaua costumada a dar leys a todos, & não a recebêlas de ninguem; que em breue esperaua castigalo, como a quebrantador das pazes, & que entaõ sofreria a seu pesar condiçoens mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos Ianizaros.

*Resposta
do Capitão.*

Ià neste tempo o Governador tinha feito aprestar noue embarcaçoens com estranha breuidade, dizendo aos soldados, que occasião taõ honrada, só a hauia de fiar dos seus mimosos; que elle trocàra agora as prisoens de seu cargo, pola liberdade de qualquer soldado; que ainda que estaua resolutto em ir descercar Dio, naõ podia negar as enuejas, que tinha aos que primeiro que elle hauiaõ de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho Dom Fernando lhe disse em falla publica.

30
O Governador mã-
da a Dio
seu filho
D. Fernando.

Eu vos mando, filho, com este soccorro a Dio, que pelos auisos que tenho, hoje estarã cercado de multidam de Turcos; polo que toca a vossa pessoa nam fico com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei hum filho. Encomendouos, que tenhais lembrança a' aquelles de quem vindes, que para a linhagem sam vossos auõs, & para as obras sam vossos exemplos; fazei por merecer o appellido do que herdastes, acordandouos que o nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens differentes; & lembrouos, que o que vier mais honrado, esse serã meu filho. Esta he a bençã que nos deixaram nossos maiores, morrer pola Ley, polo Rey, & pola Patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vòs estã agora ganhala.

Com isto lhe lançou a bençã, & o encomendou a Diogo de Reynoso, hum dos mais valentes Caualleiros que passaraõ à India. Neste soccorro foi Sebastiaõ de Sã filho de Ioã Rodriguez de Sã, que nesta occasião, & em outras deu de seu valor hum testemunho illustre. Com elle passou D. Francisco de Almeyda filho de D.

Lopo, a acompanhar dous irmãos, que tinha já em Dio. Com o mesmo soccorro foraõ Antonio da Cunha, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylua, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, & outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andauã apos os perigos, como se lhes fugiraõ

31

Escreueo o Governador a Dom Ioaõ Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendolhe, quanto maior cousa era nesta occasiaõ ser Capitãõ de Dio, que Governador da India; que naquelle soccorro lhe mandaua seu filho Dom Fernando, para que depois no Reyno, entre as vanglorias da velhice, contasse que fora seu soldado; que estiuesse certo, que todas as forças do Estado se hauiaõ de empenhar na defenõsa d'aquella fortaleza; que naquelles nauios hiaõ muitos fidalgos moços, cujo orgulho deuia moderar, porque a obrigaçaõ dos cercados sò era defenderse; que alli lhe mandaua muniçoens, que bastauã a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, & muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, cõ os instrumẽtos, & materiaes cõueniẽtes; no que D. Ioaõ de Castro naõ sò mostrou zelo de ministro, mas practica de soldado, anteuendo as necessidades do sitio, & occorrendo a todas.

32

*R parte o
Capitam
de Dio es
postos da
fortaleza*

Iã neste tempo Dom Ioaõ Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que daua seruentia por cima da caua do baluarte Sanctiãgo à outra banda, mandando fazer outra leuadaça. A torre de Sanctiãgo entregou a Alonso de Bonifacio

Ef-

Escriuaõ da Alfandega; o baluarte S. Thomé a Luis de Soufa; o de S. Ioaõ a Gil Coutinho o que ficaua sobre a porta a Antonio Freire; & outro baluarte Sanctiago, que descubria o rio, a Dom Ioaõ de Almeyda com seu irmaõ Dom Pedro de Almeyda; o de S. Iorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a Ioaõ de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes Capitaens repartio cento & setenta soldados, ficando elle de sobre rolda com trinta, para soccorro às estâncias. Com taõ pequenas forças esperaua Dom Ioaõ taõ numeroso poder, como contra si tinha, dispõdo cõ tanta segurãça a defenfa, que lhe não fazia o perigo temor, ou nouidade. Cõ as munições, & mâtimētos mandou ter grãde cõta, pola cõtingencia em que estaua poder receber outros com os estoruos do tēpo, & do inimigo. Entre os escrauos, & outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de poluora, pedras, & mantimento, por desuiar aos soldados de outra occupaõ mais que a da peleija. Neste seruiço entreteue os mininos, os velhos, & as mulheres, para que na fortaleza não houuesse pessoa inutil, ou ociosa, pela idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse cõ alegre sēblãte,

Esse Turcos, & Ianizaros, que a este lugar estamos vendo, vem a restaurar com nosco a honra que no primeiro cerco perdēram; porém nem elles valem mais que os que entam foram vencidos, nem nōs valemos menos que

33

E falla a seus soldados.

os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre com a enueja do menor soldado que defendeo esta praça; pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus descendentes, que menos conhecemos polo appellido, patria, ou solar, que por filhos, ou netos d'aquelles que tam gloriosamente acabàram, ou triumphàram em Dio. Os mais illustres honràram sua familia; os mais humildes deram a ella principio. Trouxenos a fortuna esta empresa a aquella nada deffemelhante; nam sepultaram consigo aquelles valerosos Portugueses toda a gloria das armas, ainda nos deixàram esta, que nos farà illustres. Nam nos assombre a desigualdade do poder, porque a fama nam se alcança com perigos vulgares. Nauegamos cinco mil legoas sò a buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos nam podem dar os Reys, nem as gentes; porque os Reys dam premios, nam dam merecimentos. Nam nos faltam muniçoens, nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soccorro; e ainda que andam os mares leuantados, por serem os tempos verdes, temos hum Dom Ioam de Castro, que por debaixo das ondas virà cõ a espada na boca a soccorrernos, e tantos outros fidalgos, e Caualleiros, que teram por injuria ganharmos nòs sem elles a honra que se nos offerece, com a qual nam temos, que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'aquelles que ao Rey, e à patria fizeram algum memoravel seruiço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Occidente a tam remotas partes. E o que mais he que tudo, pelejamos cõ inimigos de nossa fé, e nam nos pòde faltar fauor para tam justa causa, pois seruiamos ao Deos das victorias.

34

Acabada a pratica, se ouuiu logo no campo dos Turcos huma grossa salua, com que Coge Cofar festejaua hum soccorro de dous mil infantes, que lhe hauiaõ chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que faziam o soccorro maior na qualidade, que no numero. Acompanha-

uaõ

uaõ esta gente, entre outros, dous Capitaes Mogo-
 gores peffoas entre os seus de grande nome. No
 mesmo dia entrou graõ parte da nobreza da Cor-
 te, que se alojou separada do Campo, em mui lu-
 strosas tendas, com tal concerto, que naõ de-
 uiaõ nada à policia de Europa. Os nossos com a
 defestimação da vida, diuertiaõ o horror de tan-
 tos apparatus, animandose com discursos con-
 formes ao tempo, tirando da necessidade conse-
 lho para as cousas presentes.

*Entrãõ
 mais sec-
 corros ao
 inimigo.*

Ao seguinte dia, que foi Quinta feira maior
 d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis, a-
 manheceo vezinho à fortaleza hum baluarte en-
 tultado de terra amassada, com suas bombardei-
 ras, & nellas algumas peças grossas, & por cima
 do muro quantidade de sacas de algodaõ, forra-
 das de couros crús para fazerem resistencia ao fo-
 go; maquina que espantou aos nossos, polo si-
 lencio, & breuidade com que se hauia obrado;
 mostrando bẽ, que naõ era esta fabrica desenho
 de multidaõ barbara, & confusa; porque em todo
 o conflicto mostrãraõ igual o valor á disciplina.
 Logo começãraõ a bater ditosamente a nosa for-
 taleza, porque nos cegãraõ quatro peças, das
 quaes a sua bataria recebia mais dano.

35
*Começa a
 bater a
 fortaleza.*

O bom successo d'este dia lhe deu para os ou-
 tros conselho, formando em cinco noites cinco
 fortes em proporcionada distancia, para darem
 géral assalto por brechas diferentes, a que
 naõ podiaõ resistir diuididos taõ poucos defen-
 sores.

36
*Estratage-
 ma do ini-
 migo em
 hũa nao.*

fores. Ao designio pudèra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estaua a caualleiro dos seus, lhes não fizera tanto dano, que julgàraõ lhes conuinha acudir primeiro ao reparo, que à offensa. Callàraõ as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinàraõ segunda. Lançàraõ ao mar huma nao alterosa cheia de poluora, alcatraõ, & outros materiaes dispostos ao fogo; estes dispozerãõ na primeira cuberta, como artil reseruado para segundo intento; por cima d'elles fizeraõ huma grande esplanada, onde podiaõ peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficaua a nao senhoreando o forte, donde com a vètagem do numero, & lugar da peleija, entèdiaõ que feriaõ os nossos entrados facilmente; & quando a resistencia fosse taõ porfiada, deixada a nao, lhe pegariaõ fogo, que ateado no forte, o abraçaria, sem dano, nem perigo dos seus; & que logo occupa das as ruínas, que deixasse o fogo, sobre ellas leuantariaõ outro, donde se pudesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros d'este padraõ, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagemã inuenta-do com militar discurso.

37
Desbaratada pelas
nossas.

Da obra, & do intento teue o Capitãõ mór auiso por espias que trazia no campo, & chamando o Capitãõ do mar Iacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que esti-

massé,

masse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua; & praticandolhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tiuesse tudo a ponto. Sahio Iacome Leyte na hora determinada com dous catures, & trinta soldados, remando a vòga furda, & emproando com a nao, a começou a servir de muitas panelas de poluora; víraõ os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estaua abrafando, & acudindo às armas, turbados do temor, & do sono, se defendiaõ cõ huma resistenciã tímida, & confusa, impedindo se huns aos outros com as vozes, & desacordo, causado do subito acometimento. Alguns se começãraõ a lançar ao mar, estes fizeraõ aos outros caminho, & exemplo; enfim entre queixas, & alaridos despejãraõ a nao, fazendo pòr em arma o campo todo. Teue Iacome Leyte tempo para dar hum cabo à nao, & trazela atoadã; a quem o Capitãõ môr deu muitos abraços, & lououres, estimando este successo por dar à guerra taõ ditoso principio. Os Mouros ordenãraõ que se continuasse a bataria a risco aberto, custandolhes cada pedra que derribauaõ da fortaleza, soldados, & artilheiros. Naõ fazia a sua bataria dano considerauel, sô o baluarte Sanctiãgo, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estaua por duas partes aberto, & jã cõ roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparauaõ com alguns trauezes, fazendo reparos do entulho que furtauaõ de noite.

*E traxi-
da à for-
taleza.*

38

Continuaua a bataria não sem effeito , porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas aballado , & não podia pelas ameas affomar soldado, que não fosse encrauado das settas do inimigo, ou ferido das ballas, que eraõ tãtas, que pareciaõ huma continua salua , doendo pouco a Coge Çofar despender muniçoens , & arriscar soldados como quem de tudo estaua preuenido , & sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano , porque como era tanta a multidaõ dos Mouros , nenhũa balla se jugaua perdida.

39

Instauaõ os Turcos , porque se dèsse o assalto , porque já em muitos lugares pelas ruínas da bataria , se podia subir ao muro ; porém Coge Çofar os detinha , ou esperando maior poder , querendo , que o trabalho , & feridas quebrantassem o orgulho dos nossos , cuja furia esperaua domar com lentas armas , apurando as forças , as muniçoens , & ainda a paciencia dos cercados ; discurso , que não era de todo errado , porque o inuerno, que começaua furioso, impossibilitaua os soccorros necessarios , & forçofos desde o primeiro dia, em razãõ de que os descuidos da paz, & a subita inuazaõ do inimigo , tinha os nossos menos apercebidos para softero peso d'esta guerra ; sendo nesta parte taõ demasiada nossa confiãça , que depois do cerco de Antonio da Sylueira , só com o respeito d'aquella victoria , se defendia a praça ; & Dom Ioã Mascarenhas se achaua só com qua-

renta barrís de poluora de bombardas, & vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores eraõ duzêtos, os mais d'elles soldados de guarnição, a quem a gloria d'este cerco deu a primeira fama.

Traziaõ ao Capitaõ mór solícito o estado das cousas, & a incertesa dos soccorros, que importava encobrir taõ cautamente aos de casa, como aos de fóra, & naõ queria nos principios do cerco taixar os mantimentos, & muniçoens, vêdo por huma parte ser dano'õ, & por outra preciso; quando as vigias lhe vieraõ dar auiso, que a huma vista pareciaõ noue vélas, & que pela feição dos vasos mostraõ serem nossas. Chegãraõ os soldados todos ao muro com o aluroço d'esta noua, causando variedade nos juizos a distancia da vista, & cerração do tempo; porèm dentro de huma hora diuilaõ as bandeiras de quadra, & logo com as armas Reaes a Capitaina, que com os ventos ponteiros, vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhaõ todas com flamulas, & galhardetes, empauçadas, & guerreiras. Saluãraõ logo as torres, donde lhes respondêraõ com a mesma cortesia naual. Os Mouros lhe tirãraõ muitas peças de terra, em quanto dauaõ fundo. Foraõ desembarcando as muniçoens, & mantimentos, tras elles os soldados, & o ultimo de todos Dom Fernando; ou fosse instrucção do pay, ou brio do filho.

40

*Chega
Dom Fer-
nando a
Dio.*

41 *Dom Ioão Mascarenhas o recebe.* O Capitaõ mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli Dom Fernando, o foi buscar ao nauio, & o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, & leuandoo nos braços, lhe disse palauras accommodadas ao lugar, & tempo, & offerendolhe sua mesma pouxada, a não quiz aceitar Dom Fernando, pedindolhe, que aquella honra lhe poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado hauia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desuiado da muralha. Dom Ioão Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonís em annos taõ verdes.

42 Vinha nos nauios quantidade de poluora, armas, & bastimentos, com que se podia entreter o cerco atè outro soccorro; tambem se lembrou o Governador de mandar aos enfermos, & feridos, remedios, & regalos. Mostrou o Capitaõ mór aos soldados a carta do Governador, em que (como dissemos) o asseguraua de sua vinda, para a qual se ficaua aprestando com a maior diligência, & forças, que sofria o Estado; o que deu coraçoes novos aos cercados, com que já as necessidades, & aprestos da guerra mostrauão outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Cofar cada dia soccorros, & traçando artificios, para que tinha conduzido engenheiros de differentes partes, que a emulação, & premio incitaua a inuentar cousas, nouas, que
fazia

fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descuberto.

Porém o Governador, logo que despedio seu filho Dom Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo, & sangue, contra elRey de Cambaya, como perjuro, & quebrantador da paz, que tinha com o Estado, & isto com instrumentos militares, & solemnidades legaes, para fazer publicas, & justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreueo aos moradores de Baçaim, lembrando-lhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodiaõ ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batiaõ a Dio, abalauaõ os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, & fazer a Cambaya as hostilidades possiueis, porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos Reys do Oriente; que lhes pedia estiuessẽm promptos para o acompanhar com nauios, & gente, como de taõ honrados Cidadãos, & leaes Portugueses se deuia esperar; que o seruiço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer d'elles, com a fidelidade, & amor de seu Rey, excederia à possibilidade.

Na mesma fórma escreueo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, & despender as fazendas: fidelidade, que contaremos por singular em seu

43

Publica o Governador guerra contra Cambaya.

44

Empresimo que pide aos mercadores.

go-

gouerno, como em differentes successos mostrà a Historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, & achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro, & diamantes, que sò enthesouràra; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offerenciaõ tudo: & não sei se entre os poderosos correm hoje fazendas d'esta ley em tanta estima. Mandou fazer oraçoens publicas, & secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos Fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios, que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, não se inclinndo ao voto mais authorisado, senaõ ao mais experto.

Recorre a Deos com preces publicas.

45

Tomou se aos inimigos muitos mantimentos.

Em Dio não descansauaõ as armas. Foi o Capitãõ môr auisado, que no exercito se esperaua por huma grande càfila de mantimentos, que se hauiaõ de carregar por aquella costa de Balsar, até Dãmaõ; o que entendido, despedio o Capitãõ do mar Iacome Leyte com tres nauios, para que a fosse esperar atè a Ilha dos Mortos, o qual saindo de noite pela barra fôra correndo a costa, na qual tomou muitas Cotias, que vinhaõ bastecer o exercito, passou os Mouros á espada, excepto alguns que reseruou, para trazer enforcados nas vergas dos nauios, quando entrasse a barra; o que assi se fez, dando cõ elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do succes-

fo com o fogo em que vio arder as Cotías; os mantimentos se recolhèraõ na fortaleza, que era a dròga mais importante para o tempo.

Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sê ver na fortaleza, nem nos animos dos cercados quebra, que lhe désse esperanças de ganhala; os nossos passeauaõ no muro cõ galas, & plumagês, que mostraõ o gosto, ou desprezo da guerra que softinhaõ. Vendo Coge Çofar que estauamos senhores do mar com taõ pequenas forças, & que as prouisoens, que recebia o exercito, vinhaõ furtiuas, & arriscadas, mandou fair hũa armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcaçoens nossas, que de Baçaim, & Chàul vinhaõ prouer a fortaleza, peleijàraõ os Portugueses desesperadamente, mas como era taõ desigual o poder, os mais ficàraõ mortos, vendendo taõ bem as vidas, que não tiueraõ os Mouros, que festejar na presa, ou na victoria. Dom Fernando de Castro pedio ao Capitão mòr licença para sair ao inimigo em alguns nauios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella saida furtado, & se recolheo logo.

Tratou Dom Ioaõ Mascarenhas de auisar por terra a S. Alteza do estado das coufas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua, & costumes dos Mouros; o qual despachou em hum Catùr ligeiro, para que o lançasse na costa de Pòr; & d'ahi em trajos de Iogue

46

47
O Capitão
de Dio a-
uisa por
terra a
el Rey.

K

(que

(que entre elles he habito religioso , & pobre) se passasse ao Cinde , & d'ahi a Ormuz , com cartas ao Capitão. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorà , que o passáraõ a Babilonia pelo rio Eufrates , onde hauia de esperar as càfilas , para atraueffar os desertos da Arabia.

48

Cõtinuaua Coge Çofar as obras da fortificação com naõ menos perigo que trabalho , & com porfia taõ barbara , & cruel , que os mesmos corpos dos gastadores , que os nossos matauaõ , lhe seruiãõ ao entulho , vsando taõ deshumana disciplina , quiçã por encobrir o dano , que começaua já a ser conhecido no exercito , se bem se restauraua com quotidianos soccorros , que por horas engrossauãõ o campo. Mandou Coge Çofar assentar nas estancias sessenta peças grossas , em que entrauaõ Basiliscos , Saluagens , Aguias , & Camelos , sem outra artilharia miuda , de que era maior numero. Aos cinco baluartes , que hauia levantado assegurou com nouos muros , cobrindo os gastadores com paredes torcidas , em tantas voltas , que os naõ podia peicar a nossa artilharia. Com este artificio chegãõ os Mouros a senhorear a caua da fortaleza , onde assentãõ dezoito Basiliscos , com que tirãõ quinze dias continuos , fazendo na fortaleza tal estrago , que os nossos , por vltimo remedio , se reparauãõ com suas mesmas ruínas , fazendo contramuros , & reparos das pedras derribadas.

Senhoreãõ os inimigos a caua.

Tinhamos já perdido oitenta homens, & mais de cento feridos, & pela estreiteza, & ruim qualidade dos mantimentos; muitos andavaõ enfermos. As muniçoens em grande parte gastadas, tinhaõ reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugiraõ da fortaleza, mandou reforçar as baterias, crendo, que não poderiaõ durar os animos em taõ quebradas forças; & logo, como homem, que queria partir com seu Rey os mimos de sua fortuna, auisou ao Soltaõ, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé d'esta promessa acodio o Soltaõ com dez mil de cavallo, & graõ parte de sua Corte, onde foi recebido com huma salua Real a volta de muitos instrumentos de guerra, & de alegria, consonancia, que os nossos ouviaõ, aos animos temerosa, aos ouvidos barbara.

Chegou o Soltaõ cõ muita gente.

Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas saluas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavaõ. Logo D. Ioaõ Mascarenhas ordenou a Fernaõ Carualho Capitaõ do forte do mar, que mandasse huma armada a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se haviaõ feito dobres, ou eraõ descubertas; o que se fez na mesma noite, trazendonos hum Mouro, que referio a vinda do Soltaõ, as promessas de Coge Çofar, & cõ fianças da empresa. Man-

dou o Capitão môr soltar o Mouro, & que dissesse a elRey de Cambaya, que lhe pedia se detiuesse no exercito, porque esperaua irlhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi cõtente com a liberdade, & affombrado com a reposta do Capitão môr. Foi o Mouro leuado ante Mahmud, & referindo as palauras do Capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhaõ a fortaleza derribada, & os animos inteiros.

51 Coge Cozar mandou continuar a bataria, & dizer a Dom Ioão Mascarenahas por Simão Feo (hũ prisioneiro nosso, que cõtra as leys da guerra hauia represado) que se espantaua de o ver encurrelado, sem sair a pelejar ao campo, como fazia o bom Caualleiro Antonio da Sylueira; que mal respondiaõ as obras às palauras; à qual mensagem os soldados com pilouros respondéraõ do muro. Cinco horas durou a bataria, fazendo no edificio já aballado, estrago grande. Porém as nossas peças lhe respondéraõ com maior dano, & com melhor fortuna, porque dentro na tenda do Soltaõ, huma balla perdida matou hũ Mouro, com quem o mesmo Soltaõ estaua praticãdo, & como estes Mouros Orientaes sãõ credulos em agouros, tomando elRey o caso, como auiso de algũ mau successo, quiçã cubrindo com a supersticiaõ o medo, sahio logo do campo, deixãdo a Juzarcaõ, hũ Abexim valête, que nas guerras do Mogor tirãra soldo contra Soltaõ Mahmud, & agora como soldado mercenario, fora chamado

*Retirase,
& fica Juzarcaõ em
seu lugar.*

mado com algumas vantagens a servir nesta guerra.

Partido el Rey do arrayal, mais bellicoso na paz, que no conflicto, retirandose na mesma Ilha à quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçauão o campo, porèm Dom Ioão Mascarenhas, que polo aperto do sitio, não tinha auisos certos dos designs do inimigo, praticou com os fidalgos, & Caualleiros quanto importaua tomar alguma lingoa. Ouuiu esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum fidalgo que viuia do soldo, porèm com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao Capitão môr, & lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarreis do inimigo, & a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estauão praticando; duuidou de os acometter, porque trazer dous não era possiuel, pelejar com elles não conuinha; porèm tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum d'elles, & abraçãdose com o outro, que se defendia bradando, mordendo, & forcejando, o leuou até as portas da fortaleza, onde achou o corpo da guarda, que entre lououres, & enuejas o leuaraõ ao Capitão môr com o seu prisioneiro. Referirei agora a circumstancia, por ser maior que o caso. Leuou Diogo de Anaya prestado hum capacete de hum soldado, & vendose na fortaleza sem elle, cren-

52

*Acção
mãuel
de Diogo
de Anaya.*

deria, se tornou pela mesma corda a derribar do muro, & buscando à vista de hum exercito já alterado, o recolheo, & trouxe, taõ temerario, como ditofo.

53

Pelos auisos do Mouro, soube o Capitaõ mór, que Coge Çofar, & Iuzarcaõ, hum valente, & outro desconfiado, fizeraõ reciprococos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empreza, dizendo, que se nos naõ podiaõ soportar amigos, mal nos poderiaõ sofrer victoriosos. Com a continuação da bataria, lhe rebentãraõ muitas peças, em lugar das quaes encaualgãraõ outras, batendo furiosamente os baluartes S. Ioaõ, S. Thomé, & Sanctiago de que eraõ Capitaens D. Ioaõ de Almeyda, Luis de Soufa, & Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomauaõ algum breue repouso, sempre constantes no perigo, & ao trabalho promptos.

54

O baluarte Sanctiago, como mais fraco, fez maiores ruínas, & já nelle podiaõ os Turcos pelear quasi iguaes aos nossos; naõ ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que naõ fosse arrafada; & do baluarte S. Ioaõ até o de Sanctiago, todo o lanço do muro estaua aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, & forçoso, taõ poucos defensores, com taõ quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago de hũa fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhaõ

ao trabalho , que não podiaõ vencer , nem escufar.

Acodiraõ as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defenia , sobindo sem temor ao muro , tropeçando em lanças , espadas , & pelouros , vencendo a natureza , & o sexo, como se trouxeraõ coraçãoes varonís em habitos alheos; taes houue , que vestindo armas , fizeraõ aos inimigos rosto , correndo da agulha à lança , do estrado à muralha ; entre todas mereceo maior gloria Isabel Fernandez , a quem nossos Escriitores em lugar de elogios , que honrassem sua memoria , chamaõ a Velha de Dio ; celebre por este nome nos annaes , ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos , & regalos , com que no mais viuo do conflicto , alentaua aos soldados , exhortandoos à defesa , & à peleija , com razoes maiores , que de hum espirito , & juizo feminil. Enfim a diligencia d'estas matronas,seruia de aliuio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra seruil, ou arriscada que fosse , promptas , & oportunas.

55

*Valor das
mulheres
de Dio.*

Vendo Coge Çofar , que tudo quanto suas armas arruinauaõ de dia , nossa industria reparaua de noite , maquinou hum artificio mais sutil pela traça , que vtil pelo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pola materia , & disposição do sitio estaua mais aberto , determinou leuantar outro , quelhe ficasse igual, ou eminente,

56

para que batido pelo alto derribasse as ameas, tolhendo peleijar aos defensores, & ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte affestadas de dia com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, & rama, para entulhar a caua, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terraplano. A quantidade dos gastadores, que seruião o campo, era outro nouo exercito, com que a obra medraua sem tempo, & se medida. Entretanto a artilharia do nosso baluarte jugaua com dano do inimigo, porque como esta peonagem seruia amontoada, & descuberta, não se tiraua da fortaleza tiro algum perdido.

57

Reparou Coge Cofar no dano, por ser grande, ordenando, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, & vaga, fosse menor o effeito, mandou fazer maior ruído onde se obraua menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouuido, apó-tassem as peças ao tino do rumor, & dos eccos. O que entendido por Dom Ioaõ Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhauão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge Cofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, & encubertas, por onde continuàraõ os Mouros mais seguros

ros

rosa eleuação do forte, gastando à nossa artelharria ballas inuteis, & perdidas.

Deu o negocio ao Capitão mór cuidado, porque crescêdo aquella maquina, não ficaua na fortaleza lugar algũ seguro, jugando a artelharria do inimigo a caualleiro dos nossos baluartes, com que dos cercadores aos cercados, não hauia no lugar vantagem, ficando os Mouros com a do numero tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conheciaõ o perigo, & nenhum o remedio. Alguns com maior ouzadia, que prudencia, votáraõ que saíssem os nossos, & lhes estoruaassem a obra a risco descuberto, sem ver que era maior o perigo que acomettiaõ, que o de que se liurauaõ. Poucos approuaraõ este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizeraõ os nossos algũas fórtidas, porèm de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, & vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes soe o perigo ser o melhor conselheiro, lembrouse Dom Ioão Mascarenhas, que na fortaleza hauia hũa eminencia, que sobreleuaua o forte S. Thomé, por cima do qual podia jugar a artelharria. Aqui mandou encualgar algumas peças, as quaes tiràraõ com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribáraõ aquella maquina, leuantada, & caída com o sangue dos que a fabricàraõ. Porèm como esta Hydra tinha tantas cabeças, empredeo Coge Cofar cegar a caua com as mesmas ruínas; o que

lhe

lhe era mais, facil por ser obra que não hauia mister medida, disposiçãõ, ou engenho.

59 Começaraõ dous mil piaens a cobrir a caua cõ os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, & espingardaria impedia os nossos assomarse ao muro. Cresceo a obra, & perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estauaõ desmantellados, pouco que subisse o terraplano, ficaua igual ao muro. Desuelauase o Capitaõ mór por lhe frustrar o intento, & vacillando nos meios conuenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe disseraõ, que no lugar onde estauaõ, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cubrira com terra mouidiça, & que por aquella parte sem risco, & facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessiadade execuçaõ prompta; mandou cauar o Capitaõ mór, & achou o postigo accommodado a seu intento. Sahiaõ os nossos de noite, & furtauaõ o entulho por baixo, deixando a superficie vaã, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porém como aquella terra estaua no ar violentada, trouxea seu mesmo peso ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico à vista do inimigo.

60 Foi logo auisado Coge Çofar da industria, cõ que lhe frustramos taõ custoso trabalho, & acudindo àquella parte, impaciente na contraposiçãõ que achaua a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma balla perdida, que nõ meio de hũ

*Morre
Coge Ço-
far de hu-
ma balla.*

esquadraão de Turcos, lhe leuou a cabeça. Houue no exercito sentimento publico pola falta de taõ grande soldado. Virão os nossos com destêperadas caixas, & arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, & politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecão sobre o sangue do pay tomar justa vingança, que entre elles a dor, & a ira he a vltima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

61

Succedeo R umecão ao pay no odio, & cargo, continuando a guerra com a obrigação de General, & sentimento de filho, tão empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da caua, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, muniçoens, & soldados, crescendo por toda parte a obra, que R umecão esforçaua, como disposição para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pay começàra, contrapondo hum artificio a outro; laurou seis estradas encubertas, que todas hião a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpauão o entulho; estas hião fechar sobre a ponte de mádeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armauão a maquina, que temos referido, & sobre a ponte lançaraõ pedras, & tràues, de tamanha grandeza, que a fizerão encuruar com o peso, & logo virse a terra, não sem dano dos seruidores,

que

*Succede-
lhe Ru-
mecão seu
filho.*

que por debaixo d'ella andauão recolhêdo a terra. O que visto pelo Capitão môr , mandou cerrar o postigo por ficar já esta seruentia inutil , & euitar algũa subita inuazaõ do inimigo, o qual sem estoruo continuaua a obra, em quanto os nossos vacilauão em descobrir algum engenho , ou força , cõ que pudessem contrastar fabrica tão danosa , porque os Mouros com festas , & algazáras , mais mostrauão gozar já da victoria , que esperala.

62 A estes cuidados succediaõ outros não menos pesados, porque já não hauia na fortaleza duzentos homens defensores , hũs rendidos do trabalho , outros de enfermidades, & feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecelas a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ao temor, Faltauaõ munições, & mantimentos; os mares verdes, o inuerno furioso , tirauão toda a esperança de foccorro , pois nem para o pedir , nem para o receber era o tempo opportuno.

63 Era Vigairo da fortaleza Ioaõ Coelho, que sobre as virtudes do Sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao Capitão môr (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes , têtar os mares, & aportando em Baçaim, ou Chàul, significar aos Capitaes com certeza de vista, o estado das cousas ; & d'ahi auisar ao Governador por correos de terra , prometendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel

*O Vigairo
Ioaõ Coelho,
vai ao Governador.*

com-

companheiro da fortuna de todos. O Capitão lhe mandou logo esquipar hum Catùr com doze marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas atè darmos razão do successo, que teue viagem taõ animosa, & pia.

Os Mouros trabalhauão por força no entulho da caua, mas Rumeção cruel, & imperioso, os mandaua morrer, ou aturar no trabalho, de que recebiaõ por premio, na mesma obra, miseravel sepulchro. Enfim chegãraõ a igualar a caua, & pelo baluarte de Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atrauesãraõ grandes mastos com ta-uas pregadas, que lhes seruia de ponte, para picar o muro, o que se lhes não pode defender com a artilharia por trabalhar cubertos.

Ordenou logo Dom Ioaõ Mascarenhas hũas cadeas grossas, que do muro alcançassem à ponte, das quaes pendiaõ muitas sacas de gunes, enuoltas em poluora, salitre, & outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateãraõ na ponte com tal braueza, que logo a desfizeraõ. Acudio Rumeção a sustentar a obra com nouo madeiramento, & maior copia de seruidores, & soldados, huns que assistiaõ à defenia, outros ao trabalho, a que os nossos se opposeraõ, dandolhes miudas cargas de artilharia, & espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumeção na obra taõ porfiadamente, que por cima dos mortos fazia sobir outros, que inda que violêtados, venciaõ o perigo cõ a obediência. Che-

gou enfim por meio de taõ custoso trabalho a igualar a caua.

66

*Partidos
que aos
nossos of-
ferece
Rumecaõ.*

Conhecendo pois Rumecaõ o estado em que nos achauamos polos poucos defensores que occupauão os pòstos, nos quiz tentar os animos, crendo, que em taõ perigoso estado nos ensinaria a razãõ, & a natureza, a naõ engeitar as vidas. Cerrada a noite, ouuiraõ os do baluarte Sanctiago bràdar pela vigia, em lingua Portuguesa, dizendo, que era Simaõ Feo, que queria fallar ao Capitaõ mór em negocio importante. Foi logo auisado D. Ioaõ Mascarenhas, & pondose com o soldado à falla, elle lhe disse, que era Simaõ Feo, que vinha mandado por Rumecaõ, que affeioado ao valor de taõ grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendiaõ; que bem via a fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de muniçoens, & mantimentos; que naõ quizessem perecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava cõieruar viuos taõ valerosos inimigos; que nos faria todos os partidos hõrados, deixãdonos com a liberdade as fazêdas, & os nauios para nossa paissagẽ; o que naõ aceitando passariamos pelas leys da guerra, & pelas licenças que daua nos estragos a ira, & a victoria. D. Ioaõ Mascarenhas lhe respõdeo, que a fortaleza onde estauaõ Portugueses,

*Resposta
do Capi-
taõ mór.*

gueses, não havia mister muros, que no campo razo a defenderião ao poder do mundo, que esta verdade conheceria no primeiro assalto; que traxesse de pedir ao Soltão mais gente, & melhores soldados, que os Portuguezes desprezão victorias tão pequenas; que as ruínas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos; que em quanto seus soldados tinham armas, não lhes podia faltar nada entre seus inimigos; que a boa passagem que lhes offerencia, esperava fazer cedo cõ a espada na mão por meio de seus esquadroës armados; & a elle Simaõ Feo dizia, que ainda que repetia forçado palauras alheas, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

Vendo pois Rumecaõ, que dos perigos, trabalhos, & fomes, nos seruiamos como de alimêto, injuriado no desprezo d'esta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foi aos dezanove de Julho d'este anno de mil quinhentos quarenta & seis; em rãda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Iuzarcaõ com mil & quinhentos soldados escolhidos acometteo o baluarte Sam

67

*Assalta o
inimigo o
baluarte
S. Ioaõ.*

Ioaõ, de que era Capitam Luiz de Sousa, acompanhado de Dom Fernando de Castro, Sebastiaõ de Sà, Diogo de Reynoso, Pero Lopez de Sousa, Diogo da Sylua, Antonio da Cunha, & de outros fidalgos, & soldados, que nam passauam de

trinta. Estes esperãrão o primeiro impetu do inimigo, com tanta gentileza, que rebatêrão os primeiros oitenta que subíraõ, mostrando o dano que recebêrão nas vozes, no sangue, & na caída. Logo lhes succedêrão outros, fazendolhes a subida mais facil os corpos dos que cahíraõ mortos. Iuzarcaõ os inflammaua com a honra, com o premio, com a vingança. Os àres feridos de instrumentos de fogo, & de vozes humanas, faziaõ nas paredes da fortaleza huma impressãõ medonha. A bataria continuaua nos outros baluartes; em Saõ Ioaõ, & Saõ Thomè o assalto; porque fõssem mais faceis de render forças, sobre pequenas, diuididas.

68
Eo de S.
Thomè.

Rumecaõ com os Turcos assaltou o baluarte Saõ Thomè, de que eraõ Capitaens Dom Ioaõ de Almeyda, & Gil Coutinho; & como gente pelo valor escolhida, pela naçaõ soberba, arremetêrão taõ furiosos, que pelas lanças dos nossos intentauaõ subir atrauessados, buscãdo pela morte a victoria. Elles tinhaõ a vantagem do numero; a do lugar os nossos, & os que tinhaõ caualgado o muro, ou hauiaõ de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada, que a peleija. O inimigo sempre com noua gente reforçaua o assalto, os nossos valendose de humas mesmas forças, se mostrauaõ superiores aos primeiros, iguaes aos vltimos. As mulheres acudiaõ com armas, & panelas de poluora; vestindo os espiritos do

do tempo, não os da natureza. Algũas com regalos, & bebidas alentauão aos soldados, & não podendo mostrar esforço proprio, seruião ao alheo. Taes houue, que com exhortaçõens os animauão, merecedoras de forças varonís em coraçõens tamanhos; mas nos feitos d'este cerco contaremos os seus pelos mais raros, senão pelos maiores. Viasse hum monte de corpos mortos aos pès dos baluartes, huns defangrados do ferro, & outros abraçados do fogo. Alguns agonizando entre a ira, & a dor, pediaõ vingança; & tal vez os que hiaõ a satisfazelos, acabauão primeiro. Enfim os nossos este dia fizeraõ cousas marauilhosas, mais faceis de ajuizar pelo successo, do que pela escriptura: porque sempre no particularizar accidentes, he a verdade incerta; mòrmente nos acontecimentos de guerra, onde a ira, ou o temor, & outros affectos, arrebatãõ o juizo de maneira, que a penas poderia cada hum ser Chronista fiel de suas mesmas obras.

Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço iguala seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sà nos deixou de seu valor hũa clara memoria, até que atraueffado de huma setta eruada por hũ joelho, cahio quasi mortal; & não podendo sustentar a peleija, não queria deixala. Foi enfim retirado dos companheiros com lastima, & enueja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos enfim obraraõ taõ valerosamente, que este sò dia bastaua para

69

*Resisten-
cia dos
nossos.*

os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começauão o assalto, obrando Rumecaõ, como quem queria acabar a guerra em hum sò dia; mandou peleijar as naçoens diuididas; ou para que a emulaçaõ as incitasse, ou por conferuar melhor a obediencia; & elle, mandando, & peleijando, com a voz, & com o exemplo os obrigaua; & não se farrando do sangue, que via derramado, louuaua os ouzados, afrontaua os remissos, mostrando entre o hõrror das armas, colera com acordo. Dom Ioã Mascarenhas se mostrou não só Capitaõ, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijãdo, & governando taõ sabiamente, que não ficou deuendo nada ao valor, menos à disciplina.

70

*Retirase o
inimigo
com perda*

Vendo Rumecaõ os muitos mortos, que estauaõ em torno dos baluartes, & que os seus aco- diaõ já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, & feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porém d'elles mesmos soubemos, que perdéraõ quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum sò soldado, os feridos foraõ menos de vinte. Nesta desproporçaõ se vé, que não se alcançou a victoria sò com forças humanas, & que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores

Recolhido o inimigo, chamou o Capitão mòr os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruínas da fortaleza; sendo as pedras, & o barro os leitos molles, em que os nossos havião de restaurar as forças já tão quebradas; acodirão todos, faceis, & alegres ao seruiço, a que o Capitão mòr os obrigaua com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos, a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em nouo descanso; não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado d'este assalto, que se não atreueo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentaua a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leues, para quebrantar os nossos com rebates continuos; & notar a disposição dos animos no occupar dos pòstos; não cessaua porèm a bataria, intentando enfraquecernos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossaua o campo com diuersos soccorros, & o Soltaõ significaua o empenho em que estaua nesta guerra, resolveo Rumeção dar segundo assalto à fortaleza.

Considerando porém o dano, que haviu recebido, peleijando com tão superiores forças; entendeu que o estrago dos seus deuia ter causas maiores, para o que conuinha applacar o Prophe-

*Recorre
Inzarcão
a supersti-
çoens.*

ta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, & com ella désse o exercito diuersas voltas em torno da Mesquita, & com outras expiaçoens barbaras, & ridiculas, tiuessem a Mafamede applacado, & propicio, cuja ira tetardaua aos seus a victoria. Fernão Carualho Capitaõ do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com graõ copia de luzes, ouuindo a tempos as vozes, & clamores, que logo parauaõ em subito silencio, & tornauaõ a rebentar em huns gemidos de multidaõ confusa, succedêdo aos ays, & alaridos, os instrumêtos de guerra; & nesta supersticiosa vaidade occuparaõ muitas horas da noite. Deu a Fernão Carualho cuidado a nouidade, de que não pode fazer juizo. Auisou com tudo a Dom Ioão Mascarenhas do que víra; que entendeo seriaõ disposiçoens para o assalto, ajudadas de algum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendiaõ conciliar a indignaçãõ de seu falso Propheta.

73

Apercebeose o Capitaõ mór para esperar esta segunda inuazaõ do inimigo, achando a todos os soldados espiritos saõs em forças taõ quebradas; os feridos, & enfermos desemparravaõ os leitos, & os remedios; mais promptos a buscar o perigo, que a faude. Dom Ioão Mascarenhas obraua, & dispunha as cousas necessarias à defenõsa cõ valor, & juizo. Amanheceo o inimigo sobre a fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, & alaridos medonhos, entre bellicos in-

*Outro af.
salto.*

stru-

strumentos que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito diuidido em tres esquadras ; traziaõ diante , entre outras , huma bandeira , em que estaua figurado o seu Prophe- ta , para que os incitasse juntamente a Religiaõ, & a Regalia. Ao mesmo tempo assaltãraõ os baluartes S. Ioaõ , & S. Thomè , & a guarita de Antonio Peçanha , com tanta furia , que lhes não deixaua ver , nem temer o perigo ; porém foraõ recebidos dos nossos de maneira , que voltãraõ mais depressa do que hauiaõ subido , caindo muitos mortos , os mais feridos , & outros abraçados do fogo. Ouuiaõse as vozes de Iuzarcaõ , & Rumecaõ , que incitauaõ a outros a escalar os baluartes. Estes subiraõ de refresco , fauorecidos da escopetaria do exercito , innumeraueis fectas , & outros tiros miõiuos. Aqui se ateou com graõ calor o assalto , instando os Turcos por restaurar a opiniam perdida , peleijauam estimulados da furia , ou da vergonha , porfiando a sobir por entre o ferro , & fogo , como homens que estimauam a vida menos que a victoria ; assi chegãram a igualarse com os nossos , peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

Luis de Soufa , Dom Fernando de Castro , 74
com os fidalgos , & soldados de sua companhia , deram este dia nouo credito a nossas armas , obrando de maneira , que Rumecam os nomea- ua aos seus , humas vezes para exemplo , & outras para injuria. Os Turcos tinham por momentos
foc-

focorros successiuos; os nossos sēpre os mesmos, taõ valentes se mostrauaõ aos vltimos, como aos primeiros. Feruia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos eraõ já muitos mortos, ou estropeados; porém o furor, & a ira, ou encobriaõ, ou desprezauaõ o dano; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia, estribaua outro o pé para arrojara lança, ou peleijar mais firme, inuentando o ardor, & a impaciencia da victoria, nouas finezas, ou crueldades nouas.

75

*Entrãõ os
Turcos o
baluarte
S.Thome.*

Entrãraõ enfim o baluarte S. Thome, que sustentãraõ por hum espaço largo, caindo huns, & succedendolhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, & tambẽ o estrago. Os tres irmaõs Dom Ioaõ, Dom Frãcisco, & Dom Pedro de Almeyda se mostrãraõ taõ irmaõs no valor, como no sangue, sustentando o peso de tãtos inimigos o tempo que durou o assalto.

76

Os Turcos do terço de Rumecãõ peleijauaõ com os nossos corpo a corpo iguaes no sitio, no numero maiores, o perigo acrescentou esforço. Dos que entrãraõ o baluarte, poucos baixãraõ viuos, mas como tinhaõ já esta porta para a victoria aberta, a todo risco queriaõ sustentala. Rumecãõ, como este era o primeiro fauor que lherãõ as armas nesta guerra, com lououres, & promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou hũa voz, que o baluarte era ganhado; & esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudera perder a fortaleza, porque os que nas ou-

tras

tras estancias peleijauaõ, quasi tinham desemparrado os pòstos por soccorrer o baluarte, que hauiam por perdido; principalmente os que guardauaõ as casas da banda da rochã, acodiraõ com tanto impetu ao soccorro, que se aliuiãraõ em parte os companheiros, que do trabalho, & feridas, tinhaõ já as forças lassas, & quebradas.

Dom Ioaõ Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estaua por nòs o baluarte, & do valor com que nelle se peleijaua; que Rumeçaõ estaua vendo no destroço dos seus, que banhados em sangue, se precipitauaõ do muro, acabando de perecer na quèda. Duraua o assalto, & com as mortes, & feridas, parece que crescia em huns, & outros inimigos as forças, & a braueza; o que considerando luzarcaõ, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estariam nos baluartes escalados, saindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, & chegando àquella parte da fortaleza, que chamaõ a Couraça, a qual a natureza fizera defensauel, sem arte, pola altura, & aspereza do rochedo, em que o mar batia, & vendo que estaua deferra, sem presidio, ou vigia, entendeu, que a qualidade do sitio nos tinha assegurado; & mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, & preuenir escadas, começãraõ a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estauaõ alli de guarda, com a noua do baluarte S. Thomé ser perdido,

77

*luzarcaõ
enueste a
Couraça.*

dido, defamparando o posto, que guardauaõ, com mais valor que disciplina, se foraõ a foccorrello.

78

Subiraõ os Turcos ouzadamente a rocha, & foraõ demandar humas casas, que estauaõ encoftadas à Igreja de Sanctiago, & dauaõ passo a hũa varanda baixa, em que logo aruoraraõ escadas para subirem outros; & Iuzarcaõ de fõra os animaua, crendo que hauia roubado a Rumecaõ a honra, & a victoria. Ganháraõ os Turcos as casas, pelas quaes foraõ descendo à fortaleza, & hum mais atreuido, ou diligente, entrou em casa de huma mulher casada, pedindolhe dinheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada do temor mostrou que sahia a buscalo, & entrando na casa de outra vezinha, lhe contou desmayada o perigo em que estauaõ; esta com o sobrefalto da noua, deu auiso a outra; a qual com acordo, & forças de varaõ, tomou huma chuça, & indo a demandar a casa em que os Turcos estauaõ, vio hum d'elles à porta, como vigiando o que passaua fõra, & remetendo a elle, tirandolhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro, ficandolhe o juizo taõ liure no perigo, que teue acordo para cerrar a porta, & animo para esperar os Turcos, impedirlhe a saída; digna por certo, que entre os varoens mais claros ficasse sua memoria.

*Valor de
huma
mulher
Portu-
guesa.*

79

As mulheres que viuiaõ para aquella parte asfombradas de hum temor taõ justo, foraõ em demanda do Capitaõ mòr, gritando: Turcos na fortaleza;

taleza; o qual acharão com tres soldados correndo os baluartes, & ouuindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou, que se callassem, leuandoas consigo por guia à casa onde estauão os Turcos; & despedindo hum soldado dos que o acompanhauão, lhe mandou que tirasse algũa gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que peleijauão; & logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajútou Andre Bayaõ cõ outro cõpanheiro; & chegando à casa onde estauão os Turcos, vio aquella mulher, que os tinha encerrados, defendêdolhes a faida com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

Acode o Capitão mor.

Dom Ioaõ Mascarenhas, hauendo por presagio da victoria, achar em hũa mulher valor tan nouo, sabendo d'ella, que estauão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecêra, que lhe trouxesse hũa panela de poluora, & porque se despachaua lentamente, lhe trauou de hum braço, a tempo que do eirado da Igreja, onde já estauão algús Turcos, sahio hum pelouro que matou o Abexim, feruindo ao Capitão de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de poluora, & tomandolha das mãos D. Ioaõ Mascarenhas, lançando de hũ vaiuem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrafou os mais d'elles, sem

80

*El. n.ça
fora os inimigos.*

lhe tocarem muitos pelouros, que de dentro tirãraõ com pontaria certa ; o que a muitos pareceo fortuna, a outros myſterio ; & moſtrandose eſte dia igualmente Capitaõ, que ſoldado, cuberto de hũa rodela cõ a eſpada na mão, enueſtio os Turcos com mais quatro que o acompanhãraõ, & à força de cutiladas os leuou atè a varanda, onde os apertou tanto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo ao de que fogiaõ, porque os mais d'elles mortos, ou eſtropeados, perecêraõ na queda.

81 A qui foi D. Ioaõ Mascarenhas auifado, que ſobre o eirado da Igreja ſe viaõ muitos Turcos cõ dous guioens aruorados, os quaes do alto começãuaõ a eſcopetear os noſſos, que já vinhaõ chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tudo eraõ armas de fogo, obraua menos o valor, que a contingência. Os noſſos eraõ menos de ſeſſenta, os Turcos mais de cem. E vêdo D. Ioaõ Mascarenhas, que em quanto aquelles ſuſtentauaõ o lugar, creſciaõ outros, mandou que lhe trouxeſſe eſcadas, ordenãdo o caſo, & a neceſſidade, que na ſua meſma fortaleza deſſe elle o aſſalto. Encoſtãraõ os noſſos ao muro hũa pequena eſcada, & o primeiro ſoldado, que ſe lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas, que os Turcos lhe deraõ. Chegãraõ logo eſcadas mais capazes, & arrimadas ao muro, querendo o Capitaõ mòr ſubir primeiro, lhe fizeraõ os ſoldados juſta força para que não paſſaſſe. Acommettêram os
noſſos

Sobẽ Turcos à Igreja.

Vai o Capitaõ mòr a elles.

nossos a subida pellas paredes do Apostolo Santiago, cuja a Igreja era, assegurandolhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebrãraõ duas escadas, porque entre os nossos a competencia, & o ardor de qual havia de subir primeiro, era outra nova guerra. O Capitão môr cõ as palauras, & cõ o exemplo animava os soldados, mais por officio, que por necessidade. Andava a briga mui trauada; dos nossos algũs caíraõ mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estauaõ debaixo, a impaciencia de não ter lugar para subir, causava maior dor, que as feridas, que viaõ receber aos companheiros, porque ainda em taõ prolixo, & perigoso cerco, os não fartava a guerra. Cortavaõse huns aos outros com estranha crueza.

Iuzarcaõ animava, & soccorria os seus com 82
nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado ou abobeda da Igreja. Enfim os nossos a preço de seu sangue caualgãraõ o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar, & do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achãraõ, obrãraõ de maneira, que merecia sò esta facçam particular Historia; porém nẽ ainda os nomes lhes achamos escritos, hauẽdo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Foraõ mortos quasi todos os Turcos, huns na quẽda, outros na resistencia; & sempre seriam

*E reti-
raõse.*

os melhores os que merecéraõ ser escolhidos para facção tam grande.

83

O Capitaõ mór entendendo, que nos baluartes inda duraua o assalto, leuou os companheiros a descansar em segundo perigo; & visitando as estancias achou os nossos tam empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, comecar o assalto. Ao pé dos baluartes estauaõ tantos mortos, que lhes faltaua a terra, cujos corpos facilitauaõ a subida do muro. Rumecaõ de fóra animaua, ou reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que combatiaõ, incitandoos com premios, ou castigos, mostrando em todas as facçoens d'este cerco valor, & disciplina. Dom Ioaõ Mascarenhas não descansaua, ordenando, & prouendo o necessario em todas as estancias, de sorte, que em nenhum perigo o achauaõ os companheiros menos. Neste dia, que foi do Apostolo Sanctiago, parece que nos quiz mostrar o Sancto, que era a victoria sua, não menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

84

*Morte de
Iuzarcaõ*

Duraua a briga de húa, & outra parte cruel, & temerosa, & Iuzarcaõ com a dor viua de não effeituvar a escala da fortaleza, que lhe foi taõ custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto, porèm de hum pelouro da fortaleza, que lhe deu pellos peitos, cahio atraueffado, & morto. E como era pessoa de tanta conta polo valor, & posto que occupaua, foi

foi logo a noua derramada pelo exercito , & chegando aos ouvidos de Rumecaõ , a recebeo com grande sentimento ; ou fosse temor , ou piedade ; mandou logo tocar a recolher , & retirar o corpo de Iuzarcaõ ; perda que se não pode encubrir aos seus , que como fosse sobre outras muitas , ajuizauaõ , que já a victoria não valia o que tinha custado ; & quando bem a alcançassem , quem hauia de ficar que lograsse o triumpho ? Que bem se mostraua o Propheta estar contra elles indignado , pois soffria ver sua bandeira ignominiosamente rota ; & a estas consideraçoes juntauaõ outras , accusando a fortuna do General , & as causas da guerra , aualiando como culpas as desgraças presentes. Rumecam curaua estas desconfianças com varios artificios , cubrindo a perda dos seus , & encarecendo a nossa ; pondolhes diante dos olhos as merces do Soltaõ , & a fama , como parte melhor do premio que esperauaõ. Em este assalto perdemos sette soldados , & feridos trinta ; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos , & foraõ perto de dous mil os feridos.

E de muitos Turcos.

Dom Joaõ Mascarênhas , depois de ordenar o enterro dos mortos , & cura dos feridos , em que não faltou com o cuidado , & menos com a fazenda , que despendero sem conta , auisou por hum Catúrao Governador do estado das cousas , significandolhe a falta que tinha de gente , muniçoens , & mantimentos. Nesta fusta , ou Catúr se embarcou Sebastiaõ de Sá a rogo do Capitaõ

O Capitaõ môr auisa o Governador.

môr, & amigos, dizendo elle, que sò no baluarte onde fora ferido, podia ter saude; a qual lhe desejavaõ poupar todos, porque naquelle cerco merecêraõ suas obras fama, & vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber, & hospedar Dom Ieronimo de Menezes Capitaõ da fortaleza, enuiando logo ao Governador as cartas com os auisos de Dom Ioaõ Mascarenhas.

Andaua neste tempo Dom Ioaõ de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inuernò lhe impediaõ ter nouas, & despachar soccorros; porèm sem perdoar a despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos màres, lhe acodio com muniçoens, & gente, nos maiores apertos; como logo mostrarà a Historia. Tinha aballado todo o poder da India com animo de ir em pessoa descercar Dio, & parece que os successos lhe respondiaõ ao intento, porque os Reys da India lhe faziaõ mui honradas offertas; & os fidalgos, & soldados, sem soldo, ou mercè, se lhe offereciaõ.

87

Cidades do Governador sobre soccorrer Dio.

Neste tempo, que era já na entrada do mes de Julho, chegou à barra de Goa a nao Espirito Sancto, Capitaõ Diogo Rebello, aqual era da côserua do Governador, & por roim nauegaçaõ hauiã inuernado em Melinde; & ainda que chegou com alguma gente enferma, os àres da terra, o cuidado do Governador, & o aluroço da jornada de Dio, lhes fez em breue reparar a saude.

Ale-

Alegrouse Dom Ioaõ de Castro com taõ oppor-
 tuno soccorro para engrossar a armada ; porẽm
 tardauaõ nouas da fortaleza , que o pouo inter-
 pretaua com indicio de algum maõ successo;quã-
 do chegãraõ as cartas enuiadas pelo Vigairo , das
 quaes o Governador entendeo o aperto do sitio,
 as forças do inimigo , a falta em que os nossos e-
 stauaõ de gente, & bastimentos; & como o tem-
 po pedia mais conclusaõ que conselho , assentou
 consigo enuiar a seu filho Dom Aluaro de Castro
 com hum troço da armada contra o parecer dos
 mareãtes, que hauiaõ por temerario este acome-
 timento no principio do inuerno. Porẽm Dom
 Ioaõ de Castro sem deixar se vencer do amor do
 filho, nem dos medos do tempo, resolueo enuiar
 o soccorro ; o que entendido pelos soldados , &
 fidalgos, selhe vieraõ offerecer , ainda aquelles
 que pellos annos, & authoridade já estauaõ escu-
 sos. Entre estes foi Dom Francisco de Menezes,
 que depois de occupar grandes postos , se offere-
 ceo ao soccorro com praça de soldado; o Gover-
 nador o leuou nos braços, pedindolhe se guar-
 dasse para passar na armada em sua compa-
 nhia; mas vendo que estaua resolutto a ir neste
 soccorro, lhe deu setẽ nauios, para que com elles
 tentasse o golfaõ, com muitos soldados de brio, &
 alguns parentes seus, amigos de ganhar hõra , que
 o acompanhãraõ.

*Ch. gilbe
o auiso
do Vigai-
ro.*

*Mãd. seu
filho Dom
Aluaro cõ
soccorro.*

*Eprimei-
ro a Dom
Francisco
de Mene-
zes cõ set-
te nauios.*

88

*Parte Dõ
Aluaro
com di Ze-
n. me.*

D'ahi a tres dias partio Dom Aluaro, réconci-
liado já com o pay da queixa de enuiar seu irmão
Dom Fernando primeiro, como se lhe tocassem
por herança os primeiros perigos. Neste soccor-
ro se embarcou graõ parte da nobreza, a quem o
gosto da empreza, & o da companhia do Gene-
ral, fazia desprezar os Turcos, & as tormentas. O
Gouernador lhe lançou a benção, & o embar-
cou com grande saudade do pouo, entregando
os filhos pola Patria, de quem se mostrou mais a-
moroso pay, que de seu mesmo sangue. Depois
de o Gouernador dar ao filho algũas instrucções
secretas, lhe ordenou, que estiuessẽ à obediencia
de Dom Ioaõ Mascarenhas, sem embargo de o
eximir o posto, & assi lhe escreueo; porque foi
sempre Dom Ioaõ de Castro justo estimador de
virtudes alheas. Eraõ dezenoue os nauios da ar-
mada, cujos Capitaens foraõ Dom Iorge de Me-
nezes, Dom Duarte de Menezes filho do Conde
da Feira, Luis de Mello de Mendoça, & Iorge de
Mendoça seu irmão, Dom Antonio de Arrayde,
Garcia Rodriguez de Tauora, Lopo de Sousa,
Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pe-
ro de Arrayde, Balthasar da Sylua, Dom Duarte
Dêça, Antonio de Sá, Bêlchior Moniz, Lopo
Vaz Coutinho, Francisco Tauarez, & Francisco
Guilherme.

89

*Aprestos
do Gouer-
nador.*

Logo que o Gouernador despachou esta arma-
da, ficou aprestando a em que determinaua pas-
sár, buscando bastimentos, & dinheiro, pedido
sobre

fobre sua verdade, que era sò o thesouro que cõferuou na India, com que se fez senhor dos corações, & fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos viuos.

As dõnas, & donzellas de Chàul mouidas de hum mesmo espirito, juntàraõ todas as joyas com que se adornauaõ, de ouro, & pedraria, & com liberalidade maior que de mulheres, as enuiàraõ ao Governador, sem preceder obrigaçaõ, ou rogo, significandolhe, que de seus proprios filhos, & maridos tinhaõ menos faudade, que enueja, pois o acompanhauaõ; naõ lemos nos Annaes dos Cesares acçaõ mais generosa das matronas de Roma.

As mulheres de Chàul offercem suas joyas

Acaço se achaua em Goa hũa dõna de Chàul, chamada Catherina de Soufa, quando chegou o presente, & juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enuiuou ao Governador cõ esta carta:

Senhor, eu soube como as mulheres de Chàul tinhão offercido a V. S. Senhoria as suas joyas para a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, nam quize perder a parte da honra que me d'ahi cabe. Por Catherina minha filha mando as minhas joyas a V. S. Nam julgue, em quam poucas sam, as que pôde hauer em Chàul, porque certifico, que eu sou a que menos tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E crea V. S. que sò das joyas de Chàul, pôde fazer a guerra dez annos sem se acabarem de gastar. E a merce que peço a V. S. he gastar logo estas minhas na ida do senhor Dom Aluaro, porque eu espero em Nossa Senhora, que haja elle tantas victorias, que escuse a ida, & trabalhos a V. S. Isto peço em minhas oraçoens, & assi que acrecente a vida a

V. S.

V. S. E o deixe ir a Portugal diante dos olhos da senhora sua mulher, e filhas. Escrita em Goa nas casas de Dona Maria minha filha, hoje onze de Junho. Minha filha Catharina empenharei, se for necessario, para o seruiço de V. S.

Naõ sei se do amor da Patria, se da beneuolencia do Governador, nasciaõ estes estremos. Vimos iguaes necessidades na India, mas naõ iguaes finezas, como nos dias de Dom Ioão de Castro. Muitos fidalgos acabãraõ de ser Generaes, & os velhos arrimados nos bordoens se vinhaõ offerecer para soldados, porque naõ hauia corpo, que pola authoridade, ou pelos annos parecesse pesado.

- 92 Despedido hum, & outro soccorro, ficou o Governador juntando o resto do poder, dispondo o governo da Cidade em sua ausencia; & sempre com hum braço na paz, & outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achauaõ presente. E porque de muniçoens, & mantimentos hauia na fortaleza falta, alem dos que já tinha enuiado, carregou hum carauelaõ grande, que por ser embarcaçaõ pesada, podia mal sofrer os mares. Alguns soldados lha tinhaõ engeitado, parecendo-lhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio, desejava entregar a carauella a pessoa de conta, a que a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Souza de Sepulveda, fidalgo, que pelo valor, & juizo, lhe era muito aceito; este lhe disse, que Antonio Moniz Barretro

retto tinha brio , & industria para cousas maiores ; que ainda que tinha d'elle Governador algũa leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço Real em occasião tam ardua ; que elle o tentaria , & da resolução traria reposta. Assi foi, que entendido por Antonio Moniz o gosto do Governador , & que lhe daua hũa viagem engeitada de alguns, só por difficul-tosa, a aceitou promptamente. Do successo , & & perigos que teue, diremos a seu tempo.

*Antonio
Moniz a-
ceita ir a
Dio.*

Com a vigilancia do Governador hauiaõ en-
trado na fortaleza alguns soccorros , com que o
perigo , & trabalho carregauaõ sobre forças
maiores, bem que nam tinhaõ proporção com as
do inimigo, porque o vltimo soccorro que che-
gou ao exercito, era de treze mil infantes , con-
duzidos por outro Iuzarcãõ , não menor no va-
lor, nem melhor na fortuna que o primeiro. Este
trouxe apertadas ordens do Soltaõ para estreitar
o cerco, escreuendo a Rumeçaõ , que não era
possiuel, que viessem quatro miseraueis do fim
do mundo fazer aos Principes de Cambaya inju-
rias em sua mesma casa ; que morressem todos na
empreza , porque antes queria hum Imperio de-
serto, que fogeito ; que pois nas ruínas da fort-
leza estauaõ já os Portugueses meios enterrados,
quando os não pudessem render como a homês,
os matassem como a leoões em suas mesmas couas.
Rumeçaõ não respondeo com mais, que apontar
para as muralhas , & baluartes , todos postos por

93

*vê outro
Iuzarcãõ
a conti-
nuar o
cerco.*

terra,

terra ,jà para gloria ,jà para desculpa ; furioso de lhe parecer que o Soltaõ estaua mal satisfeito do que tinha obrado ; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazerlhe com a morte, ou com a victoria ; & como a crueldade o fazia mais obedecido , que o cargo, mandou levantar hum bastiaõ defronte do baluarte Sanctiago, que se obrou cõ incriuel presteza ; o qual guarneceo de artelharia, & gente , que ficando a caualleiro dos nossos, naõ podiaõ assomarse, que os naõ pescassem as ballas do inimigo.

*Leuanta
o inimigo
hum ba-
stiaõ.*

94 Deu este negocio ao Capitaõ mòr naõ pequeno cuidado, porque se Rumeçaõ dera por aquella parte o assalto, como era seu desenho, naõ podiaõ resistirlhe os nossos defensores , sem que ficassem descubertos às ballas do inimigo, & resolutos a derribar esta maquina , encomendou a facção aos dous irmãos Dom Pedro , & Dom Ioaõ de Almeyda , os quaes saindo com cem soldados no quarto da modorra, achàraõ os Mouros , huns dormindo, & outros descuidados na confiãça do lugar , & da hora , & dando subitamente nelles , fizeraõ em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metiaõ nas lanças, & espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudèraõ escapar fogindo , despertàraõ o arrayal com gemidos, & vozes , sem saber affirmar cousa certa. Com a melma confusaõ chegou a Rumeçaõ a noua , & como os perigos da noite se fazem parecer maiores , entendeo elle ,
que

*Os nossos
o desfaçẽ*

que o atreuimento dos nossos estribaua em forças grandes trazidas em algum soccorro , que ha-
uia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou
os Cabos a conselho , em quanto se punha o ex-
ercito em arma, & resolutos em soccorrer o bastião
com o poder todo, entre ordens , & aprestos, ga-
stou o tẽpo de obrar, & quando já chegou, achou
a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos
recolhidos; facção menos ditosa , que importan-
te ; morrẽraõ 300. inimigos, nenhũ dos nossos.

Rumecaõ mandou logo levantar humas gros-
sas paredes defronte do baluarte S. Ioaõ , assegu-
radas com huma tropa de Mouros , que por quar-
tos faziaõ sentinella , & sobre o terrapleno hia
plantando alguma artilharia , para d'aquelle sitio,
em mais proporcionada distancia , bater o baluar-
te. Porém D. Ioaõ Mascarenhas , como andaua
vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em
hũa noite tormentosa, & escura, lançou quatorze
soldados por hũa bõbardeira , que dãdo de subi-
to nos Mouros, os lançaraõ do posto, em quanto
os seruidores cõ picoões , & outros instrumentos
desfizeraõ a obra, do que sendo Rumecaõ auisa-
do, resolveo assaltar a fortaleza com força descu-
berta, ordenando hũ assalto gẽral para o seguinte
dia ; no qual fez hũa pratica aos soldados, incitan-
doos cõ asinjurias que tinhaõ recebido de raõ pou-
cos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da
fome, & das feridas; que mais hõrados estauaõ os
que alli acabaraõ, que os que ficaraõ viuos, sãdo no

95

*Valor de
quatorze
soldados.*

Mundo testemunhas infames de huma afrontosa guerra ; que em seus braços estaua salvar a honra de seu Rey , vingar seus companheiros, & deixar de si no Oriente hũa clara memoria ; que das mercês do Soltaõ estiuessem seguros, porque ha-ua de premiar , & contar hũa a hũa as feridas de todos ; que se algum se atreuia a governar o basteaõ de General, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

96

*Assalto
géral.*

Assi os despedio igualmente irritados da gloria, & da injuria Logo ao outro dia ao romper da alua se aballou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se viaõ tremolar dos nossos, & chegando aos muros, começaraõ em torno da fortaleza a aruorar escadas, fauorecidas do corpo do exercito, com innumeraueis, & differentes tiros de fectas, pelouros, & outras armas, ajudando o horror d'este conflicto, confusas, & duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, & turbando os juizos, impediaõ mandar, & obedecer. Subíraõ os Mouros ouzadamente os muros, & os Turcos por outra parte, como enuejando cada hum o perigo alheo, trabalhauaõ todos por ser primeiros no risco, & nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum Capitãõ, & despertador de si mesmo, obrauaõ de maneira, como se estiuesse por conta de cada hũ a hõra de todos. Os primeiros que subíraõ, cõ o sangue, & as vidas pagãraõ a ouzadia; mas logo cõ o mes-

mesmo ardor lhes succedião outros , incitados hūs do valor, outros do General, que debaixo lou-uava, ou reprendia aos que subiaõ , segūdo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

Lançauão os Mouros nos baluartes granadas, panelas, & alcanzias de fogo em tanta quantida-
de, que os nossos peleijauão entre as chamas, que prendendo nos vestidos os abrafauão viuos.

Occorreo o Capitão mōr neste perigo com algu-
mas tinas de agoa, que em parte extinguião, ou
refrigerauão o ardor do fogo ; porẽm como o ini-
Reparo dos nossos contra o fogo.

migo entendia o dano , continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inuentàraõ hum remedio mais facil, que efficaz, vestindose muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão leuemente; & Dom Iaão Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficandolhe as paredes nũas, & os soldados vestidos.

Ferua a guerra, & a penas se diuisaua a fortaleza, escondida entre nuuēs de fumo, & só a descobria com breue luz, o continuo fuzilar dos tiros, fazia horror o que se via, & o que se ouuia. Estauão ao pè do muro innumeraueis corpos, hūs mortos, outros agonizando; & tudo o que se representaua à vista, & ao juizo, era hum feo espectáculo de mortes, horrores, & feridas. Em todos os baluartes se peleijaua em ambas as partes com grande valor, ainda que de sigual pola desproporção do numero entre cercadores, & cercados.

Mas o baluarte de Luis de Sousa, onde estava D. Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruínas, & foi acometido pela gente mais escolhida do campo. Porém fizeram os defensores illustres provas de valor, pelejando entre chamas de fogo com tão nova constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valêtes, insensíveis. Aqui se singularizou Dom Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obraram este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, & mais larga escriptura. E os mesmos Turcos foram testemunhas fieis de suas proezas, dizendo, que só os Frangues mereciam trazer barbas no rosto.

99 Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como pelejava em tropas descuberto, recebeu grande dano. O que advertido por Rumeção, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, & que os Portuguezes haviaõ defendido as ruínas de sua fortaleza, sem perder hũa pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, porque morrendo dos inimigos

*Recolhe-se
o inimigo*

*Cõ morte
de trezentos.*

trezentos, & levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficaram bem sangrados. Proueo logo o Capitão môr na cura dos feridos, sendo a beneuolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio; acodindo aos

enfer-

enfermos com as despesas, & também com a dor, & sentimento, parecendo pay na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as baterias derribavaõ de dia; porèm acodiaõ todos taõ alegres ao seruiço, que parecia vinhaõ a descansar, acarretando as pedras, a terra, & a faxina.

Vendo Rumeção o risco, & difficuldade que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da caua do baluarte S. Ioaõ até o de Sanctiago, obra que encomendou aos Iannizaros, os quaes por opiniaõ, ou por valor soberbos, buscauaõ com ambiçãõ os maiores perigos d'este cerco. Eraõ já mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, & sentimento; os que restavaõ assistiaõ a esta obra, que para elles foi de nenhum fruto, & de grande perigo; porque a nossa artilharia os pescava, & a muitos seruidores, cujos corpos lançauam no entulho com disciplina barbara, & cruel. Crescia a obra, como era de faxina, & terra, quasi amassada com sangue dos miseraueis, que nella trabalhavaõ, chegãraõ a encaualgar algumas peças, com que faziaõ dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegãraõ hum Camelo, & mostrava já a bataria disposiçãõ para cousas maiores.

Neste tempo chegou à fortaleza o Vigairo Ioaõ Coelho cõ noue soldados em hũa embarcaçãõ pequena; & ainda que achou os mares grossos, & os ventos ponteiros, o trabalho, & a

100

Trata Rumeção entulhar a caua.

101

Torna o Vigairo a Dio.

necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o Governador se aprestaua com viuas diligencias para acodir ao cerco, & os grossos soccorros, que já tinha enuiado. Que em Baçaim ficauão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperauão atraueſsar o golfaõ; & que muitos impacientes na tardança tinhaõ tentado os mares. Pela fortaleza se derramou logo esta noua, que foi festejada dos soldados com folias, & musicas; & pondo todos os olhos no mar, as nuuens lhe pareciaõ nauios: taõ credulos saõ os homens em qualquer esperança. Foraõ os Mouros sabedores das nouas do soccorro, & antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperauão, dispuſeraõ hum assalto gèral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao mundo, & ao Soltaõ desculpa com as mortes, com o sangue, & com as ruínas.

102

*Nono af-
Julio.*

Começou a bataria aquelle dia com vinte & tres Canhoens, & alguns Basiliscos, & a cõtinuãraõ atè o pôr do Sol, & no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinãraõ a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou trauezes, polas continuas cargas, que daua a espingardaria do inimigo. Chegãraõ logo os Turcos a caualgar o baluarte S. Thome pelas ruínas da bataria; porém o Capitaõ Luis de Sousa, Dom Fernando de Castro, & Dom Francisco de Almeйда com outros valerosos soldados, que o guarneciaõ, os recebãraõ nas lanças com tal furia, que os fizeraõ voltar, huns mortos, outros estro-

estropeados. Succedèraõ logo outros de nouo, que cortados do nosso ferro, fizeraõ aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se peleijaua com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, & o valor nos nossos. Estaua taõ rafa a bataria, que os Mouros peleijauaõ com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, feruidolhes as ruínas de escada, mas com grande vantagem do numero, & instrumentos de fogo. Porém os nossos merecèraõ este dia hũa immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de taõ desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succediaõ outros; os Portugueses sempre os mesmos, naõ mostrauaõ nõ valor, ou no tempo differença.

Dom Ioaõ Mascarenhas andaua por todas as estancias mandando, & peleijando, hũas vezes Capitaõ, & outras companheiro de todos; & vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de poluora por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, & o trabalho, acodiaõ oportunas a seruir entre as lanças, & os pelouros, com nunca visto exêplo, & algũas exhortaçoes aos soldados com juizo, & valor grande; outras com regalos, & mimos os esforçauaõ, parecendo que buscauaõ, ou mereciaõ fama igual com elles. Tinhamos o vento contrario, & leuando nuens de pô da terra mouediça, que os Mouros pisauaõ, quasi cegaua

103

Resistencia dos nossos.

os nossos, que estiueraõ a risco de perderse só por este accidente ; porèm elles peleijando com os olhos cerrados, acomettiaõ os Mouros, mais atentos a offender, que a repararse. Os inimigos peleijauaõ desesperadamente , acordandolhes Rumeçaõ por momentos a honra de seu Rey, & a sua.

104

*Inzarcaõ
em este o
baluarte
S. Ioaõ.*

Iuzarcaõ com os soldados de sua obediencia acometteo o baluarte S. Ioaõ com tanto valor, que estiueraõ os nossos em grande perigo ; porque depois de derribar os primeiros que hauiaõ subido, tornàraõ outros a caualgar as paredes cõ tanta furia, que sustentàraõ a peleija igual por muitas horas ; até que defangrados do nosso ferro, huns mortos, outros defalentados, perdéraõ o lugar, & as vidas. Aqui foi maior o esforço, & tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, & quebradas, sobreuieraõ outros Mouros de nouo, porèm elles, como se tiue-raõ poupadas as forças, & o espirito para o maior trabalho, assi rechaçàraõ os vltimos, como os primeiros.

105

*Perdi
d'ous
m. g. s.*

Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com naõ menor valor, nem desigual fortuna ; & sem particularizar accidentes, podemos ajuizar pelo successo, os casos d'este dia ; porque deixou o inimigo mil & seiscentos mortos, fóra inumeravel copia de feridos ; cousa incriuel de pouco mais de duzentos soldados, que seriaõ os nossos ; assi o achamos escrito nas Relaçõe's, & Historias d'este

d'este cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna mui escaça. ficamos com tres soldados menos, & com trinta Nòs feridos.

Da bataria, que precedeo a este assalto, ficou 106 a fortaleza quasi em roda arruinada, & aberta, faltandonos para reparala tempo, materiaes, & gente; porèm furtavaõ os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite, & derribando as casas da fortaleza, se serviaõ das pedras, & madeiramento, fazendo hũa forma de defenfa subita, & furtiva, mais conforme ao tempo, que à necessidade.

Faltavaõ as muniçoens, & os mantimentos; 107 porque não havia mais poluora, que a que se podia fazer dia por dia, pouca, & mal enxuta; falta *Necessidades da fortaleza.* que já começavaõ a conhecer os Mouros, concebendo esperanças, & ousadia para aturar o cerco, auisados, que a esta necessidade respondiaõ as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, & ainda a falta d'elle era maior, que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comiaõ galhas, que acodiaõ a ceuar-se nos corpos mortos, as quaes os soldados matauaõ, & vendiaõ por excessiuo preço. Chegou enfim a tanto extremo a fome, que não perdoavaõ a caes, & gatos, & outras viandas semelhantes, nociuas, & immundas; & com taõ miseravel alimento reparavaõ as forças, desprezando perigos, & trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos,

as paixões, ou affectos da mesma natureza,

108

*Como se
remediou
a falta de
panelas
de peltu-
ra.*

Entre outros instrumentos offensiuos, que faltauão, erão panelas para a poluora, de que se ferue a milicia da India em mar, & terra; & neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro, & breadas por fóra, de que pendião murroes com as pontas acesas, & arrojandoas entre os inimigos, abrafauão a muitos, & com este facil engenho, ajudarão os nossos a victoria.

109

Desejaua o Capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz, & ardiloso nos encubria seus desenhos com estranho recato; alem de que do forte do mar hauia tido auiso, que as mais das noites chegauão alguns Mouros até a ponte da fortaleza onde parauão, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito; o silencio, a hora, & a continuação, mostrauão não ser a diligencia a caso; polo que D. Ioão Mascarenhas encomendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez cõpanheiros se fosse húa noite lançar na ponte, & que por força, ou manha trabalhasse por lhe trazer hum d'estes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros pelas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, leuando sò espadas, & rodelas; & chegando ao lugar determinado, se baquearão em terra para não ser vistos dos Mouros, & a pouco espaço applicado o ouvido sentirão gente, que vinha a deman-
dar

dar a ponte , & leuandados acomettéraõ subitamête os Mouros , que erãõ dezoito , que como se víraõ de improviso affaltados , voltãraõ as costas aos primeiros golpes, ficando sò hũ Nobi no cápo , que se defendia com hũa lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendelo, que matalo, lhe desfuiou hum bõte de lança com a espada , & arcando com elle , o trouxe apertado nos braços atè a fortaleza, onde foi recebido com a honra, que merecia o feito.

*Tomãõ os
nosfos
hũa lin-
gua.*

D'este prisioneiro soube o Capitaõ mór os intentos do inimigo , seruindose do auiso para se vigiar de algũs ardís , que maquinauãõ os Turcos. Mais lhe disse, que faltauãõ no exercito cinco mil homês mortos ao nosso ferro, sem outros Cabos de nome; & que os soldados de melhor voto, desconfiauãõ da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga , que o mar fizesse; porém que Rumeção com as perdas recebidas estaua mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na hõra, & na palavra, que hauia dado ao Soltãõ. E assi acõselhado de hũ engenheiro Turco de Dalmàcia , ordenou que se minasse o baluarte S. Thomè, onde estaua D Fernando com Diogo de Reynoso, & outros Capitaes, & Caualleiros; o que se fez com estranho silencio, sê que os nosfos podessem rastrear o intento, quiçã por lhes parecer, que os instrumentos de fogo nãõ eraõ taõ praticados na Asia, como na

*illo
Que nos
vas deu
do inimi-
go.*

*Minase o
baluarte
S. Thome.*

nossa Europa; mas como os principaes Cabos do exercito eraõ Turcos, parece que assi trouxeraõ o valor, como a disciplina.

III Em quanto se trabalhaua na mina, mandaua Rumecaõ picar o muro por differentes partes, para que os nossos attentos ao perigo publico, naõ dessem no secreto; & por nos diuertir a attençaõ com outra industria, mandou fabricar alguns cauallos de madeira, & postos naquella parte, que olhaua o baluarte S. Thomé, daua huns longes de o tomar por escala; & determinando dar o assalto aos dez de Agosto, aos noue mandou recolher a artelharia, que tinha nas estácias; & porque d'esta nouidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro nouo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim à fortaleza, industriado de hum sotil engano, o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bràdou pela vigia, dizendo, que o recolheffem dentro, porque queria tratar com o Capitaõ coufas de grande peso. Recolhido, & escutado por Dom Ioaõ Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdiçaõ do estado em que se achaua, pois nacido de pays Christaõs, perjuràra a fé paterna em que fora criado, como fruto abortiuo de Catholicas plantas, & que agora já com olhos abertos vinha bater às portas da Igreja, para que os Sacerdotes Latinos encaminhassem ao curral de Christo taõ perdida ouelha; que esta era a miseravel relaçaõ de

*Trata
Rumecaõ
diuertir-
nos.*

de taõ desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava, que o Soltaõ tiuera auiso, como o Mogor com poderoso exercito entraua pelos confins do Reyno, pondolhe tudo a ferro; & que Iuzarcaõ, que pouco antes viera ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se vnir com Rumeçaõ, & juntos fizessem opposiçaõ ao inimigo; que com esta resoluçaõ mandara recolher a artilharia; porẽm que estiuesse auisado para esperar hũ assalto gèral ao seguinte dia, porque queriaõ os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. D. Ioaõ Mascarenhas lhe louuou, & confirmou a resoluçaõ Catholica, que hauia tomado, & no mais lhe agradeceo o auiso, tornando a lançar pelo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houesse no campo.

Derramouse pela fortaleza a noua de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, & os soldados alegres vestiraõ aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O Capitaõ mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opiniaõ de todos era o vltimo de taõ prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obra a memoria mais fresca.

Dom Fernando de Castro estava de cama, curandose de febres & sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio à natureza; o que D. Ioaõ Mascarenhas tratou de lhe

112

113

*D. Fernando
de
acode ao
baluarte.*

impedir, humas vezes como Capitaõ, & outras como amigo; mas com nesta parte a desobediência parecia virtude, quiz antes errar contra a faulde, que contra a opiniaõ, vestindo armas; & acodindo ao baluarte.

114

*Firge o
inimigo
nono af-
salto.*

Amanheceo o dia do glorioso Saõ Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acudiraõ a suas estancias fidalgos, & soldados, com tanto aluroço, como se já tiueraõ posse do premio, & da victoria. Logo viraõ de longe aballar-se o exercito inimigo cõ ordenada marcha, derramandose em torno da fortaleza. Laboraua a nossa artelharia com naõ pequeno effeito, porque o inimigo, como soldado, soffreo a carga sem descompor a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, & aruorar escadas para dar o assalto. Chegaraõ a acometer os baluartes com resoluçaõ grande, querendo ceuar os nossos na peleija, para que a confusaõ do conflicto seruisse de cuberta ao engano do fogo, que tinhaõ maquinado. Faziaõ os nossos grandes gẽtilezas nas armas, como quem se apressaua a descansar na victoria, promettida no termo d'este dia.

115

No baluarte S. Ioaõ se resistia à violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijauaõ os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o final de se dar fogo à mina, retirandose a hum mesmo tempo todos; porém o temor igual, & subito nos descobrio o engano. Brãdou logo o Capitaõ mór di-

dizendo, que deixásse o baluarte, para que se dan-
 no rebentasse a mina, já conhecida na improv-
 isa retirada do inimigo. Obedecerão todos às vo-
 zes do Capitão mór, deixado o posto; porèm Dio-
 go de Reynoso, com desordenado valor, susten-
 tou o lugar, tratando de couardes aos que o de-
 samparauão. A estas vozes tornàraõ todos a oc-
 cupar o posto, naõ querendo seguir a razaõ, senaõ *Dá fogo a mina.*
 o exemplo. Rebentou logo a mina com espanto-
 so estrondo, & aquelles valerosos defensores, su-
 stentàraõ mortos o lugar, que defendèraõ viuos.
 Aqui acabou D. Fernando de Castro em idade de *Pessoas*
 dezenoue annos, leuantado de huma doença, *que peré-
 ceraõ nel-
 la.*
 que a natureza pudéra fazer leue, & o valor fez
 mortal. Morreo D. Francisco de Almeyda, con-
 tinuandose nelle o valor, & as desgraças de seu
 appellido. Aqui ficàraõ tambem sepultados Gil
 Coutinho, Ruy de Souza, & Diogo de Reynoso,
 que pagou com hũa vida tantas mortes, de que
 hauia sido generoso, mas fatal instrumento. D.
 Diogo de Sottomaior, voando com hũa lança nas
 mãos, cahio empè na fortaleza, se receber lesaõ do
 fogo, nem da quèda. Algũs caíraõ no arraial dos
 inimigos; quasi sessenta homẽs perecèraõ nesta
 desventura, & treze que escapàraõ com a vida, ou
 ficàraõ feridos, ou disformes do fogo. Escreuem
 outros com dilatada penna os casos d'este in-
 cendio. Nõs por naõ lastimar a attençaõ de quem
 ler esta Historia, quizeramos nos successos
 de taõ illustre cerco deixar antes em silencio

este infelice dia. Admiraraõse os nossos de ver, que foi taõ grande o effeito da poluora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matàraõ muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais à vontade da natureza, que ao regulado limite do inuentor da mina.

116

Passado algum espaço, logo que o fumo desfassombrou a fortaleza, mandou Rumecaõ entrar quinhêtos Turcos pelas ruínas do baluarte abraçado, seguindoos de tropel o restante do campo, porém achàraõ cinco valerosos soldados, que lhes fizeraõ rosto, sustentando largo espaço o peso de taõ noua batalha. Verdade taõ estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porém calificada entaõ na confissão dos proprios inimigos, & agora nas caãs de tantos annos. A codio logo àquelle parte Dom Ioaõ Mascarenhas com quinze companheiros, & vio dous espectaculos; hũ que merecia lastima; outro espanto; & soccorrendo aos cinco soldados fizeraõ todos taõ dura resistencia ao inimigo, que bastàraõ a retardar a furia de hum exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade nua, excede tudo o que escreuerãõ, ou fabulãraõ os Gregos, & Romanos.

*Valor no-
tauel de
cinco sol-
dados: of-
fos.*

117

Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estauaõ já senhores do baluarte abraçado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijauaõ, corrãraõ àquelle parte como de môr

perigo, & quiçã que este falso rumor saluasse a fortaleza, porque formãraõ hum grosso, que bastou a fazer o rosto a treze mil infantes, que tantos contaõ nossas Historias, que comettẽraõ o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodiraõ a ministrar lanças, pelouros, & panelas de poluora; & aquella valorosa Isabel Fernandez com hũa chuça nas mãos, ajudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo, & com as palauras, dizendo em altas vozes: Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rey, Caualleiros de Christo, porque elle està com vosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria hũa taõ larga porta, determinãraõ este dia concluir a empreza, incitados do General, & da occasiaõ, peleijando jã como favorecidos; os que combatiaõ no baluarte, pela ambiçaõ de ser primeiros em facçaõ taõ illustre, se portavaõ cõ mais ardor, que os outros; & como eraõ Ianizaros, & Turcos queriaõ sò para si a gloria d'este dia. Rumecaõ mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diuersaõ, em podertaõ pequeno, facilitar a entrada.

*Esforço
de Isabel
Fernan-
dez, &
mais mu-
lheres.*

Esteue por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, & descansados; os nossos, sobre taõ poucos, vencidos do trabalho de resistencia taõ desproporcionada. Aqui acodio o Vigairo Ioaõ Coelho com hum Christo aruorado, dizendo, que aquelle Deos, cuja causa

118

defendiaõ, era o Autor das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, & fortes companheiros, parecia que obrauaõ com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, & espirito com que a começaraõ.

119 Já declinava o dia, & os Turcos com os nossos mortalmente abraçados, por humas feridas vertiaõ sangue proprio, & alheo; & como hum exercito inteiro carregava sobre taõ poucos defensores, chegaraõ os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma sò ferida. Parecerà exageração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obraraõ neste dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illustre Dio, lhes ferà cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Caualleiros, que hauemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes foraõ Sebastiaõ de Sà, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bertholameu Correa, Mestre Ioaõ Cirurgiaõ de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumeçaõ tocar a recolher depois de hauer perdido neste assalto settecentos soldados, & sem conta os feridos, de que morreraõ muitos, mal assistidos na cura, porque pola multidaõ cansavaõ os mestres, & faltavaõ os remedios. Dos cinco Caualleiros, que defenderaõ o baluarte, morreo sò Mestre Ioaõ despedaçado de muitas feridas, que dei-

*Nomes
d's cinco
soldados.*

*Retirase
Rumeçaõ.*

xou bem vingadas , sem querer deixar a briga , nem obedecer aos amigos , que o retirãraõ como pessoa taõ importante pela arte , pelo valor naõ menos Isabel Madeira sua mulher acodio a atar-lhe as feridas mortaes , & depois de o enterrar por suas mãõs com poucas lagrimas , & grande sentimento , acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas ; valor estranho , ou raras vezes visto ainda no varaõ mais constante.

*Particu-
lar valor
de Isabel
Madeira.*

Logo que se retirou o inimigo , mandou Dom Ioaõ Mascarenhas enterrar os mortos , que esta-uãõ nas ruínas do baluarte , sendo leuados de hũ sepulchro a outro. Foraõ enterrados juntos pela estreiteza do lugar , & do tempo ; faltando funebres honras , & piadoiãs lagrimas a taõ honradas cinzas ; porẽm dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo , que aquelles , que em urnas de alabastro deixãraõ de huma vida sem nome ociosa memoria. A Dom Fernan do de Castro depositaraõ em separado enterro , por se o Governador seu pay quizesse trasladarlhe os ossos a lugar differente; laurarlhehia tumulo mais soberbo , porẽm naõ mais illustre. Depois que o Capitaõ mõi cobrio aos companheiros de piedosa terra , acodio a reparar o estrago , que deixãra o assalto nas paredes ; a que ajudãraõ as mulheres companheiras do trabalho , & perigo , sem reseruar tempo , & lugar para a dor , & lagrimas dos filhos , & maridos , que viraõ espirar com seus olhos , & ellas mesmas hauiaõ sepultado , en-

120

cobriundo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

121

Determinação do Capitão mór.

Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sâgue, & do incendio; chamou o Capitão mór a conselho os poucos companheiros, que sobreuiuéraõ ao estrago, representandolhes o miseravel estado em que se achauaõ; a maior parte dos defensores mortos; os que ficauaõ enfermos, & feridos; destroçadas as armas, corrupto o mantimento, as muniçoens gastadas, a fortaleza pôsta por terra, os mares com os temporaes do inuerno cada vez mais cerrados, o inimigo vigilante, & soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas, o que considerado pedia a todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderiaõ saluar a honra de seu Rey, & as suas; que entendessem, que estauaõ como espectaculo do mundo, & tinhaõ sobre si os olhos do Oriëte todo, expostos a merecer a maior fama, ou a maior infamia; que se não podiaõ alcançar a victoria, podiaõ priuar della aos inimigõs, pois estaua nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os hauia chamado para lhes communicar a resolução em que estaua, esperando, que todos a approuassem, a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, & muniçoens que hauia, queimar a roupa, crauar a artelharia, & sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que

naõ

naõ pudeſſe chamar victoria aquella, em que naõ acharia catiuos, nem despojos. Ouuido D. Ioaõ Mascarenhas, naõ houue ſoldado a quem naõ pareceſſe que tardaua o effeito de reſoluçaõ taõ valeroſa. Diga Roma, ſe acha nos ſeus Annaes eſcrita huma acçaõ taõ illuſtre dos ſeus Fabios, Scipioens, ou Marcellos.

Em quanto eſtas couſas paſſauaõ, andaua D. Alvaro de Caſtro com as tormentas do inuerno a braços; porque ſendo vinte & quatro de Junho, tempo em que ſe naõ deixaõ nauegar aquelles mares, elle, temendo o perigo da fortaleza, & desprezando o da armada, forçaua o remo nauegando por de baixo das ondas. Era o vento traueſſaõ, & os mares andauaõ tam cruzados, & ſoberbos, que comiam os nauios; huns abertos com a força do vento, outros ſem maſtos, & deſenxarceados andauam ſem gouerno à vontade das ondas, & ſe hiam alagando por hum, & outro bordo, ſem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro obſtinado em ſoccorrer a Dio, andaua a huma, & outra parte errando, vendose por momentos ſoçobrado; atè que com o trabalhar do nauio, lhe ſaltou o leme fõra, com o que impaciente arribou a Baçaim deſtroçado com alguns nauios de ſua conſerua; outros tomãraõ diferentes portos, & enſeadas. Aqui achou Dom Alvaro a Dom Francisco de Menezes arribado com a meſma fortuna, depois de hauer huma, & outra vez tentado o golfaõ, que achou com tal braueza,

122

*Viagem
de Dom
Alvaro
de Caſtro.*

*Arriba
a Baçaim.*

za, que alijou ao mar as muniçoens, & mantimentos que leuaua, por salvar o casco.

123

*Chega
Antonio
Moniz a
Baçaim.*

Neste tempo chegou Antonio Moniz Barretto com o carauelaõ das muniçoens; & como era taõ gèral a tormenta, esteue muitas vezes perdido, & surgindo o entregou a Dom Alvaro com animo de passar a Dio, a despeito dos mares, em qualquer embarcaçaõ que achasse, como saboreado de hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a casscar o carauelaõ, & trincou duas amarras, & como era baixel taõ importante, por trazer as muniçoens do soccorro, tentou Dom Alvaro acodirlhe; & por mais que trabalhàraõ os marinheiros, naõ pudèraõ chegarlhe com a força do tempo. Porém Antonio Moniz Barretto, metendose em huma Galueta, que acaço achou na praia, os de terra o víraõ mil vezes foçobrado; mas como era embarcaçaõ taõ leue, & naõ fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Enfim chegou, deu cabo ao carauelaõ, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razaõ, trouxe atoadado. E fazendo discurso, que sò aquella embarcaçaõ, por leue, & pequena poderia penetrar mares taõ grossos, na qual faria menos impressaõ o choque, & embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, & com algũs marinheiros pagos à sua vontade, se veo embarcar nella. Estaua a caso na praia Garcia Rodriguez de Tauora, & vendo a resoluçaõ de Antonio

*Salua o
carauelaõ
d's mantimentos.*

*Partem
dous fidalgos para
Dio.*

nio Moníz, lhe pedio o leuasse consigo; escusouse o Moníz dizendo, que lhe não conuinha acompanhar-se de homem tão grande, que lhe fizesse sombra, porque queria sò para si este perigo, sem que na sua embarcação parecesse segúdo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda parte confessaria, que elle era o que o leuava, & que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratauaõ naquelle tempo os pontos da opiniaõ. Satisfeito Antonio Moníz d'este comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; & vendoos fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, & maior ainda no brio, que na estatura, bràdandolhes de terra, lhes disse: Como, senhores, sem mim passais a Dio? Não cabeiscà (lhe respondeo hum d'elles.) Mas o valeroso soldado, lançandose ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a Galueta. E vendo Antonio Moníz tão grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo, que leuava hum bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro.

*Miguel
de Arnide
de os acõ-
ponha.*

Foraõ aquelles fidalgos nauegando com tem-
postaõ rijos, que andàraõ todo aquella dia, &
noite à misericordia dos ventos, obedecendo a
Galueta aos mares sem carreira, ou gouerno.
Humas vezes a faziaõ surdir as ondas, outras per-
der o que tinhaõ canjado. Foraõ correndo com
huma moneta ao pé do masto à discricao dos ma-
res, que a alagauaõ por hum, & outro bordo, os

124

*Perigos
da viagẽ.*

quaes

quaes a penas podiaõ vencer com baldes. Nesta fadiga, & risco passáraõ a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridaõ d'ella, & cerraçaõ do tempo, podessem conhecer a paragem em que estauaõ. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, & elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houueraõ vista da fortaleza; porém taõ arafada, que a penas se daua a conhecer polas ruínas. Chegàraõ enfim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumento de ser a fortaleza perdida. Brádou Antonio Moníz alto, & sendo ouuido dos de dentro, foraõ correndo dar auiso ao Capitaõ môr. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem eraõ? respondéra hum soldado, que Garcia Ródriguez de Tauora; o que Antonio Moníz sofrendo mal, disse, que elle era o que alli vinha; & pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Ródriguez cortès, & comedido, não temperàra o animo de Antonio Moníz justamente sentido; se bem o tempo, & o motiuo pudèraõ fazer desprezar queixa taõ leue. Chegou Dom Ioão Mascarenhas, & leuandoos nos braços, lhes disse, quanto estimaua taõ opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moníz, onde se achaua Dom Aluaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouuiraõ: Aqui, senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta nauios, & com a primeira vaga do tempo lhe vereis as bandeiras. E

*Cheg m
a Dio.*

*Desconfiança
briosa de
stes dous
fidalgos.*

*Dão m.
uas de D.
Aluaro.*

em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrello. Esta noua foi festejada de maneira, que os soldados cõ danças, & folias, esqueciaõ os trabalhos passados, na esperança do soccorro vezinho; & os que hauiaõ militado com Dom Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificauaõ a vinda a despeito dos mares, & dos ventos.

Dom Ioaõ Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. Ioaõ, & S. Thomé, que eraõ os mais arruinados, dandolhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Não era neste tempo menor o risco, mas já menos tèmido. Mandou Antonio Moníz a embarcação, em que viera, a seu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha hauia pedido. Passàraõ nella alguns soldados estropeados, com cartas do Capitão mór a Dom Alvaro de Castro em que lhe daua conta de todo o succedido, referindolhe em somma as necessidades que temos relatado. Chegou a Galueta a Baçaim com grande aluorogo dos que a víraõ, polas nouas de estar ainda por el Rey a fortaleza, se bem misturada com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de Dom Fernãdo de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. Dom Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por aliuio acharse com a espada na

125

*Assi o
Cap 110
mór a D.
Alvaro.*

*O qual fae
de Baçã-
im.*

maõ para vingala. E logo aquella mesma tarde mandou fair a armada com ordem, que todos posseſsem a proa em Dio, & que nenhum nauio aguardasse por outro.

126

*Continua
Rumecaõ
as minas.*

Entretanto Rumecaõ vendo, que obrauaõ mais as minas, que os assaltos, sabendo de alguns escrauos, que da fortaleza hauiaõ fogido, da fome, & do perigo, o sentimento com que os nossos estauaõ pola falta de tantas pessoas illustres, que acabàraõ na mina, a estreiteza com que se repartiã as muniçoens, & mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obrauaõ com menos risco, & com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Sanctiago, & o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, & encubertas, para nos esconder o desenho, & assegurar os seus trabalhadores. Dom Ioaõ Mascarenhas cauto, & preuenido, arguin-do d'aquella breue pausa, que faziaõ as armas do inimigo, que trabalhaua em outra noua mina, temendoſe do baluarte de Antonio Peçanha, mādoulhe fazer algũs repariros, & abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picaua o muro; o qual o inimigo achou taõ forte, que o naõ podia rõper o picaõ; difficuldade que vêceo, cõ vinagre, & fogo. Dõde se vê que a estes inimigos da Asia, naõ faltaua valor, nẽ disciplina, como erradamente escreuem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginaraõ os Mouros Oriẽtaes barbaros, & bisonhos. Cõ este artificio começou a

*Os nossos
acodem
ao reparo
dellas.*

arruí-

arruinar o muro; & logo entre o baluarte S. Thomé, & o Cubello, ordenou Rumecaõ, que se lavrasse a mina, a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizeraõ contramina, & levantáraõ por dentro hũa parede forte; como estauaõ faltos de materiaes, & gente, acodiraõ aquellas honradas matronas ao seruiço de taõ pesada obra em beneficio dos feridos, & enfermos, que não podiaõ suprir este trabalho, nem taõ pouco escusalo.

Logo que Rumecaõ teue posta em perfeiçaõ a mina, determinou à sombra d'ella dar hum gèral assalto, & chamando a si os Cabos do exercito, & os que estauaõ escolhidos para escalar o muro, escreuem, que lhes fez esta falla. 127

Aquellas ruínas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, haõ de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Com soldados somos que guardão aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, & as feridas tem tirado as forças de sorte, q. e sò peletjamos com as sombras dos que já foram homens, offerecendo os miseraveis aos nossos alfanges, vidas sem sangue. A honra que neste cerco tem ganhado cõ valor infelice, ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomaõ nome as empresas; que o mundo julga sempre o valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza, subamos a este monte de triumphos, vingaremos infinitas injurias com hũa sò victoria. Liuremos esta escrava da Asia das prisoes do tributo; liuremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto poremos fim a tam illustre empresa, & se acordarã o Oriente idades largas com alegre memoria de tam fermosodia.

*Anima
Rumec m
os seus pa-
ra outro
assalto.*

128

*Cometteram
o baluarte
Sanctiago*

Acabada a pratica , fallou , & animou aos particulares com razoens accominadadas ao tempo , & às pessoas , finalando premios aos primeiros , que subissem ao muro , como pudéta o mais sabio , & pratico Capitaõ da Europa. No meſmo dia , que foi o de dezaseis de Agosto , ſahio o inimigo com todo o poder , de ſeus alojamentos , & repartindoſe ordenadamente pelos baluartes , deixou o maior groſſo do exercito , para acometter o de Sanctiago , por onde esperavaõ abrita porta à victoria ; ao qual ſe arrojaraõ tumultuariamente , dando eſpantofas vozes , & tirando ſobre elles grande copia de armas de arremeffo para chamarem à deſenſa a maior força dos noſſos. Ateouſe por eſta parte com maior calor a briga , até que na força do conflito , fingindo o inimigo , que cedia à noſſa reſiſtencia , ſe retirou ſubitamente , como a ſinal certo Os noſſos , que eſtauaõ ſobre auifo , conhecendo o engano no temor ſimulado , com que ſe apartaraõ tambẽ do baluarte , esperando que rebẽtaſſe a mina. De raõlhe os Mouros fogo , o qual achãdo reſiſtẽcia nos repuxos , & eſcarpas do muro , que lhe cõtra-poſeraõ , rebẽtou pela face de fõra retrocedẽdo ; & voandõ a cortina do muro , a lançou ſobre os Mouros cõ taõ grãde violencia , que matou mais de trezẽtos , & muitos mais ficaraõ eſtropeados.

*Rebenta a
mina com
dano dos
inimigos.*

Ficou a fortaleza eſpaço grande eſcondida em nuuens de pò , & fumo , ſem que de huma , & outra parte ſe conheceſſe o dano ; mas logo que ſe

se começaraõ a adelgaçar os àres , acodio o inimigo em tropas a subir pelos estragos, & ruínas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns aos outros faziaõ impedimento, estimulados da cobiça do premio, ou da ambiçaõ da honra. Porẽ os nossos os recebẽraõ nas lanças, fazẽdoos voltar em pedaços sobre os opprimidos da mína. Tras estes acomettẽraõ outros, que depois de pelejarem grande espaço, foraõ tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavaõ muitas setas, chuços, & alcázias de fogo, que tiravaõ do campo, com que nos encrauavaõ algũa gente, & impediaõ a defenfa aos soldados attẽtos a hũ, & outro perigo; porẽm assi abrafados, & feridos, naõ houue algum que largasse o lugar que sostinha, onde fizeraõ taõ heroicos feitos, como se deixaõ ver no successo, & na desigualdade da peleija. O fogo, que os Mouros lançavaõ no baluarte, era taõ to, que os nossos peleijavaõ em hum incendio viuo, a que o Capitãõ mór occorreo mandando trazer tinhas de agua, onde mitigavaõ, ou extinguiãõ os vestidos, & corpos abrafados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo, tambẽ aqui lhe fez opposiçam maior a força dos nossos, com que se acendeo a peleija mais viua, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de fresco, & assistida com a presença, & voz do General, que os esforçava.

Antonio Moniz Barretto, & Garcia Rodriguez de Tauora, deraõ aqui de seu valor hũa

1.
Com
o bal
Sanç

ti-
ão as
ilheres
.e valor.

illustre proua, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da hõra d'este dia coube àquellas nũca affaz louuadas matronas, não sò companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, animaua aos soldados com palauras, & melhor com o exemplo; & as de mais entre as settas, as lanças, & pelouros, ou mostrauão seu esforço, ou feruiaão ao alheo.

131

Nos outros baluartes não estauão as armas ociosas, porque em todos se peleijaua, para com a diuersaõ facilitar a entrada pelo de Sanctiago onde hauia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecaõ, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrasada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiua a offensa. Porèm os nossos deraõ raõ grande pressa aos inimigos, que chegauão já froxos, & tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

132

Retirãõse
os inimi-
gos com
perda.

Mandou Rumecaõ tocar a recolher impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra, que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; & como a raõ crecida creatura àcompanhauão forças pro-

por-

porcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecaõ, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso, & do valor dos Portugueses fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias d'este dia, dizia, que eraõ dignos de que os ferissem as gentes; & que a fortuna do mundo estava, em serem elles taõ poucos, porque a natureza, como a leoens, os tinha feito raros, encerrandoos nas couas do vltimo Occidente.

Mojatecaõ louva o valor dos nossos.

Este dia perdemos sette soldados, & ficaraõ vinte & dous abrasados, & ja os laõs eraõ taõ poucos, que naõ bastavaõ a curar os feridos, & menos a reparar as ruínas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes, & gentes; mas como Rumecaõ achava nos assaltos taõ dura resistencia, fazia de nossas forças differente conceito. Neste tempo fugiraõ para o inimigo tres escrauos nossos, os quaes leuados a Rumecaõ, lhe affirmaraõ, que na fortaleza naõ havia sessenta soldados, que podessem tomar armas, & estes muito debilitados com a fome, & continuo trabalho das obras, & vigias, nos quaes naõ acharia mais que obstinaçaõ sem forças. Com a certeza d'este auiso, resolveo Rumecaõ assaltarnos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achauamos, mandando, que todos o ouvissem da boça dos escrauos; os quaes discorrendo pelo exercito, espalhavaõ alegres a relaçaõ de nossas misérias.

133
Auvido Rumecaõ de tres escrauos fugidos.

134
 Da cuitro
 a falto.

Valerosa
 r silencio
 d. s. nosos.

Logo que amanheceo se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o vltimo da guerra, se quizeraõ achar todos, & alguns vestiraõ galas, crendo, que hiaõ mais a triumpho, que a peleija. Saíraõ de seus alojamentos, com todas as insignias aruoradas, tocando diuersos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulauaõ eccos barbaros, & medonhos; & como traziaõ vencido o medo com as noticias, que temos referido, de longe se auançaraõ ao baluarte S. Thomé, que por estar quasi todo arrasado, as ruínas lhes seruiaõ de escada. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremetéraõ confiados, como à dar a victoria; porém os nossos quebrando entre elles algumas panelas de poluora, os fizeraõ retirar abrafados. Com a mesma furia chegaraõ outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltaraõ tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumeçaõ, crendo, que taõ continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro, que cortádo se gasta, ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago; brãdou aos seus, que subissem a tomar posse da fortaleza, que já não hauia quem se lhes opposesse. Aqui arremeteo tumultuariamente hum graõ troço de Mouros esforçados, ou credulos às vozes do General. Estes com o primeiro alento caualgãraõ o muro, & começãraõ a peleijar com os nossos braço a braço, muitos, & descansados contra poucos já lassos, & feri-

feridos porém tirando forças de brio , & necessidade , se mostraraõ tão valentes aos vltimos , como aos primeiros. Algũs dos inimigos cahião , & succediaõ outros , com que esteue a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio Dom Ioaõ Mascarenhas animando os seus, como grão Capitaõ , peleijando como o melhor soldado , & prouido a todas as occurrências da guerra, tinha prompto todo o genero de armas , de que se ajudauaõ o snõssos, ministradas por aquellas valerosas mulheres. Luis de Sousa Capitaõ d'aquelle baluarte fez grandes gentilezas nas armas este dia Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tauora , Dom Pedro , & Dom Francisco de Almeida , fizeraõ obras dignas de maior escriptura ; & todos os mais Caualleiros , soldados , que aqui se acharaõ , alançaõ bem merecida fama.

Mandou Rumeçaõ acometter o baluarte S. Ioaõ , crendo pela informação dos escrauos , que achasse a entrada franca , mas obraraõ tanto os poucos defensores que tinha , que obrigaraõ a retirar o inimigo cõ perda , & cõ vergonha. Rumeçaõ asõbrado do que via , affirmava , que eramos instrumentos da indignação do Ceo contra Cambaya , & segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiaçoens barbaras , & ridiculas ; & porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto , & os soldados já timidos desprezauaõ a obediencia com o horror de taõ quotidiano estrago , tornou a tentar as minas , como artificio , ou

mais

135

*Acome-
te Rume-
caõ o ba-
luarte S.
Ioaõ , &
retirase.*

mais efficaz , ou mais leguro. E primeiro mandou abrir muitas fétteiras na parede , que diuidia o exercito da nossa fortaleza , por onde recebiaõ os nossos muito dano , porque peleijauaõ como em campo raso , sem abrigo da muralha , que estaua arruinada. Começaraõ a laborar os seus arcabuzes , dando continuas cargas.

136

*Intenta
arrombar
a cisterna*

Ordenou que com hum Quartao se bateffe a cisterna; aqual, se chegàra a arrombarse, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada de hũa rua, que chamamos a Coua, que foi a caua antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahiaõ muitos pelouros com dano dos miseraueis , que alli se abrigauão, & perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o Capitãõ mór, ordenando hũa tranqueira alta de vigas , & entulho , com que remedeou hum , & outro dano , furando as casas pela parte de dentro, com que de humas a outras se daua seruentia segura.

137

*Rebenta
outra mi.
ra com
d no d'is
m:m gos*

Entretanto trabalhauão os Mouros na mina, que hia demandar o baluarte Sanctiago, o que entendido dos nossos, ordenàraõ por dentro repuxos fortes, & abriãõ algũs vãos por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas , que deu com parte do baluarte para a banda de fõra, mandando quantidade de soldados, & mineiros, que assistiaõ na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro; seria caso,
mas

mais taõ raro, que pareceo milagre. Em reben-
tando a mina, subíraõ de tropel os Mouros pelas
ruínas do baluarte, donde se lhe opposeraõ os
nossos, desfueados das continuas vigias, debilita-
dos das fomes, & feridas, sustentados mais na
grandeza do espirito, que em forças naturaes;
mas ainda assi os animou a honra, & o perigo,
desorte, que pareciaõ peleijar com forças descã-
fadas, & inteiras, detendo a furiosa corrente do
inimigo à custa d'elle mesmo. Era o lugar capaz
de peleijarem muitos, & a desigualdade do nu-
mero fazia o perigo maior. O ruído das armas, a
confusaõ das vozes, impediaõ mandar, & obe-
decer. Caíraõ muitos Mouros, mas pela diligen-
cia dos Cabos, lhes succediaõ outros, com o que
naõ deixauaõ respirar os nossos, acomettidos de
longe com armas de arremesso, & de perto pe-
leijando braço a braço. Assi aturàraõ muitas ho-
ras esta dura contenda. Tiueraõ os inimigos lu-
gar de aruorar tres bandeiras no baluarte, defen-
didas de boa copia de espingardeiros. D'este lu-
gar foraõ decendo ao muro atè a Igreja do Apo-
stolo Sanctiago, que ficaua encostada ao mesmo
baluarte, metendose nos altos da casa; com o que
ficou o baluarte, & a Igreja, ametade sustentada
dos Mouros, & a outra dos nossos.

Sobreueo a noite, pondo termo à discordia,
naõ a paz, senaõ a natureza; & ainda assi com
golpes vagos, & incertos continuàraõ huma ce-
ga batalha. Ordenou logo o Capitãõ mór huma
fracas

*Perigo
grande
dos nossos.*

*Aruora o
inimigo
tres ban-
deiras no
baluarte
Sanctiago.*

138

*Cuidado
do Capi-
taõ mór
nos repa-
ros.*

fracca trincheira, que mais nos diuidia, que amparaua do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiua, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas, podiaõ ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhaõ tempo, ou lugar opportuno. Naõ descansaua o Capitaõ mór com as armas, & menos com o espirito. Mandou aquella noite affestar hum Camelo à porta da Igreja, que ficaua a caualleiro do baluarte, & com elle varejaua os Mouros, que recebiaõ muito dano, em quanto conseruauaõ a posse do que tinhaõ ganhado, atè que se cubrião com huma trincheira grossa, que os asseguraua.

139

Sae de Baçaim Luis de Mello.

Naõ se passaua menos perigò no mar, do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a Galueta do Antonio Moníz, ao outro dia, que se contauaõ quatorze de Agosto, se embarcou nella Luis de Mello de Mendoça com quinze companheiros, & apos elle em hum Catür Dom Iorge, & Dom Duarte de Menezes com dezefete soldados; Dom Antonio de Aitayde, & Francisco Guilherme cada hum em seu nauio com quinze soldados. Luis de Mello se foi logo engolfando, sordindo pouco, porque leuaua o vento pelo olho, & quanto mais se afastaua da terra, via os mares mais grossos; & como a Galueta era pequena, & estroncada, & as ondas taõ soberbas, que rebentauaõ em flor, quebrandose cru-

Perigos que tem na viagõ

zadas

zadas com a força do temporal, começou a entrarlhe a agua por hum, & outro bordo, que os marinheiros despejauão com baldes, vendose por momentos foçobrados, com que já areados, & tímidos, grumetes, & soldados requeriaõ a Luis de Mello, que arribasse, dizendo, que sabião peleijar com homês, & não com os elementos; que já não era valor, fenaõ porfia, perderemse sem fruto; que contra a indignação de Deos, não valia esforço. Porém Luis de Mello os applacou, dizendo, que naquella Galueta, & com a mesma tormêta passara Antonio Moníz, que não leuaua melhores companheiros que elle, nem lhe tinhaõ mais cortesia os mâres, que ninguem acabàra coufas grandes sem perigo; & que quando seus companheiros, & amigos estauaõ às lançadas com os Turcos, não hauiaõ de esperar os mâres leite, & os ventos galernos para ir a foccorrelos; que quando as ondas lhe comessem o nauio, sobre a espada hauia de chegar a Dio; que trabalhassem, que Deos os hauia de ajudar.

O temor, ou o pejo d'estas palauras, fez por entaõ aquietar a todos; assi foraõ aquella tarde, & noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os foçobrasse, & não podendo já as forças com o trabalho, vendo crescer o temporal por instantes, se conjuraraõ os marinheiros, & soldados, a obrigar a Luis de Mello por força, que arribasse; do que sendo auisado por hum Gomez de Quadros soldado de sua obrigação,

*Refeste
aos que
querem
arribar.*

tomou as armas todas, & recolhidas no payol, se pos enfima com a espada na mão, dizendo, que quem lhe fallasse em arribar, às estocadas lhe ha- uia de dar a reposta; que a vida de nenhum d'elles era de maior preço que a sua, para se não quererẽ perder, onde elle se perdia; que possessem os olhos em Dio, porque nẽ a honra, nẽ a saluação tinhaõ já outro porto. Vendo os soldados esta resolução, & os marinheiros mais temerosos do Capitaõ, que da tormenta, seguiraõ sua viagem sempre alaga- dos, & com a morte bebida, parecendo, que ca- da rajada de vento os sepultaua. Assi foraõ em continuo naufragio nauegando, até que sobre a tarde houueraõ vista da fortaleza, donde foraõ o- lhados com espanto, & alegria. Os Mouros lhes tiraraõ muitas bombardadas ao entrar da barra; surgiraõ sem dano na Couraça, onde o Capitaõ os veo a receber com grande aluoroço; a quem Luis de Mello affirmou, que não poderia tardar dous dias D. Alvaro de Castro; noua que foi festejada de todos cõ demonstraçoẽs que os Mouros entẽ- deraõ, de que fizeraõ juizo, que andaria já no màr o soccorro, a cuja causa determinou Rumeção a- pertar mais o cerco. Luis de Mello com os seus foi aposentado no baluarte Sanctiago, de que o ini- migo tinha a maior parte, que hauia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apo- stados a morrer na defenõa do que tinhaõ ga- nhado. Ao seguinte dia chegaraõ Dom Iorge, & Dom Duarte de Menezes, hauendo passado os

*Chega a
Dio, & dà
nouas de
Dom Al-
uaro.*

*Chegãõ
outros fi-
dalgos.*

mes-

mesmos riscos , com a mesma constancia , que Luis de Mello. Com estes soccorros , maiores na qualidade , que no numero , parecia que tinha já outro semblante a guerra.

Importunavaõ os novos hospedes a Dom Ioaõ Mascarenhas , que os deixasse ver o rosto ao inimigo , tentando deitalo fõra do baluarte Sancti-ago , o que elle concedeo leuemente , querendo tambem acompanhalos. Aprestaraõse para o outro dia , & em amanhecendo sobíraõ pelos muros , com que o inimigo se cobria , lançandose aos Mouros taõ impetuosamente , que os deitaraõ fõra sem lhes valer o esforço, & resistencia com que se defendérão. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumeçaõ primeiro, que o auiso , & acodindo com todo o poder àquella parte , tornou a trauar com os nossos com igualdade no lugar , & vantagem no numero. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, & corpo a corpo, ferindose com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue, & com a vida o lugar, que occupaua. Os nossos com taõ inferior partido , fizeraõ tantas gentilezas nas armas, que os Mouros os olhauaõ de fõra com temor , & espanto ; porém como eraõ desiguaes as forças do inimigo , tornou a recobrar aquella parte do baluarte , que já tinha ganhado , & reforçandoa com guarnição dobrada , mandou dar hum assalto géral à fortaleza . Peleijauase por todas as partes com huma mesma furia ; cahiaõ muitos

121

Determinação do Capitão mor.

Peleijase no baluarte Sancti-ago.

Mouros, hús cortados do ferro, & outros abraçados do fogo ; mas no mais viuo d'este cófficto se começou a escurecer o dia cõ huma cruel borrafca de ventos, agua, trouoões, & relampagos, parecendo, que no ár se acendia outra noua batalha.

142

*Perigo da
fortaleza
& valor
dos nossos.*

Os Mouros vendo que a agua nos apagaua as cordas, & que não podiaõ ser offendidos com as panelas de poluora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a fauor diuino o curso, ou variedade dos tempos ; por entre espessos chuueiros se chegauam aos nossos sem medo, com vozes, & algazaras, como de quem tinha o Ceo propicio. Foi este o dia, em que maior valor mostràraõ os nossos, & em que a fortaleza teue maior perigo, porque os Mouros se metiaõ pelas lanças, & espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas taõ porfiado affalto, atè que tornou a abrir o dia, & os nossos se começàraõ a aproveitar das panelas de poluora, com que abraçauaõ muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, atè que se lhes acabou o dia, & Rumecaõ tocou a recolher, deixando

*Retirase
Rumecaõ
com mil
to d'ino.*

quatrocentos mortos, & mais de mil feridos ; dos nossos faltàraõ sette, foraõ mais os feridos. Neste affalto se achàraõ todos os fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no fangue. Dom Ioaõ Mascarenhas fez as vezes de Capitaõ, & de soldado, sâbia, & valerosamente ; assistindo sempre ao perigo, sem faltar ao gouerno. Esta noite passàraõ os nossos

mui

mui vigiados pola vezinhança do inimigo, que hauia recebido do Soltaõ nouas honras, polos apertos em que tinha os cercados; & lhe hauia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos Cabos Turcos, que Remecaõ quiz logo auistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em proua do que hauia obrado.

Entra soccorro ao inimigo.

Ao seguinte dia depois do assalto, entraraõ pela barra Dom Antonio de Attrayde, & Francisco Guilherme, que naõ acharaõ menos brauos os mares que os outros, que temos referido. Diferença podia tardar hum dia Dom Alvaro de Castro, porque se tinha já leuado a armada com ordem, que nenhum nauio esperasse por outro. Os soldados festejaraõ a noua, & o soccorro, com musicas, & folias continuas, com que já pareciaõ passatempas os perigos do cerco.

143

Chegaõ a Dio mais fidalgos.

Entendendo Rumeçaõ, que vinhaõ chegando à fortaleza alguns soccorros, & que em abrindo o tempo naõ seriaõ os Portuguezes tardos em dar-se huns aos outros a maõ nos maiores perigos, começou a desconfiar da empresa, vendo, que os trabalhos naõ quebrauaõ os animos dos nossos, & que os seus soldados nas conuersações naõ tinhaõ por justificada a causa d'esta guerra, accusando aos quebrantadores da paz por nõs fielmente guardada. Temeo a disposiçaõ, que via para algum motim, o que atalhaua, encarecendo o miseravel estado dos nossos, & a infallibi-

144

D. J. confia Rumeçaõ da empresa.

*Abre ou-
tramina,
que se a-
talha.*

lidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, & mandou prégar pelos Cacizes a certeza de gloria para todos os que morressem nesta guerra; as mercês com que o Soltaõ hauia de remunerar aos libertadores da patria, não se esquecendo do temporal à volta do diuino. E porque as minas eraõ de menos risco que os assaltos, & obrauaõ com maiores effeitos, determinou de as ir profeguindo. Com este desenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. Ioaõ a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porém como os nossos andauaõ sobre auiso, ainda que Rumeçaõ cauto, & ardiloso fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo, para com esta diuersaõ cobrir o intento; com tudo Dom Ioaõ Mascarenhas teue noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leue.

145
*Dãselhe
fogo, &
os nossos
de fendê
as rotu-
ras.*

Chegado o termo de se dar fogo à mina, se abalou o exercito, & começou a tornear a fortaleza. Vinhaõ diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que eraõ os que hauiaõ de entrar pelas roturas, que se abrißem ao reben- tar da mina, a qual com tremêdo estampido voou pelos àres toda a face do muro. Corréraõ logo os Turcos, ainda cegos do fumo, & da terra, leuanta- da nos àres com o impulso do fogo, porém a- cháraõ outro muro contraposto, a que o fogo,

ou não chegou, ou achou resistencia; víraõ com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficara por tres partes aberta, & voltando áquella parte as armas, intentáraõ ganhala; mas os nossos acodiraõ a defendela, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores, & cercados como em campo raso. E crendo Rumecaõ, que estaua naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou acometter os outros, onde tambem os Portugueses lhe mostraraõ o ferro. Meteraõ este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes não recebemos dano, estando ella quasi arruinada, caso, que por ser raro, pareceo milagroso. Durou enfim o combate algumas horas, retirandose o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

Rumecaõ, que já tinha por injuria a dilacão do cerco, como homem, que buscaua os perigos, & o dano por desculpa, acometteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, & mandou por differentes Capitães escalar os outros baluartes, parecendo a inuazaõ d'estes dias, hum successiuo assalto. Aqui peleijaraõ os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atraueffados pelas lanças, & espadas dos nossos a morrer, & a matar juntamente; mais promptos a offender, que a repararse, buscando a morte, como porta para a

imaginada gloria , que lhe promettiaõ os Cacizes, maquinando este diabolico incentiuo em beneficio da empresa , & desprezo da vida. Com este ardor sofrêraõ o peso da batalha muitas horas , perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijauão, incitados da dor, & da injuria dos companheiros mortos. Peleijãraõ enfim com tal porfia, que sustentãraõ aquella parte do baluarte, onde se combatia, & nelle aruorãraõ bandeiras, cobrindose com vallos, & estacadas.

148

*Successos
no baluar-
te Sancti-
ago.*

*Valor par-
ticular de
hum sol-
dado.*

Não andauão menos quentes as armas no baluarte Sanctiago. Duas vezes o tiueraõ ganhado os inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos, que o tornãraõ a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançãraõ, que os nossos peleijãuão abraçados, soccorrêdose, por vnico remedio, das tinas de agua para refrigerarse. Antonio Moníz Barretto com dous soldados se achauão sòs no baluarte detendo a furia do inimigo, & querendo o Moníz sair-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, trauou d'elle hum soldado, dizêdo: Ah, senhor Antonio Moníz, deixais perder o baluarte del Rey? Voume banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. Se os braços estão sãos para peleijar, tudo o al he nada (lhe respondeo o soldado.) Cuja aduertencia aceitou o Moníz, tão pagado do valor que o soldado mostraua, que o trouxe consigo para o Reyno, & lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para

cre-

credito alheo; chamandolhe sempre com honrado appellido, o soldado do fogo; nem as relações d'este successo no lo daõ a conhecer por outro nome.

Neste, & nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, & perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que parecendo hũa mesma cousa repetida, se escreuem, & se lem com fastio; porém ainda que a relação d'este cerco não deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facção hũa das mais illustres que se achaõ nas historias humanas, da qual fizeraõ estimação justa as mais bellicosas nações da Asia, & da Europa. Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruínas da fortaleza, donde continuamente se mostrauão as armas.

149

*Retirase
outra vez
o inimigo.*

Ao seguinte dia despedio Dom Ioaõ Mascarenhas em hum Carúr a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor, a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o mereciaõ, ou soppunhaõ illustre. Sahio da barra, & torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sem presa; & como os soldados de valor se não contentaõ com obrar bem, senaõ ditosamente; tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais descõfiado, que obediente) à tétar a fortuna; mas como o que parecia caso, era mysterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empresa porfia, o qual,

150

*Sae An-
tonio Cor-
rea a fa-
zer alguma
presa.*

como se a desgraça fora culpa, se accusaua a si mesmo. Tornou enfim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua forte, & dando volta à Ilha, diuisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, & remanndo contra àquella parte, deixando os companheiros no Catùr, saltou em terra, caminhou algum espaço sò, atè que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno d'elle reparauaõ o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo, que saísem, porque tinhaõ como nas mãos a presa que buscauaõ; porém os soldados esquecidos de si mesmos, ou seruindo à Prouidencia mais alta, o não acõpanhãraõ, como dando lugar à fortuna do Capitaõ, o qual vendo a fea resolução dos soldados, se foi sò a demandar os Mouros, bastando-lhe o animo para acometter o perigo, que não podia vencer. De repente enuestio os Mouros, os quaes amedrontados com o subito acomettimento, hũs fugíraõ, outros se defendiaõ timidos, & sobrefaltados, mas tornados em si, & vendo se acutilados de hum sò homem, começãraõ a fazer-lhe rosto já com mais ouzadia, voltando os que fugíraõ, a defenderse vnidos, & em quanto Antonio Correa se acutilaua com hũs, outros o sojugãraõ pelos lados, & ainda depois de preso, como a fera, o remiaõ atado; assi o leuãrõ a Rumeçaõ, mostrando as feridas, que recebêraõ, em credito do preso.

*Enueste cõ
doze
Mouros,
que o
prendem.*

Mandou Rumecaõ que o soltassem , pergun-
tandolhe , que gente haueria na fortaleza ? se vi-
ria o Governador a Dio ? com que poder . & em
que termo se esperaua o filho ? Elle lhe respondeo ,
cõ grande segurança , que na fortaleza hauia seis-
centos homens , que cada dia importunauaõ o
Capitaõ que os leuasse ao campo ; que esperaua
breuemente a vinda de Dom Aluaro com oiten-
ta baxeis , o qual em desembarcando sairia a cam-
panha , porque algumas galés que trazia , hauiaõ
mister chusma de Turcos ; que o Governador a-
prestaua maior poder , porque queria acabar de
hũa ves com as cousas de Cambaya. Rumecaõ
que sabia a verdade de nossas forças , enuejou
hum coração taõ liure em tão baixa fortuna , fa-
zendo estimação (como soldado) de quem entre
prisoões o desprezaua . Rogoulhe , que se fizesse
Mouro , porque com melhor Ley teria melhor
fortuna , & conheceria a differença de seruir a
hum Monarca rico, ou a Piratas pobres. Porém o
valeroso Caualleiro , escandalizado na injuria de
fauores taõ feos , lhe respondeo , que os Portu-
gueses , pola Ley , & polo Rey estauaõ sempre
promptos a derramar o sangue ; que Mafamede
fora hum enganador , infame por obras , & dou-
trina ; que se em Cambaya hauia renegados , feri-
ão de outras nações , qual o fora seu pay Coge
Cofar , que como monstro da terra em que nas-
cèra , os pays , & a patria o negauaõ de filho.

151

*He pre-
sentado
Rumecaõ**Quer per-
suadilo a
deixar a
Fè.*

Rumecaõ não podendo soffrer de hum escrãuo

152

as

Afrontas que lhe fez.

Mandao degolar.

as injurias da Ley, & as da pessoa, inflammado do zelo, & do desprezo, o mandou ante si afrontar no rosto, primeiro que lhe tirassẽm a vida, cren-do, que lhe seria mais leue a pena, que a injuria; & logo entre baldões, & mofas, o mandou pas-sear nú as ruas da Cidade, inuentor barbaro de taõ nouo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porẽm o Caualleiro de Christo, co-mo soldado já de outra milicia, com mais castiga-do valor vencia soffrendo. Rumeção depois d'es-tas injurias, dizendo que pedia satisfação de san-gue a honra do Propheta, mandou que fosse de-golado, & a palma; que começou a merecer sol-dado, alcançou martyr. Foi leuantada a cabeça em hũa pica, & põsta em lugar onde os nossos da fortaleza visẽ; os quaes com sentimento na-tural (mas injusto) como soldados, lhe vingãraõ o sangue; como Catholicos lhe enuejãraõ a mor-te. Entrãraõ ao outro dia os soldados de sua cõ-panhia, os quaes o Capitaõ mór não quis ver nem castigar, tendo respeito ao tempo, porẽm elles remirão a culpa, com se arriscar em todas as occa-siões, como homẽs, que aborreciaõ hũa vida sem honra. Muitos d'elles murrãraõ quasi voluntaria-mente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mou-ros nos faziaõ mofas, & algazãras de longe, a-pontando para a cabeça de Antonio Correa, ha-uendo por satisfação de tantos danos aquella re-compensa, & já mais atreuidos faziaõ a despeito dos nossos algumas gentilezas.

Entre o baluarte São Thomè, & o de Sanctia-
go estaua hũa bandeira aruorada , a qual desejou
arrancar hũ Mouro , crendo o poderia fazer sem
risco , por ser o muro baixo , & pouco vigiado ;
ao qual chegou furtado sem ser visto dos nos-
sos , & subindo pelas ruínas trauou da haste ,
& ainda que a abalou forcejando , nunca pode
leuala , & soltandoa temeroso , a deixou enco-
stada ; & vendo o pouco que lhe custàra a pri-
meira ouzadia , tornou com o mesmo recato a
buscar a bandeira; porém ao tempo , que para pe-
gar nella, hia soltando o braço, hum soldado nos-
so lhe encarou a espingarda, & o derribou morto.
Aconteceo isto à vista do arraial, que lhe tinha fe-
stejado o primeiro acomettimento com gritas, &
lououres; agora o olhuaõ caído com hum profũ-
do silencio ; corréraõ os nossos com graõ veloci-
dade a cortarlhe a cabeça , que aruoràraõ, auistan-
doa com a de Antonio Correa.

153

Os Mouros , que estauaõ fortificados no en-
tulho do baluarte S. Thomè, foraõ ganhando ter-
ra, palmo, & palmo, à custa de seu sangue, leuãdo
sempre diante montes de terra , & rama , que os
cubria, & fortificaua. Porèm D Ioaõ Mascarenhas
mandou levar hum Basilisco às portas da Igreja ,
que como lugar eminente lhe ficauaõ em batalia
os Mouros , donde os varejou com tanta furia ,
que lhes rompeo as defensas , & com morte de
muitos foraõ desalojados.

154

R

dos
ostre
belli-

155
*Extremos
 em que e-
 stã a foria-
 leza.*

Iã neste tempo estaua arrafada a fortaleza , & os Portugueses , em lugar de muros, defendiaõ suas mesmas ruínas; o inimigo dentro dos baluartes às portas da victoria; os mantimentos, hús e-raõ, polo tempo , corruptos ; outros , pola qualidade, nociuos , de que resultauaõ doencas de taõ mà qualidade , que os saõs recebiaõ maior dano do contagio , que da hostilidade.

156
*Torna D.
 Alvaro a
 arribar.*

Tinha partido de Baçaim Dom Alvaro de Castro com cincoenta nauios (assi chamãõ quaequer baxeis na India , inda que sejaõ carauelas latinas, ou embarcações de remo) & como vinhaõ empachados com munições, & bastimentos, naõ podendo sofrer màres taõ grossos, tornáraõ a arribar em popa destroçados, & abertos, tomando diuersas angras , & enseadas, onde o temporal os lançaua . Entre os mais nauios , que foraõ correndo cõ a tormenta, foi o de que era Capitaõ Athanasio Freire , o qual indo demandar a terra , se foi metendo na enseada de Cambaya quasi alagado, & taõ perdido , que de commum acordo se assentou varar na primeira terra, que auistassem , hauendo, que precedia a vida à liberdade; assi foraõ encalhar jũto a Surrate, onde foraõ catiuos, & leuados a Soltaõ Mahamud, que os mandou apri-fionar , & meter na masmora , onde tinha Simão Feo com outros Portugueses.

Ruy Freire, que vinha na conserua de Dom Alvaro em hum nauio seu , com soldados pagõs á doscufta , soffreo melhor os màres , & naue-gando

gando aquelle dia, & outro com fortuna, auistou a costa de Dio , para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza ; & entrando pela barra foi surgir na Couraça , onde foi bem recebido de todos , & deu ao Capitão mòr as nouas da vinda de Dom Alvaro , taõ esperada, como importante , porque inda não sabia da arribada , de que daremos conta.

Dom Alvaro de Castro, & Dom Francisco de Menezes arribaraõ com tormenta géral a Agaçaim perdidos , aonde se reformaraõ breuemente , & tornaraõ acometter o golfaõ com a maior parte dos nauios de sua conserua; & vencendo a furia do temporal , houueraõ vista da outra costa por junto de Madrefaual. Nesta paragem appareceo de longe hũa nao grossa , que se vinha furtando à nossa armada. Mandou Dom Alvaro ao Mestre , que arribasse sobre ella , o que fizeraõ mais dous nauios, que vinhaõ na sua esteira. Amainou logo a nao , que era d'elRey de Cambaya , & vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fõra, que vieraõ apresentar a Dom Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na nao, & a mãdou levar a Goa , para que visse o Governador se era de presa . As drògas que trazia , eraõ coral , chamelotes, làrins, & alcatifas, que tudo foi julgado por perdido. E logo Dom Alvaro de Castro, seguindo sua derrõta , tomou a barra de Dio com quarenta nauios empauizados ; traziaõ todos flamulas , & galhardetes, dando de si hũa mostra

158

*Prosegue.
Dom Al-
varo a vi-
agẽ.*

*Toma hũa
nao de Cã-
baya.*

*chega à
fortaleza
com qua-
renta na-
uios.*

*Como he
recebido
do Capi-
tao mór.*

bellicofa, & alegre. Saudou a Fortaleza com toda a artelharía, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o Capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber Dom Alvaro, baixando todos os fidalgos, & soldados a receber, & festejar a armada, em que de mais da pessoa de Dõ Alvaro, vinhaõ fidalgos, & Caualleiros de muita conta. Traziaõ munições, & bastimentos para mui largo tempo, porque não quiz o Governador deixar à cortesia dos mãres, negar, ou abrir passagem a segundo soccoro. Aposentouse Dom Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão Dom Fernando; passaraõse a elle os soldados de sua milicia, & os mais dos fidalgos, hũs como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; & como a General do mār lhe hiaõ pedir o nome sem querer separarse de sua obediencia, opinião encontrada com o tempo, & mais com a disciplina. Porém Dom Alvaro disse ao Capitão mór, que elle vinha sojeito a suas ordēs; o que parecendo lanço de vrbanidade a Dom Ioaõ Mascarenhas, lhe respondeo cõ a mesma cortesia; mas Dom Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias do Governador, não foi a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a jurdição do cargo, & as prouisoões Reaes o eximiaõ de qualquer subordinação, que não fosse a do Governador da India, que elle mãdava a seu filho Dõ Alvaro, que estivesse às ordēs de Dom Ioaõ Mascarenhas, porque

assi

affi o pedia a muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varaõ verdadeira-mente grande; porque onde hauia perdido hum filho, & auenturaua outro, da fama, que ajudàra a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; fê duuida maior neste desprezo, que despois na victoria.

Rumecaõ sabendo da vinda de Dom Alvaro, disse, que já tinha na fortaleza prifoneiros para honrar seu triũpho, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo Dom Alvaro o seu nauio com cartas ao Governador, do estado em que achàra a fortaleza; & Dom Ioã Mascarenhas o auisou de todos os successos passados. Haueria já na fortaleza seiscentos homẽs, todos soldados de opiniaõ, com os quaes lhe pareceo a Dom Ioã Mascarenhas que podia intêtar cousas maiores que a defenfa. Mandou logo affestar tres Camelos contra as estancias do inimigo, que as batêraõ taõ furiosamente, que Rumecaõ reforçou as fortificaçoẽs, que tinha; taõ attento a offender, como a defender.

Dos assaltos passados ficou nas ruínas do baluarte S. Thomè, hum Basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o Capitaõ mór desejou subir à fortaleza, & ordenando cabrestantes, & engenhos, nunca lhe foi possiuel; & querendo ao menos seguralo, para que os inimigos se não seruissem d'elle, o mandou liar com viradores grossos; porém os Mouros foraõ cauando por-

159

*Auisõ
ambos o
Governador do e-
stado de
fortalezã.*

160

*Eruesteo
in. m. go
outra vez
& retrate-
se.*

baixo das paredes do baluarte, & picando as pedras do alicesse, até que faltandolhe os fundamētos, vieraõ as paredes a terra, ficando o Basilisco atado, & suspenso nos àres. Acodiraõ logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto Dom Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achauaõ, trauando com os Mouros hũa pendencia affaz de bem renhida; & como este era o primeiro dia, que víraõ a cara do inimigo, o carregãrão com as mãos taõ pesadas, que houue a seu pezar de retirar-se, deixando muitos dos companheiros no campo; mas no tempo que mais feruia a briga, liãrão outros o Basilisco com hum calabrote forte, & o leuãrão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos à pelei-ja não deraõ fê da obra, que os Mouros faziaõ.

161

*Determinãõ os no-
ssos ir lus-
calo.*

Andaua Dom Ioaõ Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acomettido com força descuberra; o que entendido pelos soldados de Dom Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de Dom Fernando de Castro, & outros fidalgos, & soldados, que morrãrão abrafados, se conjurãrão em sair a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duuidoso; temerarios no certo.

162

*O Capitãõ
nõr trata
dissuadil-
los.*

Diziaõ, que não queriaõ com obediencia inutil perecer abrafados, quando podiaõ morrer na campanha victoriosos, ou vingados; que pois sabiaõ peleijar como homês, não queriãõ acabar como fêras, atados ao perigo; que de dous esco-

lhiãõ

lhião antes o que podião vencer , que o de que não podião fogir. Dom Ioaõ Mascarenhas os dissuadio , quanto lhe foi possiuel , primeiro com razões , depois com a authoridade do cargo , & da pessoa ; mas tudo foi sem fruto , porque estauaõ tão vãos, & altiuos com sua mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperauaõ da desobediencia premios , & lououres. Dom Al-

*Dom Al-
uaro , &
o Fran-
cisco fazẽ
o mesmo.*

uaro de Castro acodio a detelos, estranhando lhes resoluçaõ tão fea , dizendo : que el Rey sentia mais a desobediencia de hum soldado , que a perda de hũa fortaleza ; que ao Capitaõ mór sò tocaua o gouernar, a elles obedecer, & peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome Portugues , que a honra leuauão já perdida, a vida grandemente arriscada ; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião liurar-se da indignaçãõ justa de seu Rey , ao qual desprezauaõ na pessoa de seu Capitaõ mór com seduçãõ tão fea. Porém elles fatalmente obstinados, se ordenãraõ para dar a batalha, dizendo, que de nenhũ deliçto se engeitaua a victoria por desculpa ; & quando se perdessem , ficauaõ fõra do premio , & do castigo ; que elles acodiaõ pola honra do Estado, que estaua mais costumado a tomar praças aos Mouros , que perder as suas.

O mais que se pode acabar com os amotinados , foi, que ficasse a inuazaõ para o seguinte dia, deixando lhes por conselheiro aquelle breue tẽ-

163

*Profegũe
os solda-
dos seu in-*

O Capitão mór, & fidalgo, os acompanhão por aulhar o maior perigo.

po, em que podiaõ considerar o que conuinha à honra, & faude de todos. Porèm elles, fatalmente cõformes, amanheceraõ resolutos, & prõpios à batalha, dizendo ao Capitão mór, que se os não quizesse gouernar, entre si mesmos escolheriaõ cabeça. Vendo pois D. Ioão Mascarenhas, que já acõpanhar aos desatinados, era hũ lanço forçoso, & que os de tóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; Elle, Dom Alvaro, & os mais fidalgos resolueraõ seguilos, onde com noua disciplina, obedeçiã o os Capitaes, mandauaõ os soldados.

164
Sacra os nosos, & em que or dem.

Haueria na fortaleza (como remos ditto) seis centos homẽs, dos quaes ficãraõ nas estancias cento; dos outros fez Dom Ioão Mascarenhas tres baralhas; as duas deu a Dom Alvaro de Castro, & Dom Francisco de Menezes, & outra tomou para si; logo saíraõ da fortaleza, & com o primeiro impetu ganhãraõ as estancias, que os Mouros tinhaõ feito na caua, deixandolhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruína, porque os nosos altiuos, & desordenados remetãraõ ao muro. O primeiro que o sobio foi Dom Alvaro, ajudado dos dous irmãos Luis de Mello, & Jorge de Mendocça, que tras elle sobíraõ. Dom Francisco de Menezes entrou por outra parte, sendo dos primeiros Antonio Moníz Barretto, Garcia Rodriguez de Tauora, Dom Jorge, & Dom Duarte de Menezes, Dom Francisco, & Dom Pedro de Almeyda.

Rumecaõ , Iuzarcão , & Mojatecaõ , vieraõ com grossas companhias a encontrar-se cõ os nossos , entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor , que disciplina. Dom Francisco de Menezes foi leuando do campo os Mouros , que não podendo sofrer o peso d'este encontro, perdéraõ muita terra , até que soccorridos de outros muitos , detiueraõ a corrente dos nossos. Dom Ioão Mascarenhas sobindo o muro , quasi ao mesmo tempo , que os outros Cabos , vio muitos soldados do motim, que estavaõ ao pè d'elle sem ouzar caualgalo , & em voz alta lhes accusou , com palauras feas , a desobediencia , & a fraqueza, os quaes callados, como querendo responder com as obras , o seguiraõ. E logo acometten to os inimigos , que andauaõ baralhados com Dom Aluaro , lhes fizeraõ perder parte do campo ; mas como o partido era raõ desigual, os Mouros se forão melhorando, & carregando os nossos , desorte , que se desordenáraõ.

165
*Resistência
dos inimigos.*

*Reprende
o Capitão
mór os amotinados.*

Dom Aluaro fez obras, que responderaõ bem ao sangue, à opiniaõ, & ao valor ; não faltou à disciplina , difficil de conseruar nas desgraças ; porque foi ordenando, & recolhendo os seus, quanto lhe foi possiuel , retirandose mui acordado cõ o rosto sempre no inimigo , o qual lhe hauia degolado alguma gente , & outra se desmandaua , não podendo sofrer o impetu dos Mouros; o que vendo Iorge de Mendoça , inda que estaua já ferido,

166
*Valor, &
disciplina
de D.õ
Aluaro.*

*Sobe o muro
do de cahio de hũa
pedrada.*

rido, tomou a Dom Alvaro nos braços para o sobir ao muro ; mas podendo mal fazer , por estar defangrado , foi ajudado de seu irmão Luis de Mello ; & estando Dom Alvaro já sobre a parede , lhe deraõ hũa pedrada , que o fez cair da outra parte sem sentido.

167
*Passa hum
pelouro a
Luis de
Mello.*

Depois de Luis de Mello acodir a Dom Alvaro , saluou tambem o irmão , ficando elle com Garcia Rodriguez de Tauora, Antonio Moníz, & outros fidalgos , detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais subiaõ, atè que foi passado de hum pelouro , de que cahio quasi mortal. Os compañeros o leuantãraõ, & poseraõ em cima da parede, donde foi leuado à fortaleza, & d'ahi à Chaul , onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço , senão mais gloriosa morte , mais dilatada vida.

168
*Morte de
Dom Frã
cisco de
Menezes.*

Dom Francisco de Menezes , peleijando mui valerosamente, cahio artauessado de hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começaram a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior , porque o inimigo , conhecendo o desarranjo dos nossos , carregou sobre elles com maior ouzadia.

169
*Acordo
do Capi-
taõ mor.*

Dom Ioaõ Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor , & acordo , hũas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhiaõ os desmandados , com que euitou grande parte do dano; & tendo já saluado as paredes, se derramou hũa voz, que era a fortaleza

leza perdida , em que os soldados se começãraõ a espalhar por differentes partes , como gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto brãdou Dom Ioaõ Mascarenhas aos seus , afeando-lhes a retirada , & peleijando tão valerosamente, que sò com algũs poucos que o seguiãõ , deteue o inimigo. Os fidalgos, que aqui se achãraõ, alcançãraõ em dia tão infelice , illustre nome. Lopo de Sousa ao pè do muro se defendeo de hũ graõ tropel de Mouros , fazendoos afastar muitas vezes , com tal valor , que o acomettiãõ de longe com armas de arremesso , até que atraueffado pelos peitos de hum dardo cahio morto , diexando bẽ vingado seu sangue . Antonio Moníz Barretto , Garcia Rodriguez de Tauora , Dom Duarte , & Dom Iorge de Menezes , que trazia dezefette feridas , fizeraõ ao inimigo mui custosa a victoria.

*Fidalgos
que se af-
finalãraõ
nesto dia.*

Rumecaõ, querendo tirar maior fruto de nosso desatino , mandou a Mojatecãõ , que fosse de mandar a fortaleza com cinco mil soldados , correndo o passo aos que se recolhiaõ destroçados , & acomettendo o baluarte Saõ Thomé , achou nelle a Luis de Sousa , que com a artilharia, & espingardaria lhe matou muita gẽte; porém o Mouro atreuido com o calor da victoria, insistio na escallada ; mas foi tão valerosamente resistido , que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom Ioaõ Mascarenhas trabalhou tanto , que tornou a ordenar os soldados , que andauãõ derramados, dos quaes fazendo hum batalhaõ cerrado , guiou à for-

170

*Enueste
Mojate-
cãõ a for-
talza, e
retirase.*

*ordena o
Capitaõ
mõros sol-
dados.*

*Perda dos
nossos ne-
sta desfor-
dem.*

à fortaleza, & encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deu nelles taõ valerosamente, que muitos deixàraõ as vidas, & os de mais o campo. Perderaõse nesta desgraça trinta & cinco pessoas, em que entrãraõ os fidalgos, que hauemos referido; & forãõ mais de cem os feridos, mas em taõ desordenada empresa, ainda se teue a desgraça por menor que o erro. O Capitaõ mór foi logo demandar a Dom Alvaro, que ainda achou sem falla, & a juizo dos cirurgioes, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a Philoſophia chama Decretorios, ou Criticos; porèm fez a doença termo, cobrando Dom Alvaro saude com alegria de todos, que o amauãõ polas qualidades do sangue, & da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual despois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, & era casado de pouco, com fazênda abundante, da qual no seruiço del Rey gastou graõ parte, até perder a vida, como diremos.

171
*Amma-
se Rume-
caõ com
este suc-
cesso.*

Vendose Rumeçaõ com taõ inopinada victoria, hauida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empresa, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia d'aquelle dia muita parte do temor, que tinhaõ a nossas armas. Deu logo

logo contra ao Soltaõ da victoria , que na Corte se festejou com alegrias publicas , & Rumeçaõ recebeu d'el Rey honras de homem victorioso, sendo d'aquelle dia em diante mais assistido de gente, muniçoens, & dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle , esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte , furtandolhe por baixo a terra, para que descarnado arruínasse o peso , faltando o fundamento sobre que assentava. Este desenhinho diuertio D. Ioaõ Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro , que fechava em circuito, menor , que por abraçar menos terra , era mais defensavel. Naõ se pode esconder a Rumeçaõ a obra, & carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravaõ de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, hũs com pó-taria certa nas partes que descobria o muro, & outros por eleuaçaõ , com que feriaõ a nossa gente , mais attenta ao trabalho, que à defenfa; polo que o Capitaõ ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas , pondo as pedras pela estimaçaõ , & tino , do que tinhaõ desenhado de dia.

*Continua
as minas,
& os nos-
sos os re-
paros.*

Rumeçaõ altiuo , & confiado com o bom rosto , que lhe mostrou a guerra na vltima peleija , como em desprezo da vinda do Governador, que se esperava , começou a edificar hũa nova Cidade , como quem já lograva os ocios do triumpho na imaginada victoria ; fosse por dar aos seus confiança , ou que obraua como homem

172

*Fabricaõ
hũa
nova Ci-
dade.*

credulo na prosperidade dos successos, que já se promettia; fez Palacios para sua pessoa com a policia, & grandeza, que pudéra em hũa paz ociosa. Para os Cabos maiores ordenou aposétos, empenhádoos a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio, que soberba. Mandou atraueſſar com barcas a passagê do rio naquella parte, que se serue da Alfandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremula, segura) tinhaõ facil passagem os carros, que basteciaõ a Cidade. Da confiança com que Rumeçaõ se daua a taõ custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos Reynos vezinhos, & distâtes de Cambaya, que era perdida a nossa fortaleza; & esta fama como grata aos ouvidos dos Mouros, & Gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o Soltaõ congratulaçoens de muitos Principes, que lhe dauaõ emboras da victoria. Em Goa se ouuiaõ os eccos d'esta noua, com temor, & silencio, & ainda, que vaga, & sem autor, chegou aos ouvidos do Governador, fazendo se mais certa pelo secreto, & recato com que huns a referiaõ a outros.

173

*Cidades
do Gover-
nador.*

Esta desgraça que se temia, parecia, que tomava certeza da tardança que hauia nos auisos de Dio; porque nem da armada de Dom Alvaro se sabia cousa certa, & os que queriaõ diuertir o Governador, mais podiaõ desprezar, que negar a fama

fama que corria ; & elle , sendo o mais interessado , vendo quaõ necessario era animar o pouo , mostrava hum coração inteiro , desmentindo cõ o semblante as nouas , que temia.

Com este cuidado passava o Governador , diuertindose com os negocios , & aprestos da armada , que sollicitava com viua diligencia , quando lhe deraõ auiso , que na barra surgira huma nao do Reyno , de que era Capitaõ Dom Manoel de Lima , & se apartara de cinco mais , que vinhaõ na mesma conserua , à ordem de Lourenço Pirez de Tauora. Das outras vinhaõ por Capitaens D. Ioaõ Lobo , Ioaõ Rodriguez Peçanha , Fernand' Alvarez da Cunha , Alvaro Barradas. Estimou o Governador a vinda de Dom Manoel de Lima , pola pessoa , & pola occasiaõ. Vinha prouido na fortaleza de Ormuz , que el Rey lhe deu por desuiar alguns encontros entre elle , & o Governador Martim Affonso de Sousa , com quem andava atrauessado , esperando que viesse da India para lhe pedir satisfacão de algumas queixas. Estes desabrimientos curou el Rey , como pay , interessado na paz de hum , & outro vassallo. Quizera Dom Manoel partirse logo a Dio com trezentos soldados à sua custa , porèm o Governador o diuertio , querendo acompanharse d'elle na armada , servindose de seu valor , & experiencia na facção presente.

174

*Chega do
Reyno a
Goa Dom
Manoel
de Lima.*

175

*Tem o
Gouverna-
dor nouas
de Dio.*

O Governador andava sobre maneira cuida-
doso dos negocios de Dio, interpretando mal a
falta dos auisos, quando aportou na barra de Goa
a Capitaina em que fora Dom Alvaro. Vinha o
nauios todo embandeirado, & dando alegres sal-
uas, querendo indiciar de longo as nouas que
trazia. Occorreo à praia grande parte do pouo,
folicito a perguntar pelos filhos, parentes, & a-
migos, & os menos empenhados, pelo commum
do Estado. O Capitaõ foi levado aos Paços do
Gouvernador, satisfazendo pelo caminho a dupli-
cadas, & molestas perguntas. Achou o Gover-
nador com o Bispo Dom Ioaõ de Albuquerque,
& Fr. Antonio do Casal Custodio dos Francif-
cos. Aprimeira cousa que o Governador pergun-
tou foi, se estaua ainda a fortaleza por el Rey seu
senhor? ao que o Capitaõ respõdeo, que estaua, &
estaria. A cuja noua ajoelhãdo se o Governador,
com os olhos no Ceo, deu a Deos as graças, naõ
sem derramar lagrimas, significadoras da piedade
com Deos, do zelo com seu Principe. E logo re-
cebendo as cartas, soube da morte de seu filho D.
Fernando, que recebeu com tanta constancia,
que os de fõra lhe naõ conheceraõ mudança no
rosto, ou nas palauras, como se fora fraqueza pa-
recer pay, ou indignidade ter affectos de homẽ.
Fez mercẽ ao Capitaõ, & o mandou que fosse a-
legrar a Cidade com as nouas que trazia, & logo
recolhendose chorou em secreto o filho, espe-
rando tempo à dor, sem injuria do lugar, & do
ani-

*Piedade,
& alegria
cõ que as
recebeo.*

*Valor cõ
que se por-
ta na
morte de
Dom Fer-
nando seu
filho.*

animo. Aquelle mesmo dia aportou o nauio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes, que ie deuiaõ à pessoa, acompanhado do Governador, Nobreza, & Pouo, deixando de si este fidalgo, saudosa memoria.

Ao seguinte dia se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o Governador vestido de escarlata, consolando com nouo exemplo o pouo, na morte de seu proprio filho. Por este nauio soube da faida que os nossos fizeraõ desordenada, & forçosa, que fora occasião de tantas mortes, & do perigo em que ficaua Dom Alvaro, cuja dor soube aliuuar, ou encobrir, como quem dos filhos estimaua menos a vida, que a memoria.

176

*Proissão
em acção
de graças*

No mesmo dia despedio Vasco da Cunha, para que fosse pellas bahias, & enseadas da costa, recolhendo os nauios da armada de Dom Alvaro, & os leuasse a Dio. Por elle escreueo a Dom Ioaõ Mascarenhas congratulaçoens da honra, que hauia ganhado, naõ menos para si, que para o Estado; affirmandolhe, em breues dias iria a-uistar a Dio com todo o poder do Estado, para o que naõ perdoaua a nenhuma despesa, ou diligência; & que em quanto se aprestaua a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem a assegurar a fortaleza, & enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo apos Vasco da Cunha, despachou a Luis de Almeyda com

177

*Soccorros
que man-
da a Dio.*

seis carauelas, & quatrocentos soldados, com muitas muniçoens, & bastimentos, & graõ copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foi taõ incansavel a diligencia, com que se aprestaua, que em breuissimo tẽpo se pos de verga d'alto toda a armada, & sò lhe faltauaõ os soccorros de Cananor, & Còchim para leuar-se; porque era tal o amor, & obediencia com que lhe assistiaõ, que as Dõnas, & Caualleiros de Goa, lhe vinhaõ a offerecer os filhos, & a fazenda; leuando esta armada tantas bençoens do pouo, como outras soem leuar lagrimas, & queixumes.

178

Chega Vasco da Cunha a Baçaim.

Vasco da Cunha seguindo a instrucçaõ, que leuaua, foi recolhendo os nauios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, & com elles entrou em Baçaim, onde achou o Capitãõ mór Dom Ieronymo de Menezes cõ quinze nauios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de nouo com o sentimento da morte de seu irmaõ Dom Francisco, que temos referido; porẽm hauia retardado a partida algũs dias, por ter auisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente, diuersaõ procurada pelo Soltaõ em beneficio dos cercadores. Dom Ieronymo, vendose mais empenhado na defenõsa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou a Vasco da Cunha os nauios; o qual partido encontrou a Luis de Almeyda cõ as seis carauelas, & todos em conserua entrãraõ

Entra em Dio com Luis de Almeyda.

em

em Dio, representando soccorro mais crecido no numero dos vasos; porém a fortaleza ficou assegurada da fome, & do perigo; & os soldados pagos, & bastecidos, mais desejauão, que temiaõ a guerra.

Era já o tempo em fauor dos nossos, & começauão a senhorear o mar os nauios do Estado. D. Aluaro, como Capitão mór do mar, mandou a Luis de Almeyda com tres carauelas, de que elle hia por Cabo, & nas duas Payo Rodriguez de Araujo, & Pedro Affonso, com ordem, que fossem de mandar a barra de Surrate a esperar as naos de Meca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes seguindo sua viagem, a poucos dias víraõ atrauessar duas naos, huma grossa, outra de menos porte. Logo que Luis de Almeyda as auistou, foi demandalas com os traquetes dados. Vinhaõ as naos arrasadas em popa, & tanto que houueraõ vista de nossas carauelas, voltãraõ n'outro bordo; mas como as carauelas hiaõ mais boyantes, & eraõ mais ligeiras, soltando as vélas, as alcançãraõ logo. Luis de Almeyda abordou a nao grande, em que vinha por Capitão hum Ianizaro parente de Coge Cofar, que fiado na grãdeza da nao, artelharia, & gente, que trazia, começou a defenderse, ateandose entre hũs, & outros huma bem renhida contenda. De ambas as partes se derramaua sangue; peleijauãõ os Mouros por necessidade, os nossos por officio; & como eraõ melhores no valor, & disciplina,

179

Vai Luis de Almeyda esperar as naos de Meca.

Tomã duas.

entràraõ a nao , onde os Mouros , com a vltima defesperaçãõ mais atreuidos , peleijauãõ como para acabar vingados , atè que com a morte dos principaes , se rendèraõ os outros. Ao Ianizaro acharãõ attraueffado de muitas feridas , o qual Luis de Almeyda mandou passar á sua carauela , & curar com refguardo. A outra nao rendeo Payo Rõdriguez de Araujo com leue resistencia. Depois d'este feito se deteu Luis de Almeyda naquelle paragem os dias de feu regimento , nos quaes tomou algumas embarçaõens de mantimentos , que hiaõ bastecero exercito , fazendo varar outras em terra , com que se conheceo alguma falta na prouisaõ do Campo & logo entrou em Dio com as naos da presa , & os Mouros enforcados nas vergas , dando estranho pesar ao Campo taõ lastimosa vista. Rumecaõ offereceo polo Capitaõ Ianizaro , que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue , trinta & dous mil pardaos de ouro ; porèm Dom Alvaro mandou que o enforcassem , porque naõ viera a vender sangue , senãõ a derramalo ; que dos Mouros naõ queria outro despojo , que as cabeças. Espãtõu a Rumecaõ a ira , aos Turcos o desprezo , & por naõ ter Dom Alvaro embainhada a espada dos seus , em quanto naõ chegaua a batalha , mãdou alguns nauios de Baçaim , & Chaul tomar as Geluas , que basteciaõ o inimigo ; o que fizeraõ taõ ditosamente , que preãraõ quatorze , trazendo pelas vergas os Mouros enforcados , de que já

Entra em Dio com ellas.

Naõ quer Dom Alvaro refgatar hũ Ianizaro, & mãdo enforçar.

Tomãõ os nossos quatorze Geluas ao inimigo.

era

era menor o sentimento, que o espanto, vendo que não tinha a colera, & vingança dos nossos, piedade, ou limite.

Entretanto Dom Ioaõ de Castro, resoluendo 180
 consigo dar a elRey de Cambaya hum castigo, de
 cujo exemplo resultasse nos Principes da Asia a
 paz; & reuerencia do Estado; quiz primeiro
 palpar, ou satisfazer aos juizos de fõra, para que
 os que approuassem o intento, achasse dõceis na
 execuçaõ de seu mesmo conselho. Para este ef-
 feito chamou a si o gouerno da Cidade, Eccle-
 siastico, & Secular, com os fidalgos, & solda-
 dos de nome, aos quaes declarou o animo com
 que estaua de ir descercar pessoalmente a Dio, &
 dar a Rumeçaõ batalha em seus alojamentos; que
 dado que todos o sabião como particulares, lho
 queria certificar em commum, para que na ap-
 prouaçãõ da Republica, leuasse como parte da
 victoria a justiça da causa. Ouuido o Governã-
 dor, agradeceraõ todos em primeiro lugar a mo-
 destia de se querer subordinar ministro indepen-
 dente; logo o feruente zelo, com que queria
 em seruiço da patria sacrificar a vida sobre o san-
 gue ainda fresco de seus proprios filhos. Che-
 gados a votar na materia, discorreraõ com sen-
 timentos differentes. Dom Diogo de Almey-
 da Freire Capitãõ mór de Goa, a quem os an-
 nos, & os casos da guerra, tinhaõ dado expe-
 riencias largas, fallou d'esta maneira.

*O Goucr-
nador de-
clara em
conselho
a resolu-
çãõ de ir á
Dio.*

181

Parecer
de Dom
Diego de
Almey
da m. cõ-
nario.

As pequenas forças, que hoje temos, são formidáveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, porque toda esta Ásia avalia nosso poder pelas victorias, mais que pelos soldados, desorte, que a fama das cousas passadas, nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da India, com que a pezar podemos contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Estado, de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, conuem que as sustentemos, arrimada na paz de huns, e no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças, juntas, porque huma victoria pouco nos acredita, e hum só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida, de que serve em huma chaga já curada, espediçar o remedio das outras? que noua prudencia nos ensina a venturar em huma só batalha, o que se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos conservar inteiros, não temos forças para nos reparar perdidos, Nenhum grande soldado deu batalha campal, senão necessitado, porque onde o desstroço costuma ser igual, só fica com o victorioso campo, e a fama inutil. De Dio não queremos, nem podemos ter mais, que a só talleza, pois com que faria cega tornamos a comprar com nosso sangue, o mesmo de que somos senhor es? Que novos honradores temos para habitar a ilha? De que parte do Mundo podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros, ou Gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que agora nos offendem? Vamos a pelejar com Turcos, e com Mouros superiores em numero, iguaes em armas, e disciplina; se tiuermos hum successo aduerso, não temos saluaçam, porque a terra he sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fruto tiramos da victoria. Com armas nauaes conquistamos a India, com ellas a haemos de conservar, porque temos a vantagem dos vasos, e da marinharia. Se não queremos vencer, senão

senam em batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem que he honra do Estado, arruinar por huma offensa hum Reyno, já estivera despojado o Oriente, se todos os que nos fizeram guerra, recebessem o ultimo castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque depois de soffrer tantas hostilidades, e enganos dos Reys, e Governadores de Ormuz, o nam deixou abrasar? Perderà aquella grande fama, que merceo na terra, porque nas offensas, e cavillaçoens do Gamorim, nam deixou o Malabar destroido? Macularà Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traiçoens de Badur, nam fez guerra a Cambaya? Iremos destruir ao Turco, polo atreuimento, com que cercou o seu Baxà a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achém, porque tantas vezes nos assalhou Malaca? Meteremos a fogo, e sangue este Hindalcam, por nos tolher cada dia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardés, e Salsete? Que desesperaçam nos arrastra, a offerecer a garganta do innocente Estado ao cutello inimigo? Esta armada tam espantosa nas apparencias, e no poder tam débil, he fezo a Rumecam, aos nossos muros; porém desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas forças, e todos estes Principes trabalharã por romper a fraqueza das prizoens, em que os temos atados. Gloria foi do Imperio Romano, vencer muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi saluaçaõ excusar huma. Os primeiros Conquistadores nos fizeram a casa, a nós só toca o conseruala. Sena oppugnaçam de Dio, perdeu o inimigo hum exercito, que falta a esta facçam para victoria? E que para castigo? A offensa intentajẽ com forças iguaes; a vingança com muito superiores, porque nam se ha de ir a satisfazer hum agravo com risco de noua injuria. Mòrmente, que em nada tem a fortuna maior imperio, que nas cousas de guerra; alcançamse muitas vezes as victorias por leues accidentes, e

por

por outros se perdem. Serà pois justo deixar na contingencia de hum successo o cetro Oriental, com espanto, & enueja das gentes fundado sobre tantas victorias? Se perdermos esta armada, onde està junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem S. Alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar, ou a conquistar de nouo os Principes da India; tornaremos à sua injancia este Imperio já encanecido; viueremos na cortesia das Coroas, que temos offendido, ficando creaturas miseraveis daquelles, de quem fomos senhores.

182

Resposta
do Governador.

As razoens de Dom Diogo de Almeyda satisfizeraõ aos de sua opinaõ; aballàraõ os que tinhaõ outra; porém Dom Ioaõ de Castro, seguro na resoluçaõ tomada, discorreo em contrario, dizendo. Que nenhuma naçaõ dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz, & da guerra, buscando os mais dos Principes da Asia nossa sombra para viuer seguros; que todas as fortalezas, que tinhamos na India, se conferuauaõ com as mesmas armas, com que foraõ ganhadas; que o respeito, que nos tinhaõ os Mouros, & Gentios, não duraria mais, que até saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes Principes estauaõ attentos ao castigo de Cambaya, & não ouzàraõ atègora ajudala com forças auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas ruínas; porém se visse que nos contètauamos cõ reparar os estragos de nossa fortaleza, & atar as feridas, que nos tinhaõ aberto, as tornariaõ a rasgar de nouo.

uo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos Imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas Coroas, ruína; que tínhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos Caualleiros, & soldados de nome, que cobririaõ os viuos, como sinaes infames, as feridas que recebéraõ nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficaua que contar ao Mundo d'este cerco, senaõ a paciencia com que o toleramos? Que o Estado mais se asseguraua com a fama, que com todas as drògas do Oriente; as quaes sò eraõ de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senaõ como tributo; que vltimamente, não queria, que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de Dom Ioão de Castro; que elle estava resoluta a pelejar; a culpa seria de hũ só, a vitória de todos. Referio o Governador estas palauras cõ hũ espirito presago do triũpho anteuisto, ou da esperança do successo, ou da grandeza do animo.

Em Dio nam estauaõ ociosas as armas, porque

183

*Continua
Rumecaõ
com outra
mina.*

*A que
deu fogo,
sem dano
nosso.*

diuertindo a attençaõ dos nossos com ardís diferentes, o Capitaõ mór, a quem nenhum caso, ou accidente achaua descuidado, lhe penetrou a obra, à qual contrapos os meismos reparos, que outras vezes. Deraõ os Mouros fogo à mina em dez de Outubro, a qual rebentou sem dano pela face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, & víraõ os Mouros por detrás outra parede leuantada, espantados de que anteuíamos os fins de todos seus desenhos, não lhes valendo a força, nem a industria contra tão valerosos, & preuenidos inimigos. Rumeçaõ ainda que experimentaua que nas minas era menor o fruto, que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas, se atalhãraõ, asquaes não referimos, porque não inuoluêraõ successo memorauel, como por euitar o fastio de relatar cousas tão parecidas.





V I D A
D E
D. IOAM DE CASTRO

IV. Vifo-Rey da India.

LIVRO TERCEIRO.

I



OS dezefette de Outubro d'efte anno de mil quinhêtos quãrêra & feis, entregando D. Ioaõ de Castro o gouerno da Cidade ao Bispo D. Ioaõ de Albuquerque, & a D. Diogo de Almeyda Freire, foltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar algûs foccorros, & mantimentos, que vinhaõ retardados, porque foy opiniaõ de naõ estar o Governador da India em Dio, hû sò dia cercado, querêdo cõ a felicidade de Cesar, chegar, ver, & vencer.

Constaua a armada de doze galeoens grossos, de que era Capitaina S. Diniz, em que hia embarcado o Governador; dos outros eraõ Capitaens Garcia de Sã, Iorge Cabral, Dom Manoel de Sousa de Sepulueda, Iorge de Sousa, Ioaõ Falcaõ, Dom Ioaõ Manoel Alabastro, Luis Aluarez de Sousa. Os nauios de remo eraõ sessenta, de que eraõ os principaes Capitaens Dom Ma-

*Parte o
Gouerna-
para Dio.*

2
*Com que
armada,
& Capt-
tains.*

Tij noel

noel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, Dom Diogo de Sottomaior, o Secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade, Dom Manoel Dêça, Iorge da Sylua, Luis Figueira, Ieronymo de Sousa, Nuno Fernandez Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serraõ, Cosme Fernandez, Manoel Lobo, Francisco de Azeuedo, Pero de Atayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sà o Rume, Cosme de Paiua, Vasco Fernandez Tanadar môr de Goa, Cabo de quinze fustas, cotias, & taurins, em que hiaõ os Canarins de Goa, & outros nauios de Cananor, & Cochim.

3

*Chegà a
Baçaim,
& fez
guerra a
Cambaya*

Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscalo ao nauio Dom Ieronymo de Menezes seu cunhado, Capitaõ môr d'aquella fortaleza, consolando-se reciprocamente hum na morte do irmaõ, outro do filho. E porque o Governador não queria ter ociosas as armas, despachou Dom Manoel de Lima com seis nauios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas prefas nos nauios, que foccorriaõ, ou basteciaõ o Campo do inimigo. Naquella paragem andou algũs dias, em que tomou sessenta cotias de Mouros com mâtimentos; mandou espedaçar os corpos, & trazidos à toa, os soltou nãs bocas dos rios, para que a corréte os leuasse à Ilha, onde fossem vistos com horror, & espanto, de que a ira dos Portugueses inuentasse cada dia crueldades nouas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo D. Manoel cõ sessêta Mouros pêdurados nas vergas dos

dos nauios; espectáculo mais grato á vingança, que à humanidade. O Governador alegrandose com estes ensayos da guerra, que emprendia, tornou a mandar Dom Manoel de Lima com trinta nauios, & instrucção, que todo o maritimo de Cambaya possesse a ferro, & fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruínas.

Lourenço Pirez de Tauora, Capitão mór das naos do Reyno (como temos referido) aportou em Cochim com os mais nauios de sua companhia, & achando ahi nouas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo, que acharia o Gouenador em terra; & sabendo que se tinha leuado toda a armada, røta batida foi demandar Dio, antepondo o seruiço Real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguiraõ muitos fidalgos Reinos, sendo a primeira terra, que pisãraõ da India, as ruínas de nossa fortaleza. Entre os quaes passou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey Dom Garcia com sessenta soldados à sua custa; que estas eraõ as riquezas, que os fidalgos d'aquelle tempo hiaõ buscar ao Oriente, porque eraõ entaõ melhores drøgas as feridas, que agora os diamantes. Nestas naos teue o Governador cartas do Infante Dom Luis, que referiremos, porque se veja a attençaõ com que o Rey, & o Infante olhauaõ as acçoens mais pequenas dos ministros, fazendo d'ellas acertado juizo, para lhes respõder com premio, ou castigo; & a singeleza do trato, taõ alheo da soberania, ou altiuez

4

*Lourenço
Pirez o
vai bus
car.*

*E outros
fidalgos.*

de outros tempos; & não serà para os faudosos d'aquella idade, prolixa esta memoria.

Carta do Infante Dom Luis.

Honrado Governador, pelas cartas que escreuestes a el Rey meu Senhor, & a mim, vi o discurso de vossa viagem depois de partido de Moçambique até chegar à India, & o que nella fizestes até a partida das naos, & o estado em que achastes a terra, & a condiçam dos homẽs, & deuaſſidam dos tratos, & a fraqueza da armada, & como vos houueſtes com o Hidalcam nas cousas do Meale, & aſſi nas cousas de Ormuz, & com os fidalgos, que tinham licenças de Martim Affonso, para leuarem la drõgas, & tudo mais que por voſſas cartas dizeis. E porque el Rey, meu Senhor, vos responde a todas estas cousas em particular, o nam farei eu, ſenam em ſomma. E porẽm não deixarei de dizer, quanto me aſſombrou cà em terra, o perigo que paſſaſtes a travez da Ilha do Comaro, porque verdadeiramente foi acontecimento mu: grande, & temeroſo, & porẽm eu o tomo, como por boa eſtreia, porque me parece, que vos quiz noſſo Senhor mostrar niſto, que vos ha de ſaluar dos perigos da terra da India, pera que he neceſſario tanto milagre, como vſou com voſco, em vos ſaluar de tamanho perigo; polo que eu lhe dou muitas graças; & ſolguei de ſaber, que Dom Ieronymo de Noronha vos teve companhia neſte perigo, pois noſſo Senhor tambem o ſalvou a elle, & he couſa de homem tam honrado, como elle he, participar dos perigos, & trabalhos de ſeu Capitam. Quanto às mais couſas, que me escreueis, porque el Rey meu Senhor, vos responde a todas em particular, & eu fui preſente às meſmas repostas, me pareceo acertado tornaruolas a referir, porque por ſuas cartas vereis o contentamento, que tem, de como neſſas partes o começais a ſeruir, & a boa opiniam, que a gente tem de vòs, o que particularmente

vos manda, que façais em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer he, que estou mui contente do modo, que leuais nas cousas dessa terra, e do que nella fazeis, e dizeis, porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas, vos nam mudou de quem ereis, e da conta em que vos eu sempre tiue, porque vos nam contentais de mostrar isto assi por obras, mas alem disso, vos is sempre penhorando com palauras de demonstraçoens a fazer o mesmo; o que eu tenho por mui certo, que vós fareis sempre inteiramente; quanto humanamente se poder fazer. Do modo que escrevestes a S. Alteza nam estou menos contente, porque vieram vossas cartas mui bem ordenadas, e nellas todas as cousas necessarias, e nenhunas superfluas; e bem se vé nellas o mesmo, que asima digo, e que entendeis as cousas, e que tendes zelo, e desejo de as fazer sem respeito temporal de amor, nem interesse; o que muito folgo de vos ouuir, porque ainda que eu tenho por certo, que o fareis assi, parece huma grande auondança de coraçam, e de virtude, que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer; polo que eu espero em nosso Senhor, que vos ha de cumprir vossos bons desejos, e que vos ha de trazer d'essa terra com muito vosso contento, e honra; porque nam pôde deixar de succeder isto, e a quem nenhuma cousa procura, senão o seruiço de Deos, e de seu Rey; e ainda que vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembreuos, que nelles está o merecimento das cousas; e que a Christo Senhor nosso conueo passalos para entrar na sua gloria; e se vos parecerem as cousas difficiles, lembreuos, que estas sam as em que Deos poem a mam, e o que ajuda a quem o serue nellas com a tençam, com que vós o fazeis, e os homens não podem pôr mais de sua casa que a vontade, e a diligencia; e por isso Sam Paulo nam attribubia a si, mais que o plantar das cousas, porque Deos ha de dar o incremento; e assi o darà elle em todas cousas, como as plantardes com o zelo, que eu confio, que vós tendes em todas, e por isso vos não

espantem as grandes, nem tenhais em pouco as pequenas; fazei igual ponderaçam, e os fins d'ellas remeteios a nosso Senhor; e posto que algumas vos nam sejam como desejais, nunca entre em vòs desconfiança, em quanto fizerdes as cousas com justo zelo, e limpatençam, porque muitas vezes permite nosso Senhor aos que o mais seruem, que façam erros, para que mereção na paciencia, e na confiança d'elle; e se espertem mais nas cousas, e se acrescentem em maior perfeiçam. Fazei justiça, como a entenderdes, tomando sempre conselho, e parecer nas cousas, como fazeis; conseruaiuos na limpeza de vossa pessoa, que vsais acerca dos combates dos gostos temporaes, e interesses d'essa terra, e cõ isto venha o que vier, porque tudo será para bom fim. Nas cousas, que tocam ao culto diuino, na conuersam dos infieis, vos esmerai muito, porque estas sam as armas, que principalmente haõ de defender a India. Procurai de lançar d'essa terra as despesas sobejas dos homens, e as branduras, e delicadezas de que vsam; e os vestidos, e paramentos de casas, que tratam, dispondoos para estas cousas branda, e suauemente com o exemplo, que lhes dais, e de vossos filhos, e com fazer favor, e mercè aos que vsam do contrario; e se estas cousas nam poderdes emendar, nam vos espanteis d'isso, porque as que se danam com tempo, com tempo se ham de tornar a emendar, e nam se podem remediar de improviso; por isso ide continuando com vosso bom proposito, e fazendo as cousas segundo a disposiçam do tempo, e o sujeito das pessoas em que haueis de obrar, que com isto espero em nosso Senhor, que encaminhe todas as vossas cousas a seu seruiço, e ao d'el Rey, meu senhor, e vossa honra, como desejais. Quanto ao que me dizeis, que procure, que vossa estada seja là breue, bem vejo, que tendes muita razam de o desejar assi, e me parece, que se nam pode até nam ver as vossas cartas, que este anno embora viram, e por isso deixo a repostã d'este ponto para o anno, que embora virã. E acerca do que me escreueis de Dom Aluaro vosso filho,

eu fallei a S. Alteza naquelle negocio, & S. Alteza o conhece bem, & está bem informado das qualidades de sua pessoa, & deseja de lhe fazer honra, & mercê; porém por algumas razões, que S. Alteza vos manda escrever, & porque este anno escreue, que nam manda là nenhum despacho, houue por bem deferir este para responder a elle o anno que vem, & por entretanto lhe manda fazer a mercê, que vereis por suas prouisoens; a mim me fica muito bom cuidado de lhe lembrar tudo o que a vossos filhos toca; espero em nosso Senhor, que se faça de maneira, que elle receba honra, & mercê de S. Alteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer o que vós lhe mereceis; & podeis ter por certo, que S. Alteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade cõ que seruis, & mui contente do modo, que o tendes feito atéqui. Eu falei a S. Alteza em Affonso de Rojas, por vosso respeito lhe fizera logo a mercê, que lhe eu pedi, porque (como digo) manda dizer às pessoas, que andam na India, que este anno nam manda là nenhum despacho, deferio o de Affonso de Rojas para o anno que vem, & diz, que para entam lhe fará mercê; eu terei cuidado, se a Deos aprouuer, de vos mandar a prouisam, & folgo eu muito das boas novas, que me dais de Affonso de Rojas, & de crer he, que sendo irmão do mestre Olmedo, & estando em vossa companhia, nam pôde deixar de ser homem de bem. O que me mandastes nas naos, que vieram, me foi dado, & com tudo folguei, por ser cousa que veo da vossa mão, agradeço-lo muito. Escrita em Almeyrim a vinte seis de Março de mil quinhentos quarenta & sette.

O Infante Dom Luis.

Partidos de Baçaim Dom Manoel de Lima, 6
 entrou de noite o rio de Surrate, & sobindo por elle com a maré, auistou huma pouoação grande, que ainda que naõ era habitada de Abexins, tinha

Danos
 que faz
 Dom Ma-
 noel de
 Lima em
 Surrate.

tinha d'elles o nome. Estaua a pouoação da banda de Leuante, derramada em huma estendida planicie, & ainda, que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que assegurauão a defenfa cõ algumas trincheiras; sem outra fortificação, fiados quiça em que os seus nesta guerra eraõ os inuazores, & nas espaldas, que lhes fazia o exercito, que tinhaõ na campanha. Sahio D. Manoel em terra, & os nossos com a mesma ordem, com que desembarcauão, hiaõ enuestir o inimigo, mais valerosos, que disciplinados. Os Mouros tiueraõ animo para esperar, naõ para resistir, menos affombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira, que voltaraõ as costas. Perecêraõ muitos na fogida, poucos na resistencia; foi o estrago grande, porque naõ perdoou a espada dos soldados a sexo, nem a idade. Mandou Dom Manoel pòr fogo às casas, abrasaraõse fazendas, & edificios. O furor desprezou a cobiça; mandou cortar as mãos a hum sò Mouro, que deixou com vida, para que naõ leuasse nouas seminaes da victoria.

7
*Affila a
 Cidade
 de Antòte.*

Sahio do rio a armada, & costeando dous dias, houue vista da Cidade de Antòte, conhecida pela soberba dos edificios, riqueza de seus habitantes, grossos com o commercio maritimo. Estes preuenidõs com o estrago alheo, resolueraõse a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; taõ iguaes andaõ na estimação com a vida, estes bês

da

da fortuna. Tomou Dom Manoel terra, inda que não sem fangue, porque os Mouros vieraõ esperar os nossos, mostrandose na resolução foldados, mas não na disciplina, porque diuididos em magótes, acomettiaõ aos nossos com tiros vagos, & incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. Dom Manoel os foi leuãdo até os encerrar na Cidade, onde a vista das mulheres, & filhos, os fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinhaõ inimigos, porque peleijauaõ com amor de pays, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor não era natural, & nascia de affectos piedosos, ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a Cidade, os filhos, & a victoria. E como D. Manoel hia mais a destroir, que a vencer, deu a Cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na cor, & fermosura, como as da nossa Europa, não perdeu a victoria, eximindoas da culpa o sexo; o parecer, da espada.

Foi Dom Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartaua o sangue, nem a victoria. Enfim se recolheo com mais gloria que despojos, & achou o Governador já na Ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que foraõ seis de Nouembro, se fez na volta de Dio; hiaõ os nauios

8

*E outros
lugares;
& reco-
lhesse.*

uios boyantes, cheos de flamulas, & galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

9

*Chega o
Gouernador a Dio.*

Tanto que da fortaleza descobrião a armada, foi o contentamento vniuersal de todos, como os que depois de tantos diluuios de sangue, viaõ quem lhes leuaua a paz, pela victoria. Embandeirouse a fortaleza toda, vestindose de alegria as postradas ruínas. Mandou o Capitaõ mör desparar a artelharía. O Gouernador lhe respondeo do mör com huma espantosa salua, a que succederaõ os instrumentos musicos, & guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem disparauaõ muitas peças, mostrando da chegada do Gouernador alegria, ou desprezo.

10

Faz conselho no mar.

Ficou Dom Ioão de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu nauio, o Capitaõ mör, Garcia de Sà, Manoel de Sousa de Sepulueda, Iorge Cabral, & outros fidalgos de conselho; aos quaes significou a resoluçaõ com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheo; que o Gouernador da India, não desébainhaua a espada para se defēder, senaõ para castigar; que no modo de cometer o inimigo, o acõselhassem todos. Garcia de Sà lhe approuou, & louuou a resoluçaõ tomada, apontando razoens, que ao Gouernador foraõ gratas, pola pessoa, & polos fundamentos. Sobre a fõrma de peleijar se discorreo, & assentou modo, que se teue encuberto atè a execuçaõ. Ordenou que se metesse a

Mette gente na fortaleza.

gen-

te na fortaleza no silencio da noite, & em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos, & tiros dos nauios, occultar a Rumecaõ o intento. *Mete a gente na fortaleza*

Em tres noites passou a gente à fortaleza por escadas de corda; o que se obrou taõ cautamente, que o naõ pode entender o inimigo.

Rumecaõ mostrandose mais ouzado no perigo vezinho, disse aos seus; que se o Governador quizesse peleijar na campanha, entrariaõ os Mouros na fortaleza pelas portas, & naõ pelas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do Propheta; que peleijauaõ pela liberdade de tantos Principes, que gemiaõ oprimidos do peso da seruidaõ, & tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum sò dia; que com o peso de tantas victorias já naõ podia o Estado; que ordenava a fortuna trazelos juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homẽs o exercito; eraõ os mais dos Cabos Turcos, soldados velhos, chamados com auantajadas pagas, a quem a fama do valor, fizera conhecidos. Hauiaõ chegado de refresco ao Campo settecentos Ianizaros, que quizeriaõ, com soberba, militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes daua a victoria. Guarneceo Rumecaõ as estancias, & pos o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sê que a *Discurso de Rumecaõ.* *Que exercito tinha.* *E como o dispoem.*

confiança lhe fosse impedimento à disciplina. D'esta forte esperou a inuazaõ dos nossos, à resistencia prompto, & na batalha incerto.

12
Resolue o
Gouernador dar
batalha.

Ordem
que deu à
armada.

Tendo o Governador recolhido na fortaleza já todos os soldados, achou sobre acometter o inimigo, opinioens diuersas; & como as razões de huns, & outros, cahiaõ sobre a contingencia do successo, não se podiaõ escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sà com authoridade dos annos, do valor, & do sangue, discorreo outra vez sobre conueniencias da batalha; mas D. Ioão de Castro, mandou guardar silencio a todos, & disse; que a forte estaua já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação; & os de fôra esperariaõ o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os soldados para o seguinte dia, para que a dilacão não alterasse os animos, ou a resolução. Ordenou que os bateis da armada esperassem final com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinasẽ sair, folsẽ remando contra aquella parte donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstraçoens de saltar em terra, metendo pelas perchas das fustas, muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; & a do Governador se daria a conhecer de longe, pelo lugar, & bandeira Real, & pelos attauíos; simulação, que ou nos deu, ou ajudou a victoria.

Ama-

Amanheceo o dia, em que se contauaõ onze de Nouembro, dedicado à memoria do glorioso S. Martinho Bispo Turonense, que nos podia fauorecer Santo, & ajudar soldado. Com a primeira luz do dia appareceo o Governador no terreiro da fortaleza com bastaõ de General, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitaua o cargo. Celebrouse Missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o Governador, & a maior parte dos soldados, & o Custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, & guizar com ellas hum almorço aos soldados, para que a confiança do General, & a desesperaçãõ de algum abrigo, igualmente seruissem à victoria, fazendolhes o peleijar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assi aos soldados.

13

Faz cu-
tras pre-
ueçõens.

Entramos em huma batalha, onde vencidos, honraremos nosso Deos com o sangue; vencedores, nosso Rey com a victoria. A força do exercito inimigo, sam Turcos, & Janizaros, os quizes como soldados mercenarios, buscama guerra, aborrecem a peleija. A outra parte se compoem de naçoens diferentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas nam a estar conformes. Nam sam estes mais valerosos que seus pays, & auõs, nam serem mais felices; a todos sujeitaram nossas armas. Este Imperio da Asia he filho de nossas victorias, criamolo em seu primeiro berço, sustentemolo agora já robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o de to a fama d'este dia. Animar a batalha, fora esquecerme que somos Portugueses.

Falla aos
soldados.

14
*Ordem em
 que os pos.*

Nesta forma tinha ordenado a gente. Deu a vanguarda a Dom Ioaõ Mascarenhas, deueno-
 selhe este maior perigo, como premio dos ou-
 tros; aggregoulhe quinhentos Portugueses, seis-
 centos Canarins, quinhentos Naires. A Dom
 Alvaro de Castro, outros quinhentos Portugue-
 ses, em que entravaõ todos os fidalgos, & Capi-
 taens de sua armada. A D. Manoel de Lima outros
 quinhentos. O Governador ficou com os mais,
 que seriaõ oitocentos Portugueses com alguns
 Canarins, & Malabares.

15
*Comette a
 armada
 terra.*

Os Mouros cada dia engrossavaõ o campo, &
 de fresco tinhaõ chegado Alucaõ, & Mojatecaõ
 com cinco mil soldados. Mandou o Governador
 fazer sinal à armada com os foguetes, o qual co-
 nhecido, partio à voga arrancada, & arrimando-
 se à praia, desparou a artilharia toda nas estancias
 dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por
 hum espaço largo, com que o inimigo naõ aco-
 dio ao que havia de temer, fenaõ ao que temia,
 sollicito no perigo imaginado, descuidado no
 certo. Rumeçaõ com o grosso do exercito car-
 regou àquella parte do mar a impedir a desembar-
 caçaõ aos nossos. O Governador sahio a este
 tempo da fortaleza com escadas preuenidas para
 encostar ao muro. D. Ioaõ Mascarenhas foi cõ os
 de sua cõpanhia cingindo a caua, por subir aquel-
 la parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopez
 de Sequeira. Antonio Moníz Barreto, que
 hia nesta conserua, encommendou a sua escada

*A. ede
 alii Rv-
 mecaõ.*

*O Gener.
 zador fue
 da f. rta
 leã.*

à tres valentes soldados; estes foraõ os primeiros que enfangoentaram a victoria, sem que chegassem a vela. Tinhaõ vindo aquelle anno nas naos do Reyno com Lourenço Pirez de Tauora; eraõ naturaes da villa do Torraõ, & traziaõ cartas a Antonio Moníz de sua máy, que lhos recommendaua, as quaes lhe deraõ estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados, que se liurasse com vida, lhes faria bõs officios com o Governador, ao que elles responderaõ conformes, que sò naquelle dia necessituaõ de seu fauor, que ao diante seus procedimentos lhes fariaõ passagê, que lhe pediaõ lhes entregasse aquella escada, seguro de que a saberiaõ aruorar, & defender cõ as vidas. Antonio Moníz védo brios taõ hõrados em soldados humildes, lha entregou cõfiado, dizêdo, fiaua d'elles o credito; & a escada, a qual logo que leuantaraõ cõ desgraciado valor, hũ tiro cego lhes estroncou as cabeças.

Referirei hum estranho desafio, que deixara de escrever por lastimoso, senaõ fora taõ illustre. Dom Ioã Manoel, & Ioã Falcaõ, fidalgos de muita opiniaõ, andauaõ entre si mal auidos por desconfianças leues, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimaõ. Trataraõ de aueriguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz d'esta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entrauaõ na contenda com mais liure juizo, reduziraõ a questaõ a mais honrado duello, discorrendo, que o Governador tinha

*Brios lusti-
mos de
tres sol-
dados.*

16

*Desafio
estranho.*

a pique a jornada, & que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo; que pelo bando perdiaõ as cabeças; & que Dom Ioaõ de Castro não era pay, ainda que o parecia; sofria culpas, mas não atreuimêtos; que podiaõ sanear as hõras, onde arriscauaõ as vidas; concertandose, que o que primeiro, & com maior valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, & na commum batalha; inuentando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizeraõse da proposta, hum, & outro inimigo, pediraõ a parentes, & amigos lhes tiueßem as escadas, como homens, que hãuaõ de peleijar pela honra do Estado, & pola sua. Começãraõ de sobir a hum mesmo tempo. Dom Ioaõ Manoel, lançandõ huma mão ao muro, lha leuãraõ de hum golpe; acodindo com a outra, tambem lhe foi cortada; soccorrendose dos cotos para ferrar o muro, com hum golpe de alfange lhe leuaraõ a cabeça. Ioaõ Falcaõ accometteo ao mesmo tempo o muro, & tendoo já vencido, defendendose valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual d'estes dous contendores deu maiores prouas de valor, fizeraõ os soldados de brio juizos differentes; nõs diremos, em beneficio de ambos, que não deuia mais á honra, quem deu tudo por ella.

17

*Que fez
Dom Ioaõ
Mascarenhas.*

Começou Dom Ioaõ Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resoluçaõ, como fortuna, porque ainda que

que

que recebidos nas lanças, vencéraõ a resistencia; estes comprãõ a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sôs no Campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegauãõ os companheiros. Os feitos de armas, que se obrãõ nesta primeira escada, se deixaraõ conhecer da postura com que se combatia; pois os Mouros peleijauãõ firmes, & os nossos pendentes. Dom Alvaro de Castro, Dom Manoel de Lima atrauesãõ o muro por diffentes partes, recebendo na maior resistencia, maior dano. Perdãõ alguma gente em quanto peleijauãõ derramados, logo que se firmãõ, deraõ lugar mais franco a que os seus sobissem.

*Que faz
Dom Al-
varo de
Castro.*

O Governador achou no raõ maior perigo, que teue na sobida, porque encaminhou logo à ponte, que estaua defendida com hum grosso de gente, & muitas peças affestadas nella; a importancia de ganhala era igual ao perigo. Cometeo o Governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murraõ às peças escoroadas, nenhuma tomou fogo; successo para milagre, opportuno; para accidente raro. Porém naõ quiz o Ceo toda a victoria, porque crecendo os Turcos na defenõ da ponte com escopetas, panelas de poluora, & lanças de arremço, retardãõ o impeto dos nossos. Algũs voltãõ os rostos aos pelouros, quiçã para mostrarnos Deos quanto valemõs, deixados em nõs

18
*Perigo do
Governador na
ponte.*

*Liura por
milagre.*

*Acclamam a
victoria.*

*E profe-
guea.*

*Que diz
de Lou-
renço Pi-
rez.*

mesmos, fogião os fracos, detinhaõse os valentes, porèm Dom Ioaõ de Castro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, cõ alguns que o acompanhauão, cerrou com o inimigo, brådando a vozes altas: Vitoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou cõ taõ felices eccos, que os nossos outra vez vnidos, buscãraõ suabãdeira, & os inimigos timidos, ou credulos, foraõ perdendo o Campo, sendo esta voz do General a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizeraõ os nossos estragos, como de vencedores, & o que era ardil, jã parecia verdade. O Governador, sem perdoar instante a sua fortuna, foi atraveffando o Campo, & como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, Dom Ioaõ cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros, sem dano, mas jã desordenados. Enfim tiuemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do Governador, se affirmou sem contradicãõ, fora elle o primeiro que caualgãra o muro, & d'este feito naõ achou testemunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Ta-uora primeiro afferrãra o muro, naõ querendo o credito da fama menos aueriguada, hauendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhala.

19
*Oppociaõ
Rumecaõ.*

Auisado Rumecaõ da desordem com que os seus fogião, acodio com hum grosso batalhaõ de Turcos a deter, ou estoruar a victoria, & como a

van-

vantagem do numero era taõ superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira Real; o que vendo o Governador, bràdou impaciente: Que he isto Portugueses? tiraõuos das maõs a victoria? tiraõuos a bandeira? E remetendo ao inimigo cuberto de huma adarga, em que trazia duas settas crauadas, com a voz, & com o exemplo animou os soldados de maneira, que com furiosa corrente, fizeraõ retroceder aos Mouros, fogindo os vltimos com o terror dos primeiros.

Pelija o Governador pessoalmente.

Dom Alvaro de Castro, & Dom Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizeraõ enuejar de seus soldados, & de seus inimigos. Acomettèraõ a Alucaõ, & Mojatecaõ valentes Turcos, & Cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizeraõ duuidosa a victoria. O sangue tingia as armas, tingia a terra; a vozeria dos Mouros estremecia o Campo, com o perigo nouo; o horror, & a confusaõ arrebatava os sentidos de sorte, que muitos sentiaõ as mortes, primeiro que as feridas; cedeo enfim ao valor o numero, & os Turcos se retiràraõ com infinitos, mortos, as estancias perdidas. Dom Ioaõ Mascarenhas acometteo a luzarcaõ, ao qual ganhou o posto, com naõ menos valor, nem peor fortuna. Rumeçaõ, naõ perdendo animo, nem accordo com a primeira desgraça esperou a vltima, formando seus esquadroens no campo aberto,

20

Estancias dos inimigos ganhas, & por quem.

Formaçãõ se formo no campo rasõ.

to,

to, ou fosse necessidade, ou confiança, porque em taõ numeroso exercito, mais se conhecia o temor, que a perda, & como he proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumeçaõ suas expiaçoens com vozes, & alaridos supersticiosos, que os nossos ouuiraõ, como para conciliar a indignaçã dos Astros.

21

*O Gover-
nador, &
seu filho o
enuestem.*

Dom Ioaõ de Castro, naõ querendo perder hum sò momento de taõ fermoso dia, juntou a si o pequeno exercito, & dando a vanguarda a seu filho Dom Alvaro, arroftou o inimigo, que o esperou formado, & estendendo as pontas da mea lua, com que estaua plantado, veo cingindo a nossa infantaria; porém Dom Alvaro, como se quizera para si sò a gloria d'este dia, enuestio com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro, que chegou a ferir os Mouros, cometendo, ou abrindo com espada, & rodela hum esquadraõ cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira enuestida, mas naõ podendo soffrer o peso da batalha, começou a retirar-se com desordem. Os nossos rompendo de todo as fileiras turbadas, seguiaõ mais, que destroçauaõ os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria; mas Rumeçaõ com hum grosso batalhaõ de Mouros, & Ianizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezãraõ, ou esquecerã a disciplina.

*Dom Al-
uaro o
rompe.*

*Torna
Rumeçaõ
a fazer
rosto.*

Aqui

Aqui esteue Dom Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir diuididos, hiaõ deixando aos inimigos o campo, & a victoria, sem que as vozes de Dom Alvaro, & constancia, com que peleijaua, pudesse deter a hús, nem ordenar a outros; pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Frey Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os Autores memoria, com hum Crucifixo aruorado, começou com piedosas, & esforçadas razoens, a reprender, & animar os nossos, mostrandolhes a imagem de Christo, exposta outra vez na Cruz, a segundas injurias; aconteceu, que huma pedra perdida desencrauou hum braço do Crucifixo, & lho deixou pendente, mostrandose em huma mesma perspectiua o sagrado transumpto, aos filhos inclinado, aos infieis caído. Os nossos com maior espirito nas injurias do Ceo, que nas do Estado, mostrãrãõ differente valor em differente causa, de uendo mais à offensa, de quem eraõ creaturas, que ao imperio de quem eraõ soldados. Subitamente se vnirão conformes, & recobrando forças, mais foraõ os instrumentos da victoria, que os autores d'ella. Rumeção se retirou desbaratado, & Dom Alvaro baralhado com elle, entrou de enuolta na Cidade, achando já maior estoruo nos mortos, que cahiaõ, que resistencia nos viuos, que se não defendiaõ.

22

*Perigo,
& constância de D.
Alvaro.*

*Aruora
Frey Antonio do
Casal hũ
Crucifixo*

*Animaõ-
se os nos-
sos.*

*Rumeção
se retira,
& Dom
Alvaro
entra na
Cidade.*

23
*Junta-
 selhe Dom
 Manoel
 de Lima.*

A este tempo chegou Dom Manoel de Lima, taõ valeroso no mar, como na terra; o qual pela parte que lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com Dom Alvaro, & entrados na Cidade, fizeraõ cruel estrago nos Mouros, querotos, & diuididos buscauaõ saluação na fogida, mais que na resistencia; já o seimblante da guerra, mais parecia sacõ, que batalha; os nossos achauaõ Mouros, naõ achauaõ inimigos; muitos metidos pelas casas roubàraõ suas mesmas fazendas, que occultauaõ, como furto à victoria; outros deixauaõ as armas, por fogir mais ligeiros. Dom Ioaõ Mascarenhas entrou por outra parte na Cidade, dando neste dia glorioso fim a taõ illustre cerco.

*E Dom
 Ioaõ Mas-
 carenhas.*

24

*offer ecc
 Rumecaõ
 noua ba-
 talha.*

O Governador, ainda peleijaua no Campo, sollicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou auiso, que a Cidade estaua já rendida; mas Rumecaõ, pondo tropeços à victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenandose em forma de dar, ou esperar noua batalha; que era o poder taõ grande, que das reliquias do seu estrago, fez outra noua guerra; sahiaõ a este tempo da Cidade Dom Alvaro de Castro, & Dom Ioaõ Mascarenhas, & Dom Manoel de Lima a congratularse da victoria com o Governador, quando víraõ a Rumecaõ no campo com outro nouo exercito. O Governador naõ querêdo, que a suspêsaõ parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha, cometteo a segunda, ordenádo tres esquadroes,

os dous, que buscassem os inimigos pelos lados, & elle pela frente. Nesta ordem cometteo o inimigo, o qual mais desesperado, que constante, aguardou o primeiro impeto dos nossos, mas como peleijaua já tímido, & desconfiado, & os seus com cobarde, & forçada obediencia lhe assistiaõ, com leue resistencia nos deixaraõ o campo; bem que em todas as facçoens do cerco, & da batalha, se mostrou Rumecaõ taõ valeroso, como disciplinado; mas nas aduersidades merecese melhor, do que se alcança, a fama.

Abriãse os Mouros pela frente, & o Governador, a maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leua diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros pareciaõ inimigos na fogida, & não na resistencia; & como os nossos acometriaõ algũas mangas, que se mantinhaõ inteiras, elles mesmos se desordenauã por remedio, fogindo huns dos outros com igual, ou mais cerco perigo, que fogiaõ dos nossos. Outros, por não parecer inimigos, arrojauã as armas, como instrumentos, que nos podiaõ acordar aggrauo, ou vingança. Enfim naquella tragedia se representauã todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecaõ vendo tudo perdido, vestindo hũa pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultandose á ira, & à victoria; porém hũa pedra tirada de mão incerta, o liurou, com a morte, do triumpho. Muitos d'este homicidio se fizeraõ autores,

25

*Alcança-se a victoria.**Morre Rumecaõ.*

como já nos tempos de Galba, de quem quizerão ser mais os matadores, do que foraõ as feridas. E em nossos dias, & nosso mesmo Reyno, vimos tambem hum caso nada deffemelhante.

26

Aduertidamente callei os casos particulares d'esta batalha, porque se não podem louuar hũs, sem injuria de outros; sò dos Cabos, & pessoas maiores, démos breue noticia, por reuerencia do lugar, & do sangue; demais, que na confusão de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; & he certo, que aquelles, a cuja penna não escaparaõ os atomos do caso mais occulto, ou buscãraõ soccorros para a historia, ou penetrãraõ os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber, que taõ illustre empresa, hõrou naquelles tempos nossas armas; nestes nossa memoria; & creio, que em todas as facçoões da Asia, nos cercos, não tiuemos maior; nas batalhas, não tiuemos igual.

27

Varia estimacão do numero dos inimigos.

O numero do exercito inimigo se não pode aueriguar ao certo, porque com estimacão desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros disserãõ menos, & nem os Mouros, que ficãraõ catiuos, soubẽraõ formar juizo certo da gente, que perdẽraõ. Mas de qualquer maneira foi a desproporção taõ notauel de hum poder a outro, que bastou a dar pelo Mundo hum espantoso brãdo; & nas Historias alheas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; & se a Patria imitãra a

gra-

gratidão do Imperio Romano cõ filhos beneméritos, dera a ler ao Mundo as obras de Dom Ioaõ de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Naõ achamos, que respondeffem os premios a seu merecimento, quiçã para o fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varoões excellentes; logrou porém, como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os Principes da Asia com ambiciosas mensagês lhe deraõ em-
 boras da victoria; a Camera de Goa o chamou Duque, ou fosse, que o aduertia, ou que o desejava. El Rey Dom Ioaõ o honrou com titulo de Viso-Rey da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios deuia de os sepultar a mesma terra, que cubrio suas cinzas, ficando sò sua posteridade hereditaria da gloria de taõ grande ascendente.

Parabens da victoria.

Recolheo o Governador os despojos, que forãõ os Reaes, muitas bandeiras, & quarenta pe-
 ças de artelharia grossa, em que entraua aquella, que hoje temos na fortaleza de S. Giaõ, que do lugar, em que se ganhou, inda conferua o nome. Entregou a Cidade ao sacco, sem reseruar para si hum sò ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. D'esta, & outras virtudes, nasceria, affirmarem os Mouros, que fora o Governador assistido de algum poder diuino, porque sobre o recto da Igreja, víraõ hũa Dõzella, cujos rayos naõ podia sofrer a vista,

28

Despojos della.

Saco da Cidade.

Fauor diuino que nos assiste.

cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, cõ que deixauão as armas, hũs tímidos, outros reuerétes. Naõ temos este fauor do Ceo por indigno de credito, se olhamos a piedade do General, a justiça da causa. Dos Mouros mórreão cinco mil, em que entrauaõ Rumecaõ, Alucaõ, Accedecaõ, & outros Turcos de nome; ficãraõ seiscentos catiuos, que depois seruíraõ ao triumpho; dos nossos faltãraõ trinta, foraõ quasi trezentos õs feridos.

*Quantos
Mouros
morrêraõ.*

*Nossos
mortos, &
feridos.*

26

Poucos dias descansou o Governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza, desda primeira pedra; obra, que a necessidade fazia precisa; o aperto impossivel, porque as despesas de taõ prolixa guerra tinhaõ apurado as rendas do Estado, & sobre ellas se hauiaõ feito empenhos, que só se podiaõ remir com a paz de muitos annos; porém o Governador sem se atar aos inconuenientes, começou dar principio à noua fabrica, desenhandoa em forma diferente, que a antiga, porque a juizo de homens intelligentes, conuinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vizinhos, & laurar armazês para recolher as muniçoens, & mantimêtos, em parte enxuta, em que se conseruassẽ bẽ acondiçoados, differentes dos outros, que pela humidade do terreno, corrompiaõ os bastimêtos. Os materiaes naõ se podiaõ cõprar, nem conduzir sem pagas, & jornaes; pedreiros, pioês, & architectos, pediaõ suas ferias. Naõ tinha o

*Reedifica
o Governador a
fortaleza*

Gouernador baixellas, nem diamantes de que poder valerse, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza nam. Mandou desenterrar os ossos de seu filho Dom Fernando para fazer d'elles à Cidade de Goa, hum nunca visto empenho; mas como a terra, inda tiueffe o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pediu vinte mil pardaos à Camera de Goa, abrindolhe o amor da patria huma estranha porta, por onde não soberão entrar aquelles fidelissimos Décios, Curcios, & Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruínas de seu Imperio, lhe saluou a memoria. Acompanhaua o penhor a seguinte carta.

*Empenha
par: isso
os cabel-
los da
barba.*

Carta que o Gouernador D. Ioaõ de Castro escreueo de Dio à Cidade de Goa.

S Enhores Vereadores, Iuizes, & Povo, da muito nobre, & sempre leal Cidade de Goa; os dias passados vos escreui por Simam Aluerex cidadam d'essa Cidade, as novas da victoria, que me nosso Senhor deu contra os Capitaens d'el Rey de Cambaya, & callei na carta os trabalhos, & grandes necessidades em que fiquei, porque lograsséis mais inteiramente o prazer, & contentamento da victoria; mas já agora me pareceo necessario nam dissimular mais tempo, & dai vos conta dos trabalhos em que fico, & pediuos ajuda para poder supprir, & remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derribada até o cimento, sem se poder aproueiatar hum só palmo de parede; de maneira, que nam sómente he necessario fabricala este vram de nouo, mas ainda de tal arte, & maneira, que perca as

esperanças elRey de Cambaya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomportavel de todos, que sam as grandes oppressoens, & continuos achaques, que me dam os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque d'outra maneira se me irião todos, & ficarei sò nesta fortaleza; o que serà occasiam de me ver em grande perigo, & por esse respeito toda a India, como quer que os Capitaens d'elRey de Cambaya com a gente que ficou do desbarato, estam em Suna, que he duas legoas d'esta fortaleza, & elRey lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé, & de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes cousas me he grãdemente necessario certa somma de dinheiro, polo que vos peço muito por mercé, que por quanto isto importa ao serviço d'elRey nosso Senhor, & por quanto cumpre a vossas honras, & lealdades, leuardes auante vosso antigo costume, & grande virtude, que he acodirdes sempre às estremas necessidades de S. Alteza, como bons, & leaes vassallos seus, & polo grande, & entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais emprestar vinte mil pardaos, os quaes vos prometto como Cavalleiro, & vos faço juramento dos Sanctos Euangelhos de volos mandar pagar antes de hum anno, posto que tenha, & me venham de nouo outras oppressoens, & necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar Dom Fernando meu filho, que os Mouros mataram nesta fortaleza, peleiando por serviço de Deos, & d'elRey nosso senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharamno de tal maneira, que nam foi licito inda agora de o tirar da terra; polo que me nam ficou outro penhor, saluo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodriguez de Azenedo; porque como já deveis ter sabido, eu nam possuo ouro, nem prata, nem mouel, nem cousa alguma de
raiz,

raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sòmente huma verdade secca, & breue, que me nosso Senhor deu. Mas para que tenhais por mais certo vosso pagamento, & nam pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira podem ficar sem elle, como outras vezes aconteceo, vos mando aqui huma prouisa para o Thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cauallos vos vâ pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo que neste pagamento se deue ter, o ordenareis là com elle. Hei por escusado de vos affeitar palauras, para vos encarecer mais os trabalhos em que fico, porque tenho muito certo, por todos os respeitos, que affirma digo, hauerdes de fazer nesta parte tudo, & mais do que puderdes, sem entreuir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, & o amor, que todos me tendes, & vos tenho. Encomendo-me, senhores, em vossas mercès. De Dio a vinte & tres de Nouembro de mil quinhentos quarenta & seis.

Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o Pouo com maior quantidade, que a pedida, vendo que tinhaõ hum Gouernador taõ humilde para os rogar, taõ grande, para os defender. Remeteraõlhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conseruaõ em maõ do Bispo Inquisidor Géral seu dignissimo neto, que os recolheo em huma vrna, ou pyramide de cristal, assentada em huma base de prata, na qual estaõ grauados em torno disticos differentes, que fazem de acção taõ illustre, engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de Dom Ioaõ de Castro. Leuáraõ os portadores do dinheiro a carta que se segue.

30
Os Cida-
dãos de
Goa lhos
tornam.

Hoje se
conseruaõ.

Carta da Camera de Goa, em reposta da do
Gouernador.

Illustriſſimo, & excellente Capitam gèral, & Gouvernador da India, pelo muito alto, & muito poderoso, & muito excellente Principe elRey noſſo ſenhor. Diogo Rodriguez de Azuêdo chegou a eſta Cidade ſegunda feira ſeis do meſ de Dezembro, & o dia ſeguinte deu em Camera huma carta de Sua Illuſtriſſima Senhoria, que foi lida com muito prazer, & grande contentamento, por ſabermos de ſua ſaude; a qual boa noua, ſempre queriamos ſaber, & muito meliores lhe deſejamos; & por ella a Cidade, & todo eſte pouo em gèral, & em eſpecial, damos muitas graças a noſſo Senhor, & temos certa eſperança em noſſa Senhora Virgem Maria Madre de Deos noſſa auogada, que tendo os pouos da India a V. S. Illuſtriſſima por ſeu Duque, & Gouvernador, que em noſſas afrontas, & trabalhos nunca carceremos de ajudas diuinaes, por merecimento de ſeu catholico, & modesto viuer, & auto, & obras de muitas louuadas virtudes; & com eſta eſperança viuemos em nouo repouſo, porque a preſente, & glorioſa victoria, que por ſeu prudente conſelho, & grande eſforço, & cauallaria venceo, & deſcercou a fortaleza de Dio, & deſbaratar, & deſtruir o poder d'elRey de Cambaya, com mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Corações, & Chriſtãos renegados da fè de noſſo Senhor, Alemaens, Venezianos, Genouezes, Francezes, & aſſi d'outras muitas, & diuerſas naçoens, dos quaes gram parte d'elles foram mortos a ferro de lança, & eſpada, de que a Cidade tem certeza de peſſoas de bem, que de viſta foram preſentes; os quaes bons ſeruigos, nos moſtram claros ſinaes, que ao diante, prazendo a noſſo Senhor, & a ſeu amparo, nam temeremos outros trabalhos, que de futuro ſe aprezentam do proprio Rey de Cambaya

com outro nouo poder, e outros Reys, e Senhores nossos comarcaõs, e os de toda a India, que sam de certo, inimigos nossos, e de muitas inimizadas, alem de serem inficis, inimigos de nossa sancta fé Catholica, dos quaes huns, e outros nam temos segura, nem firme paz, antes temos sinais de faltas, e enganofas amizades, E quanto ao emprestimo que em nome d'el Rey nosso Senhor nos manda pedir, responde a Cidade, que os moradores faremos de presente, e sempre, que cumprir, seruirmos S. Alteza com as fazendas, e vidas, e com as almas. E porque a tengam da Cidade, e de todos he seruir Vossa Illustrissima Senhoria, hauendo respeito, que o tal emprestimo cumpre muito ao seruiço d'el Rey nosso Senhor, cuja a Cidade he, e todos somos, com muita diligencia, e cuidado d'aquelle dia; que Diogo Rodriguez de Azeuedo deu o recado ate o fazer d'esta, que sam vinte e sette de Dezembro, se ajuntaram vinte mil cento quarenta e seis pardaos, e huma tanga, de cinco tangas o pardao; os quaes emprestou esta Cidade, a saber Cidadãos, e o Pouo, e assi os Brãmenes mercadores, gameares, e ouriues. E escreuemos em certo a V. Senhoria que esta Cidade, e os honrados moradores, polo seruir, temos obrigaçam de pôr as vidas, e as fazendas com melhor vontade do que o faremos por nossas honras, e interesses. E quanto, senhor, aos penhores que nos manda; a Cidade, e moradores nos temos por aggrauados de V. Senhoria ter tam pouca confiança em nós, e em nossas lealdades, que para cousa que tanto cumpria ao seruiço d'el Rey nosso senhor, e a seu Estado Real, nam era necessario tam honrados, e illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao seruiço d'el Rey, e a presente necessidade, e depois d'isso as obrigaçoens em que somos, e a grande afeicam, e muito amor que V. Senhoria tem a esta Cidade, e moradores; e por ello, e tudo o mais que neste caso lhe sentimos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a nosso Senhor, que lhe dé perfeita saude, e o prof-

pere

pere de muita honra, & grandes victorias contra os inimigos de nossa sancta Fe. E todavia, senhor, Diogo Rodriguez de Azeuedo lhe torna a levar os seus penhores; & assi lhe leuam elle, & Bertholameu Bispo Procurador da Cidade o ditto dinheiro, que lhe a Cidade, & Pouo d'ella emprestaram de sua boa, & liure vontade. E assi lhe leuam mais a prouisam, que cã mandou para o Thesourciro pagar o ditto dinheiro, & lhe pedem por mercê que tudo aceite, como de leaes vaſsallos, que somos a elRey nosso senhor, & a V. S. mui obrigados. Escrita em Camera a 27. de Dezembro de 547. E eu Luis Triemessam Escriuam da Camera o mandei escreuer, & subscreui por licença que para ello tenho. Pero Godinho. Ioam Rodriguez Paez. Ruy Gonçaluez. Ruy Diaz. Iorge Ribeiro. Bertholameu Bispo.

31

*Continua
a obra da
fortaleza.*

Continuaua a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes, & jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo taõ pontuaes as pagas dos seruidores, & soldados, que hauiaõ, que sò para o Governador estaua o Estado pobre. Alem do emprestimo da Cidade, lhe enuiãraõ as dõnas, & donzellas em hum cofre a pedraria, & joyas, com que a fraqueza feminil serue ao poder, & à vaidade: offerta de que naõ podiaõ esperar retribuiçaõ, ou vsura; donde se vè, quanto melhor seruidas saõ dos pouos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

32

*E a guerra
de Cambaya.*

Ordenenou a Dom Manoel de Lima, que com trinta nauios auistasse os lugares da costa de Cambaya, & os abrafasse todos, mostrando ao Soltaõ, que a vingança naõ acabàra na victoria; porém que na Cidade de Goga naõ entrasse, por ter auiso, que a ella se recolhèra toda a gente que esca-

pou

pou da batalha. Dom Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foi correndo a costa, & a poucos dias de viagem lhe sobreueo hum temporal raõ rijo, que o leuou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no mesmo porto, que pela instrucção lhe fora prohibido. Os da Cidade, como ainda tinhaõ presente a imagem do passado perigo, tanto que viraõ as mesmas armas, de que estauaõ cortados, desemparãram a Cidade, assi os soldados como a gēte popular, & inutil, fogindo para o sertão com igual desaccordo. Estaua ancorada no porto hũa nao de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual vendo a fogida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na Cidade. Dom Manoel, naõ entendendo o final do nauio, pareceolhe que de confiado o chamaua à peleija, & pondose logo em armas colerico, & impaciente, notou, que a Cidade se despejaua, & o miserauel pouo corria com hum tropel confuso a demandar huma pequena ferra, que lhe ficaua à vista, crendo, que a distancia, & aspereza do sitio, os liuraria da inuazãõ dos nossos. Conheceo Dom Manoel o intēto com que lhe capeaua o nauio, & perplexo entre a occasiãõ, & a obediencia, pos o caso em conselho; & como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordēs, votãraõ, que se entrasse a Cidade, porque a instrucção do Governador naõ podia comprender

Dom Manoel de Lima a f. 2.

Vai à Cidade de Coga.

*Que sa-
guea, &
abraça.*

todos os accidentes, o qual se estiuera presente, fora o primeiro que saltasse em terra. Seguiu logo a execução o conselho. Entrou Dom Manoel a Cidade quasi sem resistencia; o sacco dos soldados foi grande, & o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abraçou fazendas, & edificios; foi o dano maior do que a victoria. Catiuou Dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente se saluara em hum lugar da serra, que ficaua em pequena distancia, determinou assaltalo, para que os fugitiuos, & oppostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar, leuando os Baneanes por guia, forçados com miserauel necessidade, a entregar os filhos, & parentes; & os que se imaginauão no abrigo do sertão seguros, víraõ primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa a causa, de pessoa a pessoa; naturaes, & estrangeiros; culpados, & innocentes pagãraõ com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das pessoas passou à religião a injuria; dentro dos Pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstiçoens he culpa inexpiauel. Degollou os gados do cõtorno, salpicando as mesquitas com o sangue das vacas, animal, que como deposito das almas, veneraõ com culto abominauel.

33
*Embarca-
se, & pe-
riga.*

Embarcado Dom Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo, & refluxo das ondas, he

he taõ impetuoso, que basta a destroçar os nauios. Passado mais adiante, houue vista da Cidade de Gandar, pouoada de mercadores Genticos, rica pelo commercio, & fraca pelos habitadores. Esta foi na primeira enuestida; rendida, & abraçada, sendo, que entregauão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que naõ poderaõ saluar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscaua o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruío, durando nas cinzas, & ruínas muitos annos as memorias do estrago; & os naturaes, que sobreuiueraõ as misérias dos outros, se recolhéraõ ao interior do Reyno, onde com segura pobreza entretinhaõ as vidas.

Deu Dom Manoel volta a Dio, onde achou ao Governador entre os materiaes da noua fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejaua deixar a fortaleza em defença, porque o chamauaõ a Goa diferentes negocios. Porém Dom Joaõ Mascarenhas, ou cansado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da praça, sem acabar o tempo; querendo aquelle anno vir ao Reyno lograr taõ merecida fama. Quizera o Governador dissuadilo, temendo, que ninguem lhe aceitasse a fortaleza, porque com a victoria, & alteração do commercio, faltauaõ os estímulos da honra, & do proueito, que saõ os maiores incentiuos, de que os homens se vencem. Porém D. Joaõ Mascarenhas resoluta a passar ao Reyno nas naos

*Destroe
Gandar.*

*Recolhe-se
a Dio.*

*Deixa D.
Joaõ Mas-
carenhas
a praça.*

*Dom Ma-
noel de
Lima se
offere.e a
ficar nella*

de Lourenço Pirez de Tauora, obrigou ao Governador a que buscasse Capitaõ para a praça, que já alguns fidalgos lhe hauiaõ engeitado, aborrendo lugar de tantas victorias, quiçã polo perigo, que tem succeder a varoens excellentes; porrem Dom Manoel de Lima, ou por complacencia do Governador, ou confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

35

*Toma
Antonio
Moniz
algumas
naos.*

*Vingança
barbara
d'el Rey
de Cam-
baya.*

Entretanto que o Governador se aprestaua para passar a Goa, mandou Antonio Moniz Barretto com algũs nauios a esperar as naos de Cambaya, que por intelligencias secretas sabia, que hauiaõ de visitar a costa de Pór, & Mangalor, as quaes elle encontrou, rendeo, & trouxe a Dio, cujas fazendas ajudàraõ a reparar as despesas do Estado. El Rey de Cambaya com o sentimento de tantas perdas, rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficàraõ catiuos, vingandose de taõ grandes injurias em sombras taõ pequenas.

36

*Auisos
de Ormuz*

Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teue o Governador duplicados auisos de Ormuz, que os Turcos com crecido poder tinhaõ lançado de Baçorã a Mahamet As-Enam fiel amigo do Estado, o qual chamaua nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Viaõse naõ de longe os perigos, & as consequencias, que resultauaõ de taõ

roim

roim vezinho, com quem a penas podiamos caber no Mundo, quanto mais no Estado. Ponderaua-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas maiores; de cujo sitio daremos huma breue noticia. He Baçorà pouoação de quatro mil vezinhos, situada na Arabia felix, em altura de vinte & quatro graos para a banda do Norte; apartase do rio Eufràtes em pequena distancia. Distarà da fortaleza de Ormuz dūzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se nauega ao longo da costa pela parte da Persia, por ter melhores surgidouros, & aguadas. A Ilha he pouoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos, & ceremonias do Persa; a quem dá a beber o demonio as abominaçoens de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificàraõ os Turcos, & começàraõ a ganhar os Arabios vezinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorà nouo Principe, que como descendente de seus antigos Reys, seria aos Arabios grato, & aos Turcos fiel; liberalidade, com que mostrauaõ entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de senhores. A justiça d'este, que os Turcos faudàraõ por Rey, escreuem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo, por ser ao gosto importuna, & alhea da Historia,

*Descri-
ção de
Baçorà.*

*Os Tur-
cos se for-
tificãõ nel-
la.*

37

*Vai Dom
Manoel
de Lima
para Or-
muz.*

Resolueo o Governador despachar a D. Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pela morte de Dom Manoel da Sylueira lhe cabia, tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da praça, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificauão; porque não hauia fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, hauendo Dom Ioão Mascarenhas leuado as honras do perigo. Não sei, se as cousas da India correm hoje por esta opiniaõ. O Governador se molestaua, de que lugar de tantas victorias ficasse taõ aborrecido. O que entendido por Dom Ioão Mascarenhas, se lhe offerenceo para ficar aquelle inuerno na praça; cousa que o Governador estimou sobre modo, dizendolhe, que em quanto a fortaleza estaua imperfeita, a fama de seu nome ferueria de muro. E porque se veja quaõ facil era este grande varaõ em authorizar honras alheas, referirei a carta que escreueo a seu filho Dom Aluaro, quando entendeo que Dom Ioão Mascarenhas iria a Goa para passar ao Reyno.

*E Dom
Ioão Mas-
carenhas
vive em
Dio.*

*O que del
le escreue
o Gover-
nador a
seu filho
Dom Al-
uaro.*

Lá vai o senhor Dom Ioam Mascarenhas, tal qual os Mouros, e Gentios confessam; e eu que sou bom Christian, faço a mesma confissam de seu esforço, porque em todas as batalhas o achei sempre a meu lado. Vaise embarcar para o Reyno, rogouos muito, que lhe façais o mesmo tratamento, que a minha pessoa, e nam consintais, que tome outra pousada, senam a vossa; porque alem de elle o merecer, espero em Deos, que tornará muito cedo a estas partes, a emendar meus descuidos.

Tem-

Tambem escreueo a el Rey largamente sobre os merecimentos dos homês, de si não fallou nada, mostrando-se agradecido aos seruiços de todos, & só aos seus ingrato.

*E a el Rey
de todos.*

Concluidas as cousas de Dio, deixou o Governador a Dom Iorge de Menezes com seis nauios, para que andasse o resto do veraõ na enseada de Cambaya; & mandou lançar pregaõ em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros, & Gentios podessem tornar a pouoar a Ilha, porque debaixo de sua justiça, estariaõ as pessoas, & commercios seguros, gozando da paz, & liberdade antiga; & como a verdade recebe credito do valor, tornaraõ os Gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leys, vindo copia de mercadores, & vezinhos a engrossar o trato, hauendo por mais segura a paz, que começaua nos limites da guerra.

38

*Deixa
naquella
cista a D.
Iorge.*

Embarcou-se o Governador para Goa, aonde o esperaua o applauso vniuersal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breues dias, onde vieraõ a visitalo ao mar o Bispo, Capitaõ mór, & Regentes, pedindo-lhe se detiuesse em Pangim, em quanto a Cidade dispunha o triumpho, com que o queria receber, porque não reputasse o Mundo aquelle pouo por barbaro, ou ingrato; que triumpho taõ merecido, não era ambiçaõ da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias leuauaõ os Reys o fruto, os vassallos a fama; que bem podia

39

*Embarca-
se para
Goa.*

*Chega, &
he vñi-
tado no
mar.*

o fruto, os vassallos a fama; que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

40

*Decreta-
selhe triū-
pho.*

Deixouse o Governador vencer d'este agrado do pouo, como quem nam podia desprezar as honras do triumpho, sem injuria dos que lho ajudàraõ a merecer; nem pòr limite às alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstraçoẽs festiuas tinhaõ na fortuna desculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de Abril de quarenta & sette se destinou o dia do triumpho, primeiro, & vltimo, que víraõ nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricoua Cidade no Bazar de Sancta Catharina, hum espaço lo caes, cujo material cobriaõ varias alcatifas. Rasgouse a porta da Cidade até o alto do muro, como que se mostrauaõ as pedras humildes, ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia sobir a mais; o gosto não se contentaua com menos. Em partes era o adorno de diuersos veludos; para que o ouro seruisse à magestade; as cores ao deleite. Na portada se viaõ dous leoens dourados, sustentando em huma, & outra tarja as Roèlas dos Castros, sempre illustres, agora triumphantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de aruoredo, que com interrompidas sombras, mitigaua o calor, sem occultar o dia. Viase o mar cuberto de naos, & galeoens, de fustas, & almadias, que das Ilhas vezinhas concorrêraõ, todas embandeiradas, & alegres. Estaua

*Fabrica
delle.*

no terreiro do Paço huma fortaleza, defenhada pela planta de Dio, & dentro algumas bombardas carregadas sem balla, & outros instrumentos de fogo, com que figurauão huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondiaõ curiosas danças, que com acordadas vozes cantauão ao Governador lououres a numeros atados, deitando o ouuido na armonia, o juizo na letra. O concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as tellas de lauores, por vsuaes, se olhauão cõ desprezo. As galas dos moradores, taes, & tantas, que parecia, que triumphaua o Pouo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os coraçõens se víraõ, pois eraõ demonstraçoens voluntarias de naturaes affectos.

Abalou o Governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia diferente das outras; leuaua consigo os fidalgos velhos, que o acompanháuaõ na jornada, igualmente parciaes na gloria, & no perigo. Hiaõ diante os galeoens da armada, a quem seguiaõ embarcaçoens de remo com as velas içadas nos palancos, & todos nauegando assombrados com o valor de diferentes ramos, pareciaõ da terra hum bosque tremulo, huma Cidade erratica. Logo que auistãraõ a fortaleza, lhe déraõ huma taõ temerosa salua, que a guerra parecia real, mais que aparente; como contrapõsta lhe respondeo a artilharia de terra, com tal horror, que os sentidos naõ conhe-

41

Entra o
Governador.

ciaõ differença da batalha ao triumpho. Para dar passo à galeota do Governador, se abriu a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airofamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Francesa de setim carmezim com troçaes de ouro, que lhe tomavaõ os golpes, & como quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachoens de prata, gorra com plumas, mostravaõ ouro as guarniçoens da espada. No caes o esperavaõ os Cabos da milicia, Nobreza, & Regimento da Cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde hum Vereador na lingua Latina lhe orou discretamente, disorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruínas seriaõ de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas serviaõ tanto à Fé, como ao imperio, obrando, que em taõ remotas partes se ouvissem os brãdos do Euangelho; que agora os Mouros, & Gentios creriaõ, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrariaõ com o dedo os nauegantes, o lugar da batalha, ficando por tradiçaõ o estrago de Cambaya de naçaõ a naçaõ, de Reyno a Reyno; que os pays o contariaõ aos filhos, ainda só bresaltados

Hum Vereador lhe

orou

na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderiaõ descansar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu governo, discorreo largamente, parecendo ao Pouo, que antes abreuiaua, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suauidade de musicos instrumentos, differentes, & acordes. Logo se dispararaõ algumas peças, cujas ballas eraõ doces diuersos, que caindo em pequena distancia, foraõ à gentalha do pouo conuite, inda que arrebatado alegre. Os Vereadores da Cidade, recebèraõ ao Governador com palleo, & logo hum cidadão de authoridade, inclinado, & reuerente, lhe tirou a gorra da cabeça, pondo-lhe nella huma coroa triumphal, & na mão huma palma. Diante caminhaua o Custodio dos Religiosos Franciscos com o Crucifixo, que leuou na batalha, & o braço desencrauado, & pendente; (final com que já de longe aquella Magestade diuina, nesta, & naquella idade nos assegura os Reynos, & as victorias.) Seguiase a bandeira Real de nossas Quinas, olhadas com admiração noua de Mouros, & Gentios. Logo os estandartes de Cambaya arrastados à vista de luzarcaõ, & outros Capitaens maniatados, que representauaõ a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Viaõse seiscentos prisioneiros arrastando cadeas; tras elles as peças de

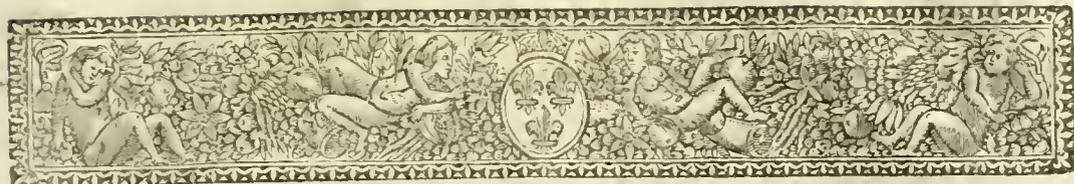
*Recebem:
o com
palleo.*

*ord. m do
triumpho*

campanha, com varias, & numerosas armas. As damas das janellas banhauã ao triumphador em agoas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratauaõ o ouro, ou preciosas drògas, lhe vinhaõ a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos, outra cousa maior, que o triumpho. Os Templos adornados, & abertos, se mostrauã beneuolos, & gratos; nesta forma chegou a visitar a Cathedral, Metropoli do Oriente, onde o Bispo, & Clero o recebêraõ com o hymno: *Te Deum laudamus*. Entrando na Sé, reconheceo com piedosas offer-
Vai à sé. tas ao Autor das victorias, & por ser já tarde com abreuiadas ceremonias se recolheo aos Paços, não cabendo a magestade do triumpho nas horas de hum sò dia.

Reconhece a Deus por Autor de suas victorias





V I D A
D E

DIOAM DE CASTRO

IV. Vifo-Rey da India.

LIVRO QVARTO.



Oucos foraõ os Reynos do Oriente, que no Governo de Dom Ioaõ de Castro, naõ alterassem aquelle Estado com diuersos mouimentos de guerra: ou com armas oppostas, ou cõ reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz, ou ajudar a victoria, vendoo muitas o Oriente, em seruiço da Religiaõ, cingir a espada.

Hauia elRey Dom Ioaõ enuiado alguns Religiosos Franciscos à Ilha de Ceilaõ, exemplares na vida, & na doutrina, para que com o sangue, & com a palavra testemunhassem a verdade Euangelica, sendo este o maior cuidado de nossos Principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da Religiaõ, que do imperio. Entrados estes Religiosos na Ilha, fgraõ recibidos d'elRey da Cotta com benigna hos-

I
Religio-
sõs Fran-
ciscos pas-
saõ a Cei-
laõ.

hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol diuino. Ouuiu aquella Genti-
lidade a voz do Ceo, & ao beneficio da terra in-
cultura respondia o fruto, encaminhando ao cur-
ral da Igreja infinitas ouelhas.

2

*Prêgão a
Fé em
Candea,
& el Rey
se inclina
a ella.*

Passáraõ estes embaixadores do Euangelho a
dar nouas da luz a el Rey de Candea, no coração
da Ilha, o qual acháraõ grato no tratamento das
pessoas, & facil na obediencia da doutrina; foi
instruído nos mysterios de nossa crença, para
que com fé mais robusta se lauasse nas agoas do
Baptiimo. Deu aos Religiosos terra, materiaes,
& despesas para a fabrica de hum Templo, sendo
esta a primeira fortaleza, que leuanteou a conqui-
sta do Euangelho naquella Ilha contra os erros da
idolatria; porque das vozes do Apostolo S. Tho-
mé (se alli chegáraõ) nem nos entendimentos
hauia luz, nem na terra memoria.

3

*Mostra
inconstan-
cia.*

Mostrauase este Principe aos preceitos de nos-
sa Religiaõ obediente; mas ainda não constante,
porque o temor de alterar os vassallos na mudan-
ça da ley, fazia, por não perder o que amaua, o que
entendia; porque como planta ainda sem raizes,
o inclinauaõ a huma, & outra parte contradi-
çoens humanas. Tentáraõ os Religiosos desuiar-
lhe estes tropeços do caminho da vida, affirman-
dolhe, que debaixo do amparo de nossa Religiaõ
& nossas armas, asseguraua huma, & outra co-
roa, porque estaua naquelle tempo governando
o Estado aquelle Dom Ioaõ de Castro, que pola

*Os Reli-
giosos o
animãõ.*

Fé sabia derramar o fangue , pelos amigos arriscar o Estado.

Ouuio bem o Rey esta proposta , dizendo , que se o Governador lhe mandasse soccorro , não só professaria a Fé , porèm que a prégaria a seus vassallos. Com esta resolução partio hum Religioso a Goa, & certificado o Governador da causa de sua vinda , zelou a conuersão d'aquelle Principe , como o maior negócio do Oriente ; não menos prompto a dar à Igreja filhos , que ao Estado victorias. Despachou logo com sette fustas a Antonio Moníz Barreto , & ordem , que encontrandose com nauios nossos os leuasse consigo ; escreuendo áquelle Principe honradas cartas , acompanhadas de muitos donatiuos. Mas em quanto Antonio Moníz vai nauegando , fallaremos na toma de Baroche , por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

Tinha o Governador despedido de Dio a D. Iorge de Menezes , para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiueis , mostrando ao Soltaõ , que com os estragos passados , nossas armas não embotàraõ os fios. Tomou D. Iorge algũas embarcações de mantimentos , que passauaõ a bastecer os portos do inimigo , porque acabasse a fome aquelles , que perdoàra a espada. Deu hũa tarde vista à Cidade de Baroche , cujos edificios lhe representàraõ na magestade a policia de Europa. Estaua situada em huma eminencia , cingida de muros de ladrilho , que mais

4
Sua resolução.

O Geuernador ze la esta. conuersão , & manda a isso Antonio Moniz.

Sitio , & fortificação de Baroche.

feruaõ ao adorno, que à defenſa. Com tudo ſe deixauaõ ver diuerſos baluartes, obrados naõ ſe alguma luz de fortificaçaõ, guarnecidos de muita artelharia, que ſenhoreaua as entradas do porto. Com a eleuaçaõ do ſitio ſe deſcobriaõ portadas de cantaria laurada, onde a correfpondencia de torres, & janellas moſtrauaõ de ſeus habitadores o poder, & artificio. Era o trato da terra, de finiffimas ſedas, drõga, que d'aquelle porto ſe nauegaua a muitos do Oriente. Poſſuía Madre Maluco eſta Cidade, tributada das aldeas vizinhas, que na fertilidade, & na grandeza lhe compunhaõ hum mediano eſtado.

*Trato dos
morado-
res.*

6

*Madre
Maluco
na ſe-
ra.*

A caſo tomàraõ os noſſos hũa almadia de peſcadores naturaes da terra; que perguntados, diſſeraõ da Cidade o que temos referido. E querendo ſaber D. Iorge, que preſidios hauia na Cidade, diſſeraõ, que toda a milicia leuàra Madre Maluco a Amadabà, Corte do Soltaõ, & que sò ficauaõ ao preſente alguns mecanicos, & outra gente de trato. D. Iorge parecendo-lhe opportuna a occaſiaõ de aſſaltar a Cidade, ainda que era o poder deſigual para facçaõ taõ grande; como os ſucceſſos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, & por aſſegurar os moradores, ſe fez na volta do mar, como quem nauegaua por diferente rumo, levando conſigo os peſcadores, para na entrada lhe ſeruirẽ de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, & ſaltando em terra, ſe que a confiança, ou deſcuido do

*D. Iorge
a entra
de noite.*

do inimigo se assegurasse em defenſa, ou ſentinel-
 la algũa, foraõ ferindo os noſſos naquella gente
 defarmada, & fraca, onde a noite, a confuſaõ, &
 o ſono, os trazia a encontrar o perigo, de que an-
 davaõ fogindo; errando miſerauelmente, ſe deſ-
 uiavaõ tãto dos ſeus, como dos inimigos, fogindo
 dos que tambẽ fogiaõ. Os gemidõs dos filhos, naõ
 mouiaõ os pays à piedade, & menos à vingança;
 porque o temor ſubito obraua cõ os peores affe-
 ctos da natureza. Os lamẽtos, & gritos das mulhe-
 res, eſſes as deſcobriaõ, ſendo ſeus ays ſeu maior
 perigo. E os que escondidos em ſuas caſas eſcapã-
 raõ ao ferro, nellas meſmas os abraſou o incẽdio,
 naõ ficando aos miſeraueis para a morte, remedio,
 ſenaõ eſcolha. A hum meſmo tempo ſe fazia a in-
 uazaõ, & ſaco. Foi o eſtrago como em guerra ſẽ
 reſiſtencia; o deſpojo, como em Cidade entregue.
 Alcançou enſim Dom Iorge neſta empreſa, fama
 ſem riſco, victõria ſem inimigo. Porẽm naõ duui-
 damos, que ſe achãra oppoſiçoens maiores, po-
 dẽra conſeguir ſeu valor o que obrou ſua fortuna.
 Mandou dar a Cidade ao fogo, onde em breues *poemthe*
 horas os nobres, & plebéos; as plantas, & edifi- *fogo.*
 cios ſe conuertẽraõ em laſtimofas cinzas, ſem que
 a natureza as diſtinguiſſe, lugar as ſeparaffe. Em-
 barcouſe algũa arrelharia miuda, & rebentouſe a
 groſſa, ſendo eſta facçaõ taõ celebre entre os noſ-
 ſos, que fizeraõ tomaffe o appellido de Baroche,
 quem tinha o de Menezes, como já as ruínas de *T. ma del-*
 Cartago, deraõ a Scipiaõ o nome de Africano. *lio appel-*
lido.

7

*Acodio o
Maluco
tarde.*

Acodio o Maluco com cinco mil cauallos, cedo à lastima, tarde ao remedio; & vendo que o ferro, & fogo, não deixara cousa alguma com semelhança do que hauia sido, voltou impaciente a elRey de Cambaya, como quem leuaua em carga fresca a dor mais sensitiua. Representoulhe o estrago da Cidade, aggrauo, que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o Soltaõ este nouo accidente, jurando acometter outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebrauõ as forças de tamanho imperio. Em tanto, pois, que os odios de Cambaya respiraõ na imaginada vingança, discorramos no espirital de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruto.

*o Rey de
Cotta dis-
suade ao
de Can-
deada
conuer-
saõ.*

Entendia o Madune Rey da Cotta, como o de Candea buscava com a mudança de Religiaõ, a protecçaõ do Estado, & como estes Gentios são obseruantes zeladores de seus erros, buscou meios para lhe persuadir, que era a idolatria necessaria à Coroa; affirmandolhe, que cõ a noua creça, faria aos vassallos desobedientes, aos Reys inimigos ingrato a seus antigos Idolos, que hauiaõ prosperado o cetro de Candea tantos annos em Reaes ascendentes; que o Governador da India deuia ser o mais insolente homem da terra, pois não sofria, que o Mundo tiuesse outro Rey, nem outro Deos, mais que os que elle seruia, & adoraua; que não negaua ser a Religiaõ dos Portugueses, ou melhor, ou mais felice, pois cul-

cultiuauaõ o Deos das victorias; porẽm, que a elle lhe bastaua seruir aos deoses da patria, em que nascẽra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosã fortuna, que os que lhe precedẽraõ. E quem sabia se o Governador queria fazer da piedade motiuo para lhe vsurpar o cetro; que naõ recebesse na Ilha homẽs taõ valerosos, que em nenhuma parte sabiaõ jã estar, senaõ como senhores; que se os Frangues lhe promettiaõ trazer a casa melhor Ley, & augmentarlhe o estado, quem com inteiro juizo hauia de dar credito a taõ noua bondade de homẽs, que nunca víra; & mais quando estes naõ eraõ taõ desprezadores do humano, que naõ viessem do fim do Mundo a dominar a Asia? que se queria exẽplos, mais Reynos acharia por elles destroídos, que doutrinaos; que era verdade, que os seus logues (que elles chãmaõ Sacerdotes) eraõ faceis em derramar o sangue pola Ley, que ensinuaõ, mas que estes o fariaõ, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já naõ era, que no Occidente hauia mais loucos, que nas outras Regioens, & dauaõ todos naquella perigosa teima de doutrinar ao Mundo; que vltimamente lhe aconselhaua, como Rey, & amigo, que deuia degollar o soccorro dos Frangues, que esperaua, para dar satisfacaõ a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desamparar por diuidade estranha; que pola soberba lhe virẽ dar luz ao entẽdimẽto, ou pola ambiçaõ de lhe vsurpar o Reyno

mereciaõ este castigo na contingencia de hum, ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas, & soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injuria dos Idolos de todos.

9 *O de Candea con-*
sente ni-
sto

O miseravel Principe, não podendo levantar-se de todo com o peso de seus antigos erros, se deixou persuadir das razoens do barbaro, & fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as neugas da idolatria, não podiaõ soffrer as luzes da verdade, que lhe amanhecia; & logo ou incauto, ou violentado conspirou na traiçaõ do Madune, como enfermo frenetico, os instrumentos da faude indignado; esperãraõ enfim os hospedes, resolutos em executar a maldade, que tinhaõ concebido.

10 *Viage de*
Antonio
Moniz.

Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em diferentes pòrtos, alguns nauios nossos, que conforme à instrucçaõ, que leuava, aggregou à sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, & passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para d'ahi entrar en Candea, caminhando por terra. Leuava doze fustas de remo, de que tirou cento & vinte soldados escolhidos, & com elles foi caminhando com a segurança de quem hia buscar hum Principe amigo, obrigado, & sobre tudo, senaõ fiel ainda, ao menos grato já, & beneuolo às verdades da Ley, que prégauamos. Chegado a Candea, como tudo feruia em armas, não pode ser a traiçaõ tão

Chega a
Candea,
achado
trocado.

cauta,

cauta, que Antonio Moníz a não entendesse por diuerfos auisos, & pela simulação com que tentaraõ diuidirlhe para os poder matar a seu saluo. De mais, que o Rey lhes não quiz ver o rosto, quiçã por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa, & culpada. Antonio Moníz se sahio logo da Cidade, mandando queimar os impedimentos, & bagages, que trazia, ficando assi mais liure para a defenſa, & para a retirada, & juntando os soldados lhe disse.

Companheiros, & amigos; todos sabeis a traiçã, que nos tem ordenado este Rey infiel, a quem viemos soccorrer, & servir; entendo, que nos cometerã com força de suberbia, pois tem agora huma razã, ou causã mais para nos offender, que he, hauermos conhecido seus enganos. Nenhum de nós terã mais vida, que em quanto a souber defender. Põde saluarnos o valor, & a conformidade; soccorros nam esperamos de fóra, pois estã em nós mesmos; & estes barbaros nam se empenharã na traiçã se viem, que he custosa; & que muito, façamos nós agora por nós mesmos, o que vinhamos a fazer por elles, que he derramar o sangue? Os camirhos, que guiam a Batecalou, onde estã a nossa armada, deuem estar occupados do inimigo, polo que nos parece, que vamos demandar o Rey de Ceitauaca, fiel amigo do Estado, onde acharemos hospedagem; & abrigo seguro para d'ahi irmos a buscar nossa armada.

Logo que Antonio Moníz começou a marchar, se descobriraõ os inimigos em trôpas, acomettendonos com settas, dardos, & pedras, & outras armas d' este genero, com que nos feriraõ alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabar sem risco. Tra-

zia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito mil homens regidos por seus Cabos, a que chamaõ Modeliares, destros naquelle modo barbaro de cometter, & retirar, superiores aos nossos no numero, & na agilidade, & sem duuida hum, & hum nos foraõ derribando a todos, se os naõ fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebêraõ dano, & temor grande, vendo cair alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguiaõ mais timidos, & cautos; assi nos foraõ picando todo aquelle dia, humas vezes atreuidos, & outras cobardes, & com este sequito desigual, & importuno, hiaõ dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

13

*Traba-
lh. s. que
paj. 4.*

Sobreueo a noite, de que os nossos recebêraõ mais segurança, que repouso, porque sempre os foraõ inquietando com tiros vagos, & perdidos, sem que os pobres soldados podessem ainda sobre as armas receber algum breue descanso; mastigãdo o biscouto com os olhos no inimigo, & as mãos nas armas. Assi passãraõ até o seguinte dia, que se descobrãraõ os barbaros mais soltos, & atreuidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhe faziaõ os instrumentos do fogo. Chegãraõ enfim a ferirnos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, & fazer algumas voltas, em que lhe degollamos gente, & catiuamos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, & nas armas, parecia o Regente de todos; o que mostrou

ffrou ser assi no risco, & ouzadia; com que inten-
taraõ liuralo, fazendo muitas arremetidas, de
que saíraõ cortados; porèm sempre constantes
naquella inuazaõ porfiada, que já os nossos não
podiaõ aturar, rendidas as forças do trabalho.

Alguns foraõ de parecer, que fizessem rosto
ao inimigo, & se liurasssem peleijando, ou aca- 14
basssem vingados; porèm Antonio Moníz lhes *Pruden-*
disse, que a melhor parte do esforço, era o so- *cia com*
frimento; & que este os podia salvar; que tinha *que mo-*
a maior parte do caminho vencido; que marchã- *dera os*
do vigiados, & vnidos, não poderiaõ receber *seus.*
grande dano; que por grande, que o perigo fof-
se, seria depois maior o gosto, quando o recon-
tasssem gloriosos, & seguros. Assi lhes foi o Ca-
pitaõ criando espiritos novos, & enfreado a de-
sesperaçaõ de taõ prolixa resistencia, até os visi-
tar a noite, como aliuio dos trabalhos do dia; na
qual os barbaros tambem quebrados deixaraõ
em alguma maneira respirar os nossos. Porèm
tanto que amanheceo, tornaraõ a seguir a presa
mais furiosos, parece que corridos de achar op-
posiçaõ taõ valerosa em poder taõ pequeno. A-
qui se desenuolúeraõ mais soltos contra os nos-
sos, que já se defendiaõ, ainda que com os mes-
mos animos, com forças mais remissas.

Mandou Antonio Moníz quebrar as pernas
ao Modeliar, que leuava catiuo, & lança-lo na e-
strada, a quem os seus, deixando a peleija, aco-
dáraõ logo detidos do amor, ou da piedade do
maio-

maioral, ou companheiro que viaõ em taõ misera-
uel estado; ficàraõ os nossos hũ espaço largo, co-
mo sem inimigo; porèm subitamente mouidos
de hum espirito de lastima, ou vigança, acomet-
tèraõ impetuosamente os nossos em hum passo
estreito, que hia fechar em hũa ponte, funda-
da sobre hum grande rio, que se naõ vadeaua.

*Esforço
com que
peleija.*

Retirase.

Mostrou aqui Antonio Moníz auantajado esfor-
ço, fazendo com noue companheiros rosto aos
inimigos em quanto seus soldados passauaõ; &
como os teue da outra parte, quebrou hum lan-
ço da ponte, industria, com que tolheo aos bar-
baros a passagem, & se quito. Naõ alcançou An-
tonio Moníz fama popular por taõ heroica de-
fensa, porèm entre poucos, que souberaõ fazer
justa estimaçaõ das obras excellentes, mereceo
esta retirada applausos de huma grande victoria.
Chegàraõ enfim ao Rey de Ceitauaca, onde a-
chàraõ benigna, & fiel acolhida, reparandose
da fome, feridas, & trabalho, com liberalidade
piedosa, & grata, offerecendolhes suas forças
para a vingança de taõ justo aggrauo.

16

*Arripen-
dese el-
Rey de
Cãdea.*

*Manda-
lhe hum
mensa-
geiro.*

O pobre Rey de Candea arrependido da mal-
dade comettida por inducçaõ do Regulo vezi-
nho, aborrecendo a traicçaõ, como cousa criada
em peito alheo, enuiu a Antonio Moníz hum
mensageiro com dez mil pardaos para os gastos
da armada, escreuendolhe, que o sentimento
era seu, & os erros alheos; que pois o fora bus-
car infiel, naõ o desamparasse Christaõ; que o
Deos,

Deos, em que começaua a crier, por isso eratao grande, porque perdoaua offensas; que aquellas tenras flores, que começauão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas às injurias do ardor da idolatria; que pois vieraõ com armas limpar aquelle matto de superstiçoões gentilicas, não se espantasse de sair lastimado das espinhas, cardos da infidelidade; que sendo tao benigno o Deos, que lhe prègauão, com justiça sem misericordia não saluaria os homês; que a quem não desprezaua o Ceo, não desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse, porque estaua prompto a offerecer polo amparo a fazenda, & pola Fé o sangue.

Com esta carta esteue Antonio Moniz resolu-
luto em se tornar a Candea, representandose-
lhe maiores os interesses da Religiaõ, que os
perigos da vida. Porém os soldados, como abra-
çados com a tauoa, em que hauia escapado,
não quizerão sair do abrigo do Principe amigo,
dizendo, que o primeiro engano fora do traidor
fementido, o segundo seria do Capitaõ crédu-
lo, & incauto; que se não queriaõ tornar a fiar
da bibora, que huma ves os mordéra; porque
se os quizera matar quando obrigado de hum
grato soccorro, que faria, quando offendido na
injuria de seu exercito afrontado? Que queriaõ
agradecer a Deos hum milagre, antes que pe-
dir outro; que o Governador os não mandaua
como Apostolos, senaõ como soldados; que se
hiaõ

17

*Quer
Antonio
Moniz
tornar.*

*Os seus o
encontraõ*

*Recolhése
à arma-
da*

hiao a derramar o proprio sangue pola Fé, fofsem sem armas, mas que a sua vocação, era defender a Ley com a espada, & não prègala. Védo Antonio Moníz, que os soldados estauão frios no zelo, & duros na obediencia, entendendo, que se Deos quizesse salvar aquelles pòuos, abriria os caminhos; resolveo buscar sua armada; & em quanto elle nauega, tornaremos às coufas do Hidalcão, que temos retardadas.

18

*o Hidal-
cão man-
da sobre
as terras
firmes.*

Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas, purgar estes receos; & porque as guerras de Dio tinhaõ hum pouco defangrado o Estado, crendo acharia no Governador confiança, ou descuido nascido das victorias, sabendo, a Cidade de Goa o tinha ausente, accometteo as terras de Bardéz, & Salfete, que assegurdas na paz, estauão sem defenfa. Despedio quatro mil soldados, que sem golpe de espada as senhoreãraõ, fazendo, que os agricultores lhe acodissem com os fruitos, & fôros annuaes, que pagauão ao Estado. Chegou a Goa o auiso d' esta entrada, que deu grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolueã esperã a vinda do Governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar às incursõens do inimigo este pequeno freo.

Logo que o Governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanço, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a Dom Diogo de Almeyda Freire, com noucentos homẽs, para que desalojasse o inimigo, que estaõ com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. E tanto que os Mouros tiueraõ auiso, que a nossa gente marchaua, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhẽraõ ao sertão; o que a todos pareceo respeito às victorias de Dio, cuja fama tinha cheo de temor, & reuerencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha a nossa obediencia, logrando com os receos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de Principe queixõ, & vezinho. O Hidalcaõ, dando-se na fogida dos seus por afrontado, acodio pola opinaõ das armas, como segunda causa para mouer a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestanda poder maior, intentando (como elle dizia) onde auenturaua o Reyno, arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo d'estas armas, se não ouue em Goa, fallaremos das cousas de Malaca, & Maluco, por serem dispõstas com a prouidencia do Governador, & acabadas com sua fortuna.

19

*Retiraõse
de timor
dos nos-
sos.*

*Manda
outra gen-
te, &
quer elle
vir.*

20

Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, Ilhas, que como tão distantes do coração do Estado, recebiaõ mais tibia obediencia, assi na sojeiçaõ dos naturaes, como na liberdade dos Governadores, que obrauaõ voluntarios, & independentes. Tinha Iordão de Freitas enuiado a Goa a elRey Aeyro, ligado com prisoens, indignas da Coroa, & criminado com processos alheos da verdade. Os quaes Dom Ioão de Castro mandou verificar por tela de juizo, & absoluto o pobre Rey dos delictos impõstos, depois de o hospedar com Real tratamento, lhe restaurou com honras, & fauores as injurias do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa, lhe fosse dar posse do Reyno com maior reuerencia, que de nossos Governadores costumauaõ receber seus passados, para que conhecessem aquelles pòuos a clemencia, & justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos, & amigos.

*El Rey
Acyro
preso em
Goa.*

*He abso-
luto pelo
Governador.*

21

*Leuado a
Ternate*

Chegou Bernardim de Sousa á Ilha de Ternate, & saltando em terra, se foi meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambiçaõ d'aquelles pouos costuma receber a seus Governadores. Iordão de Freitas, na subita vinda do successor, & na consciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobre maneira alterado, conhecendo da inteireza de Dom Ioão Castro, que não permitia aos Capitaens mòres, que aos Reys ami-
gos

gos fizessem, nem soffressem injurias, & que se não podia justificar Aeyro, sem o condenar a elle. Com tudo deu a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo acudirão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pay, que a esperalo: tímidos são os juizos dos homens nas cousas que desejaõ. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da naotaõ honrada, que pareceria, que mais fora representar seruiços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gosto da insperada noua, forão correndo à praia, seguidos de multidaõ de pouo, que aualiaua por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirandose da igualdade de nossas leys, indifferentes a naturaes, & estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo, que nossos braços lhe deraõ victoria de nòs mesmos; & que das excellencias do Governador da India, fallaria sempre com o dedo na boca. Leuandolos em as mãos leuaua os grilhoens, com que d'alli partira preso, seruindose da memoria do aggrauo para o agradecimento. Com esta justiça repousáraõ as cousas de Maluco, em grata obediencia, muitos annos.

*E restitui
do aos
seus.*

Gozaua neste tempo Malaca de huma profunda paz, assentada sobre as amizades, & commercio dos Principes vizinhos; & porém elRey de Viantana achandose com forças para intentar qualquer empresa grande; o poder, & o ocio lhe trouxeraõ à memoria muitos aggrauos esqueci-

22

*Conjuraõ
varios
Reys con-
tra Ma-
laca.*

dos, que dos Reys de Patane hauia aquella casa recebidos; & como era bem correspondido dos Principes de Quedá, Pam, & outros confidentes, teue meios para os colligar, fazendoos parciaes na vingança de alheas injurias. Poseraõ sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, & elles ficariaõ com os despojos da guerra, a respeito de auenturarem o sangue na satisfação dos aggrauos de outro.

23

*Que faz
o Capitão
delli.*

Era nesta occasiaõ Simaõ de Mello Capitão de Malaca, & sabendo das discordias d'estes Principes, escreueo a Diogo Soarez de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse àquella fortaleza, porque como todos aquelles Reys eraõ amigos do Estado, queria antes ser arbitro, que parcial em suas differenças; de mais, que era razão politica, deixar que a guerra os quebrantasse para que desangrados viuessem na paz, & obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando, que o tempo lhes podia dar occasiaõ, & as forças, ouzadia, porque para o odio, bastaua sermos nõs dominantes; & para a guerra, o poder não busca outras causas.

24

Diogo Soarez não engeitando o auiso, despedio alguns nauios de carga para a China, & elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andaua neste tempo o Achem ás presas com vinte vèlas grossas, fazendo com forças de senhor, o officio de Cossario. Tomou alguns juncos de

de bastimentos, & fez no mar outros insultos em nauios de amigos. Com a fortuna creceo o atreui-mento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca , para poder dizer , que chegàra a pisar terra de nossa obediencia, & logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

Tocou-se na Cidade a rebate, onde o temor, & a noite fez maior o perigo, fogindo muitos de suas mesmas sombras. Chegãraõ à fortaleza as vozes dos que sô temiaõ porque viaõ temer, af-sombrados do medo sem perigo. Mandou o Capitaõ môr a Dom Francisco d'Eça com alguns soldados, que entrados na pouoação dos Chelins, víraõ na confusão, & temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estaua já embarcado, sem levar mais que a fantastica vaidade de hauer saltado em terra. Sentio Simaõ de Mello a couardia do Achem, como se fosse injuria; taõ respeitadas estauaõ as paredes da'quella fortaleza, que parecia insolencia comettellas; auístalas, deliçto. Mandou logo por hũ Bantim ligeiro, espiar os passos do Achẽ, em quãto lança-ua ao mar dous caraueioens, & sei s fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasiaõ Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar à victoria. Nomeou a Dom Frãcisco d'Eça por Cabo d'esta esquadra, o qual

*Sae a buj-
calo a ar-
mada.*

ainda mal armado, cõ a pressa de quẽ acodia a pen-décia subita, se fez na volta do mar, cõ instrucção,

que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto, porque não hia bastecido para mais largo tempo.

26

Tem novas de'le o Capitão, & quer seguilo.

Os soldados se amotinão.

Diogo Soares os applaca.

Nauegãraõ oito dias sem encontrar a armada, & chegados a hũa Ilha, tiueraõ nouas, que o inimigo estaua ancorado em Quedà, viagê de dous dias. Determinou Dom Francisco passar auante, porém os soldados se amotinãraõ, dizendo, que era de Capitão bisonho seguir a quem fogia; que os bastimentos estauaõ já acabados; que elles não hiaõ a peleijar com a fome; & se o regimento do Capitão mór se estreitaua a dez dias, melhor era obediencia, que a victoria. Porém Diogo Soares de Mello, inda que inferior no posto, maior na authoridade, disse, que todo o Capitão que se voltasse, hauia de peleijar cõ elle primeiro, porque maior seruiço faria a elRey em meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atreuidos. Applacado nesta forma hũ temor cõ outro, nauegãraõ a Quedà, onde souberaõ, que o inimigo estaua em hũ porto oito legoas distante; resolueo D. Francisco seguilo, visto estar taõ veziinho. Aqui foi a mormuraçaõ dos soldados maior, mas não o atreuimento, porque víraõ que a injuria era mais do temor que do perigo; assi foraõ seguindo a Capitaina com maiores demonstraçoens de gosto, do que nunca tiueraõ, ou fosse por dourar os receos passados, ou que os coraçõens preságos da victoria, criãraõ mais honrados affectos.

Auistaraõ naquella mesma tarde a Cidade de Parlés, em cujo porto estaua o inimigo furto em huma enseada, que fazia o rio em pequena distancia da Cidade. Mandou o Capitaõ mör sondar o rio, & abalifar com ramas o canal para fogir dos bancos, & sabendo pela sonda, que tinhaõ as carauelas fundo, cometteo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés, & outros nauios buscar a nossa armada, porque pelas espias entêdeo que eraõ nauios mercantis, em razãõ de hauerem vista da terra dos caraueloens sômẽte, por estarem as fustas, & galeotas cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas, que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas gales diante, que dauaõ escolta a outra muita fustalha; as quaes como achãraõ soldados, aos que imaginãõ mercadores, quizerãõ voltar, mas como o rio era muito estreito, & ellas vinhaõ arrazadas em popa, o naõ poderaõ fazer, sem que primeiro lhes chegassẽ os nossos. Atracados em breue espaço, ringiraõ as armas, & ainda o rio em fangue. Diogo Soarez entrou a galé Capitaina com cincoenta soldados, & achou nos Mouros taõ porfiada resistencia, que todos forãõ mortos, porẽm nenhum rendido; com o mesmo orgulho peleijãraõ os outros. Conheceose a victoria pelos vasos, mas naõ pelos catiuos. Parece, que com obstinaçaõ honrada, nenhum quiz sobreuiuer à sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois naõ sãõ pe-

27
*Auistaõ,
 & cometteo o inimigo*

*Rende
 Diogo
 Soarez a
 Capitaina.*

leijaraõ com valentes , mas com desesperados.

28

*Embai-
xada dos
conjurados.*

Entretanto elRey de Viantana , & os mais confederados recebêraõ tantas satisfaçoens do de Patane , que assentâraõ com maiores vinculos a paz; estes sabendo , que a nossa armada era saída , ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante , vieraõ tentar , se esta occasiaõ lhes abria caminho para tirar de Malaca taõ pesado vizinho ; & como o odio os fazia atreuidos , & o temor couardes , quizeraõ com o semblante da paz disfarçarnos a guerra. Enuiãraõ hum Capitaõ pratico a Simaõ de Mello , significarlhe o sentimento , que tinhaõ de hauer o Achem desbaratado a nossa armada ; & que sabiaõ , que com o gosto da victoria , juntaua poder maior para vir sobre a fortaleza , que como tinha taõ poucos defensores , era forçoso , que o valor cedesse à multidaõ , pois o numero , & a occasiaõ daua as victorias ; que elles como amigos do Estado lhe pediaõ licença para desembarcar naquelle porto , & remirem com seu sangue a fortaleza de taõ certa ruína , & faria o Mundo juizo , que eraõ melhores amigos no trabalho , que na prosperidade. Alem d'esta menagem cautelosa , vinha o enuiado instruído ; que notasse os soldados que tinha a fortaleza , & do semblante do Capitaõ conjecturasse o valor , ou receo com que ouuia o destroço da armada : por ser o coração nos affectos mais fiel , que a lingua.

Porém Simão de Mello entendendo, que a offerta era traição, & o mensageiro espia, determinou serilos pelos seus mesmos fios, seruindose de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerciaõ, & que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia aluiças da victoria, que os seus nauios alcançaraõ do Achem, de que naquelle instante hauia tido auiso; & que na fortaleza tinha gente, & muniçoens sobejas para os seruir contra seus inimigos; que o Achem saíra d'aquelle porto fogindo; que os Portugueses tiueraõ no alcance difficuldade; na victoria, nenhuma. Estas palavras recebêraõ credito da segurança com que se disseraõ, ficando o Mouro crédulo, & descontente no esforço do Capitaõ, & na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o Capitaõ môr, ou entendêra o ardil, ou desprezara o medo.

29
*Resposta
do Capitaõ de Malaca.*

Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada, fazia a noua contingente, accusandose de leue, & temerario, por hauer empenhado as forças d'aquelle praça contra hum inimigo, de cuja paz não tirauamos fruito, nem gloria da ruína; porque humilde proua de valor seria destroçalo com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assi discorria o Capitaõ, como se não podêra hauer desgraça sem culpa. Hiaõ na armada embarcados os caçados de Malaca, cujas mu-

30
*Faltaõ
nouas da
armada.*

*Queixa
se o vulgo.*

lheres,

lheres, & filhos com lagrimas anticipadas ao successo, chorauão a victoria, que ignorauão, queixandose do Capitaõ, que quizera comprar fama com o sangue alheo; sendo mais conueniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já o tumulto popular tocàra em liberdade, se o Mestre Francisco Xavier (que entãõ a India respeitaua Penitente, & agora o Mundo venera Santo) não enfreàra o pouo, lembrandolhe a paciencia nas aduersidades, não sò como virtude, senãõ como remedio; descobrindolhe cauto, mas tambem compassiuo, hús longes de mais alegres nouas, que mais pareciaõ aliuos de proximo, que annuncios de Propheta. Quando no mesmo dia, em que se deu a batalha, estando à vista de numeroso pouo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suaue silencio os segredos diuinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaueis vozes, dizendo, que prostrados ante os altares, deffemos graças ao Autor das victorias, porque naquella hora desbaratàra Deos com nossos braços a armada do inimigo. O pouo reuerente no presagio do Interprete diuino, com gratas, & piedosas lagrimas louuaua a Deos no Santo, começando dos extremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma Ermida vezinha, referio os casos da batalha com taõ

*O P. Xa-
uier o sôf-
sega.*

*Propheti-
ca a vi-
etoria.*

*E annun-
cia o mo-
do della.*

par-

particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deu a victoria; & d'esta felicidade cremos, foi o glorioso Santo intercessor, & oraculo, o qual com muitas outras illustraçoes diuinas anteuio os segredos escondidos com espirito presâgo do futuro. Ficou Malaca gozando de huma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o Governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue de huma batalha, o chamauão a outra.

Entre o Hidalcaõ, & o Estado deixou Martim Affonso de Sousa, viuas as causas dos odios, que temos referido, de que Dom Joaõ de Castro lhe não podia dar satisfação, sem afronta; nem negar-lha, sem guerra. Com a retirada dos Mouros estauaõ à nossa obediencia as terras de Bardéz, & Salfere, nascendo os fructos da agricultura, quasi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcaõ, como via com seus olhos as terras, & tambem os aggrauos continuados na retenção que aualiaua injusta, cada dia nos acordaua com as armas seu direito, sobrefaltado juntamente com a presença do Meàle em Goa, que era veneno, que acomettia o coração do Reyno; entendendo, que com as entradas dos seus subitas, & furtiuas, mais irritaua, que enfraquecia o Estado; & que com a negação dos mantimentos, empobrecia os vassallos, & engrossaua os vezinhos, de cujos pòrtos os recebiamos. Entrou em consideração de nos fazer a guerra
com

31

*Cuidados
do Hidalcaõ.*

*Manda
gente à
terra fir-
me.*

com poder descuberto, em que auenturasse o Reyno, & a pessoa, deixando na fortuna de hũa batalha, a justiça de humas, & outras armas; & como a paz, & a tyrania o tinhaõ feito rico, eraõ-lhe faceis as despesas da guerra, que hauia de mouer, quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhoriar as terras da contenda, em quanto se dispunhaõ forças maiores para sustentar o que aquelles ganhasssem.

32

*Dom Diogo de Al-
meida lhe
sae.*

O Governador com o primeiro auiso d'esta entrada, ordenou, que Dom Diogo de Almeyda Freire com noucentos Portugueses, & algũs Canarins de soldo, & huma companhia de cauallos fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcaõ viesse pessoalmente; fama, que os Mouros derramauaõ, & nos queriaõ persuadir, ou se persuadir, ou se persuadiaõ. Dom Diogo de Almeyda partio com esta gente, & fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teue algũas escaramuças leues com o inimigo, que naõ quiz empenhar o poder, nem aceitar a batalha, que lhe offerciamos, quiça conhecendo, que naõ podiamos sostetar guerra lãta pola falta de prouizoens, & incommodidades do terreno alagadiço, & geralhado em esteiros, onde naõ podiamos ter alojamento enxuto, nem seruirnos de caualaria em todos os lugares da campanha; hũs, que pola humidade nos tolhiaõ a passagem, outros pola aspereza; inconuenientes mais faceis de

de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabiaõ melhor os passos, & estauaõ feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade, & soltura. Demais, que eraõ bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois Dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de pelejar, ou retirar-se, & que os mantimentos lhe faltauaõ, cõsultou o Governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolua o que se deuia obrar.

O Governador o fez recolher.

Voltou o Governador de Pangim a Goa, onde pos em conselho o estado das cousas, & desejos que tinha de opprimir o Hidalcaõ com guerra mais pesada, para euitar as molestias de taõ repetidas entradas, ficando de huma vez com as mãs liures para acodir a negocios differentes, o que não poderia ser, deixando armado, & sem castigo taõ importuno vezinho. Porẽm a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do veraõ seguinte, em que os nossos podiaõ campear já no terreno enxuto, & com forças maiores, engrossadas com os soldados reynoes, que nas naos de viagem se esperauaõ; que o fim das empresas, não era a breuidade, era a victoria.

33
E poem cõsta guerra em cõselho.

O Governador ainda quẽ bellicoso, & mal sofrido, houue de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monçaõ, em que podesse pedir ao Hidalcaõ mais rigurosa cõta de seus atreuimentos. O que assentado ordenou a D. Diogo

34
Dilata-se para outro tempo

*Exercita
a guerra
na paz.*

de Almeyda Freire, que retirasse a gente, deixádo a fortaleza de Rachol com sufficiente presidio, pondo às correrias do inimigo este pequeno freo. E como o Governador era no exercicio das armas incansavel, em quáto não tinha reala guerra, parece que se deleitava cõ a imagé d'ella. Hia todos os dias ao cãpo, onde mãdava aos soldados tirar a barra, jugar as armas, formar esquadros, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulaçaõ, & exercicio, crescer estas virtudes, trocando hũa Cidade pacifica, & politica, em escola de armas, que estes eraõ os seraos, & comedias, onde com vtil, & bellicosa diuersaõ se recreaua o pouo, tendo com a frequencia d'estes ensayos os soldados taõ bem disciplinados, que nas occasioões da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de nouo. Passando pela rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quátidade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro, & asseo, que se pagou da limpeza, & concerto, com que estauaõ dispõstas, & tendo a redea ao cavallo, perguntou, quem na casa viuia? Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalvez soldado de fortuna. O Governador depois de o louuar de curioso, & bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu gouerno tiueraõ pouco tempo as armas para criar ferrugem.

*Fanorece
os solda-
das.*

Era já entrado o mes de Agosto, & o Governador, como anteuendo as occasioens futuras, não perdia momento em municionar, & bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes Capitão de hum Catúr, com cartas de Dom Ioaõ Mascarenhas, em que o auisaua, que o Soltaõ de Cambaya juntaua todas as forças de seus Reynos com voz de pòr segundo sitio áquella fortaleza, que conuinha mostrarlhe este veraõ as armas, porque attento à segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alhea; mòrmente, que impedindolhe nossas armadas a liberdade da nauegação, & os vteis do commercio, abriria os olhos para ver, que sò da paz do Estado pendia sua prosperidade.

O Governador mandou juntar o governo da Cidade, a quem deu copia da carta de Dom Ioaõ Mascarenhas, pedindolhe o ajudassem, para acabar de domar, ou reduzir este inimigo; & ainda que esta exacção os tomava sobre taõ fresco empenho, foi a propòsta do Governador taõ grata a todos, que lhe offerecêraõ as vidas, & as fazendas, como se fora o seruiço do Estado, alimento, & herança dos filhos, que criauaõ. Esta felicidade de tempos não alcançou a India em todos os governos. D. Ioaõ de Castro lhes pedio dez mil pardaos, com que o Pouo o seruiou promptamente. E as mulheres de alguns Cidadãos ricos, lhe mandaraõ quantidade de joyas, com huma cartacha de honradas queixas polas não hauer aceita-

35.

*Tem auis-
os de Die*

36

*Commu-
nicacos ao
Senado,
& pede-
lhe ajuda**E as mu-
lheres
suas joyas*

do, nem despendido na primeira offerta; mostrando-se as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta maiores. Porém o Governador escasso no uso, & dispendio de tão fieis donatuios, lhos tornou a remetter agradecido, & pagandolhes nas honras dos maridos, & filhos, tão liberal, & opportuno seruiço. Auifou aos moradores de Baçaim, & Chaul das noticias do Capitão de Dio, & despesas da armada, & necessidade em que estaua para que o ajudassê; os quaes lhe respondêraõ tão faceis ao seruiço Real, que parecia, recebiaõ as nouas occasioes de perigo, & despesa, como premio do que tinhaõ seruido.

*Auifou a
Chaul, &
Baçaim.*

37

*Chegãõ
nos do
Reyno.*

Andaua o Governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou noua, que na barra de Goa hauiaõ lançado ferro duas naos do Reyno, que se apartãraõ da conserua de outras. Tinhaõ aquelle anno partido do Reyno seis, sem Capitão mór; das que chegãraõ eraõ Capitaens Balthasar Lobo de Sousa, & Francisco de Gouuea; das quatro que faltauaõ, Dom Francisco de Lima em S. Philippe, & vinha prouido na Capitania de Goa; Francisco da Cunha no Zábucõ; & estas duas partiraõ tarde, & vieraõ tomar a barra em vinte & tres de Setembro. De outra nao, que era a Burgaleza, vinha por Capitão Bernardo Nazer, inuernou em Socotorà, & aportou em Goa nos vltimos de Mayo. Era Capitão da outra D. Pedro da Sylua da Gama filho do Cõde Almirante, despachado para Malaca, & por

roim

roim nauegação do seu Piloto, perdeu nas Ilhas de Angoxa, saluouse porèm a gente, que passou a Moçambique, & d'ahi repartida por outras embarcaçoens, chegou à India. Nestas naos veo ordem ao Governador, que mandasse alargar o sitio à fortaleza de Moçambique, por auisos que se tinhaõ, de hauerem Rumes de vira ella, & cõuinha assegurar os moradores, & o porto como escala principal de nossas naos, tolhendo ao inimigo o impedimento, que nos podia fazer no commercio de Cofala, & Cuama.

*Ordens
que tra-
zem.*

Achoua-se o Governador com tres mil soldados Portugueses, & alguns soccorros de Naires de Cochim, que foraõ as maiores forças. que jũtou na India, & considerando, que o Hidalcaõ com sua ausencia poderia perturbar o Estado, attento a naõ ficar em Goa quem lhe fizesse opposiçaõ bastante, resolveo buscalo no interior do Sertaõ, necessitando a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra taõ precisa, taixado o poder, & o tempo. Communicou esta resoluçaõ com os Regentes da Cidade, & aos Cabos da milicia, & a todos pareceo a occasiaõ opportuna. E como o Governador era nas execuçoẽs sobre maneira presto, & tinha a gẽte prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez Cabos a seu filho D. Alvaro, D. Bernardo, & D. Antonio de Noronha filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Manoel de Sousa de Sepulueda, & Vasco da Cunha.

38

*Resolue a
guerra do
Hidalcaõ*

*ordena
sua gente.*

Hia tambem D. Diogo de Almeyda Freire com duzentos caualllos, & os casados de Goa, a quem se aggregáraõ pioens da terra, em numero de mil & quinhentos. Presidiaua a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados Portugueses, & alguma infantaria dos natu-raes, ao qual auisou o Governador, que se apre-stasse para se juntar com elle na Villa de Margaõ.

39

*Vemlbe
Embai-
xadores
do Cana-
rà.*

Neste tempo chegáraõ a Goa Embaixadores do Rey de Canarà, que pretendiaõ a confede-ração do Estado, para com armas auxiliares mo-lestar ao Hidalcaõ seu confinante. Foi este Rey-no entre os Orientaes, pola grandeza do impe-rio, o mais illustre; polos principios da origem, o mais desuanecido, fabulando mil tradiçoens a-pòcrifas, com que à veneração Real feruio a li-sonja. Ouuiu o Governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rey, & gran-deza do Estado; & logo capitulàraõ amizades com condiçoens honestas a huma, & outra Co-roa. Tanto que o Hidalcaõ entendeu a resolu-ção do Governador, mandou retirar a guarni-ção das terras firmes, como declinando o golpe da primeira inuazaõ, querendo cansar o Estado com aquella forma de guerra repentina, & fur-tiua, aos nossos intolerauel, a elle facil.

*Ouueos,
& despe-
dios.*

*Retira o
Hidal-
o
a gente*

40

Soubé o Governador, que os Mouros eraõ recolhidos a Pondà, onde estauaõ abrigados com a artelharia do seu forte; alguns Capitaens fo-raõ de parecer, que o Governador não seguísse

o ini-

o inimigo, que fogia, opiniaõ enuelhecida dos maiores soldados; porém Dom Ioaõ de Castro, naõ querendo vestir de balde as armas, mandou passar auante, dizendo, que queria castigar ao Hidalcaõ em sua mesma casa. Foi esta resoluçaõ grata aos soldados, crendo, que leuauaõ na fortuna do General graõ parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, & já sobre a tarde houue vista do inimigo, que da outra parte de huma ribeira o esperaua, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

O Governador os segue.

Dom Alvaro de Castro, que leuaua a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando, & peleijando juntamente; o inimigo lhe deu a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente; porém sê impedir, ou retardar aos outros, que passauaõ. Os de mais Capitaens cortaraõ o rio por diferentes partes, & quando chegaraõ, acharaõ a D. Alvaro baralhado com os Mouros, & já taõ apertados, que hiãõ deixando o campo, porque como naõ era seu intento peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio, cesaraõ da opposiçaõ, que nos faziaõ, retirandose ordenados à sua fortaleza de Pondà. O Governador mandou segui-
 los, o que se fez aquelle dia por cima de alguns estrépes, que encrauaraõ a muitos; & chegando a Pondà vio a todos os Capitaens do Hidalcaõ ordenados em forma de dar, ou aceitar batalha. O Governador com o mesmo passo da marcha, que leuaua, mandou a cometelos; os

41

Dom Alvaro peleijana vanguarda.

Os Mouros fogẽ.

Manda o Governador segui-los.

*Retirãose
ao Sertão.*

Mouros na resolução, parece que conhecêraõ a pessoa de Dom Ioão de Castro, & como se de- raõ lugar à fama de seu nome, lhe deixáraõ o campo, onde sò com o respeito alcançou a vitória. Retirouse ao sertão o inimigo, onde pela aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou Dom Alvaro na fortaleza, que achou desamparada; foraõ muitos de parecer, que se desmantellasse; o Governador porèm, com mais altiuo acordo, mandou que aos miseraueis fugitiuos, se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, & pareceo piedade.

42

*Volta a
Goa.*

Ficãraõ outra vez as terras à nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcaõ tinha forças para nos tolher os fruitos, mas não para logralos; & pelejaua mais pola reputaçãõ, que polos interesses da campanha. Voltou o Governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descanso, que o mar, ou a batalha; & como o tempo chamaua as vélas, & os successos traziaõ aos soldados contentes, não foi necessario para se embarcarem, bando, ou diligencia.

43
*Torna a
Dio.*

Achouse o Governador no mar com cento & sessenta fustas, de que eraõ os Capitaens Dom Alvaro de Castro, Dom Roque Tello, Dom Pedro da Sylua da Gama, Dom Ioão de Abranchez, Dom Iorge d'Eça, Dom Bernardo da Sylua, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylua de Menezes, D. Iorge de Menezes o Baroche,

che, Manoel de Soufa de Sepulueda, Cide de Soufa, Duarte Pereira, Diogo de Soufa, Garcia Rodriguez de Tauora, Dom Ioaõ de Attayde, Dom Ioaõ Lobo, Gaspar de Miranda, Dom Bras de Almeyda, Iorge da Sylua, Dom Pedro de Almeyda, Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barretto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastiaõ Lopez Lobatto, Antonio de Sà, Alvaro Serraõ, Dom Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Telles, Antonio Henriquez, Aleixo de Abreu, Antonio Diaz, Balthasar Diaz, Balthasar Lopez da Costa, Damiaõ de Soufa, Manoel de Sà, Fernaõ de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marquez, Duarte Diaz, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez, Francisco Varella, Luis de Almeyda, Francisco de Britto, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gomez Vidal Capitaõ da guarda do Governador, Antonio Pessoa Veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcaõ, Gonçalo de Valadares, Galaor de Barros, Gaspar Pirez, Ioaõ Fernandez de Vasconcellos, Fernand' Alvarez, Ioaõ Soarez, Ignacio Coutinho, Ioaõ Cardoso, Ioaõ Nunez Homem, Ioaõ Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pimheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leaõ, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Pirez, Pero

Pero Affonso, Pero Preto, Luis Lobatto, Simaõ de Areda, Francisco da Cunha, Simaõ Bernardez, Thome Branco Patraõ mór da ribeira, Coge Percoli lingua; & os nauios, que vieraõ de Cochim, de que os Cabos eraõ nossos. Foraõ nesta conferua alguns nauios de particulares, que por beneuolencia do Governador, seruíraõ graciosamente o Estado.

44
*Chega a
Baçaim.*

Com toda esta frota foi o Governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaya, para reconhecer as forças, & desenhos do inimigo, de cujo poder se fallaua em todos aquelles portos com temor, & espanto; & os Guzarates credulos, ou soberbos diziaõ, que o Soltaõ poria d'esta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teue o Guernador auiso, que Caracém genro de Coge Cofar estaua na fortaleza de Surrate, com pequeno presidio na confiança do exercito vezinho. Dom Ioão de Castro delectando cometer alguma das praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho Dom Aluaro com sessenta vélas, para que sobindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza, ou tomando lingua da terra, soubesse, com que muniçoës, & presidio Caracém se achaua, & parecendo, que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe désse logo o assalto, porque pelas mesmas pisadas, que deixasse, iria a soccorrello,

*Manda
Dom Aluaro a
Surrate.*

Che-

Chegou Dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, & logo despachou a Dom Iorge de Menezes Baroche, com seis fustas, para reconhecer a fortaleza. Sobio Dom Iorge pelo rio, remando à voga surda, até que sendo visto da fortaleza, lhe tiraraõ algumas bombardadas. Os das fustas voltaraõ logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bràdou Dom Iorge que esperassem. Aqui foi o perigo maior, donde se não temia, porque de huma pouoação de Abexins, que estaua sobre o rio, tiràraõ muitas peças; o que visto por Dom Iorge, saltou em terra, & entrando a pouoação ganhou a artelharia dos redutos cõ valor, & animo taõ quieto, que a baldeou nas fustas sê que lhe fizesse estoruo a gête que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quiçà medindo o inimigo nossas forças por nosso atreuímento.

Logo que Dom Alvaro despedio a Dom Iorge com as fustas, mandou tras elle outras de que eraõ Capitaens Francisco da Sylua de Menezes, & Ioaõ Fernandez de Vasconcellos; os quaes desejando tomar lingua em terra, surgíraõ em hum poço antes da pouoação dos Abexins, donde mandàraõ os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra caminhàraõ quasi hum tiro de espera. Caracém, tanto que ouuio as bombardadas, que se tiràraõ da pouoação dos Abexins, como hauemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressê; os quaes achà-

*Despede
Dom Al-
varo a D.
Iorge.*

46
*E outros
Capitaes:*

achàraõ às estancias perdidas, & a arrelharia embarcada; & passando mais auante foraõ vistos dos marinheiros, que faziaõ aguada; que bradarão a Francisco da Sylua, dizendo, que no campo hauia inimigos; & Francisco da Silua encamihou logo a soccorrelos, acompanhado de Ioão Fernandez de Vasconcellos, & fazendo hum esquadraõ cerrado, enueßtiraõ com os Turcos, & os rompéraõ, ficando algũs caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes deraõ. Dom Iorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas furtas, & que os nossos pelijauão em terra, pos nella a proa, & acodio a tempo, que pode carregar ao inimigo, o qual se recolheo fogindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custounos a victoria hum soldado.

Que lhes succede.

47
Voltaõ a Dom Aluaro.

Embarcaraõ se os nossos, & foraõ na companhia de Dom Iorge a demandar a armada. O qual referindo a Dom Aluaro o successo, & a obseruaçaõ que fizera, pareceo aos Cabos, que não tinha lugar a facçaõ, visto estar a armada descuberta, & a terra appellidada. Sõ Dom Iorge sustentou tenazmente, que se deuia cometter a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a maior razão, com que o persuadia; porém eraõ as contradicoens taõ viuas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

48
Que fez o Governador em Bagaim.

Em quanto Dom Aluaro esteue no rio de Surrate, o Governador furto, deu expediente a diuersos negocios, & como sobre valeroso, era tam-

tambem bizarro, derramou fama, que hauia de prender o Soltaõ dentro em Amadabà, onde á vista dos Turcos, que o assegurauaõ, o hauia de assar viuo. E como esta voz recebia credito de taõ grandes victorias, huns aos outros a referiaõ os Mouros temerosos, ou crèdulos. O Governador por fazer apparente o medo, ou a galantaria, mãdou laurar hús espetos grandes, como quem para descansar dos negocios mais graues, se deleitava em diuerçoens briosas. Costumauaõ os soldados d'aquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que seruiaõ de cortar as driças, & enxarceas dos nauios de presa, & tambem de arrombar caixoens, & fardos; este era o vfo, o outro era cuberta. Desgostauase o Governador de armas, que tinhaõ taõ humilde seruiço, & vendo a caso passar Fausto Serraõ de Caluos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homês de conta, sò a espada cingiaõ airofamente: Senhor (lhe respondeo o soldado) sê esta machadinha naõ seruem os espetos de V. Senhoria, porque naõ poderemos assar inteiro a elRey de Cambaya.

Foi o Governador ajuntarse com Dom Alua-

49

*Ajuntase
com seu fi-
lho.*

ro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estaua soccorrida. Passou d'ahi com toda a armada junta a auistar Baroche; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira Capitaõ dos Naires de Cochim, para sondar o rio, & ver o que se podia obrar, informandose do estado

*Vista
o Soltaõ.*

*Apresẽ-
talhe ba-
talha.*

da fortaleza com vista de olhos. Este Capitão subio pelo rio atà hauer vista do exercito do Soltaõ derramado por hum dilatada campina. Era fama, que trazia duzentos mil soldados; o certo he, que era a multidaõ taõ grande, que cobria os campos vezinhos, & distantes. Referio ao Governador o que vira, o qual altiuo de se ver temido, quiz auistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que leuantasse ferro a armada, & foi sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder, secaua os rios. E desembarcando em terra, formou campo, & apresentou batalha ao Soltaõ; acção taõ valerosa, que entre as memoraveis do Múdo não deue esta ser segunda. O Soltaõ, nem aceitou, nem recusou o conflicto; esperou ser comettido, assi como buscado. Vio ao Governador, não lhe quiz ver a espada. Porém Dom Ioão de Castro, como buscando noua gloria, em facçoões não vulgares, chamou a si os Cabos, & fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

*50
Fallaaos
seus.*

Temos à vista o maior Rey da Asia, e o maior exercito; ainda buscando occasioens a fortuna de nos fazer famosos, para que sobre esta victoria, na obediencia do Oriente, descansemos as armas. Confessouos a desigualdade tam grande entre hum poder, e outro; porém nossas esquadras nam se contam pelo numero, senam pela virtude. Aquelles sam os mesmos, que hà poucos dias destroçamos em Dio, não he necessario a estes fazer nouas feridas, rasguemos mais as que ainda trazem abertas. Seu mesmo numero os faz mais temerosos, vendo embaraçados os caminhos para

poder salvarse; se hontem nos deixàraõ o Campo, tendonos situados, como nos ham de resistir agora victoriosos? Mal sustentaram a honra de seu Rey, os que perderam a sua. Maior poder he o nosso, que o do inimigo; pelejam de nossa parte a fama, & a victoria Naõ creio, que hauerà quem engente a grande parte que lhe cabe na gloria d' este dia.

Os fidalgos, & soldados dissuadiraõ o Governador de taõ perigoso acomettimento; porque em forças taõ desproporcionadas, ainda era digna de reprehensãõ a victoria; que os homens grandes fiauaõ mais da razaõ, que da fortuna; que olhasse pola conseruaçaõ, pois já lhe sobejaua fama; que affaz era hauer desembarcado, & oferecer ao Soltaõ batalha, pisando sua mesma terra. O Governador se deixou vencer d' estas razoes, temendo mais a culpa, que o perigo. D. Jorge lhe pediu quinhentas espingardas, para com ellas fazer algũa sorte no inimigo; porém D. Ioaõ de Castro, como lhe desuiãraõ o golpe da batalha, parece, que naõ quiz lastimar o Soltaõ com chaga taõ pequena. Esperou tres horas na Campanha, tem que o inimigo se mouesse, & logo mandou embarcar os soldados, que o fizeraõ taõ desassombrados, & seguros, como em porto do Estado; facçaõ a mais gloriosa que tiemos sem sangue.

51
Resposta dos fidalgos, & Cabos.

Estã no Campo tres horas, & embarcãse.

De Baroche foi o Governador atrauessando a Dio, & despedio alguns nauios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que hauia perdoado a espada dos nossos.

52
Danos que que faz.

Estes talàraõ as hortas, & palmares plantados para a recreaçãõ, & alimento de seus habitantes, abraçãõ graõ copia de nauios, derribãõ soberbos edificios, de que ainda hoje se conferua a lastima, & a memoria nas prostradas ruínas.

53

*chega a
Dio.*

*D. Ioã
Masca-
renhas
faz dei-
xação da
praça.*

Aportou o Governador em Dio, onde o Capitaõ mòr o veu receber à praia, & os natu-
raes da Ilha lhe fizeraõ festas, como soberbos na
sojeiçãõ de taõ valeroso inimigo. Dom Ioã Mas-
carenhas lhe lembrou a licença que já tinha para
passar ao Reyno, a qual o Governador lhe naõ
quizera conceder, nem podia negar; alguns fi-
dalgos lhe hauiaõ engeitado a praça, temen-
do, parece, naõ ter as occasioens, que seus ante-
cessores. Quando chegou à quelle porto Luis Fal-
caõ, que vinha de governar Ormuz, & primeiro
que elle hauiaõ chegado ao Governador algúas
notas de seu procedimento, toleraueis por naõ
tocarem no valor, & justiça de seu governo. O
Governador o chamou, & lhe disse os cargos de
que o sindicãraõ, os quaes desejava esquecer, co-
mo amigo, & naõ podia como superior, que com
nouveos seruiços podia pôr silêcio em defeitos pas-
sados, ficãdo naquella fortaleza, em que S. A. & o
Mũdo tinhaõ pôstos os olhos. Luis Falcaõ a acei-
tou, rãdãdo ao Governador as graças por taõ hõ-
rado castigo, offerecãdo despãder na praça, a fazã-
da que adquirira em Ormuz, & a que no Rey-
no tinha. Este brio lhe louuou, & accendeo

*O Gover-
nador a
entrega a
Luis Fal-
caõ.*

Dom

Dom Ioaõ de Castro com fauores publicos.

Concluidas as coufas de Dio, se embarcou o Governador em direitura a Baçaim, dando vista à costa de Pòr, & Mangalor, onde abraçou as Cidades de Pate, & de Patane. Os moradores fogindo ao açoute, saluaraõ no fertoã as vidas, & parte das fazendas, faltandolhes valor, & accordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento, & oitenta embarcaçoens, que estauaõ em diferentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraueis donos o incendio com lagrimas inuteis: Ouuiãse de longe as vozes, & os gemidos, desprezados da ira, & da victoria. Alguns velhos, & mininos, que não poderaõ saluar-se, mandou o Governador liurar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregãraõ ao fogo, sendo menor a preia, que o destroço. Muitos outros lugares d'aquella costa, sem nome, foraõ arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pela vingança, do que pela victoria.

D'aqui se passou o Governador a Baçaim, determinando gastar o que restaua do veraõ na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na Corte de Amadabà, não hauia casa sem lagrimas, & que o Soltaõ mandãra com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, & batalha de Dio, como se tiueraõ as leys imperio na dor, ou na memoria. D'estes mesmos enuiados

54

Embarca-se, & da-nos que faz.

Compaixão do Governador.

55

Passa a Baçaim.

*Sente não
se tomar
Surrate.*

entendeo o Governador, que as fortalezas de Surrate, & Baroche, se despejaraõ à vista da armada de Dom Alvaro, que podera tomalas por escala, se não fora encontrado dos Cabos, que lho dissuadiraõ; de que Dom Ioão de Castro mostrou taõ viuo sentimento, como se acertar as occasioens fora necessidade; chegando sua modestia a romper em palauras, que accusauaõ os Capitaens da armada de tibios, & remissos.

56

*Lembra a
el Rey os
que seruí-
raõ.*

Neste breue ocio, que o Governador teue em Baçaim, começou a escreuer para o Reyno, fazendo taõ honradas lembranças a el Rey dos homens que seruíraõ, que mostraua ser este zelo, ou gratidaõ, virtude singular entre tantas; & os soldados se auantajauaõ no valor, assegura-dos, que não lhes faltaria o General com o premio, ou com o zelo.

57

*Torna o
Hidalgaõ
com guer-
ra.*

O Hidalgaõ entendendo, que as forças do Estado estariaõ, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, a ordem de Cala Batecaõ, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas, & disciplina de Europa. Este senhoreou, sem contradicãõ, as terras, fazendo recolher à fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que auisáraõ a Goa do poder do inimigo.

58

*O Capitaõ
de Goa
lhe quer
sair.*

Recebido este auiso, Dom Diogo de Almeyda com conselho do Bispo, que governaua, & de alguns fidalgos, & soldados, resolueo desalojar os

Mou-

Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, & crescendo em atreuimento, & forças, chegassem a auistar as muralhas de Goa, Cidade dominante. Ordenada a gente, que o hauia de acompanhar, & estando para marchar já prompto, vieraõ os Vereadores, & gouerno da Cidade com requerimentos, & protestos, que não passasse auante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado; que o Governador estaua em Baçaim com armada chea de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual leuaria, como segundo exercito, seu nome, & sua fortuna.

*A Cida-
de o en-
contra.*

Durou entre cidadãos, & soldados a controuersia de maneira, que por pouco chegàra a fedição, & discordia; zelando huns a conseruação da Cidade, outros a reputação das armas. Enfim partiraõ, & composeraõ a differença com que se dèsse auiso ao Governador, pois estaua vezinho; o qual logo que entendeu, que o gouerno politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua animosidade; & a Dom Diogo de Almeyda agradeceo, & confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenandolhe, que o esperasse em Pangim, com a gente, onde feria em breues dias.

59

*Auiso ao
Governador.*

Naõ bem tinha Dom Ioaõ de Castro soltado da mão a penna, com que escreueo ao Reyno, quando tomou a espada. Aquelle dia, que recebeu o auiso, mandou tirar de leua, & ao seguin-

60

*Embarca-
se logo.*

*Vista
Dabul.*

te defamarrou a armada, & indo costeando, aui-
stou a Cidade de Dabul, já famosa pelo castigo
que lhe deraõ nossas armas, & agora dos pôrtos
do Hidalcaõ a principal escala. Deixauaõse ver de
longe muitos jardins, pomares, & edificios polí-
dos, que mostrauaõ a delicia, & grandeza de
seus habitadores; feria a Cidade de quatro mil
vizinhos, com dous fortes, & alguns redutos,
que defendiaõ a entrada do porto; & dado, que
a facção era para mui discursada, resolueo o Go-
uernador emprendela.

61

*Sae Dom
Aluaro
em terra.*

Aquella tarde andou a armada pairando à vista
da Cidade, notando os surgidouros, & defensas;
& ao seguinte dia no quarto d'Alua, mandou o
Gouernador passar aos bateis a seu filho Dom Al-
uaro com dous mil homens para saltar em terra,
sendo elle dos primeiros, que a pisáraõ por meio
de muitas bombardadas. Aqui fizeraõ os inimi-
gos rosto, impedindo, ou retardando a passagem
dos nossos; esteue a batalha igual hum largo es-
paço; fazendoos ouzados na peleija, o lugar, &
a causa; as vozes das mulheres, & filhos que ou-
uiaõ, lhes fazia receber as feridas sem dor, &
sem receo; os mortos que cahiaõ, naõ lhes fa-
ziaõ exemplo ao temor, senaõ à vingança. De
ambas as partes se derramaua sangue, & a con-
stancia de huns, & outros inimigos fazia contin-
gente o successo. Quando chegou o Gouverna-
dor com o resto do poder, & carregou o inimi-
go de maneira, que começou a fraquear na de-
fensa;

*O Gover-
nador o se-
gue, & to-
ra a Ci-
dade.*

fenfa; pouco a pouco nos foi largando o campo, atè que com declarada fogida, nos deixou a victoria. Entrou o Governador com os Mouros de enuolta na Cidade, onde perecêraõ muitos à vista das mulheres, que não fouberaõ deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou à victoria; a penas se pode recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a Cidade com terribel incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruínas pela memoria de hum, & outro estrago. Perdemos nesta facção cinco soldados, o inimigo duzentos; maior numero seria o dos feridos.

O Governador deixando a Cidade abrafada, se tornou a embarcar, & foi demandar Agaçaim, onde o esperaua Dom Diogo de Almeyda com cento & cincoenta cauallos, & a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Deteuese o Governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos do inimigo; & logo no seguinte, que era vespora do Apostolo São Thomè, se resolueo cometter os Mouros, & inuocar o nome do Santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com a doutrina, & sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

Estaua o inimigo alojado na Villa de Morgaõ, que de Agaçaim ficaua em pequena distancia; o que sabido pelo Governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deu a seu filho

62

*Chega a
Agaçaim*

63

*Enueste
os inimi-
gos.*

Dom

Dom Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias ; com quem foraõ os Naires de Cochim, & os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os fidalgos, & soldados da armada ; aos quaes a cauallaria da Cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cauallos diante, que descobrissem o campo.

64
Fogem.

Os Mouros estauaõ derramados sem ordem, ou disciplina, como gente que não temia inimigo, ou o não esperaua ; porẽm tanto que algũs soldados, que andauaõ pelo campo, víraõ nossas bandeiras, & por vista, o auiso, entendẽraõ, que o Governador os buscaua, foraõ dar conta a Cala Batecaõ sobrefaltados, encarecendo o poder, que o temor, ou a distancia fazia mais crecido. O Turco assombrado de ter já sobre si taõ victoriosas armas, não reue mais acordo, que para fazer com a fogida aos seus exemplo. Deixãraõ nos quarteis as tendas, bastimentos, & bagages, & ainda as viandas da cea, já quasi cozinhadas, que foraõ para o trabalho da marcha, necessario, & suaue despojo. Nesta fogida começou a tomar o Governador posse das terras, & da victoria.

65
D. Alvaro os segue

Passaraõse á outra banda de hum caudaloso rio, que sô se podia atraueffar por huns vallos ordenados a maneira de ponte. Estes cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porẽm com tanta pressa, que ainda a terra mouedissa

dei-

deixaua passo aberto, & ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou Dom Aluaro a passagem do rio, começando poucos, & poucos vadealo, como a estreiteza do lugar o sofria.

Naõ estaua taõ alheo de si o inimigo, que perdesse a occasião de pelejar com taõ conhecida 66
vantagem. Voltou cos seus ao rio, mostrando-
Voltaõ.
nos, que fora ardil o temor cauteloso. Carregã-
raõ os Mouros sobre os que hiaõ passando tré-
mulos, poucos, & desordenados. O Governador os animaua a que passassem com a voz, com a presença, mas o temor venceo a obediencia; voltáraõ os primeiros, não sem derramar sangue, & com peores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do Governador, fez cometer o rio por differentes partes. Dom Diogo de Almeyda o vadeou com hum troço da caualaria, achando por aquella parte melhor vao, & melhor fortuna; porque se topou com o General dos Mouros, que a cauallo andaua ordenando, & animando os seus, ao qual enuistio com grande gentileza. Do encontro veo o Turco a terra caído, mas não defacordado, porque levantandose, meteo maõ ao alfange, & buscou a D. Diogo, que ainda que não perdeo a sella, ficou desfarmado com a força do golpe, por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrar-se, comet-
Mata D. Diogo o General.
teo segunda vez o Turco, soccorido de dous soldados, & o deixou com muitas feridas estendido no campo.

67

*Peleija o
Gouernador.*

Os outros Capitaens, ainda que com difficuldade, atraueffárao o rio, estimulados do exemplo do Gouernador, que viao andar com os inimigos enuolto, mais enuejado, que obedecido de seus mesmos foldados, que derramados, & sem ordem, se lançauaõ ao rio, huns tardos, outros precipitados; porém depois, que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso da batalha, foi desamparando o campo. O Gouernador, que não perdoaua accidente à sua fortuna, foi apertando os Mouros, já tímidos, & desordenados, desorte, que em breue espaço rematou a victoria. Morreraõ poucos dos nossos, foraõ muitos feridos; nos Mouros foi o estrago grande, & no alcáçe maior que no conflicto; porque como os nossos não tomauaõ cariuos, com o mesmo golpe cortauaõ oppostos, & rendidos. D. Alvaro de Castro mandando, & peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pay, que neste dia. Os outros fidalgos, & Caualleiros se houerãõ taõ iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé, & em seu dia se venceo esta batalha, dando de seu fauor aos Catholicos Orientaes hum testimunho illustre. Foi esta rota memoravel, & ainda cantada muitos annos das donzelas de Goa, inuentando na singeleza de versos faceis, louuores sem artificio, nem lisonja

*Alcançou a victoria.**Em dia de
S. Thomé,
& com seu
nome.*

68

Despedio o Gouernador a gente, & foise descansar a Pangim, escusandose de ter a festa em

Goa,

Goa, desprezando as palmas, & triumphos Marciaes justamente; pois era já seu nome na voz do Mundo, maior que todo applauso. Aqui esteue despachando as naos de carga, que havião de voltar ao Reyno, em que foi embarcado Dom Ioaõ Mascarenhas, varaõ mais constante nos perigos da Asia, que nas aduersidades da patria. Foi recebido d'elRey, & da Nobreza com honras naõ vulgares. Os premios naõ responderaõ com igualdade aos seruiços. Foi Conselheiro d'elRey Dom Sebastiaõ no Estado, depois hum dos Governadores do Reyno. Casou com Dona Elena filha de Dom Ioaõ de Castellobranco, de que deixou illustre, & fidelissima posteridade.

*Dessta. ba
as naos
do Reyno.*

*Elogio de
Dom Ioaõ
Mascarenhas.*

Naõ pareceo a Dom Ioaõ de Castro que estaua o Hidalcaõ ainda bem cortado de nossas armas; resolveo quebrantalo com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salfete, deixando a D. Diogo de Almeyda cento & vinte caualllos, & mil pioões da terra; & nos rios de Rachol ordenou, que ficassem algũs nauios para defenfa das aldeas vezinhas; cujos lauradores desamparauaõ as terras, vendo o dominio d'ellas, incerto, & contingente pola instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o Governador, que seria facil de prostrar hũ Reyno declinado, foi continuando com o Hidalcaõ a guerra, querendo que de seu castigo fizesse argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos,

69

*Continua
o Governador a
guerra.*

*Danos
que faz:*

porque era a todos nos perigos companheiro, & nos trabalhos pay; & dando á vela, foi nauegãdo por aquella costa do Hidalcaõ, a qual destruhio com taõ igual açoute, que não deixou lugar, que pudesse consolar as miserias de outro; não se liurou nenhum pela resistencia, alguns pela distancia.

70

*Affola
Dabaul o
de sîma.*

Outro Dabul, que chamauaõ de sîma, que por espaço de duas legoas se apartaua da praia, estaua por forte, & por distante rico com os depositos, & fazendas de muitos; mas nem assi lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o Governador, dando a seu filho Dom Alvaro o primeiro perigo, a que chamaõ os soldados vanguarda (que estes eraõ os fauores d'aquelle pay, & os d'aquelle tẽpo) porẽm quando chegou, os Mouros tinhaõ assegurados no interior do sertão, pessoas, & fazendas. Não achãraõ os nossos cousa, que seruisse á victoria; ao estrago si; porque os edificios, que não podẽraõ seruir ao despojo, pagãraõ com a ruína. Vieraõ as Mesquitas, & Pagõdes a terra, deixando os Idolos desfeitos, & prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizessem differença, chorando aquelles Mouros, & Gentios com humas mesmas lagrimas as miserias de seus deoses, & as suas. Passou a indignaçãõ de nossas armas a talar a campanha, destroindo os gados; & palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada de que os não podia liurar a fuga, ou

*Tala a cõ-
panha.*

resi-

liurar a fuga, ou resistencia. Ficou enfim taõ affolado tudo, que das pouoçoens à campina se não fazia differença pela vista, senão pela memoria.

Recolheose o Governador a Baçaim, donde voltou as armas à guerra de Cambaya, des- 71
pedindo alguns Capitaens para que danassem to- *Vai a Baçaim.*
do aquelle maritimo, fazendo presas nas naos de Meca, que vinhaõ ancorar nos portos da enseada; o que Dom Antonio de Noronha, & D. *Faz da nos a Cã. baya.*
lorge Baroche fizeraõ com felices armas, crescendo com presas, & victorias, reputaçãõ, & forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas, & temidas nos dias de D. Ioaõ de Castro, de maneira, que os mais dos Principes da Asia, vezinhos, & distantes, com voluntaria obediencia tributauaõ ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender, ou assegurar os Reynos. D'esta verdade nos darãõ os Reys de Campar, & Caxem não leues argumentos.

Escreuem nossas Chronicas, & com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, 72
que defendeo Antonio da Sylueira, de quem as *Rax Solimaõ quem foy.*
armas do Turco recebêraõ na India, ou a primeira, ou a maior afronta. Foi General da empresa Rax Solimaõ, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas naos, ainda ancoradas no porto, o fez retirar fogindo, & deixando em terra bagages, & feridos. Este vendo, que não podêra conseguir a facçaõ

*chega a
Adem.*

promettida a seu Senhor, o qual soberbo, & imperioso não costumava aceitar satisfação de culpas, ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde o Rey o mandou visitar com mimos, & refrescos da terra, cauto porém, & vigilante em guardar a Cidade, porque a fé, & o poder faziao ao Baxá sospeitoso. O Turco que vio sua traição temida, ou descuberta, quizera por escala cometter a Cidade, porém temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; assi recorreo a outro ardil mais vil, & mais seguro; qual foi mandar-se desculpar com o Rey de não entrar na Cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Graõ Senhor, em beneficio de seu Reyno. O pobre Rey, facil, & crêdulo em prosperar o estado, se foi logo ver ao mar com o Baxà, assegurado da consciencia innocente, mas o tyranno esquecido da fé, & humanidade, o mandou descabeçar na galé entre baldoens, & mofas, deleitando-se cruel em traição taõ fea. Morto o Rey, foi facil ao Baxá occupar a Cidade na violenta morte de seu Principe, temerosa, & confusa. E porque pola vezinhança dos Turcos custou cuidado, & sangue ao Estado, daremos d'ella huma breue relação,

*Degolla o
Rey.*

Iaz situada na costa da Arabia felix em altura do Polo Artico de doze graos, & hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com algũs castellos lhe defende a entrada da terra. Està assentada na boca do Estreito, o porto limpo, capaz de ancorar nauios de todo porte; ainda que descuberto aos Ponentes, que são os ventos, que alli cursaõ nas monçoens do Estio. A arte, & a natureza a fizeraõ defensivael por terra, assegurandose da ambição dos Régulos vezinhos, & incursoens dos Alarues Arabios, que com importunas correrias molestaõ a campanha. Está no porto huma pequena Ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamaõ Cirà, defronte fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde costumaõ dar fundo naos, que nauegaõ a Meca. Naõ tem rios, ou fontes que fertilizem a terra, & tambem as aguas do Ceo lhe faltaõ por dous, & por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assi a conduzem em camelos de partes mui remotas. A drõga principal da terra he Ruyua, mas o que mais lhe importa he ancoragem das naos, que nauegaõ o Estreito. A gente he bellicosa, & cruel; segue com promptidaõ a guerra, polos despojos mais, que pola victoria.

Occupada pelo Baxà a Cidade, vendose, inda que intruõ, obedecido, começou a quebrantar o pouo com diuersos grauames, tirandolhe as forças para melhor os dominar, tímidos,

*Quem lhe
succede.*

*Os mora-
dores a
offerecē a
el Rey de
Campar*

& sujeitos. Aos poderofos mandaua degollar , & confifcar fem cauza , fendo a vida culpa , a riqueza delicto. O sofrimēto dos miseraueis era melhor para virtude , que para remedio ; porque atē da paciencia feruil dos innocentes se cansaua o tyranno. No dominio da Cidade lhe succedeo Marzaõ , & tambem nos insultos ; taõ crueis , que apuráraõ de todo a paciencia dos pobres moradores , resoluendose a podelo sofrer como inimigo , mas naõ como senhor. Tiueraõ meios para offerecer a el Rey de Campar a Cidade , & a obediencia , dizendo , que com qualquer soccorro a cometteriaõ os Turcos descuidados com o dominio pacifico ; & quasi hereditario , & muito mais com o desprezo de homēs , que tinhaõ , ao parecer , perdido a memoria de sua liberdade , & sua injuria.

75
*Acceitua
o Rey , &
que faz.*

O Rey vezinho com palauras de lastima , & agrado , lhes aceitou a offerta , ou fosse ambiçaõ , ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facçaõ taõ grande , querendo ser o mesmo Rey companheiro , & Capitãõ de todos. Partíraõ no silencio da noite , & chegando à Cidade , lhe deraõ os conjurados hũa porta , por onde entráraõ , fazendose senhores do castello com leue resistencia. Marzaõ com quinhentos Turcos se fez forte nos paços , mais certo do perigo , que das causas , autores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo el Rey capitaneando os seus , & logo enuiou a Marzaõ hum

trombeta, dizendo, que aquella Cidade era sua por antigos pretextos, & agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusão do Baxà, tiueraõ a voz, & a liberdade atadas para não pronunciarẽ o nome de seu natural Principe; que elle os vinha amparar como a affligidos, & mais como a vassallos; que se quizessem deixar a Cidade, lhes faria tratamento de amigos; permittindolhes levar as armas, & roupa que tiuessem; & quando não a justiça, & a victoria, o fariaõ duas vezes senhor de seus mesmo vassallos.

O Turco entédida a conspiração dos Arabios, & que para se defender lhe faltauaõ forças, & bastimẽtos, obedeceo ao tẽpo, saindo cõ as bandeiras aruoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou cõ os soccorros de Baçorà, reduzir a Cidade á seruidaõ primeira. Começou assaltádo aos de Adem as cafilas, que basteciaõ a Cidade, a qual, como recebe do fertoã agua, & mantimentos, padeceo em breues dias grandes necessidades; porque se alguns bastimentos lhe entrauaõ, eraõ poucos, custosos, & furtiuos. Com lagrimas o pouo lastimado pesaua em huma mesma balança a fome, & tyrannia; males, de que sò tinha miseravel escolha. Engrossaua o tyranno seu partido com soccorros cõtinuos, a que não podia o Rey fazer opposição cõ forças iguaes, discorrendo com as cabeças do pouo, sobre os meios de salvar a Cida-

76

*Que faz
em os
Turcos.*

*São soc-
corridos,*

*Mensa-
geiro dos
morado-
res a Or-
muz.*

de, lhe trouxeraõ à memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, & a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resoluéram mandar huma Terrada ao Capitaõ de Ormuz, que entaõ era Dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, & os rendimentos da alfandega, dandonos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

77

Era fama, que o Marzaõ esperaua de Baçorá em breue importantes soccorros; & que se o deixassem engrossar o poder, cometteria a Cidade com força descuberta; polo que el Rey de Campar, mostrandose no discurso, & no valor soldado, naõ querendo que este tronco prendesse cõ maiores raizes, determinou com tres mil homês escolhidos, cercar a fortaleza; o que empredeo com maior resolução, que fortuna; porque nos primeiros assaltos, o matáraõ. Os Arabios cortados do temor, com a morte do Rey, deixado o sitio, vieraõ asepultar o corpo, sendo na occasiaõ a vingança mais opportuna, que a piedade.

78

*Topa D.
Payo de
Noronha*

A Terrada que nauegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate, se encontrou com Dom Payo de Noronha, que com doze nauios de remo, guardaua aquelle Estreito, & entendida a pretenção do Arabio, parecendo-lhe este soccorro digno de todo grande soldado, escreueo ao Capitaõ de Ormuz, que naõ houesse de tomar
esta

esta honra para si, lha não negasse a elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous nauios, & algũa gente escolhida, para que fosse assegurar a Cidade, em quanto lhe aprestaua maiores forças; & ao Embaixador d'elRey de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou que pedisse ao Governador da India armada, que elle era tal, que não negaria amparo aos amigos do Estado, mòmmente contra Turcos, cuja guerra tomauamos como herança de nossas armas.

Chegou Dom Payo a Adem, onde foi recebido cõ a beneuolencia, & grandeza, que podè-
 raõ a seu proprio Principe, entregandolhe a Ci-
 dade, tanto para a defenfa, como para o gouer-
 no. Aruoráraõ huma bandeira nossa, pola qual
 se apostàraõ a morrer todos, sangrandose nos
 peitos com demonstraçoens, & ceremonias
 barbaras, mas fieis, protestando, que defendiaõ
 aquella Cidade, como membro do Estado, de
 quem já eraõ por obediencia vassallos, & filhos
 por amor. Porém Dom Payo se portou de ma-
 neira, que fez declinar a opiniaõ de nossas armas
 no Oriente, & nòs troncaremos os accidentes
 d'esta Historia em beneficio de taõ grande ap-
 pellido; dado que andaõ de outra penna mais
 liure referidos em vulgares escritos.

Desamparados os de Adem por Dom Payo,
 nem assi perdéraõ a deuaçaõ do Estado, defen-
 dendo a Cidade com a voz de Portugal na bo-
 ca; & porque ou não tinhaõ, ou não quizerãõ

outro

79
*Chegaa A:
 dem.*

*E não se
 hà bem.*

80
*Os mora-
 dores en-
 uiãõ a
 Goa.*

outro abrigo , que o de nossas armas , resolveraõ enuiar hũa pessoa Real ao Governador , que lhe significasse o estado em que se achauaõ ; de cujas misérias podiamos tirar noua fama , naõ desprezando a gloria de amparar affligidos ; que o Principe de Adem , queria receber do Estado as leys , & a Coroa , a quem se faria feudatario com hum grato , & honesto tributo.

81

Alegra-se o Governador.

Dom Ioaõ de Castro se alegrou de ver soar seu nome , & suas victorias nos ouvidos dos Príncipes remotos , fazendoos naõ sò reuerentes , mas fojeitos. Em Goa houue grande aluõroço com a mensagem , vendo que a fortuna do Governador tornaua ao Estado as felicidades da primeira India , pois aonde outras armas mal hauiaõ chegado por noticia , as suas chegauaõ por imperio.

82

Manda seu filho.

Deu o Governador esta empresa a seu filho D. Aluaro , taõ benemerito de todas , que naõ pareceo a eleiçaõ de pay , mas de ministro. Quizeraõse embacar com elle muitos fidalgos velhos , que o Governador desuiu com hum modesto decreto , ordenando , que se ficassem em Goa , porque necessitava d'elles para cousas maiores ; era porẽm taõ grande o gosto da jornada , que recebèraõ o decreto como aggrauo de todos ; parece que era o vicio d'aquelles tempos a ambiçaõ dos perigos. O Governador os satisfez alegre de ver aquelles espiritos criados de baixo de sua disciplina . Mandou logo cifar , & bastecer trinta nauios de remo , de que fez Capitaes a Dom Antonio de Noronha ,

Com que armada.

filho

filho do Vifo-Rey Dom Garcia, Antonio Moniz Barretto, que hia prouido na fortaleza, que se hauia de fazer em Adem, Dom Pedro d'Eça, Dom Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, Dom Ioaõ de Attayde, Alvaro Paez de Sottomaior, Fernaõ Perez de Andrade, Pero Lopez de Sousa, Ruy Diaz Pereira, Pero Botelho de casa do Infante Dom Luis, Alvaro Serrão, Luis Homem, Melchior Botelho Veador da fazenda, Gomez da Sylua, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de Sousa, Ioaõ Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o Embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, & outros.

Poucos dias antes que çarpasse a armada, chegou a Goa hum Embaixador d'elRey de Caxem, a quem os Fartaques vezinhos hauiaõ vsurpado grande parte do Reyno. Este, como reynaua na outra contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando, que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreueo ao Governador, que não seria menos grato ao Mundo restituir a Caxem, que defender a Adem. Representaua quam fiel hospedagem acháraõ nossas armadas em seus portos, fazendo refenha das que alli hauiaõ ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizera aos Turcos sospeitoso; offerencia àlem da fidelidade moderado tributo. O Governador, entendendo, que estes soccorros reputauaõ nossas forças, & cria-

83

*Outra em-
baixada
de Caxem:**Repeste do
Gouverna-
dor.*

criauão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se dèsse fauor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, & a despesa, com que se podia obrar huma, & outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitauão de prompto soccorro, o Governador anteuendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, & cabedal, despachou logo a Dom Ioaõ de Attayde com quatro nauios para que entrasse em Adem, & entretieuesse o cerco até chegar Dom Aluaro. Dom Ioaõ de Attayde deu á vèla, & por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos nauios, que arribou destroçado, os mais foraõ seguindo sua viagem.

84
O que pas-
sou em
Adem.

Entretanto peleijauão em Adem obstinadamente cercadores, & cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregaua o peso d'esta guerra sobre alguns Portugueses da armada de D. Payo, que mostráraõ valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenháraõ na resistencia, como se defendèraõ sua patria no principado alheo. Estes bastàraõ a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, & como eraõ soldados de fortuna, nossas Chronicas com ingrato silencio lhes callàraõ os nomes, como se a virtude necessitara de heroicos ascendentes, & fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros polas alheas. Creio, que com injuria da natureza criàraõ nouas leys os poderosos,

fos, em que não sò fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

Estando as cousas de Adem na contingencia, que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constaua de noue galés Reaes, & algũas galeotas, as quaes deraõ vista à Cidade, & surgindo fóra da enseada, saíraõ em terra, armãraõ tendas, & fortificaraõ alojamento, auisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que víraõ sobre si forças taõ grandes, acodiaõ remissos à defenõsa, huns tibios, outros desconfiados, parecendolhes insuperauel o valor, & o poder dos inimigos, & já em priuadas juntas accusauaõ em seu Rey a ambiçaõ de dilatar a Coroa com o sangue do innocente pouo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porẽm os Portugueses, que com elles estauaõ, vendo, que dos casos mais arduos, era mais gloriosa a fama, esforçaraõ os Arabios, mostrãdolhes a resistencia necessaria, & possiuel; cfferendose de nouo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criarlhes espiritos novos, com que se apostãraõ a morrer na defenõsa; menos pola obrigaçaõ, que polo exemplo.

Sitiãraõ a Cidade os Turcos, pondolhe duas baterias com algũas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamauaõ Quartaos, jugauaõ balla de quatro palmos de roda, fizeraõ nos muros mais ruínas, que brechas, com

Ee que

85

*chegãõ
Turcos;*

86

*Pocmlhe
cerco.*

que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, & trauezes por dentro, com que entretinhaõ, & rebatiaõ os assaltos, & faziaõ aos Turcos duuidosa, & custosa a victoria. Porém Dom Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) priuou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente auisar a todos os Portugueses se viessem a elle, desamparando a defenſa do Principe feudatario, & amigo, faltando às obrigaçoens do cargo, & às do sangue. Os mais dos Portugueses obedeceraõ, sò Manoel Pereira, & Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, disseraõ, que aquella Cidade era d'elRey de Portugal. & que na defenſa d'ella hauiaõ de perder as vidas: parece que na milicia d'aquelles tempos primeiro se perguntaua pelo valor, que pela disciplina. Estes sustentáraõ a Cidade até o vltimo dia, ganhando melhor opiniaõ na ruína, que os Turcos na victoria.

87

Que fazem os Arabios.

Logo que os Arabios entendéraõ, que eraõ os Portugueses recolhidos, perdida a esperança da defenſa, tratáraõ de partidos; mandou porém o Principe cessar a prática, dizendo, que antes fairia da Cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'elRey de Portugal, não hauia deixar ganhala aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo já nos moradores diuisaõ, & fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica

da

da entrega; a qual o Principe atalhou sempre, a si mesmo fiel, & ao Estado. Porém o perigo, a fome, & a desconfiança dobràraõ algũs dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a Cidade. O Principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando com espirito Real, mas infelicidade. Manoel Pereira, & Francisco Vieira saluàraõ a hum Infante, que leuàraõ a Campar, consolando aos vassallo com aquelle pequeno ramo de feu prostrado tronco.

Dom Ioaõ de Attayde, que deixamos no mar com tres nauios, foi fazendo viagem, & porque tinha ventos de seruir, em poucos dias vio a costa da Arabia, & foi demandar a Cidade de Adé, & entrando a remo na bahia, deu de rosto com as galés que estauaõ furtas; & porque ainda cursauaõ os Leuantes, se tornou a sair para o pègo. Os Turcos logo que víraõ os nauios, leuàraõ as ancoras, & os foraõ seguindo taõ apressadamente com a vantagem do remo, que os nauios de Gomez da Sylua, & Antonio da Veiga, lhes ficauaõ já quasi debaixo dos esporoões das galés, & vendo, que lhes naõ era possiuel a fogida, menos a resistencia, varàraõ os nauios na terra, que lhes ficaua perto, onde saluàraõ as vidas. Dom Ioaõ de Attayde, como leuaua melhor nauio, foi metendo de ló tudo o que pode, vendose muitas vezes perdido, atè que sobreueo a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o

88

*Successo
de D. Ioaõ
de Attay-
de.*

navio no Ilheo de Mete, que faz frente às Cidades de Barbara, & Zeila. Os que se saluáraõ em terra, foraõ buscar o abrigo d'elRey de Campar, onde acháraõ Manoel Pereira, & Francisco Vieira, de quem souberaõ os successos, que temos referido; foraõ hospedados, & prouidos de tudo com amor, & abundancia.

89

*Viagem
de Dom
Alvaro.*

Dom Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como leuaua os Leuantes em popa, fez a viagem breue, & tanto auante, como os Ilhèos de Canecanim, lhe sahio Dom Ioaõ de Attayde, do qual soube a perda de Adem, & como lhe correraõ os Turcos, de cujas galés se liurára com o fauor da noite. Dom Alvaro, & os fidalgos, & soldados da armada, mostraraõ justo sentimento d'esta noua, aualiendo em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opiniaõ entre naturaes, & estranhos, dura sempre a memoria. O Embaixador, & cunhado d'elRey de Campar, que hia na armada, sentio viuamente as mortes do cunhado; & sobrinho, consolando se porèm muito com saber que nada ficáraõ de uendo à honra, nem à fidelidade, mostrando nestas consideraçoens animo taõ inteiro, como se buscára aliuio a dor alhea. Dom Alvaro com os Cabos da armada pos em conselho o que se deuia obrar; & pareceo a todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltaassem as armas em beneficio do Rey de Caxem, como trazia por instrucçaõ a armada, a quem

*Faz conselho,
& que assen:
ta.*

quem os Fartaques vezinhos tinhaõ toma - do a fortaleza de Xael; a qual senhoreaua hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais vtil, que difficil.

Mandou Dom Aluaro gouernar a Xael, & surgindo à vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebéraõ com de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos taõ pequenos, que bastauaõ para o guarnecer, trinta & cinco soldados, que o presidiauaõ. Estes, tanto que víraõ a armada, lançáraõ fõra huma mulher, que entendia, & fallaua a nossa lingua, a qual perguntando pelo Capitaõ mór, lhe disse, que os Fartaques eraõ amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largariaõ logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse, porque de inimigos taõ poucos, & sem nome, naõ esperauamos gloria, nem despojo; os mais votáraõ, que por authoridade de nossas armas, os mandassem render à discricião. Entendida pela mulher esta resoluçaõ, disse, que os Fartaques saberiaõ defender as vidas, & o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tiráraõ logo hũa bandeira brãca, & aruoráraõ outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algũas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizerão dano. D. Aluaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mãdou cometter por escala por diffe-

90

*Vai a Xael.**Intenta a escala.*

rentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria debaixo; & porque era a carga continua, não ouzauão apparecer os Mouros. Fernão Perez foi o primeiro, que começou a sobir por huma escada, leuando o seu guiaõ diante, que aruorou, & sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo subio Pero Botelho com o mesmo risco, & fortuna que o primeiro. Estes franqueá-raõ aos mais a subida.

91

Antonio Moníz Barretto, Dom Antonio de Noronha, Dom Ioaõ de Attayde, & outros, foraõ demandar a porta da fortaleza, que estaua entulhada com fardos de tamaras, & não podéraõ entrar, sem que os nossos viessem por dentro, & a desentulhassem. Os Fartaques se retiráraõ a dous cubellos, donde se defendiaõ com desesperado valor, engeitando as vidas, que D. Alvaro lhes offerencia, que parece, queriaõ perder para vingança, ou para desculpa da força, que não podéraõ defender; que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijáraõ enfim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podiaõ esperar victoria; nem vingança. Dos nossos mórreáraõ cinco, & passáraõ de quarenta os feridos.

*Peleijãõ
os Arabes até
morrer
todos.*

92

*Ganhase
a praça.*

Ganhada a fortaleza (facção mais importante ao Regulo, que a nossas armas) a entregou D. Alvaro ao Embaixador d'elRey de Caxé, que mostrou gratidaõ do beneficio, entaõ em bastecer a armada,

armada , depois em ter cõ o Estado fiel correspondencia ; & porque se hia gastando a monçaõ , se foi Dom Alvaro inuernar a Goa , onde foi recebido com applauso maior , que a victoria ; festas que o Governador fomentou como pay , & D. Alvaro estimou como soldado.

Tomou Lourenço Pirez de Tauora a barra de Lisboa com as cinco naos de sua conserua ; as quaes tiueraõ naõ sò breue , mas facil , & prospera viagem. Dissemos como nellas vinha Dom loaõ Mascarenhas , cheo de fama , & de merecimentos. As nouas de Dio se derramáraõ logo pelo pouo , ajuizando cada hum , como entendia , a paciencia do cerco ; a resoluçaõ da batalha. O vulgo naõ sabia pòr taixa nos lououres de D. loaõ de Castro , como gente sem enueja das pessoas , & fortunas maiores. Os fidalgos , & grandes , ajudauaõ , ou consentiaõ a voz vniuersal de todos , sendo virtude rara , poder sofrer de seus iguaes a fama ; & naõ houue algum taõ ambicioso , que desejasse para si melhor nome , nem mais illustres obras.

Vestiraõ galas os Reys , & a Corte , & determináraõ dia para dar graças na Capella com ofertas pias , & Reaes. Houue hum douto Sermaõ , em que se differaõ do Governador encomios , & virtudes. El Rey deu cõta da victoria ao Summo Pontifice , & aos maiores Principes da Europa , que todos lhe congratuláraõ , como a mais illustre facçaõ do Oriente. Na carta que es-

creueo a elRey, Dom Ioaõ de Castro, pedia licença para se vir ao Reyno, mostrando que não buscava póstos, quem deixaua os maiores; & porque não pareceffe ambição noua o desprezo de tudo, pedia a elRey duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, & remataõ em hum pequenõ cabeço, que inda hoje conferua o nome do monte das Aluiçaras. Parece, que nas honras teue elRey consideração a seus feruiços, & o premio à sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

Carta d'elRey Dom Ioaõ Terceiro.

95
 Que mercês lhe faz el-Rey.

V Iso-Rey amigo. Eu elRey vos enuio muito saudar. A victoria, que Nosso Senhor vos deu contra os Capitaens de elRey de Cambaya, foi de tam grande contentamento para mim, como era razam, que eu tuesse por tal, & tamanho vencimento, & por quam grandes mercês; & ajudas nisso recebestes de nosso Senhor, polas quaes elle seja muito louuado; & muito se deue à vossa prudencia, & grande animo, que naquelle dia mostrastes; & assi no grande, & pressado socorro, que mandastes à fortaleza de Dio em tam desuairado tempo, offercendo ao mar vossos filhos, em que se vio, quanto mais pode com vosco o que importa a meu seruiço, que o affecto natural de pay; o que eu assi estimo, como he razam, vendo, que nam sõmente desbaratastes tam grande poder de inimigos, mas ainda destes muita segurança a toda a India, no grande recco, que aos inimigos d'ella fica com esta tamanha victoria; cujo seruiço assi he razam, que eu tenha na conta que merece, como que tenha d'elle o contentamento, que se require. E do fallecimento de vosso filho Dom Fernando recebi mui gran-

grande desprazer, assi por ser elle vosso filho, como porque hia bem mostrando naquella idade, quem houuera de ser em toda a outra; E pois acabou tam honradamente, E em tam grande seruiço de nosso Senhor, E meu, deueis sentir menos sua perda, E dar graças a nosso Senhor por como foi seruido, que acabasse; o que sei, que vós fizestes, mostrando ainda no esquecimento da morte do filho, a lembrança do que compria a meu seruiço; das quaes cousas assi serei sempre lembrado, que nam sómente volas conhecerei com grande contentamento d'ellas, mas ainda com muita mercê; a que agora quiz dar principio nas que faço a vós, E a vosso filho Dom Aluaro, guardando o remate d'ellas para o cabo de vosso seruiço, que eu confio, E tenho por mui certo, que será tal, como foram os que atégora me tendes feitos; E com esta confiança, E com a experiencia, que eu d'isso tenho, desejando muito neste tempo vos fazer mercê em tudo, considerando porém quanto isto cumpria a meu seruiço, E vendo por vossas obras, quanta mais conta tinbeis com elle, que com todas vossas cousas, houue por bem de vos nam dar licença para vos virdes, como me pedicis. Polo que vos encômendo muito, E mando, que o hajais assi por bem, E que nesse carrego me queirais ainda servir outros tres annos, no fim dos quaes vos mandarei licença para vos virdes embora. E eu espero em nosso Senhor, que vos dé mui boa disposiçam para o fazerdes: porém se por cima do que tanto cumpre a meu seruiço, como he ficardes-me ainda seruido nessas partes por este tempo, vos a vós parecer, que tendes todavia necessidade de vos virdes, folgarei de mo escreuerdes, E entretanto esperareis minha reposta. Pero de Alcaçova Carneiro a fez em Lisboa a vinte de Outubro de mil quinhentos quarenta E sette,

R E Y.

Creo,

Creo, que nos pede attençaõ maior a carta da Rainha Dona Catherina, onde naõ he sò Real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acçoens da victoria com madureza de varaõ, & brios de soldado.

Carta da Rainha Dona Catherina.

V Iso-Rey. Eu a Rainha vos enuio muito saudar. Vi a carta, que me escreuestes, na qual particularmente me dais conta do que tendes feito, e provido em todas as cousas, que vos pareceo, que cumpriam ao seruiço d'el-Rey meu senhor, e à defensam, e segurança d'essas partes; e de tudo ser tam conforme a quem vós sois, e à grande confiança que Sua Alteza de vós tem, recebotanto contentamento, como he razam, assi por ver, que Sua Alteza he de vós bem servido, como pola muita honra, que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado, e grande diligencia, com que logo entendestes no corregimento, e prouimento da armada, foi grande principio, e mui necessario para remedio de tamanhas cousas, como depois se offereceram, e por certo tenho, que por mui grande, que fosse o trabalho, que nisso leuastes, seria maior o contentamento, que terieis de ser tam bem empregado. E a guerra, que fizestes ao Hidalcam, foi cousa mui bem acertada, pois tam claro se vio nella o contrario da opiniam, que dizeis se tinha, que da guerra dos Portugueses lhe nam podia vir dano; o que seria causa de amouer tantas vezes, nem de sua paz se lhe seguia proueito, polo que nam estimaria quebra-la. E se elle soubera quem vós sois, e quanto mais vos lembra a honra, que o proueito, nem curara de vos fazer o offerecimento, que vos fez a cerca de Meale, mas a pouca impressam, que fez em vós, e vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E quanto ao negocio do cerco, e guerra da

da fortaleza de Dio, foi mui grande mercé de nosso Senhor a victoria, que vos alli deu contra tamanho poder, e numero de inimigos de sua sancta Fé Catholica, que de tam diuersas partes alli eram juntos, e mui claro final de elle ter de sua mam o Estado de essas partes, e lhe dou por tudo tantos lououres, como he razam, e lhe deuo. E muito acrecenta no grande contentamento, que el Rey meu senhor, e eu temos de tamanho vencimento, ver com quanta prudencia, e discriçam prouestes em todas as cousas, que para se poder alcançar, eram necessarias, e quam animosamente vos houestes no dia da batalha, e com quanta presteza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vossos filhos em tam fortes tempos: o conhecimento, que S. Alteza, e eu temos de todas estas obras, e do grande fruto, que d'ellas se seguio, he mui conforme à qualidade, e grandeza d'ellas; e assi confio, que o Sua Alteza mostre, na honra, e mercé que vos fará, e porque tudo se vos deve; e bem o deu a entender no gosto, e contentamento, com que logo quiz dar a isso principio, nas que agora fez a vós, e a vosso filho Dom Alvaro, segundo vereis por sua carta. E do fallecimento de Dom Fernando vosso filho, recebi mui grande desprazer, assi por quanto sei, que o hauieis de sentir, como pola perda de sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito, se pode bem ver, que foi grande; mas eu tenho tal conhecimento de vós, e de vossa muita prudencia, e virtude, que sei certo, que em todo tempo, em que nosso Senhor o leuara para si, vos conformareis vós com sua vontade, e tomareis de sua mam; quanto mais sendo naquelle, em que por defensam de sua Fé, e em tamanho seruiço de Sua Alteza, tam horradamente acabou, e comprio com a obrigaçam de quem era, que sam razoens mui grandes para vós muito o ácuerdes fazer assi, e muito menos sentirdes sua morte. E quanto ao que me pedis a cerca de vossa vinda, em que Dona Leonor vossa mulher (que eu muito folguez de ver polo mereci-

mento de sua pessoa, & viriudes, & pola muito boa vontade que lhe tenho, me fallou de vossa parte, como em cousa que tanto deseja; estimàra eu muito de com gosto, & contentamento de el Rey meu senhor, poder nisso satisfazer a vós, & a ella; mas pollo muito, que S. Alteza tem de vosso tam bom seruiço, & pola grande falta, que là poderia fazer em tal tempo vossa pessoa, houue por bem de se servir ainda là de vós, ouiros tres annos, segundo por sua carta vereis. E tenho por mui certo, que por todas estas razoens o haurei assi por bem, & vos rogo muito, que assi seja, & espero em nosso Senhor, que vos dara saude, & forças para o poderdes fazer, & vos ajudará, & e. forçará em todos vossos trabalhos, pois d'elles se segue tanto seu seruiço; & pois sabe, que o principal respeito, porque Sua Alteza o ha assi por bem, he saber, que será elle là de vós inteiramente seruido. E na lembrança, que entre tamanhos rabalhos, & tam importantes negocios, tiuestes d'aquellas cousas minhas, que liuastes a cargo, se vê bem, quanto desejo tendes de nisso, & em tudo me serair, o qual eu estimo, como he razam. E quanto o que toca a Diogo Vaç, por outra carta vos escreuo o que nisso fulgarei, que se faça. Com o benjoim de boninas, & com todas as mais cousas, que me enuiastes por Lourenço Pireç de Tauora, recibi muito prazer, por ser tudo tam bom, que bem parece ser enuiaçõ com tam boa vontade, a qual eu ainda mais estimo, & tudo vos agradeço muito. E dos criados meus, & pessoas, que me escreueis, que là tem bem seruido, & assi das cousas, em que vos parece necessario prouer, farei lembrança a el Rey meu senhor, como pedis, que faça. O que S. Alteza houuer de prouer assi nas merçes, que houuer de fazer a todos os que là o seruem, hà de ter tanto respeito ao que vós em tudo lhe escreuerdes, & pedirdes, como he razam, que seja; & muito vos agradeço a boa informaçam, que a Sua Alteza dais dos meus criados, que naquelle feito de Dio se acharam, & assi o muito

fauor, & bcas obras, que sei, que a todos là fazeis por meu respeito. Pero Fernandez a fez em Lisboa a trinta dias de Outubro de mil quinhentos quarenta & sette.

A R A I N H A.

Naõ he de menor estimaçaõ a carta, que lhe escreueo o Infante Dom Luis, como de Príncipe enfim, que taõ grande juizo soube fazer de merecimentos, & virtudes.

Carta do Infante Dom Luis.

H Onrado Viso-Rey. Recebi vossa carta, que veo nesta armada de Lourenço Pirez de Tauora, em que me dizeis, que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos mandei; agradeçouos muito dizerdesme, que vos parecêraõ bem as lembranças, que vos fazia, & muito mais o por delas em obra; & bastaua para o eu crer, que seria assi, ainda que vos eu nam conhecêra, ouuir o que là fazeis, & ver, que com a boca chea me escreueis vossos trabalhos, pobreza, & abstinencia, cousas com que se vence o Diabo, o Mundo, & a Carne, que nessas partes da India tem tanto poder; o que he maior victoria, que a d'el Rey de Cambaya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em quanto viuerdes naõ deueis de temer cousa alguma, mas antes esperai em nosso Senhor, que vos ajudarà, como agora fez na defensam, & batalha de Dio, em cuja victoria vòs tendes muito que lhe louuar, pois vos fez instrumento de tanto seruiço seu, & d'el Rey meu senhor, & de tanta honra vossa, & de todos os Portugueses, assi dos que se acharam com vosco, como dos que

estiueram ausentes. E certo, que vós tendes feito nesta jornada, desde primeiro dia, que tiuestes nouas do cerco de Dio, até o de vossa, e nossa victoria, tudo o que entendo, que hum valeroso, e astuto Capitam podia fazer, assi na presteza dos soccorros, como em pordes vossos filhos por balisas da fortuna, e perigos do inuerno, e mares da India, para que os outros os tiuessem em menos; no que se mostra bem claro, quanta mais parte tem em vos o seruiço d'el Rey meu senhor, e a obrigaçam de vosso cargo, que os effeitos naturaes de pay, que sam os que mais forçam a natureza. E no sofrimento, que mostrastes na morte de Dom Fernando de Castro vosso filho, se confirma bem esta opiniam; e certo, que eu o senti por mim, e por vós, e houue por mui grande perda, por quam certos sinaes nelle via de seu grande esforço, e creio, que nisso lho quiz Deos pagar com o tirar de vida tam trabalhosa por meios tam honrados, e de tanta gloria sua. Dom Aluaro de Castro vosso filho nam empregou mal sua jornada, pois com tantos trabalhos, e perigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tempo, que sua chegada foi por entam o remedio d'ella; e de como se nisto houue, e no dar nas estancias dos inimigos, e em tudo o mais lhe lanço muitas bençoens por vossa parte, e minha. E tornando a vossa determinaçam de auenturardes vossa pessoa, e o Estado da India, por soccorrerdes Dio, foi mui boa, pois de o nam fazerdes estaua tanto mais auenturado; e o chegardes a Dio, e ordenardes vossa embarcaçam, e mandardes, que os nauios comettesse a tempo que hauieis de dar a batalha, e o modo de cometter, que nisso tiuestes, tudo me pareceo digno de agora, e sempre darmos muitas graças a Deos noſso Senhor, e de Sua Alteza vos fazer muitas mercês, a que agora dà principio, como vereis a cerca de vós, e de vossos filhos, e assi o deue fazer, e fará aos fidalgos, e Caualleiros que nessa jornada com vosco o seruíram, em especial a Dom

Ioam

Ioam Mascarenhas, que se bouue no pefo d'esse cerco, como honrado Capitam, e esforçado Caualleiro. Folguei muito de ver o modo, que tiuistes no escreuer a Sua Alteza sobre os seruiços, que os fidalgos, e Caualleiros, que nessas partes andam, lhe fizeram no negocio de Dio: no que se vio, que tinheis com seus trabalhos conia. Isto fazei sempre por amor de mim; e folgai de louuar os homens, porque já que está certo, nam faltará quem diga d'elles os males (que haueis de castigar os que nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons os leuanteis, para que os que lá nam poderdes galardoar, Sua Alteza por vossa informaçam o faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me escreuestes, que me elle nam concedeo, e me deu para isso duas razões, que a meu parecer, ainda que vós tenhais muitas para vos desejarde de vir, S. A. tem muitas mais para vos mandar rogar, que o siruais nesse gouerno outros tres annos, o que haueis de folgar de fazer por seruirde a nosso Senhor pola grande mercê, que vos tem feito, e a S. Alteza pola confiança, que de vós tem, e contentamento de vosso seruiço. E confiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos, e desordens da India, e eu espero nelle, que fazendo vós assy, venhais encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victorias, e que as visiteis, e logreis com muito descanso vosso. Nas cousas particulares vos não fallo, porque el Rey meu senhor vos escreue o que ha por seu seruiço em resposta da carta geral, que lhe escreuestes, que vinha em muito bom estylo, e em muito boa ordem. Escrita em Lisboa a vinte e dous de Outubro de mil quinhentos quarenta e sette.

O Infante Dom Luis.

98

Deixase bem ver d'estas cartas, quam gratos eraõ aos Reys os seruiços de D. Ioão de Castro. Negoulhe elRey Dom Ioão a licença que pedia para vir descançar ao Reyno, como em beneficio da patria, & do Oriente, prorogoulhe outros tres annos do gouerno com nome de Viso-Rey; naõ teue vida para lograr este acrecentamento; para o merecer, si; fezlhe mercè de dez mil cruzados de ajuda de custo, & patente de Capitão mór do mar da India a seu filho Dom Aluaro, cargo, que já exercitaua com menos annos, que victorias.

99

Tinha entendido elRey Dom Ioão pelos auisos do Viso-Rey, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; & que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criauaõ odio nos Principes vezinhos, cuja ruína era para outros exemplo. Com estas, & outras considerações, despachou este anno para a India seis naos, que partíraõ em monçoens diferentes. Das primeiras tres, que partíraõ em Nouembro, era Capitão mór Martim Correa da Sylua, que leuaua a fortaleza de Dio. Os outros Capitaens eraõ Antonio Pereira, & Christouaõ de Sá; & porque na costa da India teue a Capitaina os ventos ponteiros, esgarrou, & naõ podendo ferrar Goa, foi tomar Angediu; donde mandou auiso ao Viso-Rey para o prouer do necessario, visto serlhe forçado inuernar em aquelle porto. O Piloto

*Manda
elRey seis
naos à India.*

de

de Christouaõ de Sà soubese marear melhor, porque tanto que auistou a costa da India foi mettendo de lò para se pôr a barlauento de Goa, & houue vista da terra por Carapataõ, dondo foi demandar a barra.

Logo que o Viso-Rey soube, que entràra naõ 100
do Reyno, mandou desembarcar os doentes, *Chega*
que elle em pessoa foi visitar, & prouer. E cer- *huma a*
to, que entre as excellencias d'este bom Viso- *Goa,*
Rey, podemos dar o primeiro lugar á charidade, porque naõ costuma ser virtude de soldado, & menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras, & mercés, que hauemos ditto, estimando estas para desempenho; aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprios se dauaõ parabens, contentes de que ficasse o Viso-Rey outro triennio gouernando, como quem entendia, que tinhaõ nelle os soldados pay, & o Estado homem.

Achauase Dom Ioaõ de Castro, gastado me- 101
nos dos annos, que dos trabalhos de taõ conti- *Adoce*
nuas guerras, com que veo a cair rendido ao peso *o Viso-*
de taõ graues cuidados. Enfermou grauemente, *Rey.*
& descobrio a doença em poucos dias, indicios de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se aliuiou da carga do gouerno. Chamou o Bispo Dom Ioaõ de Albuquerque, Dom Diogo de Almeyda Freire, ao *Deixa o*
Doutor Francisco Toscano Chanceller mór *gouerno.*
do Estado, a Sebastiaõ Lopes Lobatto seu

Ouvidor Géral, & a Rodrigo Conçaluez Caminha Veedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos Principes vezinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o gouerno popular da Cidade, ao Vigario Géral da India, ao Guardiaõ de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a Saõ Francisco Xauier, & aos officiaes da fazenda d'elRey, a quem fez esta falla.

102

Falla aos
do Confe-
lho.

*Nam terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao Viso-
Rey da India faltam nesta doença as commodidades, que
acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir;
nam vim a comerciar ao Oriente; a vòs mesmos quiz em-
penhar os ossos de meu filho, & empenhei os cabellos da bar-
ba, porque para vos assegurar, nam tinha outra tapeça-
rias, nem baixellas. Hoje nam bouue nesta casa dinheiro;
com que se me comprasse hum gallinha; porque nas ar-
madas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do
Gouernador, que os soldos de seu Rey; & não he de espantar,
que esteja pobre hum pay de tantos filhos. Peçonos, que
em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda Real
hum honesta despesa, & pessoa por vòs determinada, que
com modesta iaixa me alimente.*

Juramen-
to que to-
ma.

E logo pedindo hum Missal, fez juramento sobre os Euangelhos, que até a hora presente, não era deuedor à fazenda Real de hum sô cruzado, nem hauia recebido cousa alguma de Christão, Iudeo, Mouro, ou Gentio; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfayas, que as que de Portugal trouxera; & que ainda a prata, que no Reyno fizera, hauia já gastado, nem tiuera

tiuera já mais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama viaõ; sô a seu filho Dom Alvaro fizera huma espada guarnecida de algũas pedras de pouca estima, para passar ao Reyno. Que disto lhes pedia mãdã sê fazer hũ termo, para que se algũa hora se achasse outra cousa, elRey, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreueo nos liuros da Cidade, a qual se podéra ler, como instrucção, aos que lhe succedéraõ; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viua, que o exemplo.

Logo que o Viso-Rey entendeu, que era chamado a mais dura batalha, fugindo á importuna diuersão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xauier buscando para taõ duuidosa viagem, taõ seguro piloto; o qual lhe foi todo o tempo, que durou a doença, enfermeiro, intercessor, & mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de nouo, não fez outro testamento, que o que deixou no Reyno, quando passou a gouernar a India, em mãos do Bispo de Angra Dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta & oito, aos quarenta & oito de sua idade, & quasi tres de gouerno d'aquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, foraõ suas heroicas obras, que neste papel viráõ a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se acháraõ tres tã-

103

*Recolhefe
com o P.
Xauier.*

*Sua mor-
te.*

*Enterro,
& senti-
m. n. o.*

gas larins, humas diciplinas, com sinaes de vsar muito d'ellas, & a guedelha da barba, que hauia empenhado. Mandou em Saõ Francisco de Goa depositar seu corpo, para que d'alli se tresladafsem os ossos á sua Capella de Sintra. Tratouse logo do funeral, naõ menos lastimoso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas, illustres, & plebèus.

104

*Vem seus
ossos ao
Reyno.*

*Deposi-
ta-se em
S. Domi-
gos de
Lisboa.*

*Tresla-
da-se a
Bemfica.*

Depois de alguns annos vieraõ seus ossos ao Reyno, que foraõ recebidos com reuerente, & piedoso applauto vltimo beneficio, que com suas cinzas hà recebido a patria, & trazidos aos hombros de quatro netos seus ao Conuento de Saõ Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizeraõ sumptuosas exequias. D'aqui foraõ segunda vez trasladados ao Conuento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em Capella alhea) estiueraõ alguns annos com tumulo decente, atè que o Bispo Inquisidor Gèral D. Francisco de Castro seu neto, lhes fez capella, & sepultura propria; na truçã, na maneira, & na esculptura, despois das Reaes, a nenhuma segunda; cuja relaçaõ naõ desagradarà, em beneficio da memoria do auo, & piedade do neto.

105

*onde e-
staõ hoje.*

Distã o Conuento de S. Domingos de Bemfica, dous mil da Cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio d'elle em propriedade dos Senhores Reys de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhaõ huma casa de campo; que frequentauaõ, já para diuersaõ dos

ne-

negocios, ja para o exercicio da caça. ElRey Dom Ioaõ o primeiro vendose deuedor a Deos de tantas victorias, entre outras acçoens de graças, fez d'estes paços doação à Ordem de S. Domingos, com terras, hortas, & pomares vezinhos, em vinte & dous de Mayo de mil trezentos. & noue, para se fundar este Conuento, que não sò teue alicesses Reaes, senão os augmentos. Obri-gouse o fundador (por prouisaõ, que nos archi-uos do Conuento se guarda) a amparar, & de-fender as cousas, & Religiosos d'elle; solcito na causa de Deos; valeroso na sua. ElRey Dom Ioaõ o segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ihas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigação, que podesse fazer me-nos grata, ou liberal a esmola. ElRey Dom Ma-noel, ainda que repartido em cuidados, & fabri-cas maiores, deixou nos sacrificios d'este Templo, religiosa memoria', ordenando, que se dissessem cada sômana aos Anjos duas Missas cantadas a fa- uor dos nauegantes; que este era o Astrolabio de seus descobrimentos, & as forças das victorias Orientaes d'aquella idade. A Rainha Dona Ca-therina, tratou esta casa como Capella sua, offe-recendolhe de seu Oratorio, Reliquias de reue-rencia, & preço; entre outras, em huma gran-de Cruz de prata, hum pedaço do Santo Lenho, que sendo offerecido por mãos Reaes, calificaõ a certeza de taõ superior donatiuo; accumulando os senhores Reys nesta casa, a beneficios tem-poraes

poraes, os sagrados. ElRey Dom Philippe o segundo lhe acrecentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais obseruantes da Religiaõ este Conuento, que com nome de Recoleta, naõ permite declinaçaõ, ou indulgencia do primeiro institutõ. Nelle, como escola de virtudes, se costumauaõ retirar os filhos mais benemeritos da Ordem; hũs a fugir, outros a descansar das Prelasias, para vagar a Deos em ocio santo, & reformar o espirito.

106

Nesta casa, por fundaçãõ, & disciplina illustre, descansãõ as cinzas victoriosas de D. Ioaõ de Castro, em huma Capella, & sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituiçaõ de Corpus Christi, tem a porta principal no claustro do Conuento, & sobre ella pendente hum escudo releuado das Armas do fundador; abraça o largo d'ella, quarenta palmos; tem mais de settenta o comprimento; proporçaõ a que os Architectos chamaõ Dupla; & á obra, Dorica. He de huma sõ naue de pedraria brunida; o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, & proporcionado pedestal, sobre que se funda a armonía da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases, capiteis, & simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito a architectura. Tem hum retabolo, & sacario (em que sempre està o Sanctissimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata)

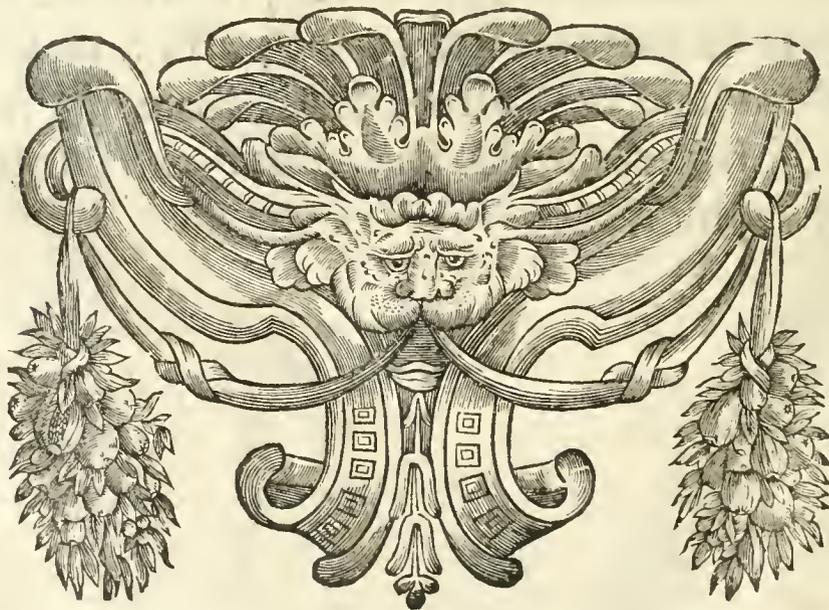
de

de obra de talha com floroens, tudo dourado; & no alto hum painel da Cea do Senhor. Detras do altar, & retabolo hà Coro dos Nouiços, para cuja criação, & melhor seruiço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, & mais officinas, que formão o corpo de hum Conuento. O recto da Capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artozoës, & molduras. Dos seis arcos, que a compoem, ficaõ os dous primeiros, nos Presbyterios; no da parte do Euangelho, està huma porta, que dà seruentia para a tribuna, & aposentos do fundador; & no da parte da Epistola, outra para o seruiço da Sanchristia. Os outros quatro occupaõ quatro sumptuosas sepulturas, cujas vrnas formão pedras de cores lustradas, que descansão ás costas de elefantes de pedras negras.

No primeiro arco, que fica junto ao do Presbyterio da parte do Euangelho, està a sepultura de Dom Ioão de Castro, onde, antes de se fechar, foraõ recolhidos seus ossos, com o seguinte epitaphio. 107

*D. Ioannes de Castro XX. pro Religione
in utraque Mauritania stipendiis factis,
nauata strenue opera Thunetano bello; Ma-
ri Rubro felicibus armis penetrato; debellatis
inter Euphratem, & Indum nationibus:
Gedrosico Rege, Persis, Turcis uno pratio
fufis, feruato Dio, imo Reipub. reddito,
dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo
triumphator; publicis lachrymis compositus,
publico sumptu pra paupertate funeratus. O
bijt octauoid. Iunij. Anno M.D. XLVIII.
etatis XLVIII.*

Estaõ em o seguinte arco junto a este, os ossos
de Dona Leonor Coutinho sua mulher.



Da parte da Epistola, em o arco que responde ao da sepultura de Dom Ioaõ de Castro, está a de Dom Alvaro seu filho, em que do mesmo modo foraõ pôstos seus ossos, tem o epitaphio, que se segue.

D. Alvarus de Castro, magni Ioannis Primogenitus, cui pene ab infantia discriminum Socius, pugnarum Praecursor, triumphorum Consors, Æmulus fortitudinis, Heres virtutum, non opum: Regnum prostrator, & restitutor: in Sinai vertice Eques feliciter inauguratus: a Rege Sebastiano summis Regni auctus honoribus; bis Romæ, semel Gallia, Castellæ, Sabaudia legatione perfunctus. obiit IV kalend. Septemb. anno M.D.LXXV. ætatis suæ L.

E logo no outro arco junto a este, está Dona Anna de Attayde sua mulher. No vaõ d'esta Capella se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes há altar para se dizer Missa; & os mais tem repartimentos para os ossos, & corpos dos defuntos.

Dotou o o Bispo Inquisidor Géral, fundador d'esta Capella, ao Conuento de Bemfica, para sustento dos Religiosos, que haõ de assistir às obrigaçoens d'ella, duzentos & quarênta mil reis de juro em cada anno, situados nas rendas

da Camera d'esta Cidade de Lisboa, pela ordem seguinte. Cento & vinte mil reis, por tres Missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) pelos anniuersarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica, & prouimento da Capella. Trinta, para se poder acudir às necessidades dos Religiosos, que naquelle Nouciado residem, para a custodia, & limpeza da Capella. Alem do que a ornou de muitas peças ricas, & deuotas; & a Sanchristia d'ella de todo o necessario ao culto diuino; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios; roupa, castiçaes, tocheiras, lampadas, ciriaes, & mais cousas semelhantes; tudo com abundancia, & perfeição.

110

*Ascen-
dencia de
Dom Icaõ
de Castro.*

Dom Ioaõ de Castro taõ claro pelo sangue, como pelas virtudes, naceo em Lisboa a vinte & sette de Feuereiro de mil & quinhentos; foi filho segundo de Dom Alvaro de Castro Governador da Casa do Ciuel, & de Dona Leonor de Noronha, filha de Dom Ioaõ de Almeyda segundo Conde de Abrantes, neto de Dom Garcia de Castro, primeiro Conde de Monsanto, filhos de Dom Fernando de Castro, netos de Dom Pedro de Castro, & Bisneto de Dom Alvaro Pirez de Castro Conde de Arrayolos, & primeiro Condestable de Portugal, irmaõ da Rainha Dona Ines de Castro, que foi mulher d'elRey Dom Pedro o Cruel. Era este Condestable, filho de Dom Pedro Fernandez de Castro, a quem chama-
mãraõ

mãtaõ em Castella, o da Guerra, que vindo a este Reyno, principiou nelle a illustre Casa dos Castros, que em tanta grandeza se têm conseruado. O qual Dom Pedro, era por baronía descendente do Infante Dom Fernando, filho d'elRey Dom Garcia de Nauarra, casado com Dona Maria Aluarez de Castro, filha vnica do Conde Aluaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Caluo, de quem diriua sua origem esta familia. Sendo moço casou D. Ioaõ de Castro com Dona Leonor Coutinho sua prima segunda, maior na qualidade, que no dote; com a qual retirado na Villa de Almada, fogio com anticipada velhice às ambiçoens da Corte. Passou a seruir a Tanger, aonde deu de seu valor as primeiras, mas não vulgares prouas, bem que d'estas alcançamos mais fama, que noticia. Tornou á Corte, chamado por elRey Dom Ioaõ o terceiro, & como já seus brios não cabiaõ no Reyno, passou à India com Dom Garcia de Noronha. Acompanhou a Dom Esteuaõ da Gama na jornada do Estreito do mar roxo, & fez d'esta viagem hum roteiro, obra vtil, & grata aos nauegantes. Tornando á Portugal, se retirou à sua quinta de Sintra, descansando na lição dos liuros, sempre exemplar, no ocio, & na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do Emperador Carlos na jornada de Tunez, onde a seu nome ajūtou gloria noua. Acabada esta empresa, se recolheo a Sintra, escondendose a sua propria fama; soube fo-

gir dos cargos, não pode liurar-se. ElRey Dom loão o chamou para General das armadas da costa, seruiço, em que a seu valor respondéraõ os successos. Passou vltimamente a gouernar a India, onde, com as victorias, que hauemos referido, assegurou, & reputou o Estado. Nas horas, que lhe perdoauão os cuidados da guerra, descreueo em copioso tratado toda a costa, que jaz entre Goa, & Dio, finalando os baixos, & recifes; a altura da eleuação do Polo, em que estaõ as Cidades, restingas, angras, & enceadas, que formaõ os portos; as monçoens dos ventos, & condiçoens dos mares; a força das correntes, o impetu dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes; tudo com taõ miuda, & acertada Geographia, que o podèra esta sò obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. Com igual semblante o víraõ as incommodidades da patria, & as prosperidades do Oriete. parecendo sempre o mesmo homem, em diuersas fortunas. Fez brio de merecer tudo, & de não pedir nada. Fazia razaõ, & justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro; mas taõ justificado, que mais se podiaõ queixar da ley, que do ministro. Era com os soldados liberal, & com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tra-
taua com grande respeito as acçoens de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartaua. Sem estragar a cortesia, conferuou o
ref-

respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pay; viuia de maneira, que emendaua as culpas com o exemplo, mais que cõ o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios deixaua sem castigo; melhorando assi muitos, huns como o beneficio, outros com a clemencia. Os donatiuos, que recebia dos Principes da Asia, mandaua carregar na fazenda Real, virtude, que louuãraõ todos; imitãraõ poucos. Os soldados enfermos, achauã nelle lastima, & remedio; a todos obrigaua, & parecia deuedor de todos. Euitou (como ruína do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facção empredeo, que não conseguisse, sendo nas execuçoens promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupaçoens de soldado, conseruou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos ministros da Igreja, compassiuo, & liberal com os pobres; deuotissimo da Cruz, cujo final adoraua com inclinação profunda sem differença de lugar, ou tempo. E taõ religiosamente árdia no culto deste final sanctissimo; que quiz mais laurar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho Dom Alvaro, que se na graça, ou justiça dos Reys achasse alguma gratidaõ de seus feruiços, do premio delles edificasse na serra de de Sintra hum conuento de Recoletos Francis-

canos , aduertindo , que com a inuocação da Cruz se titulasse a Casa. Dom Alvaro de Castro que das virtudes de tão piedoso pay , foi legitimo herdeiro , ordenou a fabrica do Conuento , menos grande pella magestade do edificio , que pela sanctidade dos varoens penitentes , que o habitaõ. Sendo a primeira vez mandado pelo Senhor Rey Dom Sebastiaõ com embaixada ao Papa Pio IV. impetrou delle priuilegiar o Altar do dito Conuento para todas as Missas , & para o dia da Inuençaõ da Cruz , indulgencia plenaria a todos os que rogassem polas necessidades maiores da Igreja ; & aduertidamente pola alma de Dom Ioã de Castro : graça tão singular , & noua , que a naõ vimos concedida a Principes soberanos. Parece que andaua em Italia tão viua a fama de suas vitorias , como de suas virtudes , qualificadas com tão illustre testimonho do Vigairo de Christo. Por estas , & outras virtudes , cremos , terà alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teue tres filhos , que todos , como bênção do pay , seguiraõ os perigos da guerra. Dom Miguel o mais moço , que nos dias d'el Rey Dom Sebastiaõ passou á India , & falleceo Capitaõ de Malaca. Dom Fernando , que falleceo abrafado na mina do baluarte de Dio. Dom Alvaro , com quem parece , que partio as palmas , & as victorias , filho , & compa-
nheiro

Que filhos teue.

*Elogio de
D. Alvaro
de Castro.*

panheiro de sua fama ; o qual tornando ao Reyno, sem outras riquezas, que as feridas, que recebeo na guerra, casou com Dona Anna de Attayde filha de Dom Luis de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi d'elRey Dom Sebastiaõ particular aceito, fiandolhe os maiores negocios, & lugares do Reyno ; fez diuerfas embaixadas, a França, Castella, Roma, & Saboya. Foi do Conselho do Estado, & vnico Veador da fazenda ; & entre cargos taõ grandes, acabando valido, morreo pobre.





INDEX

D A S

PRINCIPAES COVSAS

d'esta Historia.

A

Adem.

I D A D E d'Arabia.
Seu sitio. Liuro 4. n.
73 fol 317.

Rax Solimam a occu-
pa com extorsam, liu. 4.

n. 74. Ibid.

Succedelhe Marzam. 318.

Os moradores a offercem a el Rey de
Campar, Ib.

Elle pede soccorro, & offerce huma
fortaleza a Dom Manoel de Lima,
lib 4. num. 76. fol 319.

Recebem os moradores a Dom Pa-
yo de Noronha, que os vem soccorrer,
lib. 4. n. 79. fol. 321.

E desamparados d'elle avisam ao Go-
uernador, liu. 4 n. 80. Ib.

Valor com que alguns Portugueses
se houueram nesta guerra, liu. 4. n. 84.
fol. 324. & n. 85. f. 325.

Poem os Turcos cerco à Cidade, liu.
4. n. 86. Ib.

Como se ham os Arabios desampa-

rados dos nossos, liu. 4. n. 87. fol. 326.

Entram os Turcos a Cidade por
traçam, Ib.

Dom Affonso de Noronha.

Gouernador de Ceita, liu. 1. n. 25.
fol. 18.

Recebe a Dom Ioam de Castro com
grandes festas, liu. 1. n. 30. fol. 22.

Agaçaim.

Chega o Gouernador Dom Ioam de
Castro a esta Cidade, liu. 4. n. 62.
fol. 309.

Enueste aos moradores, liu. 4. n.
63. Ib.

Elles fogem, liu. 4. n. 64. fol. 310.

Dom Aluaro de Castro os segue,
liu. 4. n. 65. Ib.

Voltam outra vez, liu. 4. n. 66.
fol. 311.

Morre o seu General, Ib.

Dom Aluaro Baçaõ.

General da armada do Emperador,
liu. 1. n. 25.

Visita a Dom Ioam de Castro no
mar, liu. 1. n. 28. fol. 19.

Discorrem sobre a jornada fol. 20.

Resoluem pelijar, Ib.

- Muda de parecer* lb.
- Dom Aluaro de Castro.
Pessa à India com seu Pay, liu. 1. n. 17. fol. 10.
- He armado Caualeiro por Dom Esteuam da Gama, liu. 1. n. 20. fol. 15.
- Torna ao Reyno com seu pay, liu. 1. n. 21. lb.
- Vai com soccorro a Alcacer Ceguer, liu. 1. n. 30. fol. 23.
- Parte para a India com o Governador seu pay liu. 1. n. 37. fol. 27.
- Vai contrao Hidalcam, liu. 1. n. 59. fol. 50.
- Sae com seis nauios liu. 1. n. 60. fol. 51.
- Presã que faz, lb.
- Destruida a Cidade de Cambre, volta para Goa, liu. 1. n. 63. fol. 56.
- Vai com soccorro a Dio, liu. 2. n. 88. fol. 140.
- Capitaes que com elle vram, lb.
- Trabalhos da viagem, liu. 2. n. 122. fol. 163.
- Arriba a Bagaim, lb.
- Sae d'ahi para Dio, liu. 2. n. 125. fol. 169.
- Torna a arribar, liu. 2. n. 156. fol. 194.
- E saindo tornou a arribar a Agaçaim, liu. 2. n. 158. fol. 195.
- Toma huma nao de Cambayã, lb.
- Chega a Dio com 40. nauios, fol. 196.
- Como he recebido do Capitam mòr, lb.
- Aposentase no baluarte em que acabou seu irmão Dom Fernando, lb.
- Anisa ao Governador seu pay do estado da fortaleza, liu. 2. n. 159. fol.
- 197.
- Estranha aos nossos o queverem sair ao inimigo, liu. 2. n. 162. fol. 198.
- E vendicos resoluos es acompanha, liu. 2. n. 163. lb.
- Valor, e disciplina com que se ha, liu. 2. n. 166. fol. 201.
- Sobe o muro, donde cahio com hũa pedrada, fol. 202.
- Engeita grande resgate, que lhe offerece Rumecam por hum Capitam Iamizaro, liu. 2. n. 179. fol. 212.
- Affinalhe o Governador (chegado a Dio) 500. Portugueses para a batalha, liu. 3. n. 14. fol. 232.
- Valor com que se ha, liu. 3. n. 17. 19. 20. 21. 24.
- Perigo em que se vé, liu. 3. n. 22. fol. 238.
- Entrada na Cidade, liu. 3. n. 22. fol. 239.
- O Governador seu pay o faz hum dos Cabos contra o Hidalcam, liu. 4. n. 38. fol. 293.
- Pelija na vanguarda, e com grãde valor, liu. 4. n. 41. fol. 295.
- E faz fogir o inimigo, lb.
- Parte a Dio com o Governador seu pay, liu. 4. n. 43. fol. 296.
- Vai a Surrate, liu. 4. n. 44. fol. 298.
- E manda Dom Iorge de Menezes tomar lingua, liu. 4. n. 45. fol. 299.
- E depois outros Capitaens, liu. 4. n. 46. fol. 300.
- Entra em Dabul, e toma a Cidade, liu. 4. n. 61. fol. 308.
- Enueste os inimigos em Agaçaim, liu. 4. n. 63. fol. 309

- E fogindo elles, os segue, liu. 4. n. 65. fol. 310.*
- Alcançase victoria liu. 4. n. 67. fol. 312.*
- Affola outra Cidade Dabul, liu. 4. n. 70. fol. 314.*
- Vai com soccorro a Adem liu. 4. n. 82. fol. 322.*
- Que armada leua, Ib.*
- Sucesso da viagem, liu. 4. n. 89. fol. 328.*
- Faz conselho, & que se assenta, Ib.*
- Vai sobre Xael, liu. 4. n. 90. fol. 329.*
- Ganha a fortaleza, & volta a Goa, liu. 4. n. 92. fol. 330.*
- Elogio de Dom Aluaro de Castro, liu. 4. n. 110. fol. 353.*
- Dom Antonio de Attayde.*
- Sae de Baçaim, liu. 2. n. 139. fol. 180.*
- Chega a Dio, liu. 2. n. 143. fol. 185.*
- Frey Antonio do Casal.*
- Na batalha de Dio andou animando os nossos com hum Crucifixo na mão, liu. 3. n. 22. fol. 239.*
- Antonio Correa.*
- Sae da fortaleza de Dio a fazer alguma presa, liu. 2. n. 150. fol. 189.*
- Enueste com doze Mouros que o prendem Ib. fol. 190.*
- He apresentado a Rumecam, liu. 2. n. 151. fol. 191.*
- Quer persuadilo a que deixe a Fé, Ib.*
- Afrontas que lhe fazem, liu. 2. n. 152. fol. 192.*
- He degollado pola Fé, Ib.*
- Os Mouros fazem com sua cabeça, mofas, & algazaras aos nossos Ib.*
- Aruoram os nossos a cabeça de hum Mouro à vista da de Antonio Correa, liu. 2. n. 153. fol. 195.*
- Antonio Moniz Barretto.*
- Aceita ir a Dio com hum carauellam de bastimentos, liu. 2. n. 92. fol. 143.*
- Chega a Baçaim, liu. 2. n. 123. fol. 166.*
- Valor com que salua o carauellam, Ib.*
- Parte para Dio, Ib. fol. 167.*
- Perigos da viagem, liu. 2. n. 124. fol. Ib.*
- Chega a fortaleza. fol. 168.*
- Desconfiança briosa que houue entre elle, & Garcia Rodriguez de Tauora, Ib.*
- Valor com que se bñ em varias occasioens, liu. 2. n. 130. 134. 167. 169.*
- E em outra estimulado de hum soldado, que trouxe consigo ao Reyno, & o fez despachar, liu. 2. n. 148. fol. 188.*
- Vai esperar as naos de Cambaya, & toma algumas d'ellas liu. 3. n. 35. fol. 254.*
- Parte a Cãdea a ajudar a conuersam d'aquelle Rey, liu. 4. n. 4. fol. 265.*
- Viagem que faz, liu. 4. n. 10. fol. 270.*
- Chega a Cãdea, & acha tudo trocado, Ib.*
- Trata de voltar-se, liu. 4. n. 11. fol. 271.*
- He acometido dos inimigos, liu. 4. n. 12. Ib.*
- Trabalhos que passa, l. 4. n. 13. fol. 272*

Prudencia com que moderaos seus soldados, liu. 4. n. 14. fol. 273.

Esforço com que peleja, liu. 4. n. 15. fol. 214.

Retirase, Ib.

Por huma carta que tem d'elRey de Candea quer tornar, liu. 4. n. 17. fol. 275.

Os soldados o encontram, Ib.

Recolhe-se à armada, Ib. fol. 276.

Torna a Dio com o Governador, liu. 4. n. 43. fol. 297.

Vai a Adem com Dom Aluaro pro- uido na fortaleza que se hauia de fazer, liu. 4. n. 82. fol. 323.

Valor com que se ha em Xael, liu. 4. n. 91. fol. 330.

Dom Antonio de Noronha.

Filho do Viso-Rey Dom Garcia, embarcase para Dio com sessenta solda- dos à sua custa, liu. 3. n. 4. fol. 221.

Faz presas nas naos de Meca, liu. 4. n. 71. fol. 315.

Vai a Adem em companhia de D. Aluaro, liu. 4. n. 82. fol. 322.

Valor com que se ha em Xael. liu. 4. n. 91. fol. 330.

Antonio Paçanha.

Capitam do baluarte Sam Iorge em Dio, liu. 2. n. 32. fol. 99.

Valor com que peleja, liu. 2. n. 73. 105. 145.

Hum dos cinco soldados que resi- stem valerosamente ao inimigo liu. 2. n. 119. fol. 162.

Antote.

Cidade assolada por Dom Manoel de Lima, liu. 3. n. 7. fol. 226.

Athanasio Freyre.

Indo para Dio foi encalhar junto a

Surrate, e leuado a Soltam Maha- mud, liu. 2. n. 156. fol. 194.

Azedegaõ.

Capitam do Hidalcam, liu. 1. n. 53. fol. 43.

Desbaratado pelo Governador D. Ioaõ de Castro, liu. 1. num. 55. fol. 44.

B

Baçorà.

NA Arabia felix, sua descri- pçam, liu. 3. n. 36. fol. 254.

Os Turcos se fortificam nella, Ib. fol. 255.

Baluarte.

O baluarte Santiago faz grandes ruinas, liu. 2. n. 54. fol. 154.

Defronte do baluarte Sam Thomé leuanta Coge çofar huma maquina, que fez grande dano, l. 2. n. 56. fol. 115.

Affalia Iuzarcam o baluarte Sam Ioam, liu. 2. n. 67. fol. 123.

E Rumecam o baluarte Sam Tho- mé, liu. 2. n. 68. fol. 124.

Entram os Turcos este baluarte liu. 2. n. 75. fol. 130

E corre fama que he perdido, liu. 2. n. 76. fol. 131

Leuanta o inimigo hum bastiam de fronte do baluarte Sanctiago, liu. 2. n. 93. fol. 144.

Os nossos o desfazem, liu. 2. n. 94. Ib.

Chegam os Turcos a caualgar o ba- luarte Sam Thomé, liu. 2. n. 102. fol. 150.

Comete o inimigo o baluarte San- tiago, liu. 2. n. 128. fol. 172.

E o baluarte Sam Ioam, & retirada-se liu. 2. n. 135. fol. 177.

Aruora o inimigo tres bandeiras no baluarte Sanctiago, liu. 2. n. 137. fol. 179.

E abi se peleija com valor, liu. 2. n. 141. fol. 183.

Acomette-se o baluarte Sam Thomé, liu. 2. n. 147. fol. 187.

Successos no baluarte Sanctiago, liu. 2. n. 138. fol. 188.

Barba.

Manda o Governador empanhar os cabellos da barba à Cidade de Goa por vinte mil pardaos para reedificar a fortaleza de Dio liu. 3. n. 29. fol. 245.

Os Cidadãos de Goa lhos tornam, liu. 3. n. 30. fol. 247.

Onde, & como se conseruam hoje, Ib.

Barba Roxa.

Cossario famoso, liu. 1. n. 9. fol. 4.

Persuade ao Turco faça guerra a Christandade, liu. 1. n. 23. fol. 15.

Vem com huma armada em demanda do Estreito, liu. 1. n. 28. fol. 20.

Vendo a resoluçam de Dom Ioam de Castro, se faz em outra volta, liu. 1. n. 20. fol. 22.

Baroche.

Sitio, & fortificaçam d'esta Cidade, liu. 4. n. 5. fol. 265.

Trato de seus moradores, fol. 266.

Madre Maluco senhor d'ella, Ib.

Dom Iorge de Menezes a entra, & lhe poem fogo, Ib.

Acode tarde o Maluco, liu. 4. n. 7. fol. 268.

Despeja-se a fortaleza auistandoa Dom Aluaro, liu. 4. n. 55. fol. 306.

Bento Barbosa.

Hum dos cinco soldados que em Dio valerosamente resistem ao inimigo, liu. 2. n. 119. fol. 162.

Bernardim de Soufa.

Capitam das Malucas, liu. 4. n. 20. fol. 277.

Leua consigo a Cachil Aeyro, Ib. Chega com elle a Ternate, Ib.

Bertholameu Correa.

Hum dos cinco soldados que com grande valor sustentam em Dio o impito do inimigo, liu. 2. n. 119. fol. 162.

C

Cachil Aeyro.

DAlhe o Governador Dom Ioão de Castro a inuastidura da Coroa de Maluco, liu. 2. n. 12. fol. 83.

Vai preso a Goa por mandado de Iordam de Freitas, liu. 4. n. 20. fol. 278.

O Governador o absolue, Ib.

He leuado a Ternate por Bernardim de Soufa, Ib.

E restituído aos seus, Ib. fol. 279.

Calabateçam.

Turco valeroso de Dalmacia, liu. 4. n. 57. fol. 306.

Capitam do Hidalcam, Ib.

Retirase de Agaçaim com a entrada do Governador, liu. 4. n. 64. fol. 310.

Torna a pôr os seus em ordem, liu. 4. n. 66. fol. 311.

He morto por Dom Diogo de Almeyda, lb.

Cambre.

Determina Dom Alvaro de Castro entrar em Cambre, liu. 1. n. 61. fol. 51.

Resolue enuestila, lb. fol. 52.

Salta em terra, lb.

Grande sa, & forças, liu. 1. n. 62. lb.

Resistencia do inimigo, liu. 1. n. 63. fol. 54.

Ganhase finalmente a Cidade, liu. 1. n. 64. fol. 56.

Destruigam, & saço lb. fol. 56.

Campar.

Aceita el Rey de Campar a sojeição que lhe offerecem os moradores de Adem, liu. 4. n. 75. fol. 318.

Manda contra o tyrão Marzam, lb.

Entra na Cidade a partido, liu. 4. n. 76 fol. 319.

Sae depois ao tyrão, & morre na batalha, liu. 4. n. 77. fol. 320.

Candea.

Reyno na Ilha de Ceilam, liu. 4. n. 2. fol. 264.

Cuto Rey recebe a prégagam do Euangelho, lb.

Mostra depois inconstancia, mas os Religiosos o animam, liu. 4. n. 3. lb.

El Rey da Corta o dissuade da Fé, liu. 4. n. 8 fol. 268.

E consente nisso o de Candea, liu. 4. n. 9. fol. 270.

Arrependese do que tem feito, liu. 4. n. 16. fol. 274.

Carlos V. Emperador.

Determina buscar a Barba-Roxa, liu. 1. n. 9. fol. 5.

Lango de cortesia entre o Emperador, & o Infante Dom Luis, liu. 1. n. 12. fol. 8.

Quer armar Cavaleiro a Dom Ioaõ de Castro, de que elle se escusa, liu. 1. n. 13. fol. 9.

Faz mercê aos Capitaens da armada, que Dom Ioam nam aceita, lb.

Auisa a el Rey Dom Ioam Terceiro dos desenhos do Turco, liu. 1. n. 24. fol. 17.

E pede ajuda para lhe resistir, liu. 1. n. 25. fol. 18.

Carta.

D'el Rey Dom Ioam para o Governador Dom Ioam de Castro, liu. 1. n. 59. fol. 59.

De Catherina de Sousa para o Governador, liu. 2. n. 19. fol. 141.

Do Infante Dom Luis, liu. 3. n. 5. fol. 222.

Do Governador para os Cidadãos de Goa pedindolhes vinte mil pardaos sobre os cabellos de sua barba, liu. 2. n. 29 fol. 245.

Reposta liu. 3. n. 30. fol. 248.

Carta do Governador para seu filho Dom Alvaro, acerca de Dom Ioaõ Mascarenhas, liu. 3. n. 37. fol. 256.

Carta d'el Rey Dom Ioam para o Governador, liu. 4. n. 95. fol. 332.

Da Rainha Dona Catherina, liu. 4. n. 96. fol. 334.

Do Infante Dom Luis, liu. 4. n. 97. fol. 337.

Catherina de Soufa.

Escreue ao Governador, & lhe of. ferece suas joyas para a guerra, liu. 2. n. 91. fol. 141.

Caxem.

Manda o Rey de Caxem pedir socorro ao Governador, liu. . 4. n. 83. fol. 323.

O Governador manda a Dom Ioam de Attayde com quatro nauios, Ib. f. 324

Ceilam.

Manda el Rey Dom Ioam Religiosos Franciscos prégar a Fé em Ceilam; liu. 4. n. 1. fol. 293.

Coge Çofar.

Persuadê a Mahamud Rey de Cãbaya que tome Dio aos Portugueses, l. 2. n. 3. fol. 70.

Quem era este Mouro, liu. 2. n. 4. fol. 71.

Como veio a Cambaya, liu. 2. n. 6. fol. 74.

Razoens com que persuade a empresa de Dio, liu. 2. n. 7. fol. 75.

Proposta que faz ao Capitam da fortaleza, liu. 2. n. 21. fol. 89.

Intenta ganhala por traigam, liu. 2. n. 24. fol. 92.

Chega a Dio com gente, liu. 2. n. 25. fol. 93.

Munigoens, & bastimentos que tras, liu. 2. n. 27. fol. 94.

Pratica que faz aos seus, liu. 2. n. 28. fol. 95.

Torna a instar ao Capitam da fortaleza, liu. 2. n. 29. fol. 96.

Enramilhe soccorros, l. 2. n. 34. f. 101.

Começa abater a fortaleza, liu. 2. n. 35. Ib.

Estratagema que arma em huma

nao, liu. 2. n. 36. Ib.

Que os nossos desbarataram liu. 2. n. 37. fol. 102.

Continua a bataria; liu. 2. n. 38. 39. 48. & 51.

Faz juramento de ganhar Dio, ou acabar na empresa, liu. 2. n. 53. fol. 114

Morre de huma balla, liu. 2. n. 60. fol 118.

Compaixam.

Compaixam do Governador Dom Ioam de Castro, liu. 1. n. 37. fol. 28. & n. 38. fol. 29. & liu. 4. n. 54. fol. 305. & n. 100. fol. 341.

Cotta.

Reyno na Ilha de Ceilam, liu. 4. n. 1. fol. 263.

Cujo Rey recebe os Religiosos Franciscos, Ib.

Dissuade da Fé ao Rey de Candea; liu. 4. n. 8. fol. 268.

Cruz.

Veneragam que o Governador D. Ioam fazia à Santa Cruz, liu. 1. n. 56. fol. 45.

Inuengam da Cruz de Sam Thomê, liu. 1. n. 57. fol. 46.

Milagre notauel da mesma Cruz; Ib. fol. 60.

Affecto com que o Governador recebe esta noua, liu. 1. n. 58. fol. 50.

D

Dabul.

Cidade famosa do Hidalcam; liu. 4. n. 60. fol. 308.

Entrada, & destruida pelo Governador, & seu filho Dom Alvaro, liu. 4. n. 61. Ib.

Hh ij

Da

Dabul de sima.

Outra Cidade assi chamada, aso-
lada, & destruida pelo Governador,
& seu filho, liu. 4. num. 70. fol.
314.

Desafio.

Entre Dom Ioaõ Manoel, & Ioaõ
Falcão, & como se houuerão estes
fidalgos valerosamente contra o ini-
migo, liu. 3. n. 16. fol. 233.

Dio.

Descripção da Ilha, liu. 2. n. 26.
fol. 93.

Começa Coge Gofar a bater a for-
teza, liu. 2. n. 35. fol. 101.

Senhoream os inimigos a caua, liu.
2. n. 48. fol. 110.

Achase hum postigo antigo na for-
teza, por onde o Capitam repara al-
guns danos, liu. 2. n. 59. fol. 118.

Depois o manda fechar, liu. 2. n.
61. fol. 120.

Faltas que se sentiam na forteza,
liu. 2. n. 62. Ib.

Valor, & resistencia dos nossos, l.
2. n. 69. fol. 125.

Outro assalto, liu. 2. n. 73. fol. 128.

Sobem Turcos à Igreja, a que a-
code Dom Ioam Mascarenhas, liu. 2.
n. 81. fol. 134.

Onde se peleija com grande valor,
Ib.

Retiramse os inimigos, liu. 2. n. 82.
fol. 135.

Morrem muitos d'elles, liu. 2. n.
84. fol. 137.

Valor de 14. soldados nossos,
liu. 2. num. 95. fol. 145.

Assalto geral, liu. 2. n. 96. fol.

146.

Reparo dos nossos contra o fogo, liu.
2. n. 97. fol. 147.

Recolhe-se o inimigo, liu. 2. n. 99.
fol. 148.

Com que perda, Ib.

Nouo assalto, liu. 2. n. 102. fol.
150.

Resistencia dos nossos, liu. 2. n. 103.
fol. 151.

Perda grande dos inimigos, liu. 2.
n. 105. fol. 152.

Neceßidade da forteza, liu. 2. n.
106. fol. 153.

Remedio para a falta de panellas de
poluora, liu. 2. n. 108. fol. 154.

Finge o inimigo dar nouo assalto, l.
2. n. 114. fol. 158.

Valor notauel de cinco soldados, liu.
2. n. 116. fol. 160.

Seus nomes, n. 119. fol. 162.

Acodem os nossos ao reparo das mi-
nas, liu. 2. n. 126. fol. 170.

Dà o inimigo outro assalto, liu. 2.
n. 134. fol. 175.

Resistem os nossos valerosamente, Ib.

Perigo em que se vem, liu. 2. n.
137. fol. 179. & n. 142. fol. 184.

Defendem as roturas de huma mi-
na, liu. 2. n. 145. fol. 186.

Extremos em que està a forteza,
liu. 2. n. 155. fol. 194.

Determinam os nossos sair em busca
do inimigo, liu. 2. n. 161. fol. 198.

Profeguem seu intento contra o pare-
cer do Capitam, & de outros, liu. 2.
n. 163. fol. 199.

Saem finalmente, & em que ordem,
liu. 2. n. 164. fol. 200.

Resi-

Fernam Perez.

He o primeiro que sobe em Xael por huma escada contra os Fartaques, liu. 4. n. 90. fol. 330

Fernam de Soufa.

He mandado pelo Governador a Maluco, liu. 2. n. 14. fol. 84.

Responde a humas cartas de Ruy Lope de Villalobos Capitam dos Castelhanos, liu. 2. n. 15. fol. 85. & n. 17. fol. 1b.

Auistase com elle, liu. 2. n. 18. Ib.

Acordo que tomam, liu. 19. fol. 87

Como se ha na falta da palaura do Castelhanao, liu. 2. n. 20. fol. 88.

Dom Francisco d'Eça.

Sae de Malaca contra o Achem por mandado de Simam de Mello, liu. 4. n. 25. fol. 281.

Tem nouas d'elle, & o quer seguir, liu. 4. n. 26. fol. 282.

Os soldados se amotinam, Ib.

Auista ao inimigo, liu. 4. n. 27. fol. 283.

Francisco Guilherme.

Sae de Bagaim, liu. 2. n. 139. fol. 180.

Chega a Dio, liu. 2. n. 143. fol. 185.

Francisco de Mello.

Capitam da fortaleza de Rachol, liu. 4. n. 38. fol. 294.

Auista ao Governador para que se juntem contra o Hidalcam, Ib.

Dom Francisco de Menezes.

Vai com soccorro a Dio, liu. 2. n. 87. fol. 139.

Arriba a Bagaim, liu. 2. n. 122. fol. 165.

E depois a Agaçaim, liu. 2. n. 158.

fol. 195.

Valor com que se ha em Dio, liu. 2. n. 160. fol. 198.

Estranha aos nossos o quererem sair ao inimigo, liu. 2. n. 162. fol. 1b.

Acompanhaos nesta saida, liu. 2. n. 164. fol. 200.

Morre de hum pelouro, liu. 2. n. 168. fol. 202.

Françisco Vieira.

E Manoel Pereira outro soldado de fortuna ficaram na Cidade de Adem, retirandose Dom Payo, & peleijaram valerosamente, liu. 4. n. 86. fol. 326.

Saluaram nesta briga hum Infante, que leuaram a Campar, liu. 4. n. 87. Ib.

Sam Francisco Xauier.

Fiel obreiro da vinha do Senhor, liu. 1. n. 71. fol. 65.

Soffega o pouo de Malaca na espera de huma armada contra o Achem, liu. 4. n. 30. fol. 286.

Pronostica a victoria, annunciando os modos, & circunstancias d'ella, Ib.

Acompanha ao Viso-Rey D. Ioam em sua doenga, & assiste à sua morte, liu. 4. n. 103. fol. 343.

G

Gandar.

Cidade na costa de Cambaya destruida por Dom Manoel de Lima, liu. 3. n. 33. fol. 253.

Dom Garcia de Noronha.

Quando passou a governar a India leuou consigo a D. Ioam de Castro, liu. 1. n. 16. fol. 10.

Falleceo em breue, & succedelhe
Dom Esteuam da Gama, liu. 1. n. 18.
fol 11.

Garcia Rodriguez de Tauora.

Vai a Dio em companhia de Anto-
nio Moniz Barreto, liu. 2. n. 123 fol.
167.

Desconfiança briosa que entre elles
houue, liu. 2. n. 124. fol 168.

Valor com que se ha na peleija, liu.
2. n. 130. 134. 167. & 169.

Gil Coutinho.

Capitam do baluarie Sam Ioam liu.
2. n. 32. fol. 99.

Cuidado, & valor com que peleija,
liu. 2. n. 53 fol. 114. & n. 68 fol. 124.

Morre na mina, liu. 2. n. 115. fol.
159.

Gogo.

Cidade na costa de Cambaya, a que
vai Dom Manoel de Lima, liu. 3. n.
32. fol. 251.

Saqueada, & abrasada Ib. fol. 252.

H

Hidalcam.

PRimeira embaixada sua ao Go-
uernador Dom Ioam liu. 1. n. 43.
fol. 22.

Quem era este Mouro, liu. 1. n. 44.
fol. Ib.

Como se introduzio na Coroa, liu.
1. n. 46 fol. 35.

Cuidado que lhe daua a vinda de
Meate para Goa, liu. 1. n. 48. fol. 37.

Faz grandes paridos ao Gouverna-
dor Martim Affonso de Sousa pola pes-
soa de Meate, liu. 1. n. 49. fol. 39.

Primeiros mouimentos contra o E-

stado da India, liu. 1. n. 53. fol. 427

Comette paz, vendo a fortuna de
nosas armas, liu. 1. n. 66. fol. 57.

O Governador a aceita, liu. 1. n.
67. fol. 58.

Manda sobre as terras firmes, liu.
4. n. 18. fol. 276. & n. 31. fol. 288.

Cuidados em que estava liu. 4. n. 31.
fol 287.

Retirase a Pondà, l. 4 n. 39 fol 294.

O Governador o vai seguindo, liu.
4. n. 40. fol. 265.

E o faz retirar ao Sertam, liu. 4.
n. 41. Ib.

Torna de nouo com guerra, liu. 4.
n. 57. 306.

Danos que recebe, liu. 4. n. 61. 62.
63. 65. 66. 67. 69. & 70.

I

Iacome Leite.

DEsfaz hum estratagema de Co-
ge çofar, liu. 2. n. 37. fol. 103.

Tomou muitos mantimentos aos ini-
migos, matando a muitos d'elles, liu. 2.
n. 45. fol. 108.

ElRey Dom Ioam.

Chama de Tanger a D. Ioaõ de Ca-
stro, & lhe faz mercê, liu. 1. n. 6. fol. 3.

Fazlhe mercê quando foi à India,
liu. 1. n. 16. fol. 10

Faz General da armada da costa a
Dom Ioam, liu. 1. n. 21. fol 13.

E depois, da armada contra o Tur-
co, liu. 1. n. 26. fol. 19.

Confiança que d'elle mostra ter, liu.
1. n. 27. Ib.

Elégeo para Governador da India,
liu. 1. n. 33. fol. 25.

- Resistencia dos inimigos*, liu. 2. n. 165 fol. 201.
- Perda dos nossos nesta desordem*, liu. 2. n. 170. fol. 204.
- Tomam depois disso os nossos 14. geluas que basteciam o inimigo*, liu. 2. n. 179. fol. 212.
- Brio lastimoso de tres soldados nossos*, liu. 3. n. 15. fol. 233.
- Alcangase victoria*, liu. 3. n. 25. fol. 241.
- Estimacão do numero dos inimigos*, liu. 3. n. 27. fol. 242.
- Despojos, & sacco da Cidade*, liu. 3. n. 28. fol. 343.
- Tiro de Dio na fortaleza de Sam Giam*, lb.
- Numero dos mortos*, lb. fol. 244.
- Reedifica o Governador a fortaleza*, liu. 3. n. 29. fol. 244. & n. 31. fol. 250.
- Deixa Dom Ioam Mascarenhas a praça, & o Governador a entrega a Luis Falcam*, liu. 4. n. 53. fol. 304.
- Dom Diogo de Almeйда Freyre.*
- Capitam mór de Goa* liu. 2. n. 181. fol. 214.
- Encontra a resoluçã de ir o Governador a Dio*, lb.
- Fica com o governo em sua ausencia*, liu. 3. n. 1. fol. 215.
- E quando torna o visita no mar*, liu. 3. n. 39. fol. 256.
- Vai contra o Hidalcam por mandado do Governador* liu. 4. n. 19. fol. 288.
- Chega à fortaleza de Rachol*, liu. 4. n. 32. fol. lb.
- Onde recolhe a gente*, fol. 289.
- Sae contra o Hidalcam*, liu. 4. n. 38. fol. 294.
- Em outra occasiam quer fazer o mesmo* liu. 4. n. 58. fol. 306.
- A Cidade lho encontra*, fol. 307.
- Auisa ao Governador*, liu. 4. n. 59. fol. lb.
- Esperao em Agagaim*, liu. 4. n. 62. fol. 309.
- Mata ao General dos inimigos*, liu. 4. n. 66. fol. 311.
- Fica com cauallaria nas terras de Salsete*, liu. 4. n. 69. fol. 313.
- Entregalhe o Viso-Rey o governo do Estado, & ao Bispo*, liu. 4. n. 101. fol. 342.
- Diogo de Anaya.*
- Acçã notauel tomando huma lingua ao inimigo*, liu. 2. numero 52. fol. 113.
- Diogo de Reynoso.*
- Encommendalhe o Governador a seu filho Dom Fernando*, liu. 2. num. 30. fol. 97.
- Assiste no baluarte Sam Thomé*, liu. 2. n. 110. fol. 155.
- Com valor desordenado foi occasiam de perecer muita gente na mina do baluarte* liu. 2. n. 115. fol. 159.
- Diogo Soarez de Mello.*
- Estando em Patane o manda vir a Malaca Simam de Mello*, liu. 4. n. 23. fol. 280.
- Para onde se parte*, liu. 4. n. 24. fol. 28.
- Sae ao Achem com Dom Francisco d'Ega*, liu. 4. n. 25. Ibid.

Apazigua hum motim de foldados ,
liu. 4. n. 26. fol. 282.

Rende a galè Capitaina do inimigo ;
liu. 4 n. 27. fol. 283.

Sam Domingos de Bemfica,
Conuento junto de Lisboa , liu. 4.
n. 105. fol. 344.

Capella sumptuosa, que nelle fabricou o Bispo Inquisidor gèral ,
liu. 4. n. 106. fol. 346.

O que lhe dotou , liu. 4. n. 109. fol.
349.

Nella esta a sepultura do Viso-Rey
Dom Ioam de Castro , liu. 4. n. 107.
fol. 347.

E a de Dom Aluaro de Castro ,
liu. 4. n. 108. fol. 349.

Dom Duarte de Menezes.
Gouernador de Tanger , liu. 1. n.
3. fol. 2.

Arma Caualleiro a Dom Ioam de
Castro , liu. 1. n. 5. fol. 3.

Informa a el Rey do merecimento de
Dom Ioam , lb.

Dom Duarte de Menezes.
Sae de Bagaim , liu. 2. n. 139. fol.
180.

Chega a Dio , liu. 2. n. 140. fol.
182.

Valor com que se porta na peleiã , l.
2. n. 169. fol. 203.

E

Dom Esteuam da Gama.

S*uccede no gouerno da India a D.*
Garcia de Noronha , liu. 1. n. 18.
fol. 11.

Vai ao Mar Roxo , liu. 1. n. 19.
fol. 1b.

Arma Caualleiro a Dom Aluaro
de Castro , liu. 1. n. 20. fol. 13.

F

Fausto Serram de Caluos.

R*eposta galante que dà ao Go-*
uernador , liu. 4. n. 48. fol.
301.

Fernam Carualho.

Manda tomar lingua , para saber
o desenho do inimigo , por ordem do Ca-
pitam de Dio , liu. 2. n. 50. fol. 111.

Auisa ao mesmo Capitam do que
cõira ao inimigo , liu. 2. n. 72. fol. 128.

Dom Fernando de Castro.

Passa à India com o Gouernador
seu pay , liu. 1. n. 35. fol. 26.

Vai com soccorro a Dio , liu. 2. n. 30.
fol. 97.

Chega à fortaleza , liu. 2. n. 40.
fol. 105.

Como o recebe o Capitam , liu. 2. n.
41. fol. 106.

Pedelhe licença para sair ao inimigo ,
que se lhe nega , liu. 2. n. 46. fol.
109.

Esforço com que se ha , liu. 2. n. 98.
fol. 148.

Estando doente acode ao baluarte Sam
Thomé , liu. 2. n. 113. fol. 157.

Morre em huma mina com outros
fidalgos , liu. 2. n. 115. fol. 159.

Deposito que se faz de seu corpo ;
liu. 2. n. 120. fol. 163.

Manda o Gouernador desenterrar
seus ossos para os empenhar à Cidade de
Goa , que nam tem effeito , liu. 3. n. 29.
fol. 245.

- Carta que lhe escreue , liu. 1. n. 69. fol. 59.*
- Festeja a noua da victoria de Dio , liu. 4. n. 94. fol. 331.*
- Carta que escreue a D. Ioaõ, e mercês que lhe faz, liu. 4. nu. 95. fol. 332.*
- Prorogalhe o gouerno outros tres annos com titulo de Viso Rey, liu. 4. n. 98. fol. 340.*
- Manda seis naos à India, liu. 4. n. 99. lb.*
- O Bispo Dom Ioaõ de Albuquerque.*
- Fica com o gouerno em companhia de Dom Diogo de Almeyda na ausencia do Governador, liu. 3. n. 1. fol. 219.*
- E quando torna o visita no mar, l. 3. n. 39. fol. 257.*
- Recebe o na See com Te Deum laudamus, liu. 3. n. 41. fol. 262.*
- Entregalhe o Viso Rey o gouerno, e a Dom Diogo de Almeyda, liu. 4. n. 101. fol. 341.*
- Dom Ioaõ de Almeyda.*
- Com seu irmão Dom Pedro, encarregafelhe em Dio o baluarte Sanctiago, liu. 2. n. 32. fol. 99.*
- Saem ao inimigo, e o estrago que fazem, liu. 2. n. 94. fol. 144.*
- Cuidado, e valor com que peleija, liu. 2. n. 53. 68. e 75.*
- Dom Ioaõ de Attayde.*
- Vai a Adem em companhia de D. Aluaro de Castro, liu. 4. n. 82. fol. 322.*
- O Governador o manda a Caxem, liu. 4. n. 83. fol. 324.*
- Succeſſo da viagem, liu. 4. n. 88. fol. 377.*
- Sea ao encontro a Dom Aluaro, liu. 4. n. 89. fol. 328.*
- Valor com que se ha em Xael, liu. 4. n. 91. fol. 330.*
- Dom Ioaõ de Castro.*
- Seus primeiros estudos, liu. i. n. 1. fol. 2.*
- Applicase às Mathematicas, liu. 1. n. 2. fol. 2.*
- Passa a Tanger, liu. 1. n. 4. fol. 2.*
- Seu procedimento na Corte, liu. 1. n. 7. fol. 3.*
- Casa com Dona Leonor Coutinho, liu. 1. n. 8. fol. 4. e liu. 4. n. 110 fol. 351.*
- Passa a Tunes, liu. 1. n. 9 fol. 4.*
- Tornando d'esta jornada se recolhe a Sintra, liu. 1. n. 14 fol. 9.*
- Passa a primeira vez à India, liu. 1. n. 15. fol. 10.*
- Em companhia de Dom Garcia de Noronha, liu. 1. n. 16. lb.*
- Embarcase no soccorro de Dio, liu. 1. n. 17. fol. 11.*
- Vai ao Mar Roxo com Dom Estevão da Gama, liu. 1. n. 19 fol. 12.*
- Faz hum Roieiro nesta viagem, lb.*
- Torna ao Reyno, e o faz elRey General da armada da costa, liu. 1. n. 21. fol. 13.*
- Desbarata sette naos de Cossarios, fol. 14.*
- Recolhe as da India, liu. i. n. 22. lb.*
- ElRey o faz General da armada contra o Turco, liu. 1. n. 26. fol. 19.*
- Auistase com Dom Aluaro Bagaõ General do Emperador, e discorrem sobre a jornada, liu. 1. n. 28. fol. 20.*
- Resol-*

- Resoluem peleijar, Ib.
 Permanece neste parecer contra o do
 General Castelhana Ib fol. 21.
 Espera o inimigo no Estreito tres
 dias, liu. 1. n. 29. fol. 22.
 Vaia Ceita, liu. 1. n. 30. Ib.
 Volta a Lisboa, & recolhe-se a
 Sintra, Ib. fol. 23.
 El Rey o faz Governador da India,
 liu. 1. n. 33. fol. 25.
 Corre com o apreſto das naos, liu. 1.
 n. 32 fol. 26.
 Reproua as galas de seu filho liu. 1.
 n. 35. Ib.
 Parte para a India, liu. 1. n. 37. fol.
 27.
 Chega à Moçambique, liu. 1. n. 38.
 fol. 28.
 Parte para Goa, liu. 1. n. 39. fol.
 29.
 Como he recebido, liu. 1. n. 40. fol.
 30.
 Estado em que achou o gouerno da
 India liu. 1. n. 41. fol. 31.
 Resposta que dà ao Hidalcam sobre
 as cousas do Meale, liu. 1. n. 51. fol.
 41.
 Apercebimentos que faz para a
 guerra, liu. 1. n. 52. fol. 42.
 Sae contra Azedecam Capitam do
 Hidalcam, liu. 1. n. 54. fol. 43.
 Peleija com elle, & desbaratao, liu.
 1. n. 55. fol. 44.
 Aceita a paz que o Hidalcam pede,
 liu. 1. n. 67. fol. 48.
 Trata das cousas do Estado, liu. 1.
 n. 68. Ib.
 E das da Religiam, liu. 1. n. 69.
 fol. 59.
 Manda gente a Dio, l. 2. n. 10. f. 81.
 Escreue a Soltam Mahamud sobre
 as cousas d'aquella fortalesa, Ib.
 Manda soccorro a Dio, liu. 2. n. 23.
 fol. 91.
 E depois a seu filho Dom Fernan-
 do com outro soccorro, liu. 2. n. 30.
 fol. 97.
 E huma carta mui honrada a Dom
 Ioam Mascarenhas, liu. 2. n. 31. fol.
 98.
 Pregoa guerra contra Cambaya,
 liu. 2. n. 43. fol. 107.
 Escreue a todas as praças, & pede
 emprestimo para soccorrer Dio, liu. 2.
 n. 44. Ib.
 Recorre a Deos com preces publi-
 cas, liu. 2. n. 44. fol. 108.
 Cuidados em que andaua sobre estes
 soccorros, liu. 2. n. 86. fol. 138.
 Manda a seu filho Dom Aluaro,
 liu. 2. n. 87. fol. 139.
 E a Dom Francisco de Menezes,
 Ib.
 Aprestos que fica fazendo, liu. 2.
 n. 89. fol. 140. & n. 92. fol. 142.
 Cuidados em que andaua, liu. 2.
 n. 173. fol. 206.
 Chegaõlhe nouas de Dio, liu. 2. n.
 175. fol. 208.
 Piedade, & alegria com que as re-
 cebe, Ib.
 Valor que mostra com a noua da
 morte de seu filho Dom Fernando, Ib.
 Manda fazer procissam em accam
 de graças, liu. 2. n. 176. fol. 209.
 Declara em conselbo a resoluçam de
 ir a Dio, liu. 2. n. 180. fol. 213.
 A qual se lhe encontra, liu. 2. n. 181.
 fol. 214.
 Resolue-se em ir, l. 2. n. 182. fol. 216.

- Sae de Goa a soccorrer Dio, liu. 3. n. 1. fol. 219.
- Com que armada, & Capitaens, liu. 3. n. 2. Ib.
- Chega a Baçaim, & faz guerra a Cambaya, liu. 3. n. 3. fol. 220.
- Entra em Dio, liu. 3. n. 9. fol. 228.
- Faz conselho no mar liu. 3. n. 10. Ib.
- Mete a gente na fortaleza, Ib.
- Resolue dar batalha liu. 3. n. 12. fol. 230.
- Ordem que dà à armada, Ib.
- Faz outras preuengoens, liu. 3. n. 13. fol. 231.
- Falla aos soldados, Ib.
- Ordem em que os poem, liu. 3. n. 14. fol. 232.
- Sae da fortaleza, liu. 3. n. 15. Ib.
- Perigo em que se vê, & como se liura, liu. 3. n. 18. fol. 235.
- Acclama victoria, & proseguea, Ib. fol. 236.
- Peleija pessoalmente, liu. 3. n. 19. fol. 237.
- Enueste a Rumecam, liu. 3. n. 21. fol. 238.
- Alcança victoria, liu. 3. n. 25. fol. 241.
- Parabens que se lhe dam, liu. 3. n. 27. fol. 243.
- Reedifica a fortaleza, liu. 3. n. 29. fol. 244.
- Empenha os cabellos da barba, liu. 3. n. 29. fol. 245.
- Os Cidadãos de Goa lhos tornam, & juntamente o dinheiro que pede, liu. 3. n. 30. fol. 247.
- Continúa a obra da fortaleza, liuro 3. numero 31. folhas 250.
- Manda a Dom Manoel de Lima fazer guerra pela costa de Cambaya, liu. 3. n. 32. Ib.
- Depois manda a Antonio Monis esperar as naos de Cambaya, liu. 3. n. 35. fol. 254.
- Tem auiso de Ormuz de nouos mouins de guerra, liu. 3. n. 36. Ib.
- Manda para là a Dom Manoel de Lima, liu. 3. n. 37. fol. 256.
- Escreue a el Rey Dom Ioam os me-recimentos dos soldados, Ib.
- Embarcase para Goa, liu. 3. n. 39. fol. 257.
- Chega, & he visitado no mar, Ib.
- Decretaselhe triumpho, cuja fabrica se descreue liu. 3. n. 40. fol. 258.
- Entra na Cidade, liu. 3. n. 41. fol. 259.
- Hum Vereador lhe faz pratica, Ib. fol. 260.
- He recebido com triumpho, Ib. fol. 261.
- Vai à Sé, & reconhece a Deos por Autor de suas victorias, fol. 262.
- Zela a conuersam do Rey de Candea, & manda a isso Antonio Moniz Barretto, liu. 4. n. 4. fol. 265.
- Manda a Dom Diogo de Almeyda contra o Hidalcam, liu. 4. n. 32. fol. 288.
- E depois disso a outra gente, querendo elle ir em pessoa, liu. 4. n. 19. fol. 277.
- Poem em conselho a guerra do Hidalcam, liu. 4. n. 33. fol. 289.
- A qual se dilata para outro tempo, liu. 4. n. 34. Ib.

- Manda exercitar os soldados , lb.
fol. 290.
- E os fauorece , como fez a Francisco Gongaluez , lb.
- Tem auisos de Dio , liu. 4. n. 35.
fol. 291.
- Que communica ao Senado pedindo-lhe ajuda , liu. 4. n. 36 lb.
- Auisa a Chaul , & Baçaim , lb.
fol. 292.
- Resolue a guerra do Hidalcam , liu. 4. n. 38 fol. 293.
- Ordena a sua gente , lb:
- Vemlhe embaixadores do Canarà , liu. 4. n. 39. fol. 294.
- Ouueos , & despedeos , lb.
- Segue ao Hidalcam , liu. 4. n. 40.
fol. 295. & n. 41. lb.
- Volta a Goa , liu. 4. n. 42. fol. 296.
- Torna a Dio , & com que armada liu. 4. n. 43. lb.
- Chega a Baçaim , liu. 4. n. 44.
fol. 298.
- Manda seu filho Dom Aluaro à Surrate , lb.
- Galantaria com que amedrenta os Mouros , liu. 4. n. 48. fol. 301.
- Ajuntase com Dom Aluaro na barra de Surrate , liu. 4. n. 49. fol. 301.
- Auisa o Soltam , & presentalhe batalha , fol. 302.
- Falla aos sold dos , liu. 4. n. 50. lb.
- Reposta dos fidalgos , & Cabos , liu. 4. n. 51. fol. 303.
- Espera no campo tres horas , & embarcase , lb.
- Danos que faz ao inimigo , liu. 4. n. 52. lb.
- Chega a Dio , liu. 3. n. 53. fol. 304.
- Entrega a praça a Luis Falcampor
- deixaçam de Dom Ioam Mascarenhas , lb.
- Embarcase para Baçaim , liu. 4. n. 54. fol. 305.
- Onde escreue a elRey Dom Ioam , lembrando os homens que tinham servido , liu. 4. n. 56. fol. 306.
- Que aluigaras lhe pede , liu. 4. n. 54. fol. 332.
- Embarcase para Goa , & auisa Dabul , liu. 4. n. 60. fol. 308.
- Toma a Cidade , liu. 4. n. 61. fol. 309.
- Chega a Agaçaim , liu. 4. n. 62 lb.
- Enueste os inimigos , liu. 4. n. 36. lb.
- Peleija pessoalmente , l. 4. n. 67. f. 312
- E alcança victoria , lb.
- Despacha as naos para o Reyno , liu. 4. n. 68 fol. 313.
- Continúa a guerra do Hidalcam ; liu. 4. n. 69. lb.
- Assola Dabul de cima , liu. 4. n. 70.
fol. 314.
- Tala a campanha lb.
- Vai a Baçaim , & faz danos a Cambaya , liu. 4. n. 71, fol. 315.
- Os moradores de Adem pedem socorro contra hum tyrão , liu. 4. n. 80.
fol. 325.
- O Governador lhes manda a seu filho Dom Aluaro , liu. 4. n. 82. f. 322.
- Vem embaixada d'elRey de Caçem , liu. 4. n. 83. fol. 323.
- Reposta do Governador , & soccorro que manda , lb.
- Cartas que tem d'elRey Dom Ioam ; da Rainha Dona Catharina , & do Infante Dom Luis , liu. 4. n. 95. 96. & 97.
- Prerogalhe elRey o gouerno com titulo de Viso-Rey , liu. 4. n. 98. fol. 340.
- Che-

Chega huma nao do Ryno a Goa.
liu. 4. n. 100. f. 341.

Recebe as vias, & acha as honras,
& mercês. lb.

Adoece o Viso-Rey, & deixa o go-
verno, l. 4. n. 101. lb.

Manda vir os da governança, & o
que lhes dis, l. 4. n. 102. f. 342.

Juramento que ante elles toma. lb.

Conhecendo o perigo da doença se
recolhe com S. Francisco Xavier, l. 4.
n. 103. f. 343.

Sua morte, enterro, & sentimento de
todós, lb. f. 344.

Seus ossos vem ao Reyno, depositão-
se em S. Domingos de Lisboa, & dahi
se passão a Bemfica, l. 4. n. 104. lb.

Ascendencia do Viso-Rey D. Ioão
de Castro, l. 4. n. 110. f. 350.

Filhos que teue, lb. f. 354.

Ioão Coelho.

Vigario da fortaleza de Dio, offe-
rece-se para ir ao Governador, l. 2. n. 63.
f. 120.

Chega o seu auiso, l. 2. n. 87. f. 139.

Torna a Dio, l. 2. n. 101. f. 149.

Anima aos soldados na peleja, l. 2.
n. 118. f. 162.

Ioão Falcão.

Desafio que tem com D. Ioão Ma-
noel, l. 3. n. 16. f. 233.

Como se compuserão, lb.

Tendo subido o muro he morto às
cutiladas, lb. f. 234.

D. Ioão Manoel.

Desafio que tem com Ioão Falcão,
& como se compuserão, l. 3. n. 16. f. 233.

Subindo ao muro lhe cortarão as
mãos, & cabeça, lb. f. 234.

D. Ioão Mascarenhas.

Capitão de Dio, l. 2. n. 9. f. 80.

Auisa ao Governador D. Ioão de
Castro dos desenhos de Coge çofar, lb.

Proposta que o Mouro lhe faz, l. 2. n.
21. f. 89.

Resposta que lhe dà, l. 2. n. 22. f. 90.

Auisa outra vez ao Governador, lb.

Preuengoens que fas para a guerra
l. 2. n. 25. f. 92.

Responde a instancia de Coge çofar
l. 2. n. 29. f. 96.

Reparte os postos da fortaleza, l. 2.
n. 32. f. 98.

E falla aos soldados, l. 2. n. 33. f. 99.

Como recebe a D. Fernando de Ca-
stro que vè com soccorro, l. 2. n. 41. f. 106.

Auisa por terra a el Rel D. Ioão, l. 2.
n. 47. f. 109.

Cuidado, & vigilanciã com que a-
codia a tudo, l. 2. n. 58. 138. & 121.

Maquina com que desfaz outra do
inimigo, l. 2. n. 65. lb.

Repara as ruinas da fortaleza, l. 2.
n. 71. f. 127.

Acode a langar os Turcos fõra, l. 2.
n. 79. f. 133.

E o faz com grande valor, l. 2. n. 80
f. 134.

Determinação valerosa que intenta,
l. 2. n. 121. f. 164.

Auisa a D. Aluaro de Castro das
necessidades da fortaleza, l. 2. n. 125. fol.
169.

Recebimento que lhe faz em che-
gando, l. 2. n. 158. f. 196.

Auisa ao Governador dos successos da
fortaleza, l. 2. n. 155. f. 197.

Trata dissuadir os nossos que querem
sair ao inimigo, l. 2. n. 162. f. 198.

- E vendo sua resolução os acompa-
 nha, l. 2. n. 163 f. 200.
 Acordo com que se porta, l. 2. n. 169.
 f. 202.
 Poem em ordem os soldados, l. 2. n.
 170 f. 204.
 Como recebe ao Governador, l. 3. n.
 9. f. 228.
 Que gente lhe dá o Governador pa-
 ra a batalha, l. 3. n. 14. f. 232.
 Valor com que se ha na peleija, l. 3.
 n. 17 f. 231. & n. 24 f. 204.
 Entra na Cidade, l. 3. n. 23. f. 1b.
 Determina deixar a praça antes do
 tempo acabado, l. 3. n. 34. f. 253.
 Torna a aceitála, & fica nella, l. 3.
 n. 37. f. 258.
 Auisa ao Governador do que deter-
 mina el Rey de Cambaya, l. 4. n. 35. f. 291.
 Faz deixação da praça, l. 4. n. 53. f.
 304.
 Embarcase para o Reyno, l. 4. n. 68.
 f. 313.
 Elogio de D. Ioão Mascarenhas,
 l. 4. n. 68. 1b.
 Mestre Ioão.
 Hum dos cinco soldados que valero-
 samente em Dio resistem ao inimigo, l. 2.
 n. 119 f. 162.
 D. Ieronimo de Menezes.
 Capitão môr de Bagaim, l. 2. n. 179.
 f. 210.
 Entrega quinze nauios a Vasco da
 Cunha para levar a Dio, 1b.
 Iordão de Freitas.
 Capitão das Malucas, l. 4. n. 20. f.
 278.
 Prende a el Rey Aeyro, & o man-
 da a Goa, 1b.
 Entrega o governo das Malucas a
 Bernardim de Sousa, l. 4. num. 21. 1b.
 D. Iorge de Menezes.
 Saê de Bagaim, l. 2. n. 139. f. 180.
 Chega a Dio, l. 2. n. 140. f. 182.
 Valor cõ que peleija, l. 2. n. 169. f. 203
 Fica na enseada de Cambaya por
 mandado do Governador, l. 3. n. 38. f. 257.
 Toma algumas embarcaçoens de má-
 rimentos, l. 4. n. 5. f. 265
 Dá sobre a Cidade de Baroche, 1b.
 f. 266.
 Que destroe, & poem a fogo, l. 4. n. 6
 f. 267.
 Toma o appellido de Barroche, 1b.
 Parte a Dio com o Governador, l. 4.
 n. 43. f. 296.
 Chega a Surrate por mandado de
 D. Alvaro, l. 4. n. 45. f. 299
 Salta em terra, & entra a pouoa-
 ção com grande valor, 1b.
 Acode aos nossos onds peleijauão, l. 4.
 n. 46. f. 1b.
 Voltão para D. Alvaro, l. 4. n. 47. f.
 300.
 Pede ao Governador 500. espingar-
 das para sair ao Soltão, l. 4. n. 51. f. 303.
 Faz prezas em naos de Meca, l. 4.
 n. 71. f. 315.
 Isabel Fernandes.
 Valerosa matrona chamada cõmun-
 mente a velha de Dio, l. 2. n. 55. f. 114.
 Valor com que se ha em algumas oc-
 casioens, l. 2. n. 117. f. 161. & n. 130. f. 174
 Isabel Madeira.
 Valor particular com que se ouue na
 guerra de Dio, l. 2. n. 119. f. 163.
 Iuzarcão.
 Abexim valente, que o Soltão Ma-
 hamud deixa em seu lugar na guerra de
 Dio, l. 2. n. 51. f. 112.

dos dos nossos, lib. 2. num. 133. f. 175.

E dà outro assalto, l. 2. n. 134. f. 176.

Intenta arröbar a cisterna, l. 2. n. 136. f. 178.

Retira se de outro assalto com perda, l. 2. n. 142. f. 184.

Desconfia da empresa, l. 2. n. 144. f. 185

Abre outra mina que se atalha, f. 186

Outras retiradas, l. 2. n. 146. f. 187. & n. 149. f. 189.

Enueste outra vez, & torna a retirar se, l. 2. n. 160. f. 197.

Animase com hum bom successo que tem contra nos, l. 2. n. 171. f. 204.

Vai continuando as minas, f. 205.

Fabrica hũa noua Cidade, l. 2. n. 172 lb.

Offerece a D. Aluaro grande resgate por hum Capitam Ianizaro que elle nam aceita, l. 2. n. 179. f. 212.

Continua com outra mina, a que se dà fogo sem dano nosso, l. 2. n. 183. f. 217.

Discurso que faz despois da vinda do Governador, l. 3. n. 11. f. 229.

Que exercito tem, & como o dispõem, lb.

Acode à nossa armada que comette a terra, l. 3. n. 15. f. 232.

Oppoemse aos nossos, l. 3. n. 19. f. 237

Formase no campo raso, l. 3. n. 20 lb.

D. Aluaro o rompe, & elle torna a faser rosto, l. 3. n. 21 f. 238.

Retirase, l. 3. n. 22. f. 239.

Offerece noua batalha, l. 3. n. 24 f. 240.

Morre, l. 3. n. 25. f. 241.

S

Sebastião de Sã.

Vai a Dio com D. Fernando, l. 2. n. 30. f. 97.

He ferido de huma setta heruada, l. n. 69. f. 125.

Torna com auiso do Capitão môr ao Governador. l. 2. n. 85. f. 137.

Hum dos sinco soldados que em Dio valerosamente resistem ao inimigo, l. 2. n. 119. f. 162.

Simão Feo,

Vem com recado do Rumeção ao Capitão da fortaleza de Dio, l. 2. n. 96. f. 122.

Reposta que lhe dà, lb.

Simão de Mello.

Capitão de Malaca, l. 4. n. 23 f. 280

Manda a D. Francisco d' Ega contra o Achem, l. 4. n. 25. f. 281.

Embaixada que mandão os conjurados, l. 4. n. 28. f. 284.

Reposta que lhes dà, l. 4. n. 29. f. 285.

Cuidado em que este por falta de nouas da armada, l. 4. n. 30. f. lb.

Queixas do vulgo, que S. Francisco Xavier sossega, & pronostica a victoria, f. 286.

Soltão Mahamud.

Rey de Cambaya trata de tomar Dio, l. 2. n. 2. f. 69.

Approua as rasoens que para isso lhe dà Coge Çofar, l. 2. n. 8. f. 80.

Chega a Dio com muita gente, l. 2. n. 49. f. 111.

Retirase por lhe matarem os nossos hum Mouro com que estaua praticando, l. 2. n. 51. f. 112.

Manda outro luzarcão a continuar

o cerco, liu. 2. num. 93. fol. 143.

Festeja hum bom successo de Rumecão, l. 2. n. 171. f. 205.

Vingança barbara que toma, l. 3. n. 35. f. 254

Iunta gente de nouo para outro cerco, l. 4. n. 35. f. 291

O Governador D. Ioam de Castro se auista com elle, & lhe presenta batalha l. 4. n. 49. f. 302

A qual o Soltão regeita, l. 4. f. 303.

Manda com rigoroso decreto, que se nam falle no cerco, & batalha de Dio, l. 4. n. 55. f. 305

Surrate.

Entrada, & destruida por D. Manoel de Lima, l. 3. n. 6. f. 225

Despejase a fortaleza à vista da armada de D. Aluaro, l. 4. n. 55. f. 306.

Sente muito o Governador nam setomar Surrate, lb.

T

Tunez.

IOrnada que fes D. Ioam de Castro, l. 1. n. 92. f. 4

Occasião della, lb.

Fidalgos que tambem forão nesta jornada, l. 1. n. 11. f. 7

V

Vasco da Cunha.

V Ai com soccorro a Dio mandado pelo Governador, l. 2. n. 177 f. 210

Chega a Bagaim, l. 2. n. 178. f. 211

Entra em Dio, lb.

X

Xael.

V Ai Dom Aluaro sobre esta Cidade, l. 4. n. 90. f. 329

Os Fartaques offerecem a fortaleza, lb.

D. Aluaro intenta a escala, lb.

Fernam Perez he o primeiro que sobe por huma escada, lb. f. 330

Os Fartaques se defendem té morrer, l. 4. n. 91. lb.

Ganhase a praga, l. 4. n. 91. f. 33.



